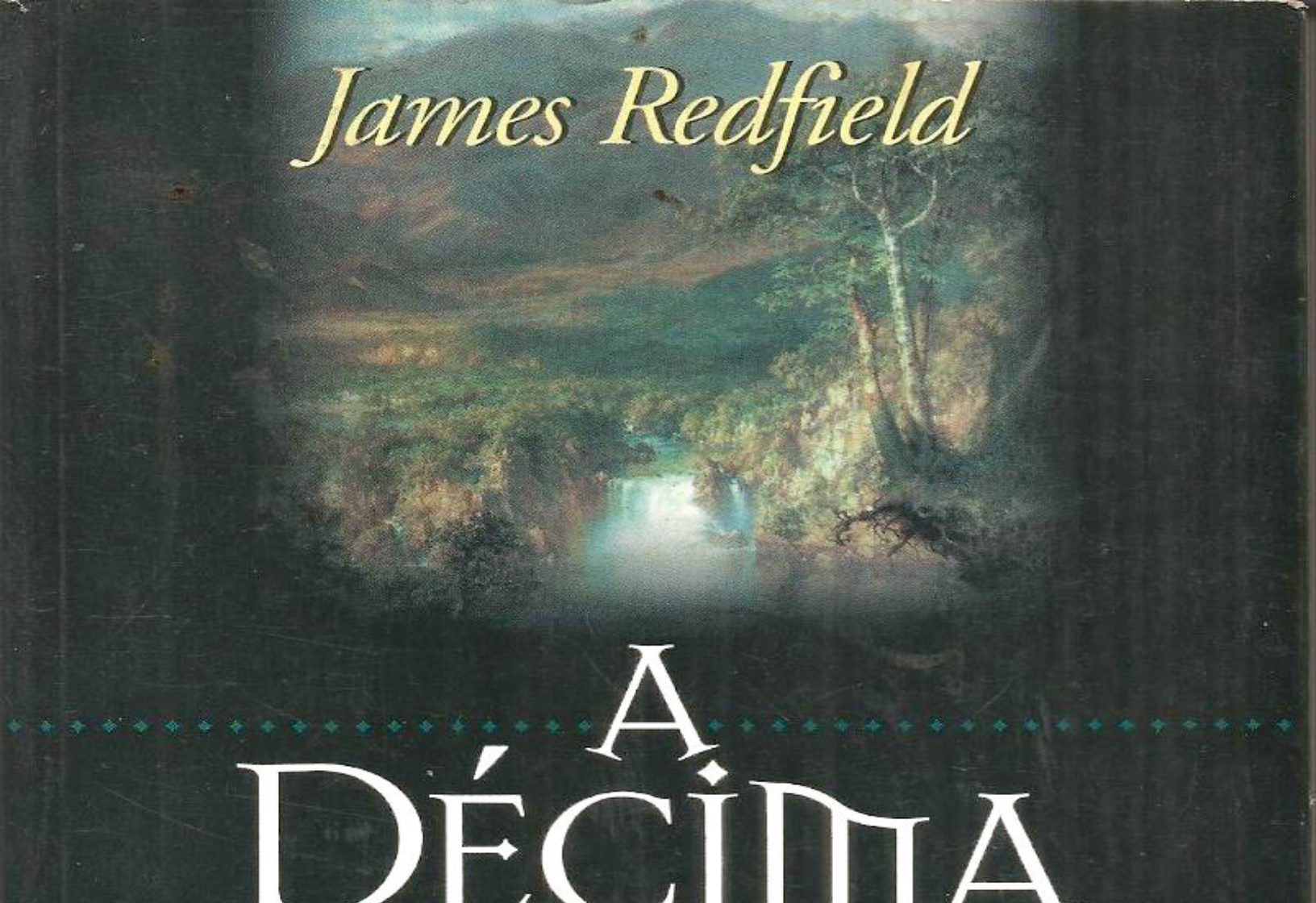


James Redfield



A

DÉCIMA

PROFECIA

APROFUNDANDO A VISÃO

Novas Aventuras de
A PROFECIA CELESTINA



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

JAMES REDFIELD

**A DÉCIMA
PROFECIA**

APROFUNDANDO A VISÃO

***NOVAS AVENTURAS
DE A PROFECIA CELESTINA***

Tradução de Adalgisa Campos da Silva



© 1996 by James Redfield

Título original: THE TENTH INSIGHT

Todos os direitos desta edição reservados à EDITORA OBJETIVA LTDA.,
Rua Cosme Velho, 103
Rio de Janeiro - RJ - CEP: 22241-090 Tel.: (21) 556-7824 - Fax: (21)
556-3322
www.objetiva.com.br

Capa

Luciana Mello e Monika Mayer

Revisão

Izabel Cristina Pereira

Aleixo Gislene Monteiro Coimbra

Fátima Fadei

R315g

Redfield, James

A décima profecia: aprofundando a visão, novas aventuras de
A profecia celestina / James Redfield. - Rio de Janeiro: Objetiva,
2001

242 p. ISBN 85-7302-104-7

Tradução de: *The Tenth Insight*

1. Filosofia - Destino. 2. Autoajuda. II. Título

CDD 120

À minha mulher e minha inspiração
Salle Merrill Redfield

*Meus sinceros agradecimentos a todos os
que tiveram participação neste livro,
especialmente Joann Davis da Warner
Books por sua orientação permanente e
Albert Gaulden por seus conselhos sábios.
E, naturalmente, a meus amigos das
Montanhas Blue Ridge, que mantêm aceso
o fogo de um porto seguro.*

NOTA DO AUTOR

Como *A Profecia Celestina*, esta continuação é uma parábola de aventura, uma tentativa de ilustrar o processo de transformação espiritual que está ocorrendo em nossa época. Com esses dois livros, desejei comunicar o que eu chamaria de um *quadro consensual*, um retrato vivido, dos novos sentimentos, percepções e fenômenos que estão chegando para definir a vida neste limiar do terceiro milênio.

Nosso maior erro, a meu ver, é pensar que a espiritualidade humana já tenha sido entendida e definida. Se a história nos diz alguma coisa, é que a cultura e o conhecimento estão sempre evoluindo. Somente as opiniões individuais são imutáveis e dogmáticas. A verdade é mais dinâmica, e a grande alegria da vida está em nos soltarmos, em descobrirmos a verdade especial e individual que cabe a cada um de nós contar, e depois observar a forma sincrônica pela qual esta verdade evolui e fica mais nítida, exatamente quando precisamos dela para influenciar a vida de alguém.

Juntos, estamos caminhando para algum lugar, cada geração se aprimorando graças às realizações da anterior, com um destino do qual temos apenas uma vaga lembrança. Estamos todos vivendo um processo de despertar e de abertura para descobrir quem realmente somos e o que viemos fazer neste mundo, tarefa às vezes difícil. No entanto, tenho a firme convicção de que, se integramos o melhor das tradições de nossos ancestrais e tivermos em mente o processo, a noção de milagre e destino nos fará superar os percalços do caminho e os atritos com o nosso próximo.

Não tenho intenção de minimizar os enormes problemas que a humanidade continua enfrentando. Apenas desejo sugerir que cada um de nós está à sua maneira envolvido na solução desses problemas. Se estivermos sempre conscientes e reconhecemos que esta vida é um grande mistério, veremos que cada um de nós está perfeitamente colocado, na posição exatamente certa... para fazer toda a diferença.

JR PRIMAVERA, 1996

...Olhei, e vi,
uma porta foi aberta no céu:
e a primeira voz que ouvi foi... uma trombeta a falar
comigo; e disse ela: "Aproxima-te, e mostrar-te-ei o
que deve ser a outra vida." E imediatamente eu
estava em espírito: e vi, havia um trono no céu... e
havia um arco-íris a envolver o trono, qual
esmeralda. E, em volta do trono, havia vinte e
quatro assentos: e sobre estes assentos eu vi
vinte e quatro anciãos assentados,
vestidos com brancas túnicas...
E vi um novo céu e uma nova terra: pois o primeiro céu e
a primeira terra estavam mortos...

REVELAÇÃO

Sumário

Sumário

ILUSTRANDO O CAMINHO

REVENDO A JORNADA

SUPERANDO O MEDO

RECORDANDO

ABRINDO-SE AO CONHECIMENTO

UMA HISTÓRIA DE DESPERTAR

UM INFERNO INTERIOR

PERDOANDO

LEMBRANDO O FUTURO

SUSTENTANDO A VISÃO

ILUSTRANDO O CAMINHO

FUI ATÉ A BEIRA da laje de granito e olhei para o panorama que se descortinava ao norte. Um amplo e deslumbrante vale dos Apalaches, de uns dez quilômetros por oito, estendia-se lá embaixo. Ao longo deste vale, no sentido do comprimento, um riacho serpeava por prados e florestas densas e coloridas — florestas seculares, com árvores de mais de cem metros.

Olhei para o mapa tosco em minha mão. O vale coincidia nos mínimos detalhes com o desenho; a íngreme vertente em que eu estava, a estrada que descia, o aspecto da paisagem e do riacho, as meias-laranjas ao fundo. Tinha de ser o lugar que Charlene desenhara no bilhete encontrado em seu escritório. Por que havia feito isso? E por que desaparecera?

Já se passara mais de um mês desde o último contato de Charlene com seus colegas da firma de pesquisas, e, quando Frank Sims, que trabalhava na mesma sala que ela, teve a ideia de me telefonar, estava visivelmente preocupado.

— Muitas vezes ela sai por conta própria, mas nunca passou tanto tempo sumida, e nunca quando tinha compromissos agendados com clientes antigos. Alguma coisa está errada.

— Como você soube onde me encontrar? — perguntei.

Em resposta, ele descreveu um trecho de uma carta, encontrada na sala de Charlene, que eu havia escrito para ela há alguns meses contando as minhas experiências no Peru. Junto com a carta, disse-me ele, havia um papel com o meu nome e telefone anotados.

— Estou telefonando para todo mundo que eu saiba que tem alguma ligação com ela — acrescentou. — Até agora, parece que ninguém sabe de nada. Pela carta, vi que você deve ser amigo de Charlene. Estava com esperança de que soubesse dela.

— Sinto muito — respondi. — Não falo com ela há quatro meses.

Quando disse aquilo, até custei a acreditar que já fizesse tanto tempo. Logo que recebeu minha carta, Charlene deixou um longo recado em minha secretária eletrônica falando do seu entusiasmo a respeito das Visões e comentando sobre a rapidez com que elas estavam se difundindo. Lembro que ouvi diversas vezes esse recado de Charlene, mas fiquei protelando ligar para ela — dizendo a mim mesmo que ligaria depois, talvez no dia seguinte ou no outro, quando eu estivesse pronto para falar. Eu sabia que, se falasse com ela, teria de recordar e explicar os detalhes do Manuscrito, e achei que precisava de mais tempo para pensar e digerir o que aconteceu.

A verdade, obviamente, era que havia partes da profecia que ainda me escapavam. Naturalmente eu ainda era capaz de entrar em contato com minha energia espiritual, o que me confortava muito, considerando que as coisas acabaram não dando certo com Marjorie, e eu estava muito sozinho. E estava mais sensível do que nunca às intuições, aos sonhos e à luminosidade de uma sala ou de uma paisagem. Mas, ao mesmo tempo, a natureza esporádica das coincidências tornara-se um problema.

Eu me enchia de energia, por exemplo, definindo a questão prioritária para mim, e em geral algo me mostrava nitidamente o que fazer ou aonde ir para procurar a resposta — só que raramente acontecia alguma coisa importante mesmo depois de eu fazer o que era para eu fazer. Eu não encontrava nenhuma mensagem, nenhuma coincidência.

Isso acontecia especialmente quando a intuição me mandava procurar alguém que de alguma forma eu já conhecesse, um velho amigo, talvez, ou uma pessoa com quem eu costumasse trabalhar. Às vezes essa pessoa e eu descobríamos novos pontos de interesse, mas às vezes também, por mais que eu me esforçasse em emitir energia, minha iniciativa era totalmente rechaçada, ou o que era pior, começava com muita animação, depois se descontrolava e acabava se perdendo numa explosão de emoções e irritação.

Tal fracasso não me desencantou com o processo, mas percebi que me faltava alguma coisa para continuar vivenciando as Visões. No Peru,

eu agia no calor do impulso, muitas vezes espontaneamente, com uma fé que era fruto do desespero. Ao voltar, porém, já no meu ambiente normal, muitas vezes cercado de pessoas inteiramente céticas, parece que fui deixando de esperar, ou de acreditar, que minhas intuições pudessem me levar a algum lugar. Era como se eu tivesse esquecido uma parte vital do conhecimento... ou talvez ainda não tivesse descoberto.

— Não estou sabendo bem o que fazer agora — frisou o sócio de Charlene. — Ela tem uma irmã, acho eu, em Nova Iorque. Você não sabe como entrar em contato com ela, sabe? Ou com alguém que possa saber onde ela está?

— Sinto muito — respondi. — Não sei. Charlene e eu, na verdade, estamos reatando uma amizade antiga. Não me lembro de nenhum parente dela e não conheço as pessoas com quem ela se dá atualmente.

— Bom, acho que vou notificar a polícia, a não ser que você tenha uma ideia melhor.

— Não, acho que isso é uma providência sensata. Há alguma outra pista?

— Só um desenho; talvez a descrição de um lugar. É difícil dizer.

Depois ele me mandou por fax o bilhete encontrado na sala de Charlene com o desenho tosco de linhas cruzadas e números, com marcas não muito definidas, nas margens. E, em meu estúdio, com calma, comparei o desenho com os números das estradas do *Atlas do Sul*, e achei que consegui localizar aquele lugar. Depois a imagem de Charlene me apareceu com uma grande nitidez, como me aparecera no Peru quando fiquei sabendo da existência da Décima Visão. Teria o seu desaparecimento algo a ver com o Manuscrito?

Senti a brisa me tocando o rosto, e novamente estudei o panorama lá embaixo. À esquerda, no extremo oeste do vale, eu via uma fileira de telhados. *Tinha* de ser a cidade que Charlene indicara no mapa. Guardei o papel no bolso da jaqueta, voltei para a estrada e entrei no Pathfinder.

A cidade propriamente dita era pequena — com uma população de dois mil habitantes, segundo a placa ao lado do primeiro e único sinal de trânsito. A maioria dos prédios comerciais ficava na marginal do rio. Atravessei o sinal, vi um motel perto da entrada do Parque Florestal e parei num estacionamento em frente ao restaurante e bar adjacentes. Havia várias pessoas entrando no restaurante, entre elas um homem alto e moreno de cabelos negros carregando uma mochila grande. Ele olhou para mim e nossos olhares se cruzaram rapidamente.

Saltei, tranquei o carro e resolvi, por palpite, passar pelo restaurante antes de me registrar no motel. Lá dentro, as mesas estavam quase todas vazias — só havia uns excursionistas no bar e algumas pessoas que haviam entrado na minha frente. A maioria nem prestou atenção em mim, mas, observando a sala, tornei a encontrar o olhar do homem alto que eu havia visto há pouco; ele estava indo para o fundo do restaurante. Esboçou um sorriso, manteve aquele contato visual mais um segundo, depois saiu por uma porta dos fundos.

Fui atrás dele. Ele estava a uns cinco metros da saída, debruçado sobre a mochila. Vestia jeans, camisa e botas de caubói e aparentava ter uns cinquenta anos. Atrás dele, o sol poente lançava longas sombras entre aquelas árvores altas e a relva, e, quinze metros adiante, passava o rio, iniciando seu percurso vale adentro.

Ele sorriu friamente e olhou para mim.

— Mais um peregrino? — perguntou.

— Estou procurando uma amiga — falei. — Pressenti que você podia me ajudar.

Ele balançou a cabeça, estudando cuidadosamente a minha figura. Aproximando-se, apresentou-se como David Águia Solitária, explicando, como se eu precisasse saber daquilo, que descendia em linha direta dos americanos nativos que habitavam originalmente aquele vale. Reparei que ele tinha o lado esquerdo do rosto cortado por uma cicatriz fina que ia da ponta da sobrancelha até o queixo, por pouco não pegando o olho.

— Quer tomar um café? — perguntou. — Ali no bar a Perrier é ótima, mas o café é intragável.

Ele indicou com a cabeça uma área perto do riacho onde havia uma pequena tenda com três grandes álamos em volta. Dezenas de pessoas estavam passando por ali, algumas por uma trilha que atravessava a ponte e entrava no Parque Florestal. Tudo parecia seguro.

— Claro — respondi. — Seria ótimo.

No acampamento, ele acendeu um fogareiro a gás, depois encheu uma chaleira com água e levou-a ao fogo.

— Como é o nome da sua amiga? — perguntou afinal. — Charlene Billings.

Ele parou e olhou para mim, e, enquanto nos olhávamos, vi nitidamente em minha mente a imagem dele num tempo passado. Era mais jovem e estava de calças de couro, sentado diante de uma grande fogueira. Seu rosto estava pintado para a guerra. Ele estava rodeado de outras pessoas, na maioria americanos nativos, mas entre elas havia também dois brancos, uma mulher e um homem muito corpulento. A discussão estava acalorada. No grupo, uns queriam a guerra; outros, a reconciliação. Ele interveio, ridicularizando os partidários da paz. Como podiam ser tão ingênuos, disse-lhes, depois de tanta traição?

A mulher branca pareceu entender, mas pediu que ele a ouvisse. A guerra poderia ser evitada, sustentava, e o vale ficaria razoavelmente protegido, se o remédio espiritual fosse forte o bastante. Ele rechaçou inteiramente o ponto de vista dela, depois, repreendendo o grupo, montou em seu cavalo e partiu. A maioria o seguiu.

— Seus instintos são bons — disse David, arrancando-me da minha visão. Ele estava estendendo entre nós uma manta artesanal, oferecendo-me um lugar para sentar. — Eu ouvi falar nela. — Olhou-me com um olhar interrogativo.

— Estou preocupado — disse eu. — Ninguém sabe dela, e eu só quero saber se ela está bem. E precisamos conversar.

— Sobre a Décima Visão? — perguntou ele, sorrindo.

— Como sabe?

— É só um palpite. Muita gente que vem aqui no vale não vem só pela beleza do Parque Florestal. Vem para falar das Visões. As pessoas acham que a Décima está por aqui. Algumas até dizem que sabem o que ela diz.

Ele virou-se e despejou uma medida de café na água fervente. Algo em seu tom de voz me fez achar que ele estava me testando, tentando descobrir se eu era quem afirmava ser.

— Onde Charlene está? — perguntei. Ele apontou para leste.

— Na Floresta. Eu não conheço a sua amiga, mas uma noite dessas ouvi quando ela foi apresentada a uma pessoa no restaurante, e, desde então, a vejo de vez em quando. Vi-a ainda outro dia; ela estava indo para o vale, sozinha, e, pela bagagem que levava, eu diria que ela ainda está lá.

Olhei naquela direção. Dali, o vale parecia enorme, estendendo-se a perder de vista.

— Aonde acha que ela estava indo? — perguntei.

Ele ficou me olhando.

— Provavelmente para o Sipse Canyon. É lá que está uma das aberturas.

Ele observava a minha reação.

— Aberturas?

Deu um sorriso enigmático.

— Isso mesmo, as aberturas dimensionais.

Inclinei-me para ele, lembrando-me daquela experiência nas Ruínas Celestinas.

— Quem está a par disso tudo?

— Muito poucas pessoas. Até agora só há boatos, informações soltas, intuição. Ninguém viu um manuscrito. Quase todas as pessoas que vêm aqui à procura da Décima sentem que estão sendo guiadas sincronicamente, e estão sinceramente tentando viver as Nove Visões,

embora se queixem que as coincidências guiam-nas até um certo ponto e depois simplesmente *param*. — Ele deu um risinho. — Mas estamos aí, não é verdade? A Décima Visão é sobre a compreensão de todo esse processo de conscientização — a percepção de coincidências misteriosas, o desenvolvimento da consciência espiritual na Terra, os desaparecimentos da Nona Visão — sob o prisma da outra dimensão, para podermos entender por que está ocorrendo esta transformação e participar mais plenamente.

— Como sabe disso? — perguntei.

Ele me olhou com um olhar penetrante, subitamente irritado.

— Sabendo!

Ele continuou sisudo por alguns instantes, depois sua expressão tornou-se novamente amistosa. Serviu o café em duas xícaras e me ofereceu uma.

— Meus ancestrais viveram milhares de anos neste vale prosseguiu. — Eles consideravam esta floresta um lugar sagrado, ligando o mundo superior e este mundo intermédio que é a Terra. Meu povo jejuava e tinha visões que levavam meus ancestrais ao vale, procurando seus dons específicos, seus medicamentos, e caminho que deviam seguir nesta vida.

— Meu avô me contou sobre um xamã de uma tribo distante que ensinou nosso povo a buscar o que ele chamava de estado de purificação. O xamã ensinou meus ancestrais a saírem exatamente daqui, levando só uma faca, caminharem até encontrarem um sinal de algum animal e seguirem este sinal até chegarem ao que chamavam de abertura sagrada para o mundo superior. Se fossem dignos, se tivessem se purificado das emoções inferiores, dizia ele, meus ancestrais até poderiam ser autorizados a passar pela abertura e ter um contato direto com os ancestrais deles, onde poderiam se lembrar não só de sua própria visão, mas também da visão do mundo inteiro.

— Claro, tudo isso terminou quando o homem branco chegou. Meu avô já não se lembrava de como se fazia aquilo, e nem eu me lembro. Temos que tentar descobrir, como todo mundo.

— Você está aqui procurando a Décima, não está? perguntei.

— Claro...! Mas parece que a única coisa que estou fazendo é esta penitência de perdão. — Seu tom de voz endureceu de novo, e de repente era como se ele estivesse falando mais para si mesmo do que para mim. — Todas as vezes que eu tento avançar, uma parte de mim não consegue superar o ressentimento e a raiva pelo que aconteceu ao meu povo. E a coisa não melhora. Como é que a nossa terra pôde ser roubada, nossos costumes suprimidos, destruídos? Por que isso foi permitido?

— Quem dera que não tivesse acontecido — disse eu. Ele olhou para o chão e tornou dar aquele risinho.

— Acredito. Mas, mesmo assim, eu sinto muita raiva quando penso no que estão fazendo com esse vale.

— Está vendo essa cicatriz — acrescentou ele, apontando para o rosto. — Eu poderia ter evitado a briga em que isso aconteceu. Uns caubóis texanos que tinham abusado da bebida. Eu poderia ter me afastado se não fosse por essa raiva que me rói.

— Esse vale agora não está quase todo sob a proteção do Parque Florestal? — perguntei.

— Só mais ou menos a metade, ao norte do riacho, mas os políticos estão sempre ameaçando vender essa parte ou autorizar que seja loteada.

— E a outra metade? A quem pertence?

— Durante muito tempo, essa área era propriedade quase que exclusivamente de pessoas físicas, mas agora uma empresa estrangeira está tentando comprá-la. A gente não sabe quem está por trás, mas alguns proprietários estão recebendo ofertas muito grandes para vender.

Ele desviou a vista rapidamente, depois falou:

— Meu problema é que eu gostaria que esses três últimos séculos tivessem sido diferentes. Eu não perdoo os europeus por terem vindo colonizar esse continente sem levar em consideração o povo que já

estava aqui. Eu queria que as coisas não tivessem acontecido como aconteceram, como se eu pudesse de algum jeito mudar o passado. Nossos costumes eram importantes. Estávamos aprendendo como é importante *recordar*. Essa é a grande mensagem que os europeus poderiam ter recebido do meu povo se eles tivessem parado para ouvir.

Enquanto conversávamos, fiquei de novo sonhando acordado. Duas pessoas — outro americano nativo e a mesma mulher branca — conversavam às margens de um regato. Atrás deles havia uma mata fechada. Logo, outros americanos nativos se aglomeraram em volta deles para escutar a conversa.

— Podemos curar isso! — dizia a mulher.

— Acho que ainda não estamos preparados — retrucou o nativo, com uma expressão que denotava uma grande consideração pela mulher. — A maioria dos chefes já foi embora.

— Por que não? Pense nas discussões que já tivemos. Você mesmo disse que com fé, poderíamos curar isso.

— Sim — ponderou ele. — Mas a fé é uma certeza que vem quando se sabe como as coisas deveriam ser. Os ancestrais sabem, mas ainda não há um número suficiente de pessoas entre nós que tenham chegado a essa compreensão.

— Mas talvez possamos chegar a ela agora — argumentou a mulher. — Precisamos tentar!

Meus pensamentos foram interrompidos quando um grupo de jovens funcionários da Guarda Florestal aproximou-se de um senhor na ponte. O senhor tinha o cabelo grisalho bem aparado e estava com uma calça social e uma camisa engomada. Quando ele andava, notava-se que mancava um pouco.

— Está vendo o homem com os guardas? — perguntou David.

— Estou — respondi. — O que é que tem?

— Há duas semanas que o vejo por aqui. O nome dele é Feyman, acho eu. O sobrenome não sei. — David inclinou-se para mim, finalmente demonstrando plena confiança em mim. — Olhe, algo de

muito estranho está acontecendo. Parece que a Guarda Florestal anda contando as pessoas que entram na floresta. Nunca fizeram isso antes, e ontem uma pessoa me disse que o extremo leste da mata está interditado. Nessa área há pontos que ficam a uns dezesseis quilômetros da estrada mais próxima. Sabe quantas pessoas costumam se aventurar a ir tão longe? Tem gente entre nós que começou a ouvir uns barulhos estranhos vindo daquela direção.

— Que tipo de barulho?

— Uma vibração. A maioria das pessoas não consegue ouvir.

De repente ele estava em pé, desmontando rapidamente a tenda.

— O que está fazendo? — perguntei.

— Não posso ficar aqui — respondeu ele. — Preciso ir para o vale.

Passado um momento, ele interrompeu aquela função e tornou a olhar para mim.

— Olhe — disse. — Tem uma coisa que você precisa saber. Esse Feyman. Eu vi a sua amiga várias vezes com ele.

— Fazendo o quê?

— Só conversando, mas eu lhe digo que tem alguma coisa errada aqui.

Ele continuou a levantar acampamento.

Fiquei calado, observando-o. Eu não sabia o que pensar a respeito daquela situação, mas senti que ele estava certo ao afirmar que Charlene estava lá no vale.

— Deixe eu ir pegar o meu equipamento — pedi. — Eu gostaria de ir com você.

— Não — retrucou ele rapidamente. — Cada um tem que vivenciar o vale sozinho. Não posso ajudá-lo agora. É a minha visão que eu preciso descobrir.

A expressão dele era de sofrimento.

— Pode me dizer exatamente onde fica o desfiladeiro?

— Siga o riacho por uns três quilômetros. Vai encontrar um regato que vem do norte e se encontra ali com o riacho. Siga esse regato por mil e seiscentos metros. Vai dar na boca do Sipse Canyon.

Balancei a cabeça e virei-me para ir embora, mas ele me pegou pelo braço.

— Olhe — disse. — Você pode encontrar sua amiga se passar a sua energia para um nível mais alto. Há locais específicos no vale que podem ajudá-lo.

— As aberturas dimensionais? — perguntei.

— É. Nelas você pode descobrir a perspectiva da Décima Visão, mas para encontrá-las vai ter que entender a verdadeira natureza das suas intuições e como conservar essas imagens mentais. Observe também os animais e começará a lembrar o que veio fazer aqui no vale... por que estamos todos juntos aqui. Mas muito cuidado. Não deixe que vejam você entrando na floresta. — Ele pensou um pouco. — Tem outra pessoa lá, um amigo meu, Curtis Webber. Se o vir, diga a ele que falou comigo e que vou encontrá-lo.

Ele sorriu e recomeçou a dobrar a tenda.

Eu queria perguntar o que ele quis dizer com intuição e observação de animais, mas ele evitou os meus olhos e ficou concentrado no que estava fazendo.

— Obrigado — disse eu.

Ele acenou de leve com uma das mãos.

Fechei a porta do motel sem fazer barulho e saí ao luar. O frio da noite e a tensão me provocam um arrepio. Por que, me perguntei, eu estava fazendo aquilo? Não havia nenhuma prova de que Charlene ainda estivesse naquele vale ou de que as suspeitas de David estivessem certas. No entanto, meu instinto me dizia que de fato havia algo errado. Passei horas pensando se chamaria o chefe de polícia local. Mas o que diria? Que minha amiga tinha desaparecido e que havia sido

vista entrando na floresta por livre e espontânea vontade, mas que devia estar em apuros, baseado apenas num bilhete vago encontrado a centenas de quilômetros dali? Uma busca naquele lugar ermo exigiria centenas de pessoas e eu sabia que as autoridades jamais se dariam àquele trabalho todo sem algo de mais concreto.

Fiz uma pausa e olhei para a lua quase cheia subindo no céu. Meu plano em atravessar a nascente do riacho a leste do posto da guarda florestal e então ir entendo no vale pela trilha principal. Achei que o luar fosse iluminar meu caminho, mas não contei que estivesse tão claro. A visibilidade era de pelo menos cem metros.

Passei pelo bar e cheguei ao local em que David havia acampado. A área estava completamente limpa. Eles chegaram a espalhar folhas e palha de pinho para apagar qualquer vestígio de sua presença. Para atravessar onde eu havia planejado, eu teria de passar uns quarenta metros na frente do posto da Guarda Florestal, que agora eu via nitidamente. Através de uma janela lateral, vi dois guardas conversando. Um deles se levantou e pegou o telefone.

Agachando-me, pus a mochila às costas, fui até a praia de areia que margeava o riacho e finalmente entrei na água, pisando em pedras lisas e troncos apodrecidos. Uma sinfonia de pererecas e grilos irrompeu à minha volta. Olhei de novo para os guardas; os dois continuavam conversando, sem perceber o meu avanço sorrateiro. No ponto mais fundo do rio, a água, com uma correnteza razoável, me chegava até a virilha, mas levei apenas alguns segundos para atravessar aqueles dez metros de uma margem à outra e chegar a um bosque de pinheiros pequenos.

Avancei com cautela até encontrar a trilha de acesso ao vale. A leste, a trilha se dissolvia na escuridão, e, enquanto eu ia seguindo nesta direção, mais dúvidas começaram a me assaltar. Que barulho misterioso seria aquele que tanto preocupava David? O que eu poderia encontrar ali naquela escuridão?

Dominei o medo. Sabia que tinha de ir em frente, mas como solução de meio-termo, entrei apenas seiscentos metros na floresta antes de me afastar da trilha e ir armar a barraca no meio do mato para

pernoitar, satisfeito de tirar aquelas botas molhadas e pô-las para secar. Seria mais inteligente continuar com dia claro.

Acordei, quando amanhecia, pensando no comentário enigmático de David sobre conservar minhas intuições e fiquei ali deitado no saco de dormir refletindo no quanto eu tinha absorvido da Sétima Visão, sobretudo na ideia de que a experiência da sincronicidade obedece a uma estrutura definida. Segundo esta Visão, cada um de nós, desde que se esforce para se livrar de seus dramas passados, pode identificar certas questões que definem um estágio determinado de sua vida, questões ligadas à carreira, às relações pessoais, ao local em que se deve morar, ao modo como o caminho deve ser seguido. Então, se continuarmos conscientes, sensações, palpites e intuições nos dirão aonde ir, o que fazer e com quem falar para chegarmos à resposta que buscamos.

Depois disso, obviamente, deve ocorrer uma coincidência, revelando por que fomos levados a tomar aquele rumo e trazendo mais informações pertinentes à nossa pergunta, fazendo-nos avançar. De que maneira conservar a intuição ajudaria?

Saí do saco de dormir, abri a barraca para espiar lá fora. Não percebendo nada de anormal, saí naquele ar puro da manhã e fui ao riacho lavar o rosto com água fria. Depois, levantei acampamento e continuei para leste, beliscando uma barra de granola e me escondendo ao máximo atrás das árvores que margeavam o riacho. Após pouco mais de cinco quilômetros de caminhada, fui ficando nervoso e com medo e imediatamente me senti cansado. Então sentei-me encostado a uma árvore, tentando me concentrar no que me cercava e ganhar energia interna. O céu estava limpo e o sol da manhã dançava através do arvoredado e pelo chão à minha volta. Vi uma plantinha verde com flores amarelas a uns três metros e me concentrei em sua beleza. Já totalmente banhada de sol, ela de repente ficou mais luminosa, com um verde mais vivo. Uma onda de perfume chegou à minha consciência, juntamente com o cheiro úmido das folhas e da terra preta.

Simultaneamente, vindo das árvores mais ao norte, ouvi o crocitar de vários corvos. A riqueza do som me surpreendeu, mas, por incrível

que pareça, eu não conseguia definir exatamente de onde ele vinha. Prestando atenção, percebi claramente dezenas de sons individuais que integravam aquele coro matinal: o canto dos pássaros nas árvores lá em cima, um mangangá no meio das margaridas silvestres à beira do regato, a água gorgolejando por entre as pedras e os galhos caídos... e então uma outra coisa, quase imperceptível, um zumbido baixo e dissonante. Levantei-me e olhei em volta. O que era aquilo?

Peguei a mochila e continuei andando para leste. Por causa do barulho que eu fazia ao pisar nas folhas caídas no chão, tinha de parar e ficar prestando atenção no zumbido se quisesse ouvi-lo. Mas ele continuava. A mata terminou mais à frente, e eu entrei num grande prado colorido, coberto de flores silvestres e densas moitas de sálvia de sessenta centímetros que pareciam se estender por uns oitocentos metros. Correntes de brisa alisavam o alto das moitas. Quando eu estava quase no fim do prado, notei umas moitas de amoras silvestres ao lado de uma árvore caída. Fiquei deslumbrado com aquelas moitas e me aproximei para olhá-las mais de perto, imaginando que estivessem carregadas de frutinhas.

Ao fazer isso, senti uma forte sensação de *déjà vu*. Aquela paisagem de repente me pareceu muito familiar, como se eu já tivesse estado ali naquele vale, comido aqueles frutinhas. Como era possível? Sentei-me no tronco da árvore caída. Então, no fundo de minha mente, surgiu a cena de um lago de águas cristalinas, tendo ao fundo uma cascata com várias quedas, um local que, quando o mentalizei, me pareceu igualmente familiar. Tornei a ficar nervoso.

Então, assustei-me com o barulho que um animal fez de repente, ao sair correndo da moita de amoras e parar bruscamente seis metros mais ao norte. A criatura estava escondida no meio da sálvia, e eu não tinha noção do que fosse, mas podia seguir seu rastro pela relva. Alguns minutos depois, ela voltou um pouco para trás, deu uma paradinha e arrancou de novo em direção ao norte, parando outra vez uns seis metros adiante. Achei que fosse um coelho, embora seus movimentos parecessem especialmente estranhos.

Tendo ficado uns cinco ou seis minutos observando a área onde o animal passou por último, fui indo devagar para lá. Quando já estava a cerca de um metro e meio dele, ele tornou a chispar para o norte. A certa altura, antes que ele sumisse de vista, vi a cauda branca e as patas traseiras de um coelho grande.

Sorri e continuei seguindo a trilha para leste. O prado terminou e entrei numa área de mata cerrada. Ali avistei um regato, de pouco mais de um metro de largura, que afluía para o riacho vindo da esquerda. Eu sabia que aquela confluência devia ser a referência que David mencionara. Eu deveria virar para o norte. Infelizmente a trilha não ia nessa direção, e, o que era pior, a mata à margem do regato era um emaranhado de árvores novas e urzes espinhosas. Não dava para passar; eu teria de voltar até o prado e procurar um jeito de contornar a mata.

Voltei e fui pelo meio da relva acompanhando o limite da mata para ver se encontrava uma brecha na vegetação cerrada. Para minha surpresa, encontrei o rastro do coelho na sálvia e segui-o até avistar novamente o regato. Aí o mato se tornava mais ralo, permitindo que eu chegasse a uma área de árvores maiores e antigas, onde eu podia seguir o regato para o norte.

Após prosseguir por cerca de mil e seiscentos metros segundo meus cálculos, vi ao longe os contrafortes de duas montanhas de ambos os lados do regato. Mais adiante, percebi que essas montanhas formavam os paredões de um desfiladeiro e que mais à frente ficava o que aparentemente era a única entrada.

Quando cheguei, sentei-me ao lado de uma grande nogueira-amarga e estudei o panorama. Por noventa metros de ambos os lados do regato, as montanhas tinham uma vertente abrupta em calcário de quinze metros de altura, depois iam se abrindo e formando uma bacia com uns três quilômetros de largura por seis de comprimento. Nos primeiros oitocentos metros, havia poucas árvores e muita relva. Pensei no zumbido e fiquei uns cinco ou dez minutos de ouvido atento, mas parecia que o barulho havia cessado.

Então tirei um fogareiro a gás de dentro da mochila, acendi-o e enchi uma panela com água do meu cantil, acrescentei um pacote de guisado de legumes desidratado e botei a panela no fogo. Fiquei uns minutos contemplando as espirais de fumaça se erguerem da panela e se dissolverem com a brisa. Nesse devaneio, tornei a ver mentalmente o lago e a cascata, só que dessa vez parecia que eu estava lá, subindo, como se para cumprimentar alguém. Tirei essa cena da cabeça. O que estava acontecendo? Essas imagens estavam ficando mais vivas. Primeiro David em outra vida; agora essa cascata.

Um movimento no desfiladeiro me chamou a atenção. Olhei para o regato e depois para uma árvore solitária mais adiante, a uns duzentos metros, já praticamente toda desfolhada. Estava coberta do que aparentemente eram grandes corvos; vários voam para o chão. Ocorreu-me que aqueles eram os mesmos corvos que eu ouvi antes. De repente vi que todos decolaram e ficaram dramaticamente sobrevoando a árvore em círculos. Na mesma hora, tornei a ouvir seu crocitar, mas, como antes, o volume da algazarra não condizia com a distância; soava como se as aves estivessem bem mais próximas.

O borbulhar da água e o chiado do fogo trouxeram minha atenção de volta ao fogareiro. O guisado estava transbordando para o queimador. Peguei a panela com uma toalha e apaguei o gás com a outra mão. Quando parou de ferver, tornei a botar a panela no fogareiro e olhei para a árvore ao longe. Os corvos tinham sumido.

Comi o guisado às pressas, lavei e guardei os utensílios e fui para o desfiladeiro. Logo que passei as escarpas, notei que as cores estavam mais fortes. A sálvia ganhara um tom espantoso de dourado, e pela primeira vez reparei que estava salpicada de centenas de flores silvestres — brancas, e amarelas, e cor de laranja. Dos penhascos a leste, a brisa trazia um odor de cedro e pinho.

Mesmo continuando a seguir o riacho para o norte, eu não tirava o olho da árvore alta que os corvos haviam sobrevoado à minha esquerda. Quando tive essa árvore bem a oeste, vi que o riacho de repente se alargava. Passei por entre salgueiros e amentilhos e constatei que havia chegado a um laguinho que alimentava não apenas

o riacho que eu estava seguindo, mas também um outro que dali partia para sudoeste. A princípio, pensei que aquele lago era o que eu havia visto em minha mente, mas faltava a cascata.

Adiante, outra surpresa: ao norte do lago, o riacho desaparecera completamente. De onde vinha a água? Aí me dei conta de que o lago e o riacho que eu estava seguindo eram alimentados por um enorme manancial subterrâneo que aflorava ali.

Quinze metros à minha esquerda, avistei uma pequena elevação onde havia três sicômoros, cada um com mais de três palmos de diâmetro — um lugar bem apropriado para uma rápida reflexão. Fui até lá e sentei-me confortavelmente junto ao tronco de uma das árvores. Ali, eu tinha as outras duas uns dois metros à minha frente, a dos corvos à minha esquerda e o manancial à direita. A questão agora era que rumo tomar. Eu poderia passar dias vagando por ali sem ver sinal de Charlene. E aquelas imagens?

Fechei os olhos e tentei recuperar aquela cena do lago com a cascata, mas, por mais que eu me esforçasse, não consegui me lembrar dos detalhes exatos. Acabei desistindo e fiquei contemplando a relva e as flores silvestres, depois os dois sicômoros à minha frente. Aqueles troncos lembravam uma colagem cinza e branca, com veios marrons e em vários tons de âmbar. À medida que eu me concentrava na beleza desta cena, essas cores pareciam mais intensas e brilhantes. Respirei fundo outra vez e tornei a contemplar a campina e as flores. A árvore dos corvos parecia particularmente iluminada.

Peguei minha mochila e fui até a árvore. No mesmo instante, a imagem do lago com a cascata se produziu em minha mente. Dessa vez tentei recordar a cena inteira. O lago que eu via era largo, com cerca de quatrocentos metros quadrados, e a água que recebia vinha de detrás, cascadeando em vários níveis. Duas quedas menores tinham um desnível de apenas cinco metros, mas a última caía de um penhasco de dez metros. De novo, na imagem que me vinha à mente, parecia que eu estava entrando naquele cenário, encontrando alguém.

O som de um carro à minha esquerda me fez estacar. Ajoelhei-me atrás de umas moitinhas. Um jipe cinza saiu da floresta à esquerda e

atravessou o campo seguindo para sudoeste. Eu sabia que, pelas normas da Guarda Florestal, os veículos particulares não tinham autorização para trafegar ali, portanto imaginei que fosse ver o logotipo da Guarda Florestal na porta do jipe. Para minha surpresa, não havia marca nenhuma. Quando estava uns cinquenta metros à minha frente, o carro parou. Através da folhagem, vi que só tinha um homem lá dentro; o homem estava examinando a área de binóculo, então deitei-me no chão e fiquei bem escondido. Quem era aquele homem?

O carro tornou a arrancar e logo desapareceu entre as árvores. Virei-me e sentei-me, tentando ouvir o zumbido. Nada ainda. Pensei em voltar à cidade, em procurar Charlene de outra maneira. Mas no fundo eu sabia que não havia alternativa. Fechei os olhos tornando a pensar nas instruções de David para que eu conservasse as minhas intuições, e finalmente recuperei toda a imagem do lago em minha mente. Ao me levantar e seguir em direção à árvore dos corvos, tentei gravar mentalmente os detalhes da cena.

De repente ouvi o guincho de outro pássaro, dessa vez, um falcão. À minha esquerda, bem depois da árvore, mal conseguia divisar sua forma; a ave ia voando para o norte. Apertei o passo, tentando não perdê-la de vista.

A aparição do pássaro pareceu me dar mais energia, e, mesmo depois que ele desapareceu no horizonte, continuei seguindo no seu rumo por pouco mais de três quilômetros, subindo e descendo morros rochosos. No alto do terceiro, tornei a ficar paralisado, ouvindo outro som ao longe, um som como o da água correndo. Não, era água *caindo*.

Com cautela, desci a encosta e passei por uma garganta funda que me trouxe de novo a sensação de *déjà vu*. Subi o morro seguinte e lá, depois do topo, estavam o lago e a cascata, exatamente como eu imaginara — só que a área era bem maior e mais bonita. O lago propriamente dito, aninhado entre grandes rochedos, tinha cerca de oitocentos metros quadrados e suas águas de um azul cristalino cintilavam sob o céu da tarde. À esquerda e à direita do lago, havia grandes carvalhos, estes cercados de bordos menores, liquidâmbares e salgueiros de tons variados.

O outro lado do lago era uma explosão branca de umidade pulverizada, a espuma produzida pela agitação da água de duas quedas menores mais acima no morro. Vi que nenhum rio saía do lago. A água dali penetrava no subsolo e corria silenciosamente até aflorar no grande manancial próximo à árvore dos corvos.

Enquanto eu observava a beleza daquela paisagem, a sensação de já ter estado ali aumentava. Os sons, as cores, a vista da colina — tudo me parecia extremamente familiar. Eu já havia estado naquele local também. Mas quando?

Desci até o lago e percorri toda a área. Fui até a margem para provar a água, subi a cascata para sentir a água borrifada de cada uma das quedas, subi no cocoruto dos rochedos, onde eu alcançava as árvores. Eu estava querendo me impregnar deste lugar. Afinal me espreguicei numa laje seis metros acima do lago e virei-me para o poente de olhos fechados, sentindo os raios do sol em meu rosto. Nesse momento, outra sensação familiar me invadiu — um bem-estar e um respeito que há meses eu não sentia. De fato, embora eu já não soubesse como era aquela sensação, naquele momento ela foi perfeitamente reconhecível. Abri os olhos e virei-me rapidamente, sabendo exatamente quem eu iria encontrar.

REVENDO A JORNADA

EM UMA PEDRA LÁ no alto, meio oculto por uma laje em balanço, estava Wil, mãos na cintura, sorrindo de uma orelha à outra. Parecia ligeiramente desfocado, então pisquei com força e me concentrei, e o rosto dele acabou ficando mais nítido.

— Eu sabia que você estaria aqui — disse ele, descendo com agilidade e pulando na pedra ao meu lado. — Eu estava esperando.

Olhei assombrado para ele, e ele me abraçou; tinha uma certa luminosidade nas mãos e no rosto, mas, à parte isso, parecia normal.

— Que coisa incrível você estar aqui — gaguejei. — O que houve quando você sumiu no Peru? Por onde tem andado?

Ele fez um gesto mandando que eu sentasse de frente para ele em uma daquelas pedras.

— Vou lhe contar tudo — disse —, mas primeiro preciso saber de você. O que o trouxe aqui a esse vale?

Contei-lhe em detalhes o desaparecimento de Charlene, falei-lhe do mapa do vale e de como conhecera David. Wil queria saber mais sobre o que David havia dito, e eu lhe contei tudo o que consegui me lembrar sobre a conversa.

Wil inclinou-se para mim.

— Ele lhe disse que a Décima explicava o renascimento espiritual da Terra sob o enfoque da outra dimensão? E nos ensinava a identificar a verdadeira natureza de nossas intuições?

— Disse — respondi. — É isso mesmo?

Ele pareceu pensar um pouco, depois perguntou:

— O que você vivenciou desde que entrou no vale?

— Eu imediatamente comecei a ver imagens — respondi. — Umam eram de outras eras, mas depois comecei a ter visões repetidas desse

lago. Vi tudo: as rochas, a cascata, vi até que havia alguém me esperando aqui, embora eu não soubesse que era você.

— Onde você estava na cena?

— Foi como se eu estivesse andando e vendo.

— Então era uma cena de um *futuro potencial* para você.

Apertei os olhos para ele.

— Acho que não estou acompanhando.

— A primeira parte da Décima, como disse David, é sobre entender mais as nossas intuições. Nas primeiras nove Visões, a gente sente as intuições sob a forma de sensações físicas e palpites vagos. Mas, à medida que vamos nos familiarizando com o fenômeno, podemos perceber com mais clareza a natureza dessas intuições. Lembre-se do Peru. Lá você não via cenas do que ia acontecer, não se via com outras pessoas num determinado local, fazendo uma determinada coisa, e intuía que rumo tomar? Não foi assim que você viu quando devia ir para as Ruínas Celestinas?

— Aqui no vale está acontecendo a mesma coisa. Você recebeu uma imagem mental de um acontecimento em potencial — descobrir a cascata e encontrar alguém — e conseguiu viver isso, causando a coincidência de realmente descobrir o local e me encontrar. Se não tivesse dado importância à imagem, ou não acreditasse mais que fosse encontrar a cascata, perderia a sincronicidade, e sua vida ficaria na mesma. Mas você levou a imagem a sério; *guardou-a* em sua cabeça.

— David falou alguma coisa sobre aprender a "conservar" a intuição — disse eu.

Wil balançou a cabeça.

— E as outras imagens — perguntei -, as cenas de uma outra era? E esses bichos? A Décima menciona isso tudo? Você viu o Manuscrito?

Wil fez um gesto, descartando minhas perguntas.

— Primeiro deixe eu lhe falar da minha experiência em outra dimensão. o que eu chamo a dimensão da Outra Vida. Quando consegui manter meu nível de energia no Peru, mesmo quando vocês todos

ficaram com medo e perderam a vibração, me vi num mundo de uma beleza e uma clareza incríveis. Eu estava no mesmo lugar, mas tudo era diferente. O mundo era luminoso e assombroso num sentido que ainda não consigo descrever. Passei muito tempo apenas andando em volta desse mundo incrível, vibrando numa vibração mais alta, e depois descobri uma coisa espantosa. Eu conseguia me transportar para qualquer lugar do planeta apenas mentalizando aonde eu queria ir. Viajei para todos os lugares que imaginei, procurando por você e Julia e os outros, mas não encontrei nenhum de vocês.

— Então acabei descobrindo outra habilidade. Mentalizando um espaço vazio, eu conseguia sair do planeta e ir para um lugar de ideias puras. Lá eu podia criar o que quisesse, só mentalizando. Fiz oceanos, montanhas e panoramas, imagens de pessoas que agiam exatamente como eu queria, todos os tipos de coisa. E tudo parecia tão real quanto qualquer coisa aqui na Terra.

— Mas, no fim, percebi que um mundo assim construído não era um lugar gratificante. Apenas criar arbitrariamente não me dava satisfação interna. Depois de algum tempo, fui para casa e pensei no que eu desejava fazer. Naquela época, eu ainda podia me materializar suficientemente para conseguir falar com muita gente sobre uma consciência mais elevada. Eu podia comer e dormir, embora não precisasse. Finalmente percebi que eu já não sabia mais como era a emoção de evoluir e experimentar coincidências. Por já estar tão confiante, achei que estava mantendo minha ligação interna, mas, na verdade, eu tinha ficado excessivamente controlador e linha me perdido. É muito fácil a pessoa se perder nesse nível de vibração, porque criar a própria vontade é uma coisa instantânea e fácil.

— O que aconteceu então? — perguntei.

— Focalizei meu interior, procurando uma ligação mais alta com a energia divina, do jeito que sempre fizemos. Bastou isso; minha vibração se elevou mais, ainda e voltei a ter intuições. Vi uma imagem sua.

— O que eu estava fazendo?

— Eu não consegui distinguir; a imagem estava embaçada. Mas, quando pensei na intuição e segurei-a, fui indo para uma área nova da Outra Vida onde eu realmente via outros espíritos, grupos espirituais mesmo, e, embora eu não conseguisse propriamente falar com eles, conseguia mais ou menos captar o que pensavam e sabiam.

— Eles podiam lhe mostrar a Décima Visão? — perguntei.

Ele engoliu em seco e me olhou como se estivesse para soltar uma bomba.

— Não, a Décima Visão jamais foi escrita.

— O quê? Não faz parte do Manuscrito original?

— Não.

— E existe, pelo menos?

— Ah, existe sim. Mas não na dimensão terrena. Essa Visão ainda não chegou ao plano físico. Esse conhecimento, só existe na Outra Vida. Só quando for instruído por um número suficiente de pessoas aqui na Terra, poderá tornar-se suficientemente real na consciência das pessoas para que alguém o registre por escrito. Foi o que aconteceu com as nove primeiras Visões. Aliás, o que acontece com todos os textos espirituais. Mesmo as nossas escrituras mais sagradas. Esses textos sempre transmitem informações que existem previamente na Outra Vida, e são captadas com clareza suficiente na dimensão física para que sejam manifestadas por alguém supostamente incumbido de registrá-las por escrito. Por isso é que se diz que esses textos têm inspiração divina.

— Então por que a Décima custou tanto a ser captada?

Wil parecia perplexo.

— Não sei. O grupo espiritual com o qual eu estava em contato aparentemente sabia, mas eu não consegui entender bem. Minha energia não tinha chegado a um nível tão elevado. Isso está ligado ao Medo que surge numa cultura que está passando de uma realidade material para uma visão de mundo transformada e espiritualizada.

— Você acha que estamos preparados para receber a Décima?

— Sim, os grupos espirituais viram a Décima se alastrando aos poucos pelo mundo inteiro agora, na medida que o conhecimento da Outra Vida vai ampliando a nossa perspectiva. Mas ela precisa ser captada por um número suficiente de pessoas, como as nove primeiras, para que o Medo possa ser vencido.

— Sabe sobre o que mais a Décima fala?

— Sei, parece que não basta estar a par das nove primeiras. Precisamos entender como implementar esse destino. Para isso é necessário entender a relação especial que há entre a dimensão física e a Outra Vida. Precisamos entender o processo de nascimento, saber de onde viemos, ter uma ótica mais abrangente para compreender o que a história da humanidade está tentando realizar.

De repente tive uma ideia.

— Espere aí. Você não conseguiu ver uma cópia da *Nona Visão*? O que ela dizia sobre a Décima?

Wil inclinou-se para mim.

— Dizia que as nove primeiras Visões descreveram a evolução espiritual tanto sob o prisma pessoal quanto sob o coletivo. Porém, para se implementarem efetivamente essas Visões, para vivenciá-las e realizar esse destino, é necessário que se tenha uma compreensão mais profunda do processo, uma Décima Visão. Essa Visão nos mostraria a realidade da transformação espiritual não apenas da perspectiva da visão terrena, mas também da perspectiva da dimensão da Outra Vida. Dizia que poderíamos entender melhor por que estávamos unindo as dimensões, por que os seres humanos precisam satisfazer esse propósito histórico. Essa compreensão, uma vez integrada à cultura, é que garantiria esse resultado futuro. Mencionava também o Medo, dizendo que, ao mesmo tempo que emergia uma nova consciência espiritual, uma polarização ruiva surgiria também em oposição, por medo, procurando obstinadamente controlar o futuro com diversas tecnologias novas — ainda mais perigosas do que a ameaça nuclear — que já estão sendo descobertas. A Décima Visão resolve esta polarização.

Ele parou bruscamente e apontou com a cabeça para leste.

— Está ouvindo isso?

Prestei atenção, mas só consegui escutar a cascata.

— O quê? — perguntei.

— Esse zumbido.

— Há pouco eu ouvi. O que é?

— Não sei exatamente. Mas é um som que também pode ser ouvido na outra dimensão. Os espíritos que eu vi pareceram muito perturbados com ele.

Quando Wil falou, visualizei claramente o rosto de Charlene.

— Acha que o zumbido tem a ver com essa nova tecnologia? — perguntei, meio distraído.

Wil não respondeu. Notei que ele estava com um ar ausente.

— Essa amiga que você está procurando é louca? — perguntou ele. — De olhos grandes... e muito inquisitivos?

— É.

— Acabei de ver uma imagem do rosto dela.

Fiquei olhando para ele.

— Eu também.

Ele virou e ficou olhando para a cascata, e eu acompanhei o olhar dele. A espuma e os borrifos brancos formavam um pano de fundo majestoso para nossa conversa. Senti a energia aumentando em meu corpo.

— Você ainda não tem energia suficiente — disse ele. — Mas esse lugar tem tanta força que acho que se eu ajudar e a gente mentalizar o rosto da sua amiga, podemos passar à dimensão espiritual e talvez encontrar o paradeiro dela, e descobrir o que está acontecendo neste vale.

— Você garante que pode fazer isso? — perguntei. — Talvez você possa ir e eu possa esperar aqui por você.

O rosto dele estava saindo de foco.

Wil tocou-me nas costas, energizando-me, sorrindo de novo.

— Não vê que o fato de estarmos aqui tem um propósito? A cultura humana está começando a entender a Outra Vida e a captar a Décima Visão. Acho que estamos tendo a oportunidade de explorar juntos a outra dimensão. Você sabe que isso parece uma coisa predestinada.

Então notei aquele zumbido ao fundo, mesmo com o barulho da cascata. Na verdade, sentia-o no plexo solar.

— O zumbido está ficando mais forte — disse Wil. — Temos que ir agora. Charlene pode estar em apuros!

— O que vamos fazer? — perguntei.

Wil aproximou-se um pouco, ainda tocando em minhas costas.

— Precisamos recriar a imagem que recebemos de sua amiga.

— Sustentá-la?

— É. Como eu disse, estamos aprendendo a reconhecer e a acreditar em nossas intuições num estágio mais alto. Todos queremos ver as coincidências ocorrendo com mais frequência, mas para a maioria de nós essa é uma nova consciência, e a cultura que nos rege ainda opera fundamentalmente baseada no velho ceticismo, assim perdemos a esperança, a fé. No entanto, estamos começando a nos dar conta de que, quando estamos inteiramente atentos, inspecionando os detalhes do futuro em potencial que nos é apresentado, retendo deliberadamente a imagem no fundo de nossa mente, acreditando intencionalmente, em geral a cena que estamos mentalizando se realiza mais depressa.

— Então a gente faz as coisas acontecerem?

— Não. Lembre-se da minha experiência com a Outra Vida. Aí, tudo o que a gente deseja acontece, mas o que se consegue assim não satisfaz. Nessa nossa dimensão também é assim, só que as coisas se passam num ritmo mais lento. Na Terra, podemos fazer acontecer quase tudo o que desejamos, mas só nos satisfazemos plenamente quando entramos em sintonia com o nosso rumo interior e nossa

orientação divina. Só então usamos nossa vontade para partir na direção dos futuros em potencial que recebemos. Sob este aspecto, somos co-criadores: participamos da fonte divina da criação. Vê como esse conhecimento introduz a Décima Visão? Estamos aprendendo a usar nossa capacidade de mentalizar as coisas do modo como ela é usada na Outra Vida, e, quando a usamos, nos alinhamos nessa dimensão, e isso ajuda a unir o Céu e a Terra.

Balancei a cabeça, entendendo plenamente. Após respirar fundo algumas vezes, Wil pressionou mais as minhas costas e mandou que eu recriasse os detalhes do rosto de Charlene. A princípio, nada aconteceu, depois me veio uma onda súbita de energia, impelindo-me à frente e acelerando-me loucamente.

Eu estava deslizando a uma velocidade fantástica por um túnel multicor. Plenamente consciente, perguntei-me por que eu não estava com medo, por que a sensação que eu estava sentindo era de reconhecimento, de contentamento, de paz, como se eu já tivesse estado ali antes. Quando o movimento parou, vi-me num ambiente de luz branca e quente. Procurei Wil e percebi que ele estava à minha esquerda, ligeiramente recuado.

— Muito bem — disse ele, sorrindo.

Seus lábios não se moviam, mas eu ouvia claramente sua voz. Então reparei que seu corpo apareceu. Ele estava com o mesmo aspecto, só que era como se estivesse totalmente iluminado por dentro.

Fui tocar na mão dele e reparei que meu corpo estava igual. Ao encostar nele, o que senti foi um campo a alguns centímetros do braço que eu estava vendo.

Pressionando mais, percebi que não conseguia penetrar a energia dele; apenas empurrava seu corpo.

Wil estava quase explodindo de alegria. De fato, ele estava com um ar tão engraçado que acabei rindo.

— Incrível, não é? — perguntou.

— Essa vibração é maior do que a das Ruínas Celestinas respondi.
— Sabe onde estamos?

Wil ficou calado, contemplando o cenário à nossa volta. Parecia que estávamos num ambiente espacial e tínhamos noção do que estava em cima e do que estava embaixo, mas estávamos suspensos no ar e não havia horizonte. A luz branca era uma tonalidade constante em todas as direções.

Finalmente Wil disse:

— Este é um pomo de observação; já estive aqui rapidamente, da primeira vez que mentalizei o seu rosto. Havia mais espíritos aqui.

— O que estavam fazendo?

— Observando as pessoas que chegavam depois da morte.

— O quê? Você está dizendo que é para cá que as pessoas vêm logo que morrem?

— Estou.

— Por que estamos aqui? Será que aconteceu alguma coisa com Charlene?

Ele virou-se mais para mim.

— Não, acho que não. Lembre-se do que aconteceu comigo quando comecei a mentalizar você. Fui a muitos lugares antes de acabarmos nos encontrando na cascata. Aqui deve haver alguma coisa que precisamos ver antes de podermos encontrar Charlene. Vamos esperar e ver o que acontece com esses espíritos.

Ele apontou com a cabeça para o nosso lado esquerdo, onde várias entidades antropomórficas estavam se materializando a uns dez metros de nós, bem à nossa frente.

Minha primeira reação foi de cautela.

— Wil, como sabemos que são bem-intencionados? E se tentarem nos possuir ou coisa assim?

Ele me olhou com um ar sério.

— Como você sabe quando alguém na Terra tenta controlá-lo?

— Eu sentiria. Notaria que estava sendo manipulado.

— O que mais?

— Acho que sentiria a minha energia sendo roubada. Sentiria minha lucidez e meu senso de orientação diminuírem.

— Exatamente. Quem fizesse isso não estaria seguindo as Visões. Esses princípios todos funcionam do mesmo modo nas duas dimensões.

Enquanto as entidades acabavam de se formar, continuei cauteloso. Mas afinal senti uma energia de amor e apoio emanando daqueles corpos aparentemente formados por uma luz de um tom esbranquiçado de âmbar, que dançava e tremeluzia, entrando e saindo de foco. Eram entidades de aspecto humano, mas não se podia olhar diretamente para elas. Eu nem conseguia contar quantos espíritos havia. De repente, havia uns três ou quatro nos encarando, então eu piscava e via seis, depois novamente três, todos dançando, aparecendo e sumindo. Grosso modo, pareciam uma nuvem animada de âmbar contra um fundo branco.

Alguns minutos depois, outra forma começou a se materializar ao lado das outras, só que mais nítida e com um corpo luminoso como o de Wil e o meu. Víamos que era um homem de meia-idade; ele olhou em redor, aflito, depois viu o grupo espiritual e começou a relaxar.

Para minha surpresa, quando me concentrei nele, consegui captar o que ele estava sentindo e pensando. Olhei para Wil, que balançou a cabeça indicando que também estava sentindo as reações daquela pessoa.

Concentrei-me de novo e observei que, apesar de um certo desprendimento e um senso de amor e apoio, o homem estava em estado de choque por ter descoberto que havia morrido. Há pouco estava dando sua corrida costumeira e, ao tentar subir uma ladeira puxada, teve um infarto fulminante. A dor foi muito rápida, e ele logo começou a flutuar fora do corpo, vendo os passantes a correrem para ajudá-lo. Num instante, uma equipe de paramédicos chegou e fez de tudo para reanimá-lo.

Sentado ao lado do próprio corpo na ambulância, ele ouviu horrorizado a equipe de paramédicos dá-lo como morto. Tentou

desesperadamente comunicar-se com eles, mas ninguém o ouvia. No hospital, um médico confirmou que o coração dele havia literalmente explodido; que ninguém poderia ter feito nada para lhe salvar a vida.

Em parte, ele tentava se conformar com aquilo, em parte, resistia. Como era possível que estivesse morto? Ele gritara por socorro e na mesma hora entrara num túnel de cores que o levaram aonde ele estava agora. Enquanto olhávamos, ele pareceu ir ficando mais consciente dos espíritos e foi se aproximando deles, perdendo a nitidez e ficando mais parecido com eles.

Então recuou na nossa direção e logo ficou no meio de um escritório com as paredes cheias de gráficos, cercado de computadores e de gente trabalhando. Tudo parecia perfeitamente real, só que as paredes eram meio transparentes, de modo que podíamos ver o que acontecia lá dentro, e o céu em cima do escritório não era azul, mas de um tom esquisito de oliva.

— Ele está se enganando — disse Wil. — Está recriando o escritório onde trabalhava na Terra, tentando fingir que não morreu.

Aqueles espíritos se aproximaram e foram aparecendo outros até haver dezenas deles, todos com aquela tonalidade amarelada entrando e saindo de foco. Parecia que estavam passando amor para o homem e uma informação qualquer que eu não consegui entender. O escritório começou gradativamente a se dissolver até desaparecer completamente.

O homem ficou com um ar resignado e entrou em foco com os espíritos.

— Vamos com eles — ouvi Wil dizer.

No mesmo instante, senti o braço dele, ou antes, a energia do braço dele, pressionando minhas costas.

Tão logo concordei em pensamento, houve um leve sensação de movimento, e os espíritos e o homem apareceram com mais nitidez. Agora os espíritos estavam com o rosto brilhando como o meu e o de Wil, mas suas mãos e seus pés, em vez de terem uma forma nítida, eram apenas uma radiação luminosa. Agora eu conseguia focalizar as

entidades por uns quatro ou cinco segundos antes de perdê-las e precisar piscar para encontrá-las de novo.

Percebi que o grupo de espíritos, assim como o falecido, estava observando um ponto de luz brilhante que se aproximava de nós. O ponto inchou até tornar-se um enorme raio que cobriu tudo. Sem conseguir olhar diretamente para a luz, virei-me e vi a silhueta do homem olhando para aquele clarão aparentemente sem o menor problema.

Mais uma vez consegui captar seus pensamentos e emoções. A luz estava lhe dando uma sensação de amor e uma placidez inimagináveis. Enquanto isso, seu enfoque e sua compreensão se expandiram até ele poder ver nitidamente de uma perspectiva espantosamente detalhada e abrangente a vida que acabara de deixar.

Imediatamente ele viu as circunstâncias de seu nascimento e de sua primeira infância. Era John Donald Williams, filho de um pai intelectualmente lento e de uma mãe extremamente alheia e ausente por estar sempre envolvida em vários compromissos sociais. Com a idade, ele foi ficando agressivo e revoltado, um homem questionador, ansioso por provar ao mundo que era uma pessoa brilhante e bem-sucedida que dominava a ciência e a matemática. Fez doutorado no MIT aos vinte e três anos e lecionou em quatro prestigiosas universidades antes de ir trabalhar no Departamento de Defesa e posteriormente numa empresa privada de energia.

Nitidamente ele se entregara de corpo e alma a essa última função, descuidando da própria saúde. Após anos tendo uma alimentação desequilibrada, sem praticar qualquer exercício físico, soube que era portador de uma doença cardíaca crônica. Uma rotina de exercícios muito violentos acabou sendo fatal. Ele morreria na flor da idade, aos cinquenta e oito anos.

Neste ponto, a consciência de Williams mudou de foco e ele começou a se sentir muito angustiado e arrependido por ter levado a vida que levara. Percebeu que sua primeira infância fora ajustada perfeitamente para expor o que já era sua tendência espiritual de mostrar-se agressivo e elitista para sentir-se mais importante. Seu

principal instrumento era ridicularizar as pessoas, desmerecendo-as com críticas à sua competência, sua ética e sua personalidade. No entanto, agora ele via que sempre teve professores à sua disposição para ajudá-lo a superar aquela insegurança. Todos eles chegaram na hora certa para mostrar-lhe o outro caminho, mas ele os ignorou completamente.

Ao contrário, continuou perseguindo sua visão estreita até o fim. Todos os sinais estavam lá para que ele selecionasse melhor suas atividades, diminuísse o ritmo. Ele não levou em conta uma infinidade de implicações e riscos inerentes à pesquisa que estava fazendo sobre novas tecnologias. Acatou sem questionar teorias novas e até mesmo princípios pouco conhecidos da física que os padrões lhe transmitiam. Aquilo funcionava, e o resto não lhe importava, porque aquilo lhe trazia sucesso e reconhecimento. Ele sucumbiu à carência de *reconhecimento...* outra vez. Meu Deus, pensou ele, fracassei exatamente como antes.

Sua mente passou bruscamente para outra cena, uma existência anterior. Ele estava nos montes Apalaches do sul, no século XIX, num acampamento militar. Numa grande tenda, vários homens se debruçavam sobre um mapa. A luz trêmula das lanternas iluminava os muros. Havia um consenso entre todos os oficiais ali presentes: não havia esperança de paz. A guerra era inevitável, e princípios militares confiáveis indicavam um ataque, urgente.

Como um dos principais ajudantes-de-ordens do general no comando, Williams fora obrigado a concordar com os outros. Não havia outra opção, concluía; se discordasse, sua carreira estaria acabada. Além do mais, ele não poderia dissuadir os outros nem que quisesse. A ofensiva teria de ser levada avante, provavelmente a maior batalha na guerra do leste contra os nativos.

Uma sentinela interrompeu trazendo um comunicado ao general. Uma colona estava querendo falar imediatamente com o comandante. Olhando pela abertura da tenda, Williams vira aquela mulher branca, franzina, com uns trinta anos presumíveis e um olhar desesperado. Depois descobriu que a mulher era filha de um missionário e vinha

apresentar uma nova e viável iniciativa de paz dos americanos nativos, uma proposta que ela negociara pessoalmente correndo um grande risco.

Mas o general recusara-se a vê-la, permanecendo na tenda enquanto ela gritava com ele, e finalmente a expulsara do acampamento sob a mira de uma arma, ignorando o teor da mensagem, fazendo questão de ignorar. Novamente Williams ficou calado. Ele sabia que seu comandante estava sob grande pressão, já tendo prometido abrir a região à expansão econômica. A guerra seria iminente se a visão dos que desafiavam o poder e seus aliados fosse implementada. Não bastava permitir que os colonizadores e os índios criassem sua própria cultura fronteiriça. Não, sob seu ponto de vista, o futuro teria de ser configurado, manipulado e controlado em proveito daqueles que davam segurança e abundância ao mundo. Seria tremendamente assustador e uma irresponsabilidade total deixar a gente comum decidir.

Williams sabia que uma guerra agradaria, imensamente, aos magnatas das ferrovias e do carvão e à emergente indústria petrolífera e garantiria também seu próprio futuro. Bastava ele ficar calado e dançar conforme a música. E ele faria isso, no íntimo, protestando, ao contrário do primeiro ajudante-de-ordem do general. Williams lembrou-se de que olhara para o colega do outro lado da sala, um homenzinho que puxava um pouco da perna. Ninguém sabia por que ele mancava. Não havia nada de errado com a perna dele. Ali estava o protótipo da vaca de presépio. Ele estava por dentro das tramas dos cartéis secretos e adorava e admirava aquilo, queria participar de tudo. E não era só isso.

Esse homem, como o general e as outras autoridades, temia os americanos nativos e desejava que fossem removidos dali não só porque eram alheios à economia industrial em expansão que estava prestes a invadir suas terras. As autoridades temiam esse povo por um motivo mais profundo, uma ideia aterrorizante e transformadora, da qual apenas alguns anciãos estavam inteiramente a par, mas que se manifestava naquela cultura e exigia que os controladores mudassem, que se lembrassem de outra visão do futuro.

Williams descobrira que a filha do missionário tomara a iniciativa de trazer os pajés mais importantes para uma última tentativa de se chegar a um acordo sobre esse conhecimento, para encontrar as palavras para partilhá-lo — uma última tentativa para explicar quem eram, para definir seu valor a um mundo que rapidamente se voltava contra eles. Williams sabia, no fundo, que a mulher deveria ter sido ouvida, mas acabou ficando calado, e, com um rápido aceno de cabeça, o general recusara a possibilidade de reconciliação e declarara a guerra.

Enquanto observávamos, Williams começou a se lembrar de uma garganta na mata, onde se travou a batalha. A cavalaria em massa surgiu em um morro numa ofensiva surpresa. Os nativos se defenderam, atacando a cavalaria dos penhascos, de ambos os lados. Perto dali, um homem corpulento e uma mulher se encolheram entre as rochas. O homem era um jovem acadêmico, um representante do congresso, ali apenas para observar, apavorado de estar tão perto da batalha. Aquilo estava errado, completamente errado. Ele só entendia de economia; não sabia o que era violência. Chegara ali convencido de que o homem branco e os índios não precisavam entrar em conflito, que o crescente surto econômico da região poderia ser adaptado, aperfeiçoado, integrado para incluir as duas culturas.

Ao lado dele nos rochedos, estava a jovem vista antes na tenda militar. Agora ela se sentia abandonada, traída. Seus esforços poderiam ter surtido efeito, ela sabia, se os detentores do poder tivessem dado ouvidos ao que era possível. Mas ela não desistiria, dissera a si mesma, enquanto a violência não terminasse. Ficou repetindo: "Isso tem conserto! Isso tem conserto."

De repente, na descida atrás deles, dois homens a cavalo encurralaram um nativo. Esforcei-me para ver quem era e acabei reconhecendo o homem como sendo aquele chefe irritado que eu vi quando estava conversando com David, o homem que tanto discordara das ideias da mulher branca. Enquanto eu olhava, ele se virou rapidamente e disparou uma flecha no peito de um de seus perseguidores. O outro soldado pulou do cavalo e caiu em cima do nativo. Os dois se engalinharam furiosamente, o punhal do soldado

finalmente se enterrando na garganta do homem mais escuro. O sangue escorria pelo chão.

Observando os acontecimentos, o economista em pânico implorou que a mulher fugisse com ele, mas ela fez um gesto para que ele ficasse e se acalmasse. Williams teve a oportunidade de ver pela primeira vez um velho pajé ao lado de uma árvore próxima, seu vulto entrando e saindo de foco. Então, outro pelotão da cavalaria chegou no alto do morro e ficou atirando indiscriminadamente. O homem e a mulher foram baleados. Com um sorriso, o índio se levantou numa atitude de desafio e também foi morto.

Nesse ponto, o foco de Williams passou para um morro de onde se descortinava aquilo tudo. Outro indivíduo contemplava a batalha dali. Estava com calças de pele de gamo e conduzia uma mula de carga. Era um montanhês. Ele virou as costas para a batalha e desceu a colina pelo lado oposto, passou pelo lago e pela cascata e desapareceu. Fiquei abismado: a batalha acontecera exatamente ali naquele vale, ao sul da cascata.

Quando voltei minha atenção para Williams, ele estava revivendo o horror da carnificina e do ódio. Sabia que não ter tomado uma atitude nas guerras indígenas criara as condições e as expectativas de sua vida mais recente, mas, como antes, ele não conseguira despertar. Estivera novamente com o assistente do congresso que fora morto com a mulher, e nem assim conseguira lembrar a missão deles. Williams pretendia encontrar o homem mais jovem no alto de um morro, no meio da mata, onde seu amigo deveria supostamente despertar e ir procurar seis pessoas no vale, formando um grupo de sete. Juntas, essas sete pessoas deveriam resolver o problema do Medo.

A ideia pareceu lhe trazer recordações mais profundas. O Medo sempre foi o grande inimigo por toda a longa e tortuosa história da humanidade, e aparentemente ele sabia que a cultura humana agora estava se polarizando, dando aos controladores daquela era histórica uma última oportunidade de tomar o poder, de explorar as novas tecnologias em benefício próprio.

Ele estava agoniado. Sabia que era extremamente importante que o grupo dos sete se reunisse. A História estava preparada para grupos assim, e era indispensável que houvesse um número suficiente deles, indispensável que *compreendessem* o Medo, para que se dissipasse a polarização e se detivessem as experiências no vale.

Muito lentamente fui me dando conta de que estava de novo no lugar daquela luz branca e suave. As visões de Williams tinham terminado, e tanto ele quanto as outras entidades rapidamente haviam desaparecido. Depois senti um movimento rápido para trás que me deixou atordoado e distraído. Vi Wil à minha direita.

— O que aconteceu? — perguntei. — Aonde ele foi?

— Não sei ao certo — respondeu ele.

— O que estava acontecendo com ele?

— Ele estava vivenciando uma *Revisão de Vida*. Balancei a cabeça.

— Sabe o que é isso? — perguntou.

— Sei — respondi. — Sei que pessoas que estiveram muito perto da morte costumam relatar que sua vida inteira passa de relance diante delas. É isso o que você quer dizer?

Wil ficou pensativo.

— É, mas a difusão do conhecimento desse processo de revisão está causando um grande impacto na nossa cultura. É mais uma parte da perspectiva mais elevada que vem com o conhecimento da Outra Vida. Milhares de pessoas passaram por essa experiência quase fatal, e, a medida que suas histórias são partilhadas e divulgadas, a realidade da Revisão de Vida vai se incorporando à nossa bagagem cultural. Sabemos que após a morte temos que rever nossa vida; e que vamos sofrer por cada oportunidade perdida, cada vez que deixamos de agir. Esse conhecimento está fortalecendo a nossa determinação de perseguir cada imagem intuitiva que nos ocorrer e de retê-la firmemente na consciência. Estamos vivendo de forma mais consciente. Não queremos perder nenhum acontecimento importante. Não

queremos passar pelo sofrimento de olhar para trás e ver que estragamos tudo, que deixamos de tomar a decisão acertada.

De repente Wil parou, com a cabeça de lado, como se estivesse querendo escutar alguma coisa. Imediatamente senti uma pontada no plexo solar e tornei a ouvir aquele zumbido dissonante. Logo depois o barulho parou.

Wil estava olhando em volta. O ambiente todo branco agora tremeluzia com reflexos intermitentes de um tom desmaiado de cinza.

— O que quer que esteja acontecendo está afetando esta dimensão também! — exclamou ele. — Não sei se podemos segurar nossa vibração.

Enquanto aguardávamos, os reflexos desmaiados foram diminuindo aos poucos e o fundo branco voltou.

— Lembre-se do alerta sobre a nova tecnologia na Nona Visão — acrescentou Wil — e do comentário de Williams sobre os que por Medo tentam controlar essa tecnologia.

— E isso da volta do *grupo dos sete*? — perguntei. — E essas visões que Williams estava tendo desse vale no século XIX? Wil, eu também vi essas visões. O que acha que significam?

Wil ficou mais sério.

— Acho que era para nós vermos isso tudo. E acho que *você* faz parte desse grupo.

De repente o zumbido foi ficando novamente mais forte.

— Williams disse que primeiro temos que entender esse Medo — enfatizou Wil — para poder resolvê-lo. Isso terá que ser nosso próximo passo; precisamos dar um jeito de compreender esse Medo.

Wil mal tinha completado esse pensamento quando um som ensurdecedor me percutiu inteiro, empurrando-me para trás. Wil veio me amparar, o rosto distorcido e fora de foco. Tentei agarrar o braço dele, mas ele sumiu, e eu estava caindo em queda livre, em meio a um panorama colorido.

SUPERANDO O MEDO

DOMINANDO A SENSACÃO de vertigem, percebi que havia voltado à cascata. Embaixo de uma laje à minha frente, estava minha mochila, exatamente onde eu a deixara. Olhei em volta: nenhum sinal de Wil. O que acontecera? Aonde ele fora?

Pelo meu relógio, não havia nem uma hora que Wil e eu tínhamos entrado na outra dimensão, e, pensando naquela experiência, fiquei impressionado com a intensidade do amor e da calma que senti e com a ausência de ansiedade — até agora. Agora tudo à minha volta parecia sem graça e abafado.

Esgotado, fui pegar minha mochila, a sensação de medo crescendo em meu estômago. Achando que passar pelas pedras me deixaria muito exposto, resolvi voltar para os morros ao sul até decidir o que fazer. Quando já tinha subido e começava a descer o primeiro deles, vi um homenzinho de seus cinquenta anos, subindo à minha esquerda. Era ruivo, tinha um cavanhaque ralo e estava com roupas de excursionista. Antes que eu pudesse me esconder, ele me viu e veio na minha direção.

Quando me alcançou, sorriu cauteloso e disse:

— Acho que estou meio desorientado. Será que você podia me dizer para que lado é a cidade?

Disse que ele seguisse para o sul passando o manancial e seguindo o curso d'água principal para leste até o posto da Guarda Florestal.

Ele pareceu aliviado.

— A leste daqui, encontrei há pouco uma pessoa que me mandou voltar, mas devo ter tomado a direção errada. Você também está indo para a cidade?

Olhando com atenção para a expressão no rosto dele, captei uma certa tristeza e revolta em sua personalidade.

— Acho que não — respondi. — Estou procurando uma amiga que está por aí. Como era a pessoa que encontrou?

— Era uma mulher loura de olhos vivos — respondeu ele. — Falava muito rápido. Não peguei o nome dela. Quem está procurando?

— Charlene Billings. Será que você se lembra de algum outro detalhe sobre essa mulher?

— Ela falou alguma coisa sobre o Parque Florestal que me deu a ideia de que ela poderia ser uma dessas pessoas que ficam por aqui porque estão *procurando* coisas. Mas não posso afirmar. Me avisou para ir embora do vale. Disse que ia pegar o que era dela e ir embora também. Parecia achar que havia algo errado aqui, que todo mundo estava correndo perigo. Foi realmente muito misteriosa. Sinceramente, eu não tinha a menor ideia do que ela estava falando.

Seu tom sugeria que ele estava acostumado a falar com franqueza.

Com a maior simpatia possível, eu disse:

— Parece que a pessoa que encontrou pode ser a minha amiga. Onde foi exatamente que a viu?

Ele apontou para o sul e me disse que a tinha encontrado a uns oitocentos metros dali. Ela estava sozinha e rumava para sudoeste.

— Acompanho-o até o manancial — disse eu.

Peguei minha mochila, e, enquanto descíamos o morro, ele perguntou:

— Se aquela era a sua amiga, aonde acha que ela estava indo?

— Não sei.

— Procurando um lugar místico, talvez? Uma utopia.

Ele tinha um sorriso cínico nos lábios.

Percebi que estava me testando.

— Talvez — disse eu. — Não acredita em utopia?

— Não, claro que não. É uma ideia neolítica. Ingênua.

Olhei para ele, começando a me sentir dominado pelo cansaço, tentando encerrar a conversa.

— É só uma diferença de opinião, acho eu.

Ele riu.

— Não, é verdade. Não tem utopia nenhuma chegando. As coisas só fazem piorar, nada melhora. A economia já está escapando do controle e vai acabar explodindo.

— Por que diz isso?

— Puramente por uma questão demográfica. Durante a maior parte desse século, havia uma classe média numerosa nos países ocidentais, uma classe que promovia a ordem e o bom senso e acreditava que o sistema econômico pudesse funcionar para todo mundo.

— Mas agora quase ninguém ainda acredita nisso. É geral. Cada vez há menos gente confiando no sistema, ou agindo de acordo com as regras. E tudo isso porque a classe média está encolhendo. O desenvolvimento tecnológico está desvalorizando o trabalho e dividindo os homens em dois grupos: os que têm e os que não têm, os que têm investimentos e participação na economia mundial e os que não têm outra opção a não ser fazer serviços menores. Some isso ao fracasso da educação e poderá ver o tamanho do problema.

— Parece uma posição terrivelmente cínica — disse eu.

— É realista. É a verdade. A maioria das pessoas precisa lutar cada vez mais para sobreviver aqui. Já viu as pesquisas sobre o estresse? A tensão está escapando do controle. Ninguém se sente seguro, e o pior ainda nem começou. O mundo está superpovoado, e, com o desenvolvimento da tecnologia, o abismo entre os que detêm o saber e os que não detêm vai aumentar cada vez mais, e o controle da economia global ficará cada vez mais na mão dos ricos, enquanto o consumo de drogas e a criminalidade continuarão aumentando assustadoramente entre os pobres.

— E o que acha — prosseguiu ele — que acontecerá nos países subdesenvolvidos? Grande parte do Oriente Médio e da África já está nas mãos dos fundamentalistas religiosos cujo objetivo é destruir a sociedade organizada, que para eles é um império satânico, e substituí-la por uma teocracia pervertida, onde os líderes religiosos controlam

tudo e têm o poder de condenar à morte aqueles que consideram heréticos, em qualquer lugar do mundo.

— Que tipo de gente há de concordar com uma carnificina dessas em nome da espiritualidade? No entanto, essas carnificinas são cada vez mais frequentes. Na China, ainda se pratica o infanticídio de meninas, por exemplo. Dá para acreditar numa coisa dessas?

— Estou lhe dizendo: a lei, a ordem e o respeito pela vida humana estão acabando. O mundo está degenerando e assumindo uma mentalidade de turba, dominada pela inveja e pela vingança e imposta por charlatães pervertidos, e talvez já seja tarde demais para acabar com isso. Mas sabe de uma coisa? Ninguém está se importando. Ninguém! Os políticos não fazem nada. Só querem saber dos próprios redutos eleitorais e de como mantê-los. O mundo está mudando muito rápido. Não dá para acompanhar o ritmo das mudanças, o que faz com que todo mundo só pense em si e tente rapidamente agarrar o que puder, antes que seja tarde demais. Esse sentimento está permeando a sociedade toda e cada grupo ocupacional.

Ele tomou fôlego e olhou para mim. Eu havia parado no topo de um dos morros para apreciar o pôr-do-sol, e nossos olhos se encontraram. Ele parecia se dar conta de que se emocionara com o discurso, e naquele instante começou a me parecer profundamente familiar. Disse-lhe o meu nome e ele disse o dele, Joel Lipscomb. Ficamos mais um tempo olhando um para o outro, mas ele não demonstrou me reconhecer. Por que nos encontramos naquele vale?

Tão logo acabei de formular esta última pergunta em minha mente, soube a resposta. Ele estava exprimindo a visão do Medo que Williams mencionara. Fiquei arrepiado. Isto estava programado para acontecer.

Olhei para ele mais seriamente.

— Acha mesmo que as coisas estejam tão ruins assim?

— Acho, sem dúvida — respondeu ele. — Sou jornalista, e essa atitude é comum em nossa profissão. Antigamente, pelo menos tentávamos trabalhar dentro de um certo padrão de integridade. Mas agora não é mais assim. Só tem propaganda e sensacionalismo.

Ninguém mais está procurando a verdade nem tentando apresentá-la da maneira mais precisa. Os jornalistas vivem atrás do furo, da perspectiva mais chocante, de tudo o que for sujeira.

— Mesmo que determinadas acusações tenham uma explicação lógica, elas são reportadas de qualquer maneira, pelo impacto que possam causar nas taxas e na circulação. Num mundo onde as pessoas estão entorpecidas e distraídas, só vende o que é inacreditável. E a tristeza é que esse tipo de jornalismo se perpetua. Um jovem jornalista vê essa situação e pensa que para sobreviver na profissão é preciso entrar no jogo. Senão, acha que vai ficar para trás, arruinado, o que, conseqüentemente, leva os chamados repórteres investigativos a serem intencionalmente falsos. Acontece a toda hora.

Tínhamos continuado para o sul e estávamos descendo por um terreno pedregoso.

— Em outras profissões ocorre a mesma coisa — prosseguiu Joel. — Meu Deus, veja só a advocacia. Pode ser que algum dia trabalhar num tribunal tenha significado alguma coisa, quando os participantes do processo respeitavam a verdade e a justiça. Mas agora já não é assim. Pense nos últimos julgamentos de celebridades cobertos pela televisão. Os advogados agora fazem tudo o que podem para subverter a justiça, intencionalmente, tentando convencer os jurados a acreditar em hipóteses quando não há provas — hipóteses que eles sabem que são mentiras — apenas para livrar a cara de alguém. E outros advogados comentam esses procedimentos como se essas táticas fossem uma prática comum e absolutamente justificada em qualquer sistema legal, o que não é verdade.

— Em nosso sistema, todo mundo tem direito a um julgamento justo. Mas os advogados têm a obrigação de garantir a lisura e a correção, não a de distorcer a verdade e minar a justiça simplesmente para livrar seu cliente a qualquer custo. Por causa da televisão, pelo menos estamos podendo ver o que essas práticas corruptas representam: um mero expediente dos causídicos para se valorizarem e poderem cobrar honorários maiores. E eles só fazem esse estardalhaço

todo porque acham que ninguém liga, e obviamente não liga mesmo. Todo mundo está fazendo a mesma coisa.

— Estamos querendo juntar dinheiro rápido, maximizando lucros de curto prazo em vez de planejar a longo prazo, porque no fundo, consciente ou inconscientemente, não acreditamos que nosso sucesso seja duradouro. E fazemos isso mesmo se tivermos que quebrar a relação de confiança que temos com os outros e promover os nossos interesses em detrimento dos interesses dos outros.

— Logo, logo todos os princípios que unem a sociedade estarão totalmente subvertidos. Imagine o que acontecerá quando o desemprego chegar a um certo nível nas cidades do interior. A criminalidade já está fora de controle. Os policiais não vão mais ficar arriscando a vida para uma opinião pública que afinal de contas nem repara. Por que estar duas vezes por semana no banco das testemunhas sendo interrogado por um advogado que não está nem um pouco interessado na verdade, ou, pior ainda, acabar caído num beco escuro, morrendo de dor e se esvaindo em sangue, quando ninguém se importa? Melhor fechar os olhos e servir os vinte anos bem quietinho, talvez até fazendo uma caixinha com o dinheiro das propinas. E a coisa continua sempre assim. O que vai deter isso?

Ele fez uma pausa, e fiquei olhando para ele ali caminhando.

— Será que você está pensando que um renascimento espiritual vai mudar isso tudo? — perguntou.

— É o que certamente espero.

Ele pulou um tronco caído para me alcançar.

— Ouça — prosseguiu -, eu cheguei a entrar nessa de espiritualismo, essa coisa de objetivo, e destino, e Visões. Até consegui achar umas coincidências interessantes na minha vida. Mas cheguei à conclusão de que isso é tudo loucura. A mente é capaz de imaginar todo tipo de bobagem; e nem percebe. Quando a gente analisa, toda essa conversa de espiritualidade é só retórica duvidosa.

La refutar o argumento dele, mas mudei de ideia. Minha intuição me mandava ouvi-lo primeiro.

— É — disse eu. — Acho que às vezes até parece mesmo.

— Vamos tomar o exemplo do que eu ouvi falar sobre esse vale — continuou. — Esse é o tipo do absurdo que eu costumava ouvir. Esse aqui é só um vale cheio de árvores e moitas feito milhares de outros. — Ele tocou numa árvore grande no caminho. — Acha que esse Parque Florestal vai sobreviver? Esqueça. Do jeito que os homens estão poluindo os mares, saturando o ecossistema com substâncias cancerígenas produzidas em laboratório e consumindo papel e outros derivados de madeira, isso aqui vai virar uma lata de lixo, como qualquer outro lugar. Na verdade, as pessoas estão se lixando para as árvores. Por que acha que não acontece nada com o governo que fica construindo estradas por aí com o dinheiro do contribuinte e depois vende a madeira abaixo do custo de mercado? Ou troca as áreas melhores e mais lindas por umas terras imprestáveis em qualquer lugar, só para agradar os empresários imobiliários?

— Você deve achar que algum fenômeno místico está acontecendo aqui nesse vale. E por que não? Todo mundo ia adorar que uma coisa dessas estivesse acontecendo, ainda mais se levarmos em conta a degradação da qualidade de vida. Mas o negócio é que não tem nada de esotérico acontecendo. Somos apenas animais, criaturas inteligentes e azaradas o bastante para perceber que estamos vivos, e vamos morrer sem saber a que viemos. Podemos fingir qualquer coisa e querer qualquer coisa, mas o fato existencial básico é um só: não podemos saber.

Tornei a olhar para ele.

— Não acredita em nenhum tipo de espiritualidade?

Ele riu.

— Se Deus existe, deve ser um Deus de uma perversidade monstruosa. Não dá para ter uma realidade espiritual operando aqui! Como poderia ter? Olhe só o mundo. Que tipo de Deus faria um lugar assim tão devastador onde crianças morrem de mortes horrorosas, vítimas de terremotos, de crimes absurdos e de fome, enquanto os restaurantes jogam fora toneladas de comida diariamente?

— Mas — acrescentou ele —, talvez seja assim que as coisas tenham que acontecer. Talvez seja o plano de Deus. Talvez os estudiosos do "fim do mundo" estejam certos. Eles acham que a vida e a história são apenas um teste de fé para ver quem vai se salvar e quem não vai, um plano divino para destruir a civilização e separar os bons dos maus.

Esboçou um sorriso, que logo se desmanchou quando ele mergulhou em seus pensamentos.

Afinal apertou o passo para me acompanhar. Estávamos chegando de volta ao campo de sálvia, e eu já avistava a árvore dos corvos a uns quatrocentos metros.

— Sabe o que esses profetas do apocalipse acreditam que esteja acontecendo de verdade? — perguntou ele. — Estudei esse pessoal há uns anos atrás, foi fascinante.

— Não estou muito por dentro — disse eu, com um gesto de cabeça para que ele prosseguisse.

— Eles estudam as profecias ocultas na Bíblia, sobretudo as do livro do Apocalipse. Acreditam que estamos vivendo o que eles chamam de *os últimos dias*, a época em que todas as profecias se realizam. Essencialmente eles acreditam no seguinte: o mundo já está preparado para a volta do Cristo e a criação do reino dos céus na Terra. Mas primeiro a Terra ainda precisa passar por uma série de guerras, de desastres naturais e outros acontecimentos apocalípticos previstos nas escrituras. E eles conhecem cada uma dessas previsões, de modo que passam a vida observando o que acontece no mundo, aguardando o próximo acontecimento programado.

— E qual é o próximo? — perguntei.

— Um tratado de paz no Oriente Médio que vai permitir a reconstrução do Templo de Jerusalém. Logo depois, segundo eles, os verdadeiros fiéis, sejam eles quem forem, começarão a experimentar um êxtase profundamente intenso e serão arrebatados da face da Terra e levados diretamente para o céu.

Parei e fiquei olhando para ele.

— Eles acham que esses fiéis vão começar a sumir da face da Terra?

— É, está na Bíblia. Depois começam as atribulações, que são um período de sete anos de inferno para quem sobrar na Terra. Parece que tudo deve desmoronar: terremotos violentíssimos destroem a economia; o nível dos mares sobe, arrasando muitas cidades; isso mais tumultos e criminalidade etc. Aí aparece um político, provavelmente na Europa, que apresenta um plano para consertar as coisas, se, obviamente, lhe outorgarem o poder supremo. Isso inclui uma economia eletronicamente centralizada coordenando grande parte do comércio mundial. Para participar dessa economia, porém, e se beneficiar da automação, todos terão de prestar vassalagem ao líder e receber na mão o implante de um chip por meio do qual todas as interações econômicas serão documentadas.

— Esse Anticristo primeiro protege Israel e facilita um tratado de paz, e mais tarde ataca, provocando uma guerra mundial que em última instância se trava entre as nações islâmicas, a Rússia e finalmente a China. Segundo as profecias, quando Israel estiver prestes a cair, Deus envia seus anjos para vencerem a guerra, e é instaurada uma utopia espiritual que dura mil anos.

Ele pigarreou e olhou para mim.

— Entre em qualquer livraria especializada em assuntos religiosos e dê uma olhada no que há; vai encontrar comentários e romances sobre essas profecias, e a toda hora estão saindo mais títulos nessa linha.

— Acha que esses acadêmicos do fim do mundo estão certos?

Ele meneou a cabeça.

— Acho que não. A única profecia que está se realizando aqui nesse mundo é a da ganância e corrupção do homem. Pode ser que um ditador assuma o poder, mas só porque terá visto como se aproveitar do caos.

— Acha que isso vai acontecer?

— Não sei, mas vou lhe dizer uma coisa. Se a classe média continuar encolhendo, com os pobres ficando mais pobres, a criminalidade aumentando nas cidades do interior e se alastrando para a periferia das grandes cidades, e ainda por cima vier uma série de grandes desastres naturais quebrando a economia mundial, teremos hordas de famintos pilhando tudo, e haverá um pânico generalizado. Diante deste tipo de violência, se alguém aparecer com um plano de salvação e recuperação mundial, pedindo apenas para a gente abrir mão de algumas liberdades civis, não tenho dúvida de que abriremos.

Paramos, e ele bebeu um pouco da água do meu cantil. Cinquenta metros adiante estava a árvore dos corvos.

Fiquei animado; estava conseguindo detectar a vibração fraca daquele zumbido em meio aos outros sons.

Joel concentrou-se apertando os olhos e me olhando com atenção.

— O que está escutando?

Virei-me e encarei-o.

— É um barulho estranho, um zumbido que a gente percebe. Acho que pode ser alguma experiência sendo feita aqui no vale.

— Que tipo de experiência? Quem é o responsável por ela? Por que não consigo ouvir?

Eu já ia lhe contar quando fomos interrompidos por outro som. Apuramos os ouvidos.

— É barulho de carro — disse eu.

Mais dois jipes cinzentos vinham vindo do oeste em nossa direção. Corremos para nos esconder atrás de uma moita alta de urzes, e eles passaram direto a noventa metros de nós, pela mesma trilha por onde havia passado aquele outro jipe rumando para sudeste.

— Não estou gostando disso — disse Joel. — Quem era?

— Bem, não é a Guarda Florestal, e ninguém mais pode circular de carro por aqui. Talvez sejam as pessoas envolvidas na experiência.

Ele parecia horrorizado.

— Se você preferir, tem um caminho mais curto para a cidade. Vá na direção daquele morro lá embaixo, a sudoeste. Daqui a uns mil e duzentos metros você vai encontrar o riacho e basta segui-lo para oeste que vai dar na cidade. Acho que consegue chegar antes de escurecer demais.

— Você não vem?

— Já não. Vou para o sul até o riacho esperar um pouco a minha amiga.

Ele franziu a testa.

— Esse pessoal não poderia estar fazendo uma experiência aqui sem o conhecimento da Guarda Florestal.

— Eu sei.

— Você não está achando que pode fazer alguma coisa a respeito, está? É uma coisa grande.

Não respondi; senti um aperto no peito de nervoso.

Ele ficou escutando um pouco, depois entrou no vale, apressando o passo. Olhou para trás uma vez e meneou a cabeça.

Fiquei olhando até ele sumir na mata depois do Prado e tomei logo o rumo sul, pensando de novo em Charlene. O que ela tinha ido fazer ali? Aonde estava indo? Eu não tinha nenhuma resposta.

Caminhando em ritmo acelerado, levei cerca de meia hora para chegar ao riacho. O sol estava totalmente encoberto por uma faixa de nuvens no poente, e o crepúsculo envolvia a mata num lusco-fusco acinzentado sinistro. Eu estava sujo e cansado, e sabia que tinha ficado muito abalado com o que Joel dissera e com aqueles jipes passando. Talvez eu já tivesse reunido provas suficientes para procurar as autoridades; talvez esta fosse a maneira mais eficaz de ajudar Charlene. Muitas opções me passavam pela cabeça, todas justificando minha volta à cidade.

Como a mata era rala nas duas margens, resolvi atravessar o rio e entrar na floresta mais cerrada do outro lado, mesmo sabendo que era propriedade particular.

Já do outro lado, estaquei ao ouvir mais um jipe, depois saí correndo. Quinze metros adiante, o terreno foi ficando íngreme e pedregoso, com rochedos de seis metros de altura. Subindo depressa, cheguei ao topo e apertei o passo, depois pulei e caí num monte de pedras, quando pretendia cair do outro lado. Quando bati com o pé na pedra do alto, ela rolou, eu me desequilibrei e o monte todo começou a deslizar. Quiquei nos quadris e aterrissei numa pequena greta, as pedras continuando a deslizar para cima de mim. Algumas tinham de três a quatro palmos de diâmetro e vinham direto em cima de mim. Consegui rolar para o lado esquerdo e erguer os braços, mas sabia que não conseguiria sair do caminho.

Então, pelo canto do olho, vi uma forma branca e delgada movendo-se à minha frente. Na mesma hora, alguma coisa estranha me deu a certeza de que as pedras não me atingiriam. Fechei os olhos e ouvi o estrondo delas batendo à minha esquerda e à minha direita. Abri os olhos devagar e espiei através da nuvem de poeira, limpando a terra e os fragmentos de rocha do rosto. As pedras estavam todas arrumadas ao meu lado. Como aconteceu aquilo? O que era aquela forma branca?

Fiquei olhando em volta e vi alguma coisa se mexer atrás de uma das pedras. Um filhote de lince saiu dali e ficou me encarando. Eu sabia que ele já tinha tamanho para fugir, mas ficou ali parado, olhando para mim.

O ruído de um carro se aproximando acabou espantando o bicho para o mato. Levantei e cheguei a dar uma corrida antes de pisar de mau jeito em outra pedra. Senti uma pontada de dor na perna inteira quando meu pé esquerdo falseou. Caí no chão e me arrastei por uns dois metros até as árvores. Rolei para trás de um carvalho grande enquanto o carro se aproximava do riacho, diminuía a marcha e depois seguia a toda, mais uma vez para sudeste.

Com o coração aos pulos, sentei e tirei a bota para examinar meu tornozelo. Já estava começando a inchar. Por que isso?, pensei. Quando estiquei a perna, vi uma mulher me olhando a uns dez metros. Fiquei paralisado enquanto ela se aproximava de mim.

— Você está bem? — perguntou, num tom preocupado, mas desconfiado. Era uma negra alta, de seus quarenta anos, com um conjunto de moletom folgado e de tênis. Ela estava com um rabo-de-cavalo meio desmanchado, as mechas do cabelo preto balançando ao vento acima na frente. Trazia uma pequena mochila verde.

— Eu estava ali sentada e vi você cair — disse ela. — Sou médica. Quer que eu dê uma olhada?

— Gostaria muito — respondi atordoado, sem acreditar naquela coincidência.

Ela se ajoelhou ao meu lado e moveu o meu pé com delicadeza, enquanto ficava de olho na área para os lados do riacho.

— Está sozinho aqui?

Contei-lhe rapidamente que estava procurando Charlene, mas omiti o resto. Ela disse que não havia visto ninguém correspondendo àquela descrição. Enquanto ela falava, finalmente se apresentando como Maya Ponder, convenci-me de que era uma pessoa que merecia total confiança. Disse-lhe o meu nome e onde eu morava.

Quando terminei, ela falou:

— Sou de Asheville, mas tenho uma clínica. ao sul daqui, junto com uma sócia. A clínica é nova. Temos também essa propriedade de dezesseis hectares aqui, confinando com o Parque Florestal. — Ela apontou para a área onde estávamos sentados. — E mais dezesseis hectares na parte sul do desfiladeiro.

Abri o fecho-écler do bolso da minha mochila e peguei o cantil.

— Quer um pouco d'água? — perguntei.

— Não, obrigada, eu tenho.

Ela pegou o cantil dela dentro da mochila e abriu-o. Mas, em vez de beber, embebeu uma toalhinha com água e envolveu o meu pé, o que me provocou uma careta de dor.

Virando-se para mim e me encarando, ela disse:

— Você fez mesmo uma entorse nesse tornozelo.

— Grave? — perguntei.

Ela hesitou.

— O que acha?

— Não sei. Deixe eu experimentar andar.

Tentei me levantar, mas ela me deteve.

— Espere um minuto — disse ela. — Antes de tentar andar, analise sua atitude. Acha que está muito machucado?

— O que você está querendo dizer?

— Quero dizer que muitas vezes o tempo de recuperação depende do que você acha, não do que eu acho.

Olhei para o tornozelo.

— Acho que pode ser uma coisa séria. Se for, tenho que dar um jeito de voltar para a cidade.

— E depois?

— Não sei. Se eu não puder andar, talvez tenha que arranjar alguém para ir procurar Charlene.

— Sabe por que esse acidente foi acontecer agora?

— Não. Por quê?

— Porque o modo como você encara um acidente que você sofreu também afeta a sua recuperação.

Olhei atentamente para ela, consciente da minha resistência. Em parte estava achando aquela discussão uma perda de tempo. Parecia muito egocêntrica para a situação. Embora o zumbido tivesse cessado, eu precisava presumir que a experiência continuava. Tudo parecia perigosíssimo e já era quase noite... e, ao que eu soubesse, Charlene podia estar numa encrenca terrível.

Eu também estava me sentindo profundamente culpado em relação a Maya. Por quê? Tentei me livrar daquela emoção.

— Que tipo de médica você é? — perguntei, bebendo um pouco d'água.

Ela sorriu, e pela primeira vez vi a energia dela subir. Ela também resolveu confiar em mim.

— Deixe que eu lhe fale do tipo de medicina que eu pratico — disse ela. — A medicina está mudando, e rápido. Já não se pensa mais no corpo como uma máquina, com peças que se desgastam e precisam ser consertadas ou trocadas. Estamos começando a entender que a saúde do corpo é muito determinada por nossos processos mentais: o que achamos da vida e especialmente de nós mesmos, tanto em nível consciente quanto inconsciente.

— Isso representa uma mudança fundamental. Pelo método antigo, o médico era o especialista que tinha o poder de curar, e o paciente, o recipiente passivo, torcendo para que o médico soubesse todas as respostas. Mas agora sabemos que o estado de espírito do paciente é fundamental. Uns fatores fundamentais são o medo e o estresse e a forma como lidamos com eles. Às vezes o medo é consciente, mas é muito comum reprimirmos totalmente esse sentimento.

— Essa é a atitude machista: negar o problema, afastá-lo, evocar nossa agenda heroica. Quem adota essa atitude continuará a ser corroído pelo medo. Uma postura positiva é extremamente benéfica para a saúde, mas é preciso assumi-la com consciência, usando o amor e não o machismo para que ela seja plenamente eficaz. O que acredito é que nossos medos não falados bloqueiam a nossa energia, e é sobretudo esse bloqueio que acaba causando os problemas. Os medos continuam se manifestando em graus cada vez maiores até os enfrentarmos. Os problemas físicos são o último passo. O ideal é que esses bloqueios sejam tratados logo, de forma preventiva, antes que a doença se desenvolva.

— Então você acha que todas as doenças podem, em última instância, ser evitadas ou curadas?

— Acho, claro que podemos ter uma vida mais longa ou mais curta; isso provavelmente depende do Criador, mas a gente não precisa adoecer, e não precisa sofrer tantos acidentes.

— Então você acha que isso se aplica tanto a um acidente, como a minha entorse, quanto às doenças?

Ela sorriu.

— Em muitos casos, sim.

Eu estava confuso.

— Olhe, agora eu não tenho tempo. Estou realmente preocupado com minha amiga. Preciso fazer alguma coisa!

— Eu sei, mas tenho o palpite de que essa conversa não vai demorar muito. Se você sair correndo sem fazer caso do que estou dizendo, talvez não veja o significado disso que obviamente é uma coincidência e tanto aqui.

Ela olhou para mim para ver se eu havia entendido sua referência ao Manuscrito.

— Está por dentro das Visões? — perguntei.

Ela balançou a cabeça.

— O que exatamente sugere que eu faça?

— Bem, a técnica que eu costumo usar com grande sucesso é a seguinte: primeiro, tentamos lembrar o tipo de pensamento que tínhamos pouco antes do problema de saúde — em seu caso, a entorse. Em que estava pensando? Qual é a ameaça que esse problema está lhe revelando?

Pensei um pouco, depois disse:

— Eu estava com medo, dividido. Essa situação aqui estava parecendo mais sinistra do que eu imaginava. Não me sentia preparado para enfrentá-la. Por outro lado, sabia que Charlene devia estar precisando de ajuda. Eu estava confuso e sem saber o que fazer.

— Então torceu o tornozelo?

Inclinei-me para ela.

— Está dizendo que eu me sabotei para não ter que tomar uma atitude? Isso não é simples demais?

— Você é quem pode dizer, não eu. Mas em geral a coisa é simples. Além do mais, o mais importante é não ficar perdendo tempo se

defendendo ou tentando provar um ponto de vista. Entre no jogo. Tente lembrar de tudo que puder sobre a origem do problema de saúde.

— Como?

— Você tem de aquietar sua mente e receber esta informação.

— Intuitivamente?

— Intuitivamente, como que orando, seja qual for a sua concepção do processo.

Resisti novamente, em dúvida se eu conseguiria relaxar e limpar a mente. Afinal fechei os olhos, e por um momento meus pensamentos cessaram, mas em seguida veio uma sucessão de lembranças de Wil e dos acontecimentos daquele dia. Deixei-as passar e tornei a limpar a mente. Na mesma hora, vi uma cena de quando eu tinha dez anos, saindo de campo mancando no meio de uma partida de futebol, consciente de que meu sofrimento era fingido. É mesmo!, pensei. Eu costumava simular entorses para evitar agir sob pressão. Havia esquecido isso completamente! Me dei conta de que depois passei a realmente machucar frequentemente o tornozelo, em qualquer tipo de situação. Enquanto eu refletia sobre essa lembrança, tive outro lampejo, vendo-me numa cena em outro tempo, todo atrevido, confiante, atirado, trabalhando à luz de vela numa sala escura quando a porta foi arrombada e eu fui arrastado cheio de pavor.

Abri os olhos e olhei para Maya.

— Talvez eu tenha alguma coisa.

Partilhei o conteúdo da lembrança infantil, mas a outra visão era vaga demais para poder ser descrita, então não a mencionei.

Depois, Maya perguntou:

— O que acha?

— Não sei; aparentemente a entorse foi totalmente por acaso. É difícil imaginar que o acidente tenha sido causado por essa necessidade de fugir da situação. Além do mais, já estive em situações piores várias vezes e não torci o pé. Por que isso foi acontecer agora?

Ela ficou pensativa.

— Quem vai saber? Talvez tenha chegado a hora de compreender o hábito. Os acidentes, as doenças, o processo de cura, tudo isso é um mistério maior do que se pode imaginar. Acredito que temos uma capacidade ainda desconhecida que nos faz influenciar o que nos acontece no futuro, inclusive em termos de saúde, embora, nesse aspecto também, o poder tenha que continuar com o paciente.

— Eu tenho motivos para não querer dar minha opinião sobre a gravidade da sua entorse. Nós que estamos nessa profissão sabemos que as opiniões médicas precisam ser dadas com muito cuidado. Com o tempo, as pessoas foram desenvolvendo uma certa idolatria pelos profissionais da medicina, e, quando um médico diz alguma coisa, os pacientes acham que é lei. O médico do interior no século passado sabia disso e partiria desse princípio para pintar um quadro extremamente otimista de qualquer situação. Se o médico dizia que o paciente ia melhorar, em geral o paciente internalizava essa ideia e realmente desafiava todas as probabilidades para se recuperar. Ultimamente, porém, considerações éticas vêm evitando esse tipo de distorção, e o sistema vem achando que o paciente tem direito a uma avaliação fria e científica de sua situação.

— Infelizmente, essa sinceridade já matou muitos pacientes diante do médico, só porque eles foram informados de que tinham uma doença terminal. Sabemos agora que precisamos ter muito cuidado com essas avaliações, por causa da força da nossa mente. Queremos focalizar essa força para um lado positivo. O corpo tem uma capacidade de regeneração milagrosa. Órgãos tidos antigamente como formas sólidas na verdade são sistemas de energia que podem se transformar do dia para a noite. Já leu a última pesquisa sobre o poder da oração? O simples fato de estar sendo provado cientificamente que esse tipo de visualização espiritual funciona, abala todo o nosso antigo modelo terapêutico. Estamos tendo que trabalhar com um novo modelo.

Ela parou, molhou mais a toalha em volta do meu tornozelo e prosseguiu.

— Acho que o primeiro passo nesse processo é identificar a ameaça que um determinado problema de saúde evoca; isso

desbloqueia o corpo e deixa a energia fluir para uma cura consciente. O passo seguinte é absorver o máximo de energia e se concentrar no ponto exato do bloqueio.

Eu já ia perguntar como se fazia isso, mas ela me interrompeu.

— Vá em frente e aumente ao máximo o seu nível de energia.

Aceitando a orientação dela, comecei a prestar atenção na beleza da paisagem à minha volta e a me concentrar numa ligação espiritual dentro de mim, evocando uma exacerbada sensação de amor. Gradativamente as cores foram se avivando mais e tudo se tornou mais presente em minha consciência. Percebi que ela estava elevando sua própria energia também.

Quando tive a sensação de que minha vibração aumentara ao máximo, olhei para ela.

Ela sorriu para mim.

— Pronto, agora você pode focalizar a energia no bloqueio.

— Como? — perguntei.

— Use a dor. É para isso que ela existe, para ajudar na focalização.

— O quê? A ideia não é a gente se livrar da dor?

— Infelizmente isso é o que sempre se pensou, mas a dor realmente é um farol.

— Um farol?

— É — disse ela, pressionando meu pé em vários pontos. — Como está a dor agora?

— Está latejando, mas não está doendo muito.

Ela tirou a toalha.

— Centre sua atenção na dor e tente senti-la ao máximo. Determine o ponto exato.

— Eu sei onde é. É no tornozelo.

— Sim, mas a área do tornozelo é grande. Qual é o ponto exato.

Estudei a dor. Ela tinha razão. Eu estava generalizando aquela sensação para o tornozelo todo. Mas, quando eu ficava com a perna esticada e os dedos do pé apontados para cima, a dor se localizava na parte superior esquerda dessa junta e cerca de dois centímetros para dentro.

— Pronto — disse eu. — Já localizei.

— Agora centre sua atenção neste ponto exato. Transporte-se todo para lá.

Fiquei alguns minutos calado. Em total concentração, senti plenamente o ponto doloroso em meu tornozelo. Notei que tudo o mais que me tornava consciente do meu corpo — a respiração, a localização de minhas mãos e braços, o suor melado em minha nuca — se diluía em segundo plano.

— Sinta plenamente a dor — lembrou ela.

— Certo — disse eu. — Estou sentindo.

— O que está acontecendo com a dor? — perguntou ela.

— Ainda está doendo, mas está diferente. Está ficando mais quente, incomodando menos, parece uma dormência.

Enquanto eu estava dizendo isso, a dor foi voltando ao que era.

— O que aconteceu? — perguntei.

— Acho que a dor tem outra função além de nos dizer que algo está errado. Talvez indique também a localização exata do problema, como um farol a nos guiar pelo nosso corpo, para que possamos centrar nossa atenção no ponto exato. É quase como se a dor e nossa concentração não pudessem ocupar o mesmo espaço. Obviamente, em casos extremos, quando a concentração é impossível, podemos usar anestésicos para mitigar o sofrimento, embora eu ache que é melhor manter um pouco da dor para que o efeito farol possa ser utilizado.

Ela fez uma pausa e olhou para mim.

— E o próximo passo? — perguntei.

— O próximo passo — respondeu ela — é passar uma energia divina mais elevada para o ponto revelado pela dor, desejando que o amor opere uma transformação nas células dessa região e as leve de volta a um estado de perfeito funcionamento.

Fiquei olhando para ela.

— Vá em frente — disse ela. — Torne a se ligar completamente. Guiarei você.

Balancei a cabeça quando fiquei pronto.

— Sinta a dor com todo o seu ser — começou ela — e agora mentalize a sua energia amorosa dirigindo-se ao centro da dor, colocando esse ponto específico do seu corpo, os próprios átomos, numa vibração maior. Veja as partículas darem um salto quântico e assumirem o padrão de pura energia que é o estado ideal delas. Literalmente sinta uma sensação de formigamento neste ponto à medida que a vibração se acelera.

Após uma pausa de um minuto, ela prosseguiu:

— Agora, continuando a focalizar o ponto da dor, vá sentindo sua energia, o formigamento, lhe subir pelas pernas... pelos quadris... pelo abdome e pelo peito... e chegar ao pescoço e à cabeça. Sinta seu corpo inteiro formigando com a vibração maior. Veja cada órgão operando no nível ideal de eficiência.

Segui à risca essas instruções, e em pouco tempo meu corpo inteiro estava mais leve, mais energizado. Fiquei assim por uns dez minutos, depois abri os olhos e olhei para Maya.

Usando uma lanterna naquela escuridão, Maya estava armando minha barraca numa área plana entre dois pinheiros. Olhando para mim, perguntou:

— Está melhor?

Balancei a cabeça.

— Está entendendo o processo?

— Acho que sim. Passei energia para a dor.

— Sim, mas o que fizemos antes foi igualmente importante. A gente começa analisando o significado do ferimento ou da doença, vendo que a ocorrência daquilo aponta para alguma coisa que nos ameaça e nos segura, e que está se manifestando em nosso corpo. É isso que rompe o bloqueio do medo para que a mentalização possa penetrar.

— Rompido o bloqueio, a gente pode usar a dor como um farol, aumentando a vibração naquela área e depois no corpo todo. Mas identificar a origem do medo é de importância vital. Quando a origem da doença ou do acidente é muito profunda, às vezes é preciso usar hipnose ou uma psicoterapia intensiva.

Contei-lhe sobre aquela visão medieval que eu tivera da porta sendo chutada e eu sendo arrastado.

Ela ficou pensativa.

— Às vezes a origem do bloqueio é muito antiga. Mas, à medida que a gente explora e começa a trabalhar o medo que nos paralisa, a gente vai se conhecendo mais profundamente e entendendo essa nossa vida na Terra. E isso é uma preparação para o último — e, estou convencida, o mais importante — estágio do processo. O mais importante de tudo é olhar o mais profundamente possível para recordar o que a gente quer fazer da vida. A verdadeira cura ocorre quando podemos prever para nós um futuro animador. A inspiração é o que nos mantém em forma. As pessoas não se curam para passar mais tempo diante da televisão.

Fiquei olhando um pouco para ela e falei:

— Você disse que a oração funciona. Qual é a melhor maneira de se rezar por alguém que não está bem?

— Ainda estamos tentando descobrir. Tem a ver com o processo da Oitava Visão de se passar para a pessoa a energia e o amor que fluem para nós da fonte divina, e ao mesmo tempo mentalizar que ela vai lembrar exatamente o que deseja fazer da vida. Claro, às vezes o que ela lembra é que está na hora de fazer a transição para a outra dimensão. Nesse caso, temos que aceitar.

Maya estava terminando de montar a barraca e acrescentou.

— Lembre-se também de que esses procedimentos que recomendo devem ser postos em prática conjuntamente com a melhor medicina tradicional. Se estivéssemos perto da minha clínica, eu faria um exame completo em você, mas nessa situação, a menos que não concorde, sugiro que passe a noite aqui. É melhor não se mexer muito.

Fiquei olhando, e ela montou meu fogareiro, acendeu-o e preparou uma panela de sopa desidratada.

— Vou voltar para a cidade. Preciso arranjar uma tala para o seu tornozelo e mais alguns suprimentos, que a gente pode precisar. Depois volto para ver você. Vou trazer um rádio também, caso a gente tenha que pedir socorro.

Balancei a cabeça.

Ela passou a água do cantil dela para o meu e olhou para mim. Atrás dela, os últimos raios de luz se dissolviam no poente.

— Você disse que sua clínica era aqui perto? — perguntei.

— Na verdade, fica só oito quilômetros ao sul— explicou — do outro lado do morro, mas por lá não se chega no vale. O único acesso é a estrada principal que sobe pela zona sul da cidade.

— E por que você está aqui?

Ela sorriu e pareceu meio embaraçada.

— Engraçado. Ontem sonhei que tinha vindo fazer outra excursão aqui no vale, e hoje de manhã resolvi que iria fazer exatamente isso. Ando trabalhando muito e acho que estava precisando de um tempo para pensar no que estou fazendo lá na clínica. Minha sócia e eu temos muita experiência com tratamentos alternativos, medicina chinesa, ervas, mas, ao mesmo tempo, temos os melhores recursos da medicina tradicional ao nosso alcance, via computador. Passei anos sonhando com uma clínica desse tipo.

Ela fez uma pausa e disse:

— Antes de você chegar, eu estava ali sentada, e minha energia estava lá em cima. Parecia que eu estava conseguindo ver toda a história da minha vida, todas as minhas experiências, da infância até

agora, passando diante de mim. Foi a experiência mais clara da Sexta Visão que já tive.

— Tudo o que aconteceu foi uma preparação — prosseguiu ela. — Na minha família, minha mãe passou a vida lutando com uma doença crônica, mas nunca trabalhou pela própria cura. Na época, os médicos não sabiam agir de outra forma, mas, durante toda a minha infância, ela se recusava a explorar os próprios medos, e aquilo me irritava. Eu prestava atenção em tudo o que era informação sobre alimentação, vitaminas, nível de estresse, meditação e sobre a influência que isso tem na saúde da gente, tentando convencê-la a se envolver. Na adolescência, eu hesitava entre escolher a vida religiosa ou a medicina. Não sei; era como se eu tivesse uma atração para descobrir como a gente pode usar a intuição e a fé para mudar o futuro, para curar.

— E meu pai — prosseguiu ela. — Ele era diferente. Era biólogo, mas nunca explicava o resultado de suas pesquisas a não ser em monografias acadêmicas. "Pesquisa pura", dizia ele. As pessoas que trabalhavam com ele o tratavam como um deus. Ele estava muito acima de todo mundo, era a autoridade máxima. Eu já era adulta, e ele já tinha morrido de câncer quando compreendi o que o interessava realmente: o sistema imunológico, especificamente, como o empenho e a alegria de viver afetam o sistema imunológico.

— Ele foi a primeira pessoa a ver essa relação, e é isso o que as pesquisas mais modernas estão mostrando. No entanto, nunca cheguei a discutir isso com ele. Primeiro eu me perguntava por que tive um pai que agia daquela maneira. Mas acabei aceitando o fato de que meus pais tinham a combinação de traços e interesses exata para inspirar minha própria evolução. Era por isso que eu queria a companhia deles na infância. Olhando para minha mãe, eu sabia que cada um de nós tem de se dedicar à própria cura. E não se pode passar aos outros essa responsabilidade. A cura essencialmente tem a ver com a superação dos medos associados à vida — o medo das coisas que não queremos enfrentar — e com a descoberta daquilo que nos inspira, uma visão do futuro, que sabemos que estamos aqui para ajudar a criar.

— Graças ao meu pai, vi claramente que a medicina precisa ser mais compreensiva, precisa levar em conta a intuição e a sensibilidade dos pacientes. Precisamos descer da nossa torre de marfim. A combinação do meu pai e da minha mãe me fez procurar um novo paradigma na medicina: baseado na capacidade do paciente de assumir o controle de sua vida e voltar ao caminho certo. Essa é a minha mensagem, acho eu, a ideia de que no fundo sabemos como participar de nossa própria cura, física e emocionalmente. Podemos nos inspirar para delinear um futuro mais elevado e ideal, e, quando fazemos isso, os milagres acontecem.

Levantando-se, ela olhou para meu tornozelo, depois para mim.

— Estou indo — disse ela. — Procure não pôr nem um pouco de peso nesse pé. O que você está precisando é de repouso absoluto. Amanhã estou de volta.

Acho que devo ter demonstrado nervosismo, porque ela se ajoelhou e pousou as duas mãos em meu tornozelo.

— Não se preocupe — disse. — Com uma dose suficiente de energia não há o que não se possa curar — ódios... guerras. É só uma questão de união em torno da visão certa. — Ela deu pancadinhas delicadas no meu pé. — Isso pode ser consertado! Isso pode ser consertado!

Ela sorriu uma vez, depois virou-se e foi embora.

Senti uma vontade enorme de chamá-la para contar tudo o que eu vivenciara na outra dimensão e o que eu sabia sobre o Medo e sobre a volta do grupo, mas fiquei quieto, deixando-me vencer pelo cansaço, satisfeito de vê-la sumir na mata. Amanhã já estava chegando, pensei... porque eu sabia exatamente quem era ela.

RECORDANDO

NA MANHÃ SEGUINTE, acordei sobressaltado, o guincho de um falcão lá no céu me despertando. Fiquei algum tempo de ouvido atento, imaginando a ave planando majestosamente. Ela soltou outro guincho, depois parou. Sentei-me depressa e olhei pela abertura da barraca; o dia estava nublado mas quente, e uma leve brisa balançava a copa das árvores.

Peguei uma atadura na mochila e cuidadosamente enfaixei o tornozelo, tendo muito cuidado com a junta e sentindo muito pouca dor, depois me arrastei para fora da barraca e me levantei. Pus então todo o peso no pé e tentei dar um passo. O tornozelo não tinha muita firmeza, mas, se eu mancasse um pouco, conseguia me sustentar. Perguntei-me: será que o método de Maya ajudara, ou será que o tornozelo não estava assim tão machucado? Não havia como saber.

Catei uma muda de roupa na mochila e peguei a louça suja do jantar. Atento a qualquer som ou movimento, fui até o riacho. Quando localizei um ponto de onde eu não seria visto, despi-me e entrei na água, que estava fria e revigorante. Fiquei ali sem pensar, tentando esquecer o nervosismo que eu começava a sentir, apreciando a cor das folhas lá no alto.

De repente comecei a me lembrar de um sonho da noite anterior. Eu estava sentado numa pedra... alguma coisa estava acontecendo... Wil estava presente... e outras pessoas. Vagamente me lembrei de um campo azul e dourado. Esforcei-me mais um pouco, mas não consegui lembrar de mais nada.

Abrindo um tubo de sabão, reparei que as árvores e as moitas à minha volta pareciam ampliadas. De alguma forma, o ato de recordar o meu sonho me energizara. Sentindo-me mais leve, tomei meu banho e lavei a louça depressa. Quando já estava terminando, reparei que, à minha direita, havia uma pedra muito parecida com aquela em que eu estava sentado no sonho: Parei e examinei-a com mais atenção. Era uma

laje com cerca de três metros de diâmetro, exatamente com a mesma forma e a mesma cor da do sonho.

Minutos depois, eu já havia desmontado a barraca, arrumado a mochila e escondido minhas coisas embaixo de uns galhos caídos. Depois, voltei para sentar na pedra e tentar me lembrar do campo azul e da posição exata que Wil ocupava no sonho. Ele esteve à minha direita, um pouco atrás de mim. Nesse instante, me veio à mente uma imagem nítida de seu rosto, como numa foto em dose. Esforçando-me para reter os detalhes exatos, recriei sua imagem e coloquei-a no campo azul.

Segundos depois, senti uma pressão no plexo solar e novamente estava passando pelo meio das cores. Quando parei, o ambiente era de um tom de azul pálido e luminoso, e Wil estava a meu lado.

— Graças a Deus você voltou! — disse ele, aproximando-se. — Ficou tão denso que não consegui achá-la.

— O que aconteceu antes? — perguntei. — Por que o zumbido ficou tão forte?

— Não sei.

— Onde estamos agora?

— Aqui é um nível especial onde parece que os sonhos acontecem.

Olhei para o azul à nossa volta. Nada se movia.

— Você estava aqui?

— Estava, vim aqui antes de encontrar você lá na cascata, embora na hora eu não soubesse por quê.

Ficamos estudando outra vez a paisagem por algum tempo, depois Wil perguntou:

— O que lhe aconteceu quando você voltou?

Animado, comecei a descrever tudo que acontecera, focalizando primeiro a previsão de Joel a respeito do colapso do meio ambiente e da sociedade. Wil ouviu atentamente, digerindo todos os aspectos do ponto de vista de Joel.

— Ele estava exprimindo o Medo — comentou Wil.

Balancei a cabeça.

— Concordo. Acha que isso tudo que ele disse está acontecendo mesmo? — perguntei.

— Acho que o perigo é que um monte de gente está começando a acreditar que esteja. Lembrando o que dizia a Nona Visão: à medida que avança, o renascimento espiritual precisa superar uma polarização do Medo.

Encarei Wil.

— Conheci outra pessoa, uma mulher.

Wil me ouviu contar a experiência com Maya, particularmente os detalhes da minha entorse e os métodos terapêuticos de Maya.

Quando terminei, ele ficou com o olhar distante, pensativo.

— Acho que Maya é a mulher da visão de Williams acrescentei. — A mulher que tentava evitar a guerra com os americanos nativos.

— Talvez a concepção de tratamento dela seja a chave para se lidar com o Medo — retrucou Wil.

Balancei a cabeça para que ele continuasse.

— Isso tudo faz sentido — disse ele. — Olhe o que já aconteceu. Você veio aqui procurando Charlene e conheceu David, que disse que a Décima era uma maior compreensão do renascimento espiritual que está ocorrendo neste planeta, uma compreensão que atingimos quando entendemos a relação que temos com a dimensão da Outra Vida. Disse que a Visão tem algo a ver com o esclarecimento da natureza das intuições, de retermos essas intuições em nossa mente, de enxergarmos nosso caminho sincrônico mais plenamente.

— Depois, você descobriu como reter suas intuições assim e me encontrou na cascata, e eu confirmei que, quando não deixamos escapar as intuições, nossas próprias imagens mentais, estamos empregando o modo operacional da Outra Vida, e os seres humanos estão se alinhando a essa outra dimensão. Em seguida, estávamos assistindo à Revisão de Vida de Williams, assistindo à agonia dele por

não se lembrar de uma coisa que ele queria fazer, que era se juntar a um grupo de pessoas e vir ajudar a enfrentar esse Medo que está ameaçando nosso despertar espiritual.

— Ele diz que precisamos entender esse Medo para poder fazer alguma coisa com ele, e aí a gente se separa e você encontra um jornalista, Joel, que leva um bom tempo enunciando o quê? Uma visão medrosa do futuro. Na verdade, o medo da destruição completa da civilização.

— Então, obviamente, em seguida você encontra uma mulher que só vive para curar e promove a cura estimulando a memória das pessoas para ajudá-las a se desbloquearem, ajudando-as a ver por que estão aqui neste planeta. Essa *recordação* tem que ser a chave.

Um movimento súbito chamou nossa atenção. Outro grupo espiritual parecia estar se formando a uns trinta e cinco metros dali.

— Esse grupo deve estar aqui para ajudar alguém a sonhar — disse Wil.

Olhei sério para ele.

— Eles nos ajudam a sonhar?

— De certa forma, sim. Havia outros espíritos aqui quando você sonhou ontem à noite.

— Como você sabe que sonhei?

— Quando você voltou de repente para o plano físico, tentei encontrá-lo, mas não consegui. Então, enquanto esperava, comecei a ver seu rosto e vim para cá. Da última vez que estive aqui, não entendi bem o que estava havendo, mas agora acho que entendo o que acontece quando a gente sonha.

Meneei a cabeça, sem entender nada.

Ele apontou para os espíritos.

— Aparentemente tudo acontece em sincronia. Esses seres que você está vendo devem estar aqui, como eu estava, por coincidência e agora devem estar esperando para ver quem chega em sonho.

O zumbido de fundo ficou mais alto e eu não consegui responder. Estava confuso, atordoado. Wil chegou mais perto e tocou de novo nas minhas costas.

— Fique aqui comigo! — disse. — Há alguma razão para termos que ver isso.

Esforcei-me para limpar a mente, então notei outra forma se materializando ao lado dos espíritos. Primeiro pensei que fossem outros aparecendo, mas depois me dei conta de que a formação era muito maior do que qualquer coisa que eu já havia visto: uma cena inteira sendo projetada à nossa frente, feito um holograma, com personagens, cenário, diálogo e tudo. Um único indivíduo parecia estar no centro da ação, um homem vagamente familiar. Concentrando-me um pouco, vi que a pessoa à nossa frente era Joel.

Enquanto assistíamos, a cena foi-se desenrolando, como um filme. Esforcei-me para acompanhar, mas ainda estava meio zozzo; não conseguia entender direito o que se passava. Quando as coisas foram acontecendo e o diálogo foi ficando mais intenso, os espíritos e o jornalista foram se aproximando. Algum tempo depois, parecia que a representação tinha acabado, e todos desapareceram.

— O que está havendo? — perguntei.

— O indivíduo no centro da cena estava sonhando — respondeu Wil.

— Era Joel, o homem de quem lhe falei — retruquei.

Wil virou-se pasmo para mim.

— Tem certeza?

— Tenho.

— Você entendeu esse sonho que ele teve?

— Não, não consegui bem. O que aconteceu?

— O sonho era sobre uma guerra. Ele estava fugindo de uma cidade bombardeada, tudo explodindo em volta dele, e ele correndo para salvar a pele, sem pensar em mais nada a não ser segurança e sobrevivência. Quando conseguiu chegar no alto de um morro,

escapando daquele horror, olhou para a cidade lá embaixo e lembrou que havia recebido ordens para encontrar outro grupo de soldados e fornecer uma peça secreta para um novo artefato que neutralizaria as armas do inimigo. Horrorizado, ele então se deu conta de que como não havia aparecido, os soldados e a cidade agora estavam sendo sistematicamente destruídos diante de seus olhos.

— Um pesadelo — comentei.

— É, mas tem um significado. Quando sonhamos, inconscientemente nos transportamos para este nível de sono, e outros espíritos vêm nos ajudar. Não se esqueça de que uma das funções dos sonhos é esclarecer como devemos lidar com determinadas situações de nossa vida. A Sétima Visão diz que para interpretar os sonhos devemos superpor a trama do sonho à situação que estamos enfrentando.

Virei-me e olhei para Wil.

— Mas qual é o papel dos espíritos?

Tão logo fiz essa pergunta, recomeçamos a nos mover. Wil continuou com a mão em minhas costas. Quando paramos, a luz estava mudando para um verde vivo, mas eu via ondas douradas circulando à nossa volta. Quando focalizei com mais intensidade, as riscas douradas viraram espíritos individuais.

Olhei para Wil, que dava um largo sorriso. Esse local parecia ter clima de celebração e alegria. Enquanto eu olhava os espíritos, vários vieram para a nossa frente e formaram um grupo. Tinham um rosto largo e sorridente, ainda difícil de focalizar por um segundo que fosse.

— São tão cheios de amor — disse eu.

— Veja se consegue captar um pouco do conhecimento deles — aconselhou Wil.

Quando me concentrei neles com essa intenção, percebi que esses espíritos tinham uma ligação com Maya. Na verdade, estavam extasiados com as revelações de Maya a seu próprio respeito, especialmente com seu entendimento da preparação de vida que seus pais lhe proporcionaram. Parecia que sabiam que Maya experimentara

uma revisão integral da Sexta Visão e estava prestes a lembrar por que nascera.

Virei-me para ficar de frente para Wil, que comunicou que ele, também, estava vendo as imagens.

Nesse instante ouvi de novo o zumbido; meu estômago se contraiu. Wil ficou segurando firme o meu ombro e as minhas costas. Quando o som cessou, minha vibração caiu drasticamente, e olhei para o grupo espiritual, tentando me abrir para me ligar à sua energia, para ver se realçava a minha. Para meu espanto, o grupo de repente saiu de foco e foi se colocar num ponto duas vezes mais longe.

— O que aconteceu? — perguntei.

— Você tentou se ligar àqueles espíritos para aumentar a sua energia — respondeu Wil, em vez de se recolher e se ligar diretamente à energia de Deus dentro de você. Eu já fiz isso uma vez. Os espíritos não permitem que você os confunda com a fonte divina. Sabem que esse tipo de identificação não ajuda o seu crescimento.

Concentrei-me e minha energia voltou.

— Como a gente os faz voltar? — perguntei.

Na hora em que falei, eles voltaram à posição original.

Wil e eu nos entreolhamos, e aí ele ficou fitando o grupo com uma expressão espantada.

— O que você está vendo? — perguntei.

Ele apontou para os espíritos sem pestanejar, e eu me concentrei também no grupo espiritual, tentando captar novamente um pouco de seu conhecimento. Depois de algum tempo, comecei a ver Maya. Ela estava imersa num ambiente verde. Suas feições eram ligeiramente diferentes e brilhavam intensamente, mas eu tinha certeza absoluta de que era ela. Enquanto eu focalizava seu rosto, uma imagem holográfica apareceu à nossa frente — uma imagem de Maya outra vez na época da guerra do século XIX, diante de uma cabana de madeira com várias pessoas, animada com a ideia de deter o conflito.

Ela parecia estar sentindo que o sucesso de uma façanha como aquela era apenas uma questão de se atingir a energia. Isso só seria alcançado se as pessoas certas se unissem em torno de uma mesma intenção, pensou. O mais atento era um jovem ricamente vestido. Vi que ele era aquele homem corpulento que depois foi morto com ela. Avançando, a visão passou para aquela sua tentativa frustrada de dialogar com os líderes militares, e depois para a mata, onde ela e o jovem morreram.

Enquanto assistíamos, ela despertou na Outra Vida e passou sua existência em revista, pasma diante da obstinação, da ingenuidade até, com que lutara por aquele objetivo de impedir a guerra. Sabia que muitos estavam certos: ainda não era a hora. As lembranças que tínhamos da Outra Vida ainda não eram suficientes para que realizássemos tal façanha. Por enquanto.

Após a revista, vimos Maya passar para o ambiente verde, cercada pelo mesmo grupo de espíritos que estava agora diante de nós. Espantosamente, a expressão daqueles rostos todos parecia ter uma coisa em comum. Num determinado nível, por trás de suas feições, todos se pareciam com Maya.

Olhei para Wil com uma expressão interrogativa.

— Esse é o *grupo espiritual* de Maya — disse ele.

— O que você quer dizer? — perguntei.

— É um grupo de espíritos que têm a mesma vibração que ela — disse ele animado. — Isso faz o maior sentido. Uma das jornadas que eu fiz, antes de encontrar você, foi para outro grupo que, de certa forma, se parecia com você. Acho que era o seu grupo espiritual.

Antes que eu pudesse abrir a boca, houve um movimento no grupo espiritual à nossa frente. Novamente surgia uma imagem de Maya. Ainda rodeada por seu grupo no ambiente verde, parecia que ela estava calmamente parada diante de uma luz branca muito intensa, semelhante à que havíamos visto na Revisão de Vida de Williams. Ela estava consciente de que havia algo de muito profundo acontecendo. Sua capacidade de se deslocar na Outra Vida diminuía, e sua atenção

se voltava novamente para a Terra. Ela estava vendo sua futura mãe, recém-casada, sentada numa varanda, se perguntando se teria saúde para enfrentar uma gravidez.

Maya estava começando a se dar conta do progresso que faria se nascesse daquela mãe. A mulher se preocupava profundamente com a própria saúde e, assim, bem depressa iria gerar um interesse pelas questões de saúde na mente da criança. Seria o ambiente perfeito para despertar o interesse por medicina e pela arte de curar. E, se ela crescia com a psicologia daquela mulher, aquele não seria um conhecimento apenas teórico, em que o ego inventa uma teoria fantástica e jamais a confronta com os desafios da vida real. Maya sabia que ela própria tinha uma tendência para a fantasia e que já pagara um preço alto por essa falha. Isso não tornaria a acontecer, não com aquela lembrança inconsciente do que acontecera no século XIX a lembrar-lhe que fosse muito cautelosa. Não, ela iria com calma, se isolaria mais, e o ambiente definido por aquela mulher seria perfeito.

O olhar de Wil cruzou com o meu.

— Estamos vendo o que aconteceu quando ela começou a contemplar a vida atual dela — disse ele.

Maya agora via como poderia ser o relacionamento dela com a mãe. Ela cresceria convivendo com a negatividade da mãe, com seus medos, sua tendência a culpar os médicos, e essa convivência despertaria seu interesse pela ligação mente/corpo e pela responsabilidade que o paciente tem em sarar, e ela devolveria essa informação à mãe, que então poderia se envolver na própria recuperação. A mãe seria sua primeira paciente, depois um apoio-chave, um exemplo importante dos benefícios da nova medicina.

O foco de Maya passou para o futuro pai, sentado ao lado da mulher no balanço. De vez em quando, a mulher fazia uma pergunta e ele respondia com uma frase lacônica. O que ele queria na realidade era ficar ali sentado contemplando, sem falar. A mente dele estava literalmente explodindo com possibilidades de pesquisas e perguntas exóticas sobre biologia que, ele sabia, nunca haviam sido feitas antes — em particular a relação entre inspiração e o sistema imunológico. Maya

viu as vantagens desse desligamento. Com o pai, poderia trabalhar a tendência que tinha para se enganar; teria de pensar por si mesma e ser realista, desde o início. Um dia, ela e o pai poderiam estabelecer uma comunicação de base científica, e ele ficaria mais aberto e lhe daria um embasamento técnico com o qual fundamentar seus próprios métodos.

Ela viu claramente que seu nascimento poderia ser vantajoso também para seus pais. Ao mesmo tempo em que seus pais estavam estimulando um interesse terapêutico antigo, ela também os estaria puxando para uma direção predestinada: a mãe para uma aceitação do seu papel pessoal de evitar as doenças, o pai para a superação de sua tendência a se esconder dos outros e viver apenas em sua cabeça.

Enquanto assistíamos, a visão de Maya passou da previsão de seu nascimento para o que poderia lhe acontecer na infância. Ela viu uma multidão de pessoas específicas entrando em sua vida na hora certa para estimular o aprendizado e a experiência. Na faculdade de medicina, só os pacientes e os médicos certos cruzariam seu caminho para orientá-la na direção de uma prática alternativa em sua profissão.

Sua visão mostrou seu encontro com a sócia da clínica e a adoção de um novo modelo terapêutico. Então, revelou outra coisa; ela se envolveria num despertar mais global. Pudemos ver ali sua descoberta das Visões e sua entrada para um grupo específico, um dos muitos grupos independentes que começariam a gravitar juntos pelo mundo inteiro. Esses grupos lembrariam quem eles eram num plano mais elevado e ajudariam a superar a polarização do Medo.

De repente ela se viu tendo uma conversa importante com um homem. Ele era grande, atlético, forte e vestia um uniforme militar. Para espanto meu, percebi que ela sabia que ele era o homem com quem fora morta no século dezenove. Concentrei-me profundamente nele e levei outro choque. Aquele era o mesmo homem que eu havia visto na Revisão de Vida de Williams, o colega de trabalho que ele não pudera ajudar a despertar.

Com isso, a visão de Maya pareceu se ampliar a um nível que ultrapassava minha capacidade de compreensão, seu corpo se integrando à luz ofuscante do fundo. A única coisa que consegui captar

foi que esta visão pessoal do que ela poderia realizar com esse nascimento estava sendo integrada a uma visão que abrangia toda a história e o futuro da humanidade. Ela parecia estar vendo sua vida em potencial de uma perspectiva final, situada precisamente no contexto geral de onde a humanidade vinha e para onde estava indo. Eu sentia tudo isso, mas não conseguia ver propriamente as imagens.

Finalmente a visão de Maya pareceu terminar, e pudemos vê-la novamente no ambiente verde ainda rodeada por seu grupo. Agora eles assistiam a uma cena na Terra. Aparentemente os futuros pais de Maya haviam realmente tomado a decisão de ter um filho e estavam realizando o ato de amor que resultou na concepção dela.

O grupo espiritual de Maya ganhara mais energia e agora se mostrava como um grande redemoinho de um tom pálido de dourado em movimento, cuja luminosidade vinha da luz brilhante do fundo. Pude sentir essa energia como um nível de amor e vibração profundamente verdadeiro, quase orgásmico. Lá embaixo, o casal se abraçava, e, no momento do orgasmo, uma energia esverdeada pareceu escapar da luz, atravessando Maya e seu grupo espiritual, e penetrar no casal. Com um impulso orgásmico, a energia os uniu, atraindo o esperma e o óvulo para aquele encontro predestinado.

Ali assistindo, vimos o momento da concepção e a milagrosa união de duas células formando uma. Lentamente a princípio, depois mais rápido, as células foram se dividindo e diferenciando, finalmente formando um ser humano. Quando olhei para Maya, percebi que ela ia ficando menos nítida após cada divisão celular. Finalmente, quando o feto se desenvolveu, ela desapareceu totalmente. Seu grupo espiritual ficou.

Aparentemente havia mais coisas para se conhecer sobre aquilo que acabávamos de testemunhar, mas desconcentrei-me e perdi-as. Então, de repente, o grupo espiritual também desapareceu e Wil e eu ficamos ali olhando um para o outro. Ele parecia excitadíssimo.

— O que foi isso que vimos? — perguntei.

— Foi todo o processo do nascimento de Maya para esta vida atual — explicou Wil — conservado na memória do grupo espiritual dela.

Conseguimos ver tudo: o conhecimento que ela teve de quem seriam seus pais, o que ela achava que deveria ser realizado, depois a maneira específica em que passou para a dimensão física na concepção.

Fiz um gesto de cabeça para que Wil continuasse.

— O ato de amor propriamente dito abre uma porta da Outra Vida para a dimensão terrena. Parece que, os grupos espirituais existem num estado de amor extremo, mais extremo do que o que você e eu somos capazes de vivenciar, chegando a ser orgásmico por natureza. O clímax sexual abre essa porta para a Outra Vida, e o que experimentamos como orgasmo é simplesmente um lampejo do nível de amor e vibração da Outra Vida na hora em que a porta se abre e a energia passa, potencialmente trazendo uma nova alma. Vimos isso acontecer. A união sexual é um momento sagrado no qual uma parte do Céu flui para a Terra.

Balancei a cabeça, pensando nas implicações do que eu havia visto, e falei:

— Maya aparentemente sabia como seria a vida dela se nascesse daqueles pais.

— Sim, parece que antes de nascer, nós todos temos uma visão de como poderá ser a nossa vida, completada com reflexões sobre nossos pais e sobre nossa tendência a nos engajar em dramatizações de controle específicas, e até sobre como podemos trabalhar essas dramatizações com esses pais e nos preparar para o que desejamos realizar.

— Vi quase tudo isso — disse eu -, mas foi estranho. Comparando com o que ela me contou sobre a vida real dela, essa visão anterior foi mais perfeita do que o que aconteceu de fato — por exemplo, o relacionamento dela com a família. Esse relacionamento não saiu bem do jeito que ela queria. A mãe nunca a entendeu, nem enfrentou a própria doença, e o pai era tão desligado que Maya só soube o que ele estava pesquisando depois que ele morreu.

— Mas isso faz sentido — disse Wil. — A visão aparentemente é a orientação ideal para o que nosso eu mais elevado pretende que

aconteça na vida, é o cenário ideal, por assim dizer, se todos nós seguissemos religiosamente nossas intuições. O que acaba acontecendo é uma aproximação dessa visão, o melhor que se pode fazer, dadas as circunstâncias. Mas isso tudo é mais informação da Décima Visão sobre a Outra Vida que esclarece nossa experiência espiritual na Terra, sobretudo a percepção das coincidências e o modo como a sincronicidade realmente opera.

— Quando uma intuição ou um sonho nos manda tomar um rumo determinado e seguimos essa orientação, vão acontecendo coisas que parecem coincidências mágicas. Sentimo-nos mais vivos e animados. Os acontecimentos parecem *predestinados*, como se estivessem programados para acontecer.

— O que acabamos de ver põe isso tudo numa perspectiva mais elevada. Quando temos uma intuição, uma imagem mental de um futuro possível, na verdade estamos tendo lampejos da memória de nossa Visão de Nascimento, do que desejaríamos fazer numa determinada etapa de nossa jornada. Pode não ser uma coisa exata, porque as pessoas têm livre-arbítrio, mas, quando acontece algo parecido com nossa visão original, ficamos inspirados porque reconhecemos que estamos no caminho que pretendíamos seguir desde sempre.

— Mas como o nosso grupo espiritual se encaixa nisso?

— Somos ligados a ele. Ele nos conhece. Compartilha de nossas Visões de Nascimento, nos segue pela vida e fica conosco quando passamos em revista o que aconteceu. O grupo funciona como um reservatório de lembranças, guardando o conhecimento de quem somos durante nossa evolução.

Ele se interrompeu uni instante, fitando-me nos olhos.

— E aparentemente, quando estamos na Outra Vida e um espírito do nosso grupo nasce no plano físico, fazemos o mesmo em relação a ele. Nós nos tomamos parte do grupo espiritual que o apoia.

— Então, enquanto estamos na Terra — perguntei —, nosso grupo espiritual nos orienta e nos faz intuir as coisas?

— Não, absolutamente. Pelo que pude captar dos grupos espirituais que vi, os sonhos e as intuições são nossos e vêm de uma ligação mais elevada com o divino. Os grupos espirituais apenas nos enviam uma energia extra para nos animar de alguma forma, que ainda não consegui identificar qual é. Mas, animando-nos assim, os grupos nos ajudam a lembrar mais rápido o que já sabíamos.

Eu estava fascinado.

— Então isso explica o que estava acontecendo com o meu sonho e o de Joel.

— Sim. Quando sonhamos, nos reunimos com nosso grupo espiritual e somos estimulados a recordar o que realmente desejávamos fazer naquela situação de vida. Temos lampejos de nossa intenção original. Aí, quando voltamos ao plano físico, retemos essa lembrança, que às vezes se expressa simbolicamente por arquétipos. No seu caso, como você é mais aberto espiritualmente, conseguiu lembrar o conteúdo do sonho bem literalmente. Lembrou que, em sua intenção original, você viu nosso reencontro quando mentalizou meu rosto, então sonhou quase exatamente isso.

— Joel, por outro lado, era menos aberto; teve um sonho mais elaborado e simbólico. Estava com a memória confusa, então a mente consciente dele elaborou a mensagem sob o simbolismo da guerra, passando-lhe apenas a mensagem geral de que, na Visão de Nascimento, ele pretendia ficar e ajudar a enfrentar o atual problema no vale, deixando claro que, se fugisse, iria se arrepender.

— Então os grupos espirituais estão sempre nos enviando energia e torcendo para que cada um de nós se lembre da própria Visão de Nascimento? — perguntei.

— Isso mesmo.

— E foi por isso que o grupo de Maya estava tão feliz?

Wil ficou mais sério.

— O grupo estava feliz por estar recordando por que ela nasceu daqueles pais, vendo como as vidas dela a prepararam para uma

carreira dedicada a curar as pessoas. Mas... essa foi só a primeira parte da Visão de Nascimento dela. Ela ainda tem mais coisas a lembrar.

— Vi essa parte quando ela reencontrou na vida atual o homem com quem foi morta no século XIX. Mas havia outras partes que não consegui entender. E você, entendeu tudo?

— Tudo, não. Teve outra parte sobre a intensificação do Medo. Confirmava que ela faz parte do grupo dos sete que Williams viu voltando. E ela viu o grupo, podendo lembrar uma visão maior que está por trás das nossas intenções individuais, uma coisa que precisamos lembrar se quisermos dissipar o Medo.

Wil e eu ficamos um bom tempo nos entreolhando, depois tornei a sentir no corpo uma vibração, daquela experiência. Aí, uma imagem do homem corpulento com quem Maya viu que se reunira me veio à mente. Quem era ele?

Eu já ia mencionar a imagem a Wil, quando senti um aperto no estômago que me deixou sem ar. Na mesma hora, outro guincho altíssimo me fez cair para trás. Como da outra vez, tentei alcançar Wil e vi o rosto dele saindo de foco. Esforcei-me para olhar mais uma vez, aí me desequilibrei e tornei a despencar em queda livre.

ABRINDO-SE AO CONHECIMENTO

DROGA, PENSEI, DEITADO na pedra, a aspereza da rocha incomodando minhas costas. Estava de novo no riacho. Fiquei um bom tempo contemplando o céu cinzento, agora ameaçando chuva, ouvindo a água correr. Ergui-me apoiado num cotovelo e olhei em volta, imediatamente sentindo que meu corpo estava pesado e cansado, como daquela última vez em que saí da outra dimensão.

Desajeitadamente me levantei, sentindo o tornozelo latejar um pouco, e voltei mancando para a floresta. Tirei os galhos de cima da minha mochila e preparei alguma coisa para comer, fazendo tudo muito devagar, sem pensar. Mesmo enquanto eu comia, minha mente surpreendentemente continuava vazia, como depois de uma longa meditação. Aí, lentamente, comecei a incrementar minha energia, inspirando profundamente e retendo o ar nos pulmões diversas vezes. De repente já estava ouvindo o zumbido novamente. Enquanto ouvia, outra imagem me veio à mente. Eu estava indo para oeste na direção do som, à procura do que o causava.

A ideia me apavorou e me veio aquela necessidade antiga de fugir. Na mesma hora, o zumbido cessou, e ouvi um barulho de folhas farfalhando atrás de mim. Sobressaltado, olhei em volta e vi Maya.

— Você sempre aparece na hora certa? — gaguejei.

— Aparecer! Está maluco? Ando procurando você por todo canto. De onde você veio?

— Eu estava lá na beira do riacho.

— Não, não estava, não; estive ali procurando. — Ela ficou me encarando, depois olhou para o meu pé. — Como vai o tornozelo?

Dei um sorriso forçado.

— Está bom. Escute aqui, estou precisando lhe falar sobre uma coisa.

— Eu também estou precisando falar com você. Alguma coisa muito estranha está acontecendo. Um guarda florestal me viu indo para a cidade ontem à noite, e eu lhe contei o que aconteceu com você. Parecia que ele estava querendo sigilo sobre isso, e ficou insistindo em mandar um caminhão vir pegar você hoje de manhã. O jeito que ele falou foi tão estranho que resolvi vir na frente, mas ele deve estar chegando a qualquer momento.

— Então precisamos ir embora — disse eu, correndo para juntar as coisas.

— Espere aí! Me conte o que está acontecendo.

Ela parecia apavorada.

Parei e olhei para ela.

— Tem alguém que eu não sei quem é fazendo uma experiência qualquer aqui no vale. Acho que minha amiga Charlene está envolvida nisso de alguma maneira, ou deve estar em perigo. Alguém da Guarda Florestal deve ter aprovado isso em segredo.

Ela arregalou os olhos, tentando entender aquilo tudo. Peguei minha mochila e dei a mão a ela.

— Me acompanhe um pouco. Por favor. Há mais coisas que preciso lhe contar.

Ela balançou a cabeça e pegou sua mochila, e, enquanto caminhávamos para leste seguindo o rio, contei-lhe a história inteira, desde que encontrei David e Wil até ter visto a Revisão de Vida de Williams e ouvido Joel. Quando cheguei à parte da Visão de Nascimento dela, fui me sentar numas pedras. Ela se encostou numa árvore à minha direita.

— Você também está envolvida nisso — disse eu. — Naturalmente já deve saber que supostamente esta sua vida gira em torno da introdução de técnicas de terapias alternativas, mas não é só isso que você pretende fazer. Você deve fazer parte desse grupo que Williams viu se formando.

— Como sabe de tudo isso?

— Wil e eu assistimos à sua Visão de Nascimento.

Ela meneou a cabeça e fechou os olhos.

— Maya, cada um de nós vem aqui com uma visão de como coincidências que nos acontecem têm a função de nos manter no bom caminho, de nos fazer lembrar como queríamos que nossa vida corresse.

— E o que mais eu queria fazer?

— Não sei exatamente; não consegui entender. Mas era alguma coisa ligada a esse Medo coletivo que vem crescendo na consciência dos homens. Essa experiência aqui é consequência do Medo... Maya, você pretendia usar seus conhecimentos terapêuticos para ajudar a descobrir o que está acontecendo neste vale. Você tem que se lembrar!

Ela ficou em pé e desviou a vista.

— Ah, não, você não pode botar essa responsabilidade nas minhas costas! Eu não me lembro de nada disso. Estou fazendo exatamente o que deveria estar fazendo como médica. Odeio esse tipo de intriga! Está entendendo? Odeio! Acabei conseguindo ter a clínica do jeito que eu queria. Você não pode esperar que eu me envolva com tudo isso. Arranjou a pessoa errada.

Fiquei olhando para ela, tentando pensar em outra coisa para dizer. Enquanto ela estava calada, ouvi novamente o zumbido.

— Está ouvindo esse barulho, Maya, uma dissonância no ar, um zumbido? É a experiência. Está se ouvindo agora. Tente escutar!

Ela tentou um pouco e disse:

— Não estou ouvindo nada.

Agarrei o braço dela.

— Tente incrementar sua energia!

Ela desvencilhou-se de mim.

— Não estou ouvindo zumbido nenhum! Respirei fundo.

— Está certo, sinto muito. Sei lá, talvez eu esteja enganado. Talvez isso não seja para acontecer assim.

Ela ficou olhando para mim.

— Tem um conhecido meu que trabalha na Chefatura de Polícia. Vou tentar entrar em contato com ele para você. É só o que posso fazer.

— Não sei se isso vai adiantar — disse eu. — Parece que não é todo mundo que consegue ouvir esse som.

— Quer que eu fale com esse meu conhecido?

— Quero, mas diga a ele para fazer uma investigação independente. Não sei se ele pode confiar em todo mundo da Guarda Florestal.

Tornei a pegar a mochila.

— Espero que você compreenda — disse ela. — Não posso me envolver com isso de jeito nenhum. Sinto que aconteceria uma coisa horrível.

— Mas isso é só por causa do que houve da outra vez em que você tentou isso, no século XIX, aqui nesse vale. Lembra de alguma coisa sobre isso?

Ela tomou a fechar os olhos, sem querer escutar.

De repente eu me vi nitidamente de calças de couro, subindo uma montanha correndo, puxando um cavalo de carga. Era a mesma imagem que eu havia visto antes. O homem da montanha era eu! Vi que consegui chegar no alto da montanha e parei para olhar para trás. Dali eu via a cascata e a garganta do outro lado.

Lá estavam Maya, o índio e o jovem representante do congresso. Como na outra visão, a batalha estava acabando de começar. Fiquei nervoso, puxei o cavalo e fui em frente, incapaz de ajudá-los a evitar aquele destino.

Afastei da mente aquelas imagens.

— Tudo bem — disse eu desistindo. — Sei como se sente.

Maya se aproximou.

— Trouxe aqui mais água e comida. O que está planejando fazer?

— Vou seguir para leste... pelo menos por algum tempo. Sei que Charlene estava indo nessa direção.

Ela olhou para o meu pé.

— Tem certeza de que seu tornozelo vai aguentar?

Cheguei mais perto e disse:

— Ainda não lhe agradei pelo que você fez. Meu tornozelo vai ficar bom, acho eu, só está um pouquinho inflamado. Acho que nunca vou saber qual era a gravidade do caso.

— Quando é assim, a gente nunca sabe.

Balancei a cabeça, peguei minha mochila e fui seguindo para leste, olhando para trás uma vez para ver Maya. Por um momento, ela pareceu ter um ar culpado, depois uma expressão de alívio se estampou em seu rosto.

Fui indo na direção do zumbido, sem perder de vista o riacho à minha esquerda, parando apenas para descansar o pé. Por volta do meio-dia, tendo cessado o ruído, parei para almoçar e avaliar a situação. Meu tornozelo estava inchando um pouco e descansei uma hora e meia antes de seguir viagem. Após fazer apenas mais mil e seiscentos metros, fui vencido pelo cansaço e parei novamente para descansar. No meio da tarde, eu procurava um lugar para acampar.

Eu estava passando por uma mata fechada à margem do riacho, porém mais adiante a paisagem se abria numa série de meias-laranjas cobertas de florestas seculares — árvores de trezentos a quatrocentos anos. Por entre as plantas, vi uma grande crista de morro se erguendo a sudoeste, a uns mil e seiscentos metros.

Perto do topo da primeira colina, avistei um platô coberto de relva que parecia o lugar ideal para se passar a noite. Indo para lá, um movimento nas árvores me chamou a atenção. Escondi-me atrás de um rochedo e olhei. O que era? Um veado? Uma pessoa? Esperei um pouco, depois fui indo para o norte. Quando cheguei mais perto, vi um homem corpulento uns cem metros ao sul do platô, aparentemente também se preparando para acampar. Bem agachado e movendo-se com habilidade, ele agilmente ergueu uma pequena barraca e camuflou-a

com galhos. Por um instante, achei que poderia ser David, mas esse homem tinha gestos diferentes e era muito grande. Então, perdi-o de vista.

Esperei bastante ali mesmo e resolvi seguir para o norte até não poder mais ser avistado. Mal tinha caminhado cinco minutos quando o homem surgiu à minha frente.

— Quem é você? — perguntou.

Eu lhe disse meu nome e resolvi ser franco.

— Estou procurando uma amiga.

— Aqui é perigoso — avisou. — Acho melhor você voltar. Isso tudo é propriedade particular.

— O que você está fazendo aqui? — perguntei.

Ele estava calado, com o olhar parado.

Então me lembrei do que David havia me contado.

— Você é Curtis Webber? — perguntei.

Ele ficou me encarando mais um pouco, e de repente abriu um sorriso.

— Você conhece o David Águia Solitária!

— Só tivemos uma conversa rápida, mas ele me contou que você estava aqui e mandou lhe dizer que estava vindo para o vale e iria encontrá-lo.

Curtis balançou a cabeça e olhou para a sua barraca.

— Está ficando tarde, e a gente precisa se esconder. Vamos lá para a minha barraca. Você pode passar a noite lá.

Fui atrás dele descendo uma vertente e subindo por outra onde aquelas árvores maiores nos davam cobertura. Enquanto eu armava minha barraca, ele acendeu o fogareiro dele e abriu uma lata de atum. Eu contribuí com um pacote de pão que Maya me dera.

— Você falou que está procurando uma pessoa — disse Curtis. — Quem?

Rapidamente lhe contei o desaparecimento de Charlene e que David a havia visto andando pelo vale; e também que eu achava que ela devia estar vindo nessa direção. Não falei do que tinha acontecido na outra dimensão, mas mencionei ter ouvido o zumbido e visto os jipes.

— O zumbido — respondeu ele — vem de um aparelho para gerar energia; estão fazendo experiências aqui com esse aparelho por algum motivo. Isso eu garanto. Mas não sei se a experiência está sendo conduzida por um serviço secreto do governo ou por um grupo privado. A maioria dos guardas florestais parece por fora do que está acontecendo; mas os administradores, eu não sei.

— Você já falou sobre isso com a mídia ou com as autoridades locais? — perguntei.

— Ainda não. O fato de não ser todo mundo que ouve o zumbido é um problema. — Ele olhou para o vale. — Se ao menos eu soubesse onde eles estão. Somando o que é propriedade particular com o que é Parque Florestal, dá uma área de milhares de hectares onde eles podem estar. Acho que querem fazer a experiência e dar o fora antes que alguém saiba o que aconteceu. Isto é, se puderem evitar uma tragédia.

— Como assim?

— Eles poderiam destruir totalmente esse lugar, torná-lo uma zona misteriosa, outro Triângulo das Bermudas onde as leis da física vivem mudando. — Ele me encarou. — O que eles sabem fazer é incrível. Quase ninguém tem ideia da complexidade dos fenômenos eletromagnéticos. Nas mais modernas teorias dos supercondutores, por exemplo, é preciso partir do princípio que essa radiação atravessa nove dimensões só para fazer a matemática funcionar. Esse dispositivo tem potencial para romper essas dimensões. Pode desencadear terremotos violentos e até a desintegração total de certas áreas.

— Como sabe disso tudo? — perguntei.

Ele ficou com um ar abatido.

— Porque, na década de 80, ajudei a desenvolver essa tecnologia. Trabalhava numa multinacional que eu achava que se chamava Deltech, mas, depois que fui despedido, descobri que Deltech era um nome

fantasia. Já ouviu falar em Nikola Tesla? Bem, desenvolvemos várias teorias dele e ligamos algumas descobertas que ele fez a outras tecnologias fornecidas pela companhia. O engraçado é que essa tecnologia se compõe de várias partes que não têm nada a ver umas com as outras, mas basicamente é assim que funciona. Imagine que o campo eletromagnético da Terra é uma bateria gigante com capacidade para fornecer energia elétrica à vontade se puder ser feita a ligação correta. Para isso é preciso combinar um sistema supercondutivo de geração em temperatura ambiente com um inibidor de alimentação eletrônico complicadíssimo, que, matematicamente, aumenta certas ressonâncias estáticas da energia produzida. Aí a gente faz uma ligação em série com várias delas, ampliando e gerando a carga, e, quando obtém as calibrações exatas, pronto, tem uma energia praticamente de graça tirada do ar. Para começar, é preciso um pouco de eletricidade, pode ser uma célula foto elétrica ou uma bateria, mas depois a energia se autoperpetua. Um dispositivo do tamanho de uma bomba termal poderia fornecer energia para várias casas, e até para uma pequena fábrica.

— Mas há dois problemas. Primeiro, calibrar esses minigeradores é complicadíssimo. Tínhamos acesso a alguns dos maiores computadores do mundo e não conseguimos. Depois, descobrimos que, quando tentávamos conseguir uma saída maior do que aquela relativamente pequena, aumentando o deslocamento da massa, criávamos uma grande instabilidade em volta do gerador e o espaço começava a se deformar. Não sabíamos disso na época, mas estávamos captando energia de outra dimensão, e umas coisas estranhas começaram a acontecer. Uma vez, fizemos o gerador inteiro desaparecer, exatamente como o que aconteceu na Experiência de Filadélfia.

— Acha que conseguiram mesmo fazer um navio desaparecer e aparecer de novo em outro lugar, em 1943?

— Claro que conseguiram! Tem muita tecnologia secreta por aí, e o pessoal é esperto. No nosso caso, conseguiram suspender o trabalho da nossa equipe em menos de um mês e despedir todos nós sem falha nenhuma na segurança, porque cada equipe trabalhava numa parte estanque da tecnologia. Não que eu tenha ficado me fazendo muitas

perguntas na época. Achei mesmo que os obstáculos eram grandes demais e que aquela pesquisa não tinha futuro — embora tivesse ouvido que vários funcionários antigos haviam sido contratados por outra empresa.

Ele ficou com um ar pensativo, depois prosseguiu.

— Eu sabia que queria mesmo fazer outra coisa. Agora dou consultoria a firmas pequenas de tecnologia, para ajudá-las a melhorar a capacidade de pesquisa e aproveitar o lixo, esse tipo de coisa. E quanto mais faço esse trabalho, mais me convenço de que as Visões estão influenciando a economia. Nossa maneira de fazer negócios está mudando. Mas achava que ainda teríamos que trabalhar muito tempo com fontes de energia tradicionais. Há anos não pensava nas experiências com energia até me mudar para essa região. Você pode imaginar o choque que levei quando cheguei aqui nesse vale e ouvi o mesmo som — esse zumbido característico — que ouvi todos os dias durante anos enquanto trabalhamos no projeto?

— A pesquisa foi levada avante e, a julgar por essas vibrações, progrediu muito. Tentei entrar em contato com duas pessoas que podiam verificar o som e talvez ir comigo à Comissão de Energia ou a um comitê do Congresso, mas descobri que um já tinha falecido há dez anos e o outro, meu melhor amigo quando estava naquela empresa, também morreu. Teve um infarto ainda ontem.

A voz dele foi sumindo.

— Desde então — prosseguiu — estou aqui na escuta, tentando descobrir por que eles estão aqui nesse vale. Em geral, esse tipo de experiência é feito em qualquer laboratório. Quer dizer, por que não? A fonte de energia usada é o próprio ar, e o ar está em toda a parte. Mas aí eu me dei conta. Eles devem achar que estão quase conseguindo as calibragens perfeitas, o que significa que estão trabalhando no problema da amplificação. Acho que estão querendo fazer a ligação com os vórtices de energia desse vale para tentar estabilizar o processo.

Uma onda de irritação passou-lhe pelo rosto.

— O que é uma loucura e totalmente desnecessário. Se realmente conseguirem ajustar as calibrações, não há por que não se usar a tecnologia em pequenas unidades. Na verdade, essa é a maneira perfeita de usá-la. O que estão tentando fazer é loucura. Estou bem por dentro para ver os perigos. Fique sabendo que eles podem estragar totalmente esse vale, ou coisa pior. Se focalizarem essa coisa nas faixas interdimensionais, quem sabe o que pode acontecer?

Ele parou bruscamente.

— Sabe do que estou falando? Já ouviu falar nas Visões?

Fiquei olhando para ele e falei:

— Curtis, preciso lhe contar o que senti nesse vale. Talvez você nem acredite.

Ele balançou a cabeça e escutou atentamente enquanto eu descrevia o meu encontro com Wil e minha exploração da outra dimensão. Quando cheguei à Revisão de Vida, perguntei:

— Esse seu amigo que morreu recentemente? O nome dele era Williams?

— Isso mesmo. Era o Dr. Williams. Como sabia?

— Nós o vimos entrar na outra dimensão depois que morreu. Assistimos à Revisão de Vida dele.

Ele pareceu abalado.

— Incrível. Conheço as Visões, pelo menos em tese, e acho possível que existam outras dimensões, mas, como cientista, para mim é bem mais difícil aceitar literalmente a Nona Visão, essa ideia de que podemos nos comunicar com os mortos... Você está dizendo que o Dr. Williams ainda está vivo no sentido de que a personalidade dele está intacta?

— Sim, e ele estava pensando em você.

Ele ficou me olhando fixamente enquanto eu lhe dizia que Williams se dera conta de que Curtis e ele deveriam estar envolvidos em acabar com o Medo... e interromper a experiência.

— Não estou entendendo — disse ele. — O que ele queria dizer com Medo crescente?

— Não sei exatamente. Tem a ver com o fato de muita gente não querer acreditar na emergência de uma nova consciência espiritual. São pessoas que preferem achar que a civilização está degenerando. Isso está criando uma polarização de opiniões e crenças. A humanidade só poderá continuar evoluindo culturalmente quando essa polarização acabar. Eu estava esperando que você se lembrasse de alguma coisa a esse respeito.

Ele me olhou com uma expressão vazia.

— Não sei nada a respeito de polarização nenhuma, mas vou deter essa experiência.

Ele ficou irritado novamente e desviou a vista.

— Parece que Williams sabia como era o processo para detê-la — disse eu.

— Bem, a gente nunca vai saber, não é?

Quando ele disse isso, vi de relance a imagem de Curtis e Williams conversando no alto do morro relvado, rodeados por muitas árvores altas.

Curtis serviu a comida ainda parecendo irritado, e fizemos a refeição em silêncio. Depois, quando me espreguicei e me encostei numa nogueira pequena, olhei para aquela meia-laranja relvada lá em cima. Uns quatro ou cinco carvalhos enormes formavam um semicírculo quase perfeito no topo.

— Por que você não acampou lá em cima? — perguntei a Curtis, apontando.

— Não sei — respondeu ele. — Cheguei a pensar, mas devo ter achado que era um lugar muito exposto, ou talvez muito forte. Chama-se Cerro de Codder. Quer ir até lá?

Elogiando a beleza da vegetação, Curtis foi subindo na frente. No alto, apesar da pouca claridade, tínhamos uma visibilidade de uns

quatrocentos metros ao norte e a leste. Aí, uma lua quase cheia estava despontando acima das árvores.

— É melhor a gente sentar — aconselhou Curtis. — Não queremos ser vistos.

Ficamos um bom tempo ali sentados em silêncio, apreciando a vista e sentindo a energia. Curtis tirou uma lanterna do bolso e deixou-a no chão ao lado dele. Eu estava extasiado com a cor da folhagem de outono.

Então Curtis olhou para mim e perguntou:

— Está sentindo um cheiro de fumaça?

Imediatamente olhei para a mata, suspeitando de um incêndio, e farejei o ar.

— Não, acho que não. — Alguma coisa na atitude de Curtis estava mudando o clima, trazendo uma sensação de tristeza ou nostalgia. — De que tipo de fumaça você está falando?

— De charuto.

Com aquele luar cada vez mais forte, deu para notar que ele estava sorrindo com um ar pensativo, cismando com alguma coisa. Então comecei a sentir o cheiro.

— O que é isso? — perguntei, tornando a olhar em volta.

Ele me encarou.

— O Dr. Williams fumava uns charutos que tinham esse mesmo cheiro. É incrível ele ter morrido.

Enquanto conversávamos, o cheiro desapareceu e tirei da cabeça a experiência toda, satisfeito de ficar contemplando a relva e os grandes carvalhos ali ao lado. Nesse instante, percebi que aquele era exatamente o local em que Williams se vira encontrando Curtis. O encontro seria exatamente ali!

Segundos depois, vi uma forma se materializando logo depois das árvores.

— Está vendo alguma coisa ali? — perguntei em voz baixa a Curtis, apontando.

Tão logo falei, a forma desapareceu.

Curtis estava se esforçando para ver.

— O quê? Não estou vendo nada.

Não respondi. De alguma forma, eu estava começando a intuir informações que me passavam, exatamente como intuía dos grupos espirituais, só que agora a comunicação estava mais distante e confusa. Estava sentindo alguma coisa sobre a experiência de energia, alguma coisa confirmando as suspeitas de Curtis; as experiências tentavam realmente focalizar os vórtices dimensionais.

— Acabei de me lembrar — disse Curtis abruptamente. — Um dos aparelhos que o Dr. Williams estava desenvolvendo antigamente era um foco remoto, um sistema de antenas de projeção. Aposto que é o que estão usando para focalizar as aberturas. Mas como sabem onde elas ficam?

Imediatamente intuí a resposta. Alguém com uma sensibilidade mais desenvolvida colocava as antenas em posição até eles ficarem conhecendo as variações espaciais à medida que elas iam aparecendo no computador do foco remoto. Eu não tinha ideia do que isso significava.

— Só tem um jeito — disse Curtis. — Eles vão ter que arranjar uma pessoa para posicionar as antenas. Alguém que possa sentir esses pontos de energia mais forte. Depois vão poder fazer o mapeamento energético do local e focalizar com precisão usando um raio focalizador para escanear. Provavelmente essa pessoa nem vai saber o que eles estão fazendo. — Meneou a cabeça. — Essa gente é perversa. Não resta dúvida. Como podem fazer isso?

Como em resposta, intuí alguma coisa que era muito vaga para que eu entendesse, mas parecia confirmar que, de fato, havia um motivo. Porém primeiro tínhamos de entender o Medo e a maneira de superá-lo.

Quando olhei para Curtis, ele parecia absorto em seus pensamentos.

Finalmente olhou para mim e disse:

— Eu gostaria muito de saber por que este Medo está aparecendo agora.

— Quando a cultura está em transição — disse eu —, certezas e pontos de vista antigos começam a cair por terra e dar lugar a novas tradições, deixando as pessoas nervosas num primeiro momento. Enquanto uns começam a despertar e desenvolver internamente o amor que os sustenta e lhes acelera o processo evolutivo, outros sentem que as coisas estão se transformando rápido demais e que estamos nos perdendo. Esses ficam mais medrosos e controladores, querendo aumentar a própria energia. Essa polarização de medo pode ser muito perigosa, porque a pessoa com medo é capaz de conceber medidas extremas.

Enquanto falava isso, tive a sensação de estar desenvolvendo o que eu ouvira de Wil e de Williams, porém, ao mesmo tempo, sentia nitidamente que sempre soubera daquilo, mas só naquele exato momento me dava conta.

— Estou entendendo — disse Curtis com firmeza. — É por isso que essas pessoas estão querendo tanto destruir esse vale. Imaginam que a civilização vai acabar, e elas só vão se sentir seguras quando tiverem conquistado mais controle. Bem, eu não vou permitir que isso aconteça. Vou explodir essa coisa toda.

Olhei sério para ele.

— O que você está querendo dizer?

— Isso mesmo. Eu era técnico em demolição. Sei como fazer.

Devo ter parecido alarmado porque ele disse:

— Não se preocupe, vou descobrir um jeito de fazer isso sem machucar ninguém. Não quero ter um peso desses na consciência.

Fui invadido por uma onda de lucidez.

— Qualquer tipo de violência — disse eu — só piora as coisas, não vê?

— Qual é o outro jeito?

Pelo canto do olho, tornei a ver de relance a forma antes de ela desaparecer.

— Não sei direito — respondi —, mas se os combatermos com raiva e ódio, eles só verão um inimigo. Ficarão mais obstinados. Com mais medo. De alguma forma, aquele grupo que Williams mencionou deve tomar outra atitude. Devemos lembrar nossa Visão de Nascimento inteira... e então podemos lembrar de mais uma coisa, uma Visão do Mundo.

Esse termo me pareceu familiar, mas não sabia onde o tinha ouvido.

— Uma Visão do Mundo... — Curtis ponderou, novamente concentrado. — Acho que David Águia Solitária mencionou isso.

— É — disse eu. — Isso mesmo.

— O que você acha que seja uma Visão do Mundo?

Eu já ia dizer que não sabia, quando me ocorreu o que era.

— É um conhecimento — não, uma lembrança — de como vamos satisfazer o objetivo da criação da espécie humana. Traz um outro nível de amor, uma energia que pode unir a polarização, acabar com essa experiência.

— Não vejo como isso seja possível — disse Curtis.

— Tem a ver com o campo energético que envolve

as pessoas que estão vivendo com Medo — disse eu, sabendo de alguma maneira. — Elas seriam tocadas, despertadas das próprias preocupações. Optariam por parar.

Passamos um bom tempo calados, depois Curtis falou:

— Talvez, mas como canalizamos essa energia?

Nada mais me aconteceu.

— Eu gostaria de saber até onde eles estão preparados para levar — avante essa experiência — acrescentou.

— O que causa o zumbido? — perguntei.

— O zumbido é uma vibração de ligação entre os geradores pequenos. Significa que eles ainda estão tentando calibrar o aparelho. Quanto mais áspero e sem harmonia, mais defasado. — Ele pensou mais um pouco. — Só me pergunto que vórtice de energia eles vão focalizar.

De repente senti um nervoso, não em mim, mas fora de mim, como se eu estivesse perto de uma pessoa ansiosa. Olhei para Curtis, que parecia relativamente calmo. Além das árvores, tornei a ver o vago contorno de uma forma. Ela se movia como se estivesse agitada ou assustada.

— Imagino — disse Curtis ausente — que quem estivesse perto do alvo, ouviria o zumbido e sentiria uma espécie de estática no ar.

Entreolhamo-nos, e, naquele silêncio, ouvi um leve ruído, uma mera vibração.

— Está ouvindo isso? — perguntou Curtis, agora alarmado.

Ao olhar para ele, senti os cabelos do meu braço e da minha nuca ficarem em pé.

— Que é isso?

Curtis examinou rapidamente os próprios braços e olhou para mim horrorizado.

— Temos que sair daqui! — gritou, pegando a lanterna, levantando-se de um pulo e quase me arrastando morro abaixo.

De repente, aquele mesmo ronco ensurdecido que eu ouvira com Wil estrondou provocando uma onda de choque que nos derrubou. Ao mesmo tempo, sentimos a terra tremer violentamente e uma enorme fenda se abriu a seis metros dali com uma explosão que levantou poeira e estilhaços.

Atrás de nós, um dos enormes carvalhos, abalado pelo tremor de terra, tombou e caiu estrepitosamente, aumentando o barulho.

Segundos depois, abriu-se outra fenda maior ao nosso lado e o chão se inclinou. Curtis não conseguiu se segurar e escorregou para a beira da fenda que se alargava. Eu me agarrei numa pequena moita e me estiquei para dar a mão a Curtis. Por um instante, ele se segurou, mas acabou se soltando e caindo lá para baixo. A fenda se abriu mais, expeliu outro jato de poeira e pedras, tornou a tremer, depois parou. Um galho embaixo da árvore caída estalou ruidosamente; em seguida, a noite voltou a se aquietar.

Enquanto a poeira assentava, soltei a moita e me arrastei para a beira do enorme buraco. Quando consegui enxergar, vi que Curtis estava deitado de bruços ali na beirada, embora eu tivesse certeza de tê-la visto despencar lá para baixo. Ele veio rolando até mim e levantou-se de um pulo.

— Vamos embora! — gritou. — Isso pode começar de novo!

Calados, descemos correndo para o acampamento. Curtis foi na frente, eu, mancando atrás. Ao chegar, Curtis arrancou as duas barracas do chão de qualquer maneira e enfiou-as nas mochilas. Eu soquei o resto da tralha em cada uma, e prosseguimos para sudoeste até o terreno ficar mais plano e a vegetação mais cerrada. Oitocentos metros depois, o cansaço e meu tornozelo fraco me obrigaram a parar.

Curtis estudou a área.

— Pode ser que aqui seja seguro — disse ele, mas vamos entrar mais na mata.

Ele avançou mais uns quinze metros mata adentro, e eu fui atrás.

— Aqui está bom — decidiu. — Vamos armar as barracas.

Em dois minutos, as duas barracas estavam em pé e camufladas com galhos e nós estávamos nos entreolhando esbaforidos, sentados no grande compartimento de entrada da barraca de Curtis.

— O que acha que aconteceu? — perguntei.

Curtis estava desolado procurando seu cantil na mochila.

— Estão fazendo exatamente o que imaginamos — disse. — Estão tentando focalizar o gerador num ponto remoto. — Bebeu uma boa

dose de água. — Vão estragar esse vale; essa gente precisa ser detida.

— E o cheiro de fumaça que você sentiu?

— Não sei o que pensar — disse Curtis. — Parecia que o Dr. Williams estava lá. Quase cheguei a ouvir o jeito que ele tinha de falar, o tom de voz dele, o que ele teria dito nessa situação.

Encarei Curtis.

— Acho que ele estava lá.

Curtis me passou o cantil.

— Como é que pode?

— Não sei — respondi. — Mas acho que ele veio trazer uma mensagem, uma mensagem para você. Quando o vimos durante a Revisão de Vida, ele estava agoniado porque não conseguia despertar, lembrar por que havia nascido. Estava convencido de que você devia ser parte desse grupo que ele mencionou. Não consegue lembrar de nada sobre isso? Acho que ele queria que você soubesse que a violência não vai deter essa gente. Precisamos tentar de outro jeito, com essa Visão do Mundo que David mencionou.

Ele me olhou com um olhar vazio.

— E quando a terra começou a tremer e aquela fenda se abriu? — perguntei. — Tenho certeza de que vi você cair lá dentro, mas quando cheguei perto, encontrei você deitado na beirada.

Ele parecia totalmente perplexo.

— Não sei bem. Não consegui me segurar e fui escorregando para dentro do buraco. Quando estava caindo, senti uma sensação de paz incrível, e o tombo foi amortecido, como se eu caísse num colchão macio. Só consegui ver uma névoa branca em volta de mim. Depois só sei que estava de novo deitado na beira da fenda e você estava ali. Acha que o Dr. Williams podia ter feito isso?

— Não — disse eu. — Tive uma experiência parecida ontem. Quase fui esmagado por umas pedras e vi a mesma forma branca. Tem alguma outra coisa acontecendo.

Curtis ficou olhando para mim, depois falou alguma coisa, mas não respondi. Eu estava adormecendo.

— Vamos nos recolher — disse ele.

Curtis já estava de pé quando saí da minha barraca. A manhã estava clara, mas uma névoa baixa cobria o chão da floresta. Instantaneamente, vi que ele estava irritado.

— Não consigo parar de pensar no que eles estão fazendo — disse. — E não vão desistir. — Tomou fôlego. — A essa altura, eles já viram a mixórdia que fizeram no morro. Vão ficar algum tempo recalibrando, mas não muito, depois vão tentar de novo.

— Curtis, a violência só piora as coisas. Você não entendeu a informação do Dr. Williams? Precisamos descobrir como usar a Visão.

— Não! — gritou ele inflamado. — Eu já tentei!

Olhei para ele.

— Quando?

Ele ficou confuso.

— Não sei.

— Bem — frisei. — Acho que eu sei.

Ele fez um gesto de impaciência.

— Não quero ouvir. É muita loucura. Tudo o que está acontecendo é minha culpa. Se eu não tivesse desenvolvido essa tecnologia, talvez eles não estivessem fazendo isso. Vou fazer a coisa à minha moda.

Ele se adiantou e começou a arrumar a mochila.

Hesitei, depois comecei a desarmar minha barraca, tentando pensar. Em seguida, disse:

— Já mandei pedir ajuda. Maya, uma mulher que conheci, acha que pode convencer a Chefatura de Polícia a investigar isso. Quero que você prometa me dar um prazo.

Ele estava ajoelhado ao lado da mochila, conferindo um compartimento lateral estufado.

— Não posso fazer isso. Talvez eu precise agir quando for possível.

— Você tem algum explosivo aí na mochila?

Ele veio até onde eu estava.

— Já lhe disse que não vou machucar ninguém.

— Estou pedindo um tempo — repeti. — Se eu conseguir.

— Está bem — disse ele. — Dou-lhe o tempo que eu puder lhe dar, mas se eles recommencarem a experiência, acho que meu tempo vai ter acabado, vou precisar fazer alguma coisa.

Enquanto ele falava, tornei a ver o rosto de Wil em minha mente, envolto por uma aura verde esmeralda.

— Há algum outro local carregado de energia perto daqui? — perguntei.

Ele apontou para o sul.

— Lá naquele morro grande, tem uma laje em balanço sobre a qual já me falei. Mas aquelas terras são propriedade particular e foram vendidas há pouco tempo. Não conheço o novo dono.

— Vou procurar. Se eu conseguir achar o lugar exato, talvez possa localizar Wil de novo.

Curtis acabou de arrumar a mochila e me ajudou a amarrar meu equipamento e a espalhar folhas e galhos no lugar em que as barracas haviam sido armadas. Do nordeste, vinha um leve rumor de carros.

— Estou indo para leste — disse ele.

Balancei a cabeça enquanto ele se afastava, então pus a mochila nas costas e comecei a subir aquela encosta pedregosa rumando para o sul. Subi e descii vários morrotes, depois comecei a subir a encosta íngreme do morro principal. No meio da subida, comecei a procurar uma laje em balanço através do arvoredo cerrado, mas não vi nem sinal de clareira.

Após subir mais algumas centenas de metros, tornei a parar. Ainda não aparecera nenhuma pedra, e eu não via nenhuma no alto do morro.

Estava sem saber que caminho tomar, então resolvi sentar um pouco para tentar me energizar. Alguns minutos depois, já me sentindo melhor, estava escutando a sinfonia dos pássaros e das pererecas naqueles galhos grossos lá no alto, quando uma grande águia dourada decolou do ninho e passou ao longo da crista do morro voando para leste.

Eu sabia que a presença do pássaro tinha um significado, então, como havia feito com o falcão, resolvi segui-lo. Aos poucos, a encosta foi ficando mais pedregosa. Atravessei uma pequena nascente que brotava das pedras, enchi meu cantil e lavei o rosto. Finalmente, oitocentos metros adiante, passei por um conjunto de abetos pequenos, e lá, à minha frente, surgiu a majestosa laje. Uma área de quase quatrocentos metros quadrados da encosta era coberta por enormes terraços de calcário, e, no extremo oposto, um patamar de seis metros de largura se projetava pelo menos doze metros para fora da montanha, proporcionando uma vista espetacular do vale lá embaixo. Por um instante, vi uma aura de um tom escuro de esmeralda envolvendo o patamar inferior.

Desvencilhei-me da mochila e camuflei-a embaixo de um monte de folhas, então fui me sentar na laje. Quando me concentrei, a imagem de Wil me veio facilmente à mente. Respirei fundo mais uma vez e comecei a avançar.

UMA HISTÓRIA DE DESPERTAR

QUANDO ABRI OS OLHOS, estava num local de uma luminosidade intensamente azul, sentindo aquela sensação já familiar de paz e bem-estar. Sentia a presença de Wil à minha direita.

Como da outra vez, ele parecia aliviadíssimo e felicíssimo por eu ter voltado. Aproximou-se e murmurou.

— Você vai adorar isso aqui.

— Onde estamos? — perguntei.

— Olhe com mais atenção.

Meneei a cabeça.

— Primeiro preciso falar com você. É imperativo que a gente encontre essa experiência e detenha essas pessoas. Já destruíram um morro. Deus sabe o que vão fazer agora.

— O que vamos fazer se as encontrarmos? — perguntou Wil.

— Não sei.

— Bem, nem eu. Diga-me o que aconteceu.

Fechei os olhos e tentei me centrar, então descrevi a experiência de estar de novo com Maya, particularmente sua resistência à minha sugestão de que ela era parte do grupo.

Wil balançou a cabeça sem fazer comentários.

Comecei a descrever o encontro com Curtis, a comunicação com Williams e o desastre provocado pela experiência do qual eu escapara.

— Williams falou com você? — perguntou Wil.

— Não. A comunicação não foi mental, como entre nós dois. Parece que ele estava influenciando os nossos pensamentos de alguma maneira. Era como se eu estivesse recebendo informações já sabidas; no entanto, parece que nós dois dizíamos o que ele estava tentando comunicar. Foi estranho, mas eu sabia que ele estava lá.

— Qual foi a mensagem dele?

— Ele confirmou o que você e eu vimos com Maya; disse que a gente podia ter lembranças que ultrapassavam nossas intenções de nascimento individuais e chegar a um conhecimento mais amplo do objetivo do ser humano estar aqui e como podemos alcançar esse objetivo. Aparentemente, lembrar esse conhecimento provoca uma expansão de energia que pode acabar com o Medo... e com essa experiência. Ele chamou isso de Visão do Mundo.

Wil estava calado.

— O que você acha? — perguntei.

— Acho que isso tudo faz parte da Décima Visão. Por favor, entenda: concordo com você que essa seja uma questão urgente. Mas a única maneira de podermos ajudar é continuar explorando a Outra Vida até descobrirmos essa Visão mais ampla, que Williams está tentando comunicar. Deve haver um processo exato para lembrar do que se trata.

Ao longe, um movimento me chamou a atenção. Oito ou dez seres bem distintos, apenas meio desfocados, chegaram a uns quinze metros de nós. Atrás deles, havia dezenas de outros, se misturando naquela luminosidade dourada. Todos transmitiam um sentimento particular de nostalgia que era nitidamente familiar.

— Sabe quem são esses espíritos? — perguntou Wil, com um sorriso largo.

Olhei para o grupo, sentindo afinidade. Eu sabia, mas não sabia. Enquanto eu olhava para o grupo espiritual, a intensidade da ligação emocional foi ficando mais forte do que qualquer coisa que eu já sentira, ao que me lembrasse. No entanto, ao mesmo tempo, a intimidade era reconhecível; eu já estivera aqui antes.

O grupo se colocou a seis metros de mim, aumentando ainda mais minha sensação de euforia e aceitação. Deixei-me levar alegremente, entregando-me àquele sentimento, só querendo desfrutá-lo —
satisfeito —
talvez pela primeira vez na vida. Ondas de reconhecimento e prazer me enchiam a mente.

— Já descobriu? — tornou a perguntar Wil.

Virei-me e olhei para ele.

— Esse é o meu grupo espiritual, não é?

Esse pensamento trouxe uma enxurrada de lembranças. França, século XIII, um mosteiro e um pátio. À minha volta, um grupo de monges, riso, intimidade, depois uma caminhada solitária numa estrada passando por uma mata. Dois homens andrajosos, ascetas, pedindo ajuda, algo a ver com a preservação de um conhecimento secreto.

Interrompi a visão e olhei para Wil, tomado por um medo perverso. O que eu estava prestes a ver? Tentei me centrar, e meu grupo espiritual aproximou-se mais um metro.

— O que está havendo? — perguntou Wil. — Não consegui entender direito.

Descrevi o que havia observado.

— Vá mais fundo — sugeriu Wil.

Imediatamente tornei a ver os ascetas e, de alguma maneira, soube que pertenciam à ordem secreta dos "Espirituais" Franciscanos que havia sido excomungada há pouco, após a renúncia do Papa Celestino V.

Papa Celestino? Olhei para Wil.

— Ouviu essa? Eu nunca soube que havia papas com esse nome.

— Celestino V é do final do século XIII – confirmou Wil. — As ruínas do Peru, onde a Nona Visão acabou sendo encontrada, receberam o nome dele depois de descobertas no século XVII.

— Quem eram os Espirituais?

— Eram um grupo de monges que acreditavam que atingiriam um nível mais elevado de consciência se abandonassem o mundo cultural e profano e voltassem a ter uma vida contemplativa na natureza. O Papa Celestino apoiou essa ideia e, de fato, viveu algum tempo numa caverna. Foi deposto, obviamente, e, mais tarde, a maioria dos Espirituais foram condenados como Gnósticos e excomungados.

Mais lembranças afloravam. Os dois ascetas tinham me pedido ajuda, e eu relutantemente me reuni com eles no meio da floresta. Não tive opção, tão arrebatadores eram seus olhos e a coragem de suas atitudes. Documentos antigos estavam correndo o sério risco de se perderem para sempre, disseram-me eles. Depois levei esses documentos para a abadia e os li à luz de vela em minha cela, a porta bem trancada.

Os documentos eram antigas cópias em latim das Nove Visões, e concordei em copiá-los antes que fosse tarde demais, trabalhando todos os minutos do meu tempo livre para reproduzir meticulosamente dezenas de manuscritos. A certa altura, fiquei tão entusiasmado com as Visões que tentei convencer os ascetas a divulgá-las.

Eles recusaram terminantemente, explicando que guardavam os documentos há muitos séculos, aguardando que a Igreja assumisse a posição intelectual correta. Quando perguntei o que isso queria dizer, eles explicaram que as Visões só seriam aceitas quando a Igreja aceitasse o que eles chamavam de dilema Gnóstico.

Os Gnósticos, de alguma forma lembrei, eram cristãos dos primórdios da Igreja que acreditavam que os seguidores do Deus único não deveriam apenas reverenciar o Cristo, mas também se esforçar para emulá-lo no espírito de Pentecostes. Eles tentaram descrever essa emulação em termos filosóficos, como um método prático. Enquanto a Igreja recém-criada formulava seus cânones, os Gnósticos acabaram sendo tachados de heréticos, que não aceitavam como princípio de fé entregar sua vida a Deus. Para ser um verdadeiro cristão, diziam os primeiros líderes da Igreja, a pessoa tinha de deixar de lado o racionalismo e se satisfazer em viver à luz da revelação divina, aceitando a vontade de Deus em cada momento da vida, mas satisfeita de permanecer na ignorância do plano divino.

Acusando a hierarquia da Igreja de tirania, os Gnósticos argumentavam que seus princípios e métodos eram concebidos para realmente facilitar o ato de "abandonar-se à vontade de Deus" que a Igreja exigia, e que não ficavam só falando da boca para fora, como os clérigos.

No final, os Gnósticos acabaram perdendo e foram banidos de todos os textos e funções eclesiásticos, e suas crenças foram mantidas na clandestinidade por várias seitas e ordens. No entanto, o dilema era claro. Enquanto a Igreja sustentasse o ponto de vista de uma ligação espiritual transformadora com o divino, mas, ao mesmo tempo, perseguisse quem falasse abertamente nas especificidades da experiência — mencionando o que era esse nível de consciência e como se chegar a ele —, o "reino interior" permaneceria meramente um conceito intelectual da doutrina da Igreja, e as Visões seriam combatidas sempre que viessem à tona.

Na ocasião, escutei os ascetas com respeito e não disse nada, mas, no fundo, discordei. Tinha certeza de que a Ordem dos Beneditinos à qual eu pertencia se interessaria pelos escritos, especialmente cada monge em particular. Depois, à revelia dos Espirituais, emprestei uma cópia a um amigo que era o assessor mais chegado ao Cardeal Nicolau em minha diocese. A reação foi imediata. Espalhou-se que o cardeal estava fora do país, mas recebi ordens de não discutir mais o assunto e partir o quanto antes para Nápoles para relatar minhas descobertas aos superiores do cardeal. Fiquei apavorado e imediatamente distribuí o manuscrito entre meus irmãos da ordem, esperando ganhar apoio de outros interessados.

Protelando atender à minha convocação, simulei um grave problema de tornozelo e escrevi uma série de cartas explicando minha invalidez, adiando meses a viagem enquanto, isolado em minha cela, eu copiava o maior número possível de manuscritos. Afinal, numa noite de lua nova, minha porta foi arrombada por soldados e fui espancado violentamente e levado de olhos vendados para o castelo do senhor local, onde passei dias no tronco antes de ser decapitado.

O choque da lembrança da minha morte me provocou mais medo e me fez sentir um forte formigamento em meu tornozelo machucado. O grupo espiritual continuou se aproximando até eu conseguir me centrar. No entanto, continuei um tanto confuso. Um gesto de cabeça de Wil me mostrou que ele havia visto toda a história.

— Esse foi o começo do meu problema de tornozelo, não foi? — perguntei.

— Foi — confirmou Wil.

Encarei-o.

— E as outras lembranças? Você entendeu o dilema Gnóstico?

Ele balançou a cabeça e se colocou de frente para mim.

— Por que a Igreja iria causar um dilema como esse? — perguntei.

— Porque, nos primórdios, a Igreja receava vir a público dizer que Cristo instituíra um modelo de vida ao qual cada um de nós podia aspirar, embora isso fosse exatamente o que estava nas Escrituras. Receava que essa posição desse poder demais ao indivíduo, então perpetrou a contradição. Por um lado, os clérigos instavam os fiéis a buscarem em si mesmos o reino de Deus, a intuírem a vontade de Deus e a se deixarem invadir pelo Espírito Santo. Mas, por outro lado, condenavam como blasfema toda e qualquer discussão que tentasse esclarecer como se chegar a esses estados, muitas vezes recorrendo a assassinatos para manter seu poder.

— Então fui um idiota por tentar divulgar as Visões.

— Eu não diria um idiota — ponderou Wil —, talvez pouco diplomático. Você foi morto porque tentou forçar a cultura a assimilar um conhecimento antes da hora.

Fiquei encarando Wil mais um pouco, depois voltei a me ligar no conhecimento do grupo, vendo-me novamente no cenário das guerras do século XIX. Eu estava de novo na reunião de cúpula no vale, segurando o mesmo cavalo de carga, aparentemente pouco antes de partir. Homem da montanha e caçador de peles, eu me dava com os nativos e os colonizadores. Quase todos os índios queriam guerra, mas Maya conquistara o coração de alguns deles em sua busca de paz. Calado, ouvi os dois lados e fiquei olhando quando a maioria dos chefes já tinha ido embora.

A certa altura, Maya aproximou-se de mim.

— Imagino que também esteja indo embora.

Fiz um gesto de cabeça afirmativo, explicando que, se aqueles pajés não entendiam o que ela estava fazendo, eu entendia muito menos.

Ela me olhou como se eu estivesse brincando, depois, virando-se, voltou a atenção para outra pessoa. Charlene! De repente lembrei que ela esteve ali; era uma índia muito poderosa, mas frequentemente ignorada pelos chefes por preconceito sexual. Ela parecia saber de algo muito importante sobre o papel dos ancestrais, mas falava para ouvidos moucos.

Vi que eu estava querendo ficar, querendo dar apoio a Maya, querendo revelar meus sentimentos por Charlene, mas acabei partindo; a memória inconsciente do meu erro no século XIII estava quase na superfície. Eu queria fugir, evitar qualquer responsabilidade. Minha vida estava definida: eu caçava animais para comercializar as peles, me sustentava, não arriscava meu pescoço por ninguém. Talvez me saísse melhor da próxima vez.

Próxima vez? As coisas avançaram depressa em minha mente, e me vi de fora, olhando para a Terra, contemplando minha encarnação atual. Eu estava assistindo à minha própria Visão de Nascimento, vendo todas as alternativas para vencer minha relutância em agir e tomar atitudes. Vi como poderia tirar o maior proveito de minha família consanguínea, aprendendo com minha mãe a desenvolver a sensibilidade espiritual, com meu pai, a integridade e a alegria. Um avô incutiria em mim a ligação com a natureza, um tio e uma tia, um modelo de dízimo e disciplina.

E, convivendo com esses indivíduos fortes, eu me conscientizaria rapidamente da minha tendência à alienação. Por causa do ego e da elevada expectativa deles, primeiro eu me esquivaria de suas mensagens, mas depois trabalharia esse medo e veria a boa formação que eles me proporcionavam, livrando-me dessa tendência para poder seguir plenamente o meu caminho.

Seria uma preparação perfeita, e eu deixaria para trás esse ambiente para ir em busca de detalhes da espiritualidade que séculos atrás eu vira nas Visões. Eu exploraria as descrições psicológicas do Movimento do Potencial Humano, a sabedoria oriental, os místicos do

ocidente, depois acabaria reencontrando as Visões propriamente ditas, bem na hora em que elas estivessem vindo à tona para serem finalmente levadas à consciência de uma massa de gente. Essa preparação e essa purificação permitiriam que eu estudasse melhor como essas Visões estavam transformando a sociedade e entrasse para o grupo de Williams.

Recuei e olhei para Wil.

— Qual é o problema? — perguntou ele.

— As coisas também não correram para mim exatamente da melhor maneira possível. Me sinto como se tivesse desperdiçado a preparação. Nem consegui me livrar da alienação. Deixei de ler uma quantidade de livros, ignorei uma quantidade de pessoas que poderiam me passar alguma mensagem. Olhando para trás agora, parece que falhei em tudo.

Wil quase desatou a rir.

— Ninguém consegue seguir exatamente a Visão de Nascimento. — Parou e ficou me olhando. — Você está percebendo o que está fazendo agora? Acabou de lembrar como seria a vida ideal que gostaria de ter levado, a que lhe daria mais satisfação, e, quando olha para a que você na realidade viveu, fica todo arrependido, igualzinho ao Williams quando morreu e viu as oportunidades que perdeu. Em vez de precisar esperar até depois da morte, você está tendo uma Revisão de Vida agora.

Eu não estava conseguindo entender direito.

— Não está vendo? Essa deve ser uma parte-chave da Décima. Não estamos descobrindo apenas que nossas intuições e a noção que temos do nosso destino são lembranças de nossa Visão de Nascimento. Quando entendemos melhor a Sexta Visão, analisamos onde saímos dos trilhos ou deixamos de aproveitar as oportunidades, então podemos imediatamente voltar a um caminho mais alinhado com o porquê de estarmos aqui. Em outras palavras, estamos nos conscientizando mais do processo no dia-a-dia. Antigamente, precisávamos morrer para

passar nossa vida em revista, mas agora podemos despertar mais cedo e ainda poderemos tornar a morte obsoleta, como prediz a Nona Visão.

Finalmente entendi.

— Então foi isso que os seres humanos vieram fazer na Terra, lembrar-se sistematicamente, despertar aos poucos.

— Isso mesmo. Finalmente estamos nos dando conta de um processo que foi inconsciente desde que começou a experiência humana. A princípio, os seres humanos veem uma Visão de Nascimento, mas depois que nascem, ficam inconscientes, percebendo apenas as intuições mais vagas. Inicialmente, nos primórdios da história da humanidade, a defasagem entre o que se pretendia e o que se realizava era enorme, mas depois, com o tempo, essa defasagem diminuiu. Agora estamos prestes a nos lembrar de tudo.

Nesse momento, fui atraído novamente para o conhecimento do grupo espiritual. Num instante, meu nível de consciência pareceu aumentar, e tudo o que Wil dissera se confirmou. Agora, finalmente, podíamos ver a história não como uma luta sangrenta do animal humano, que egoistamente aprendeu a dominar a natureza e tornar-se mais apto para sobreviver, deixando a vida na selva para criar uma civilização vasta e complexa. Podíamos, sim, ver a história como um processo espiritual, como o esforço mais profundo e sistemático dos espíritos, geração após geração, vida após vida, lutando através dos tempos com um único objetivo: lembrar o que já sabíamos na Outra Vida e conscientizar a todos na Terra deste conhecimento.

Como se projetada de muito alto, uma imagem holográfica estendeu-se a meu redor e pude de certa forma ver, num relance, a longa saga da história da humanidade. Subitamente fui puxado para a imagem e me senti sendo lançado na história, revivendo-a em *fast-forward*, como se realmente eu houvesse participado de todas as cenas, vivenciando-as minuto a minuto.

De repente, estava testemunhando o despertar da consciência. Diante de mim, estendia-se uma vasta e ventosa planície africana. Percebi um movimento; um pequeno grupo de seres humanos, nus, catava frutinhas silvestres. Enquanto eu assistia à cena, fui me conscientizando daquele período. Intimamente ligados aos ritmos e sinais da natureza, nós, os seres humanos, vivíamos e reagíamos por instinto. As atividades cotidianas eram orientadas para os desafios da busca do alimento e para a afirmação de cada um como membro de seu bando. No alto da hierarquia de poder, estavam os indivíduos fisicamente mais fortes e aptos, e nós aceitávamos nossa posição nessa hierarquia da mesma maneira que aceitávamos as constantes tragédias e dificuldades da existência: sem reflexão.

Enquanto eu assistia, milhares de anos se passaram e incontáveis gerações viveram e desapareceram. Então, aos poucos, certos indivíduos começaram a perder a paciência com acontecimentos que ficavam rotineiros. Quando uma criança morria em seus braços, o nível de consciência deles aumentava e eles ficavam se perguntando por quê. E pensando como aquilo poderia ser evitado no futuro. Esses indivíduos estavam ficando conscientes — começando a perceber por que estavam aqui, agora, vivos. Tinham a capacidade de deixar de reagir como autômatos e de vislumbrar a razão de ser da existência em todo o seu alcance. A vida, sabiam, continuava através dos ciclos do sol e da lua e das estações, mas, como atestavam os mortos em volta deles, tinha também um fim. Qual era o propósito?

Olhando atentamente para esses indivíduos questionadores, pude captar suas Visões de Nascimento; eles haviam chegado à dimensão terrena com o propósito específico de dar início ao primeiro despertar existencial da humanidade. E, embora eu não conseguisse ver todo o alcance de seu objetivo, sabia que no fundo eles guardavam na mente a inspiração mais ampla da Visão do Mundo. Antes de nascer, eles sabiam que a humanidade estava embarcando em uma longa viagem que eles já anteviam. Mas também sabiam que, nessa viagem, o progresso tinha de ser conquistado, geração após geração — pois, à medida que despertávamos para ir em busca de um destino mais elevado, íamos perdendo a tranquilidade da inconsciência. Junto com a animação e a

liberdade de saber que estávamos vivos, vieram o medo e a insegurança de não saber por que estávamos vivos.

Pude ver que a longa história da humanidade seria movida por essas duas necessidades conflitantes. Por um lado, seríamos impelidos a vencer nossos medos pela força de nossas intuições, pela visão de que vivemos para realizar um objetivo específico: fazer a cultura avançar numa direção positiva que só nós, como indivíduos, agindo com coragem e sabedoria, podemos inspirar. A força desses sentimentos nos lembraria que, por mais insegura que parecesse a vida, nós, na verdade, não estávamos sós, que havia uma finalidade e um significado por trás do mistério da existência.

Mas, por outro lado, frequentemente caíamos no extremo oposto, a necessidade de nos proteger do Medo, às vezes perdendo de vista o objetivo, dominados pela angústia da separação e do abandono. Esse Medo nos transformaria em seres assustados e na defensiva, lutando para manter nossas posições de poder, roubando energia uns dos outros e sempre resistindo a mudanças e à evolução, independentemente da qualidade das novas informações disponíveis.

À medida que o despertar prosseguia, milênios se passavam, e eu ia vendo como os seres humanos aos poucos foram se unindo em grupos cada vez maiores, movidos pelo impulso natural de identificar-se com um número maior de pessoas, de passar para organizações sociais mais complexas. Pude ver que esse impulso vinha da vaga intuição, conhecida em sua totalidade na Outra Vida, de que o destino dos seres humanos na Terra era evoluir para a unificação. Seguindo essa intuição, percebemos que podíamos deixar de ser apenas caçadores nômades e passar a cultivar as plantas da Terra e colhê-las regularmente. Do mesmo modo, podíamos domesticar e criar várias espécies animais, garantindo uma alimentação variada e rica em proteínas. Com as imagens da Visão do Mundo no fundo de nosso inconsciente, estimulando-nos de uma forma arquetípica, começamos a assistir ao que seria uma das mais dramáticas transformações da história da humanidade: o salto da vida nômade para a formação de grandes vilas agrícolas.

Quando essas comunidades agrícolas se tornaram mais complexas, o excedente de alimentos fez surgir o comércio e a humanidade pôde se organizar no que vieram a ser os primeiros grupos profissionais — pastores, construtores e tecelões, depois mercadores e serralheiros e soldados. Logo inventaram a escrita e a tabulação. Mas os caprichos da natureza e os desafios da vida ainda afetavam profundamente a consciência da humanidade em seus primórdios, e ainda havia aquela pergunta não verbalizada pairando no ar: por que estávamos vivos? Como antes, assisti à Visão de Nascimento desses indivíduos que desejavam compreender a realidade espiritual num nível mais elevado. Eles vinham à dimensão terrena especificamente para conscientizar mais os seres humanos da fonte divina, mas suas primeiras intuições do divino continuavam confusas e incompletas, assumindo formas politeístas. A humanidade começou a identificar o que supúnhamos ser uma multidão de divindades cruéis e exigentes, deuses que existiam fora de nós mesmos e regiam o tempo, as estações e os estágios da colheita. Inseguros, pensávamos que precisávamos aplacar estes deuses com ritos, rituais e sacrifícios.

Ao longo dos séculos, as inúmeras comunidades agrícolas foram se unindo e vieram a formar grandes civilizações na Mesopotâmia, no Egito, no vale do Indo, em Creta e no nordeste da China, cada qual criando seus próprios deuses e ídolos. Mas essas divindades não conseguiram evitar a ansiedade por muito tempo. Vi gerações de espíritos passarem à dimensão terrena com a intenção de trazer a mensagem de que a humanidade estava destinada a progredir através do intercâmbio do conhecimento. No entanto, uma vez aqui, esses indivíduos sucumbiam ao Medo e transformavam essa intuição numa necessidade inconsciente de conquistar, dominar e impor seu modo de vida à força.

Assim começou a grande era dos impérios e dos tiranos, com os líderes ascendendo ao poder uns após os outros, unindo seu povo, conquistando todos os territórios que podiam, cada qual convencido de que os pontos de vista de sua cultura deveriam ser adotados por todo mundo. No entanto, por toda essa era, esses tiranos, por sua vez, acabaram sempre conquistados e subjugados por uma visão cultural

mais ampla e mais forte. Por milhares de anos, diferentes impérios foram subindo como bolhas ao topo da consciência da humanidade, disseminando suas ideias, ascendendo temporariamente com uma realidade, um plano econômico e uma tecnologia de guerra mais efetivos, simplesmente para logo serem depostos por uma visão mais forte e organizada. Lentamente, por este método, ideias velhas e fora de moda eram substituídas.

Pude ver que, por mais lento e sangrento que fosse esse processo, verdades-chaves iam pouco a pouco passando da Outra Vida para a dimensão física. Uma dessas verdades mais importantes — uma nova ética de interação — começou a emergir em vários pontos do planeta, mas foi expressa com maior clareza pela filosofia dos gregos antigos. Instantaneamente, pude ver a Visão de Nascimento de centenas de membros da cultura grega, cada qual desejando recordar essa visão oportuna.

Por muitas gerações, eles haviam visto o desperdício e a injustiça da violência interminável da humanidade para com ela mesma e sabiam que os homens podiam transcender o hábito de lutar e conquistar outros povos e implementar um novo sistema de intercâmbio de ideias, um sistema que protegesse o direito soberano de cada indivíduo a ter uma opinião própria, independentemente de força física — um sistema que já era conhecido e seguido na Outra Vida. Enquanto eu assistia, essa nova modalidade interativa foi surgindo e tomando forma na Terra, finalmente tornando-se conhecida como democracia.

Nesse método de intercâmbio de ideias, a comunicação entre os seres humanos às vezes descambava para uma luta insegura pelo poder, mas pelo menos agora, pela primeira vez, o processo estava encaminhado para que se buscasse a evolução da realidade do ser humano no nível verbal e não no físico.

Ao mesmo tempo, outra ideia seminal, destinada a transformar completamente o que se entendia por realidade espiritual, estava aparecendo nas histórias escritas de uma pequena tribo do Oriente Médio. Do mesmo modo, também pude ver a Visão de Nascimento de muitos proponentes dessa ideia. Essas pessoas, nascidas na cultura

judaica, sabiam antes de nascer que estávamos certos ao intuir uma fonte divina, mas, ao mesmo tempo, nossa descrição dessa fonte era falha e distorcida. Nosso politeísmo era apenas uma cena fragmentada de um quadro mais amplo. Na verdade, essas pessoas se deram conta de que havia um só Deus, um Deus que para elas ainda era exigente, e ameaçador, e patriarcal — e ainda vivendo fora de nós -, mas, pela primeira vez, pessoal e receptivo, e o único criador de todos os seres humanos.

Em seguida, vi essa intuição de uma fonte divina emergir e se definir em culturas pelo mundo inteiro. Na China e na Índia, que há muito eram líderes em matéria de tecnologia, comércio e desenvolvimento social, o Hinduísmo e o Budismo, assim como outras religiões orientais, fizeram o Oriente se voltar para um foco mais contemplativo.

Os criadores dessas religiões intuíram que Deus era mais que uma personagem. Era uma força, uma consciência que só podia ser encontrada em sua plenitude quando se atingia o que eles descreviam como uma experiência de iluminação. Ao invés de apenas agradecer a Deus pela obediência a certas leis e ritos, as religiões orientais preconizavam uma ligação interna com Deus, como uma mudança de consciência, uma abertura da consciência para uma harmonia e uma segurança que estavam sempre disponíveis.

Rapidamente a cena passou para o Mar da Galileia, e pude ver que a ideia do Deus uno que acabaria transformando as culturas ocidentais estava evoluindo da noção de uma divindade fora de nós, patriarcal e crítica, para a ideia de um Deus interiorizado, um Deus cujo reino estava em cada um de nós. Vi quando um homem passou para a dimensão terrena lembrando praticamente toda a sua Visão de Nascimento.

Ele sabia que estava aqui para trazer ao mundo uma nova energia, uma nova cultura baseada no amor. Sua mensagem era a seguinte: o Deus uno era um espírito sagrado, uma energia divina, cuja existência podia ser sentida e provada pela experiência. Despertar espiritualmente significava mais do que rituais, sacrifícios e orações

comunitárias. Envolveu um arrependimento mais profundo; um arrependimento que era uma mudança de atitude psicológica baseada na supressão dos vícios do ego e num "abandonar-se" transcendental que garantiria os verdadeiros frutos da vida espiritual.

Na época em que essa mensagem começou a se difundir, vi quando o império mais influente de todos, o Romano, adotou a nova religião e levou a ideia do Deus uno e interno a muitos povos da Europa. Mais tarde, quando os bárbaros do norte atacaram, desmembrando o império, a ideia sobreviveu na organização feudal da cristandade que veio a seguir.

Neste ponto, vi os apelos dos Gnósticos, instando a Igreja a focalizar mais a experiência interna e transformadora, usando a vida de Cristo como um exemplo do que cada um de nós podia conseguir. Vi a Igreja sucumbir ao Medo, seus líderes pressentindo uma perda de controle, construindo a doutrina em torno da hierarquia poderosa dos clérigos, que se impunham como mediadores, concessionários do espírito para o povo. Depois, todos os textos Gnósticos foram tachados de blasfemos e excluídos da Bíblia.

Embora muitos indivíduos chegassem da dimensão da Outra Vida com a intenção de expandir e democratizar a nova religião, aquela foi uma época de grande medo, e os esforços para atingir outras culturas foram mais uma vez confundidos com a necessidade de dominar e controlar.

Aqui vi novamente as seitas dos franciscanos, que desejavam incutir nos seres humanos uma reverência pela natureza e um retomo à experiência interior do divino. Esses indivíduos haviam passado à dimensão terrena com a intuição de que o dilema Gnóstico acabaria sendo resolvido, e estavam determinados a preservar os antigos textos e manuscritos até isso acontecer. Vi mais uma vez minha frustrada tentativa de divulgar a informação antes da hora, e minha morte prematura.

No entanto, pude ver claramente que uma nova era começava no Ocidente. O poder da Igreja estava sendo desafiado por outra unidade social: o estado-nação. Quando os povos da Terra foram se inteirando

uns dos outros, a era dos grandes impérios foi chegando ao fim. Surgiram novas gerações capazes de intuir nosso destino de unificação, trabalhando para promover uma consciência de identidade nacional baseada na língua comum e mais intrinsecamente ligada a um país independente. Esses estados ainda eram dominados por líderes autocráticos cujo poder era considerado divino, mas uma nova civilização estava se desenvolvendo, com fronteiras reconhecidas, moeda e rotas de comércio definidas.

Finalmente, na Europa, com a difusão da riqueza e da educação, teve início um grande renascimento. Vi a visão de Nascimento de muitos participantes deste período. Eles sabiam que o destino dos seres humanos era desenvolver uma democracia forte, e chegaram esperando implantá-la. Os escritos dos gregos e romanos foram descobertos, estimulando a memória das pessoas. Os primeiros parlamentos democráticos foram criados e o povo começou a clamar pelo fim do direito divino dos reis e do jugo sanguinário da Igreja sobre a realidade espiritual e social. Logo veio a Reforma Protestante, que prometia que as pessoas podiam ter acesso direto às Escrituras e conceber uma ligação direta com o divino.

Ao mesmo tempo, indivíduos em busca de mais autonomia e liberdade estavam explorando o continente americano, uma massa de terra simbolicamente colocada entre as culturas do Oriente e do Ocidente. Assistindo à Visão de Nascimento dos europeus mais inspirados para entrar nesse novo mundo, pude ver que eles vieram sabendo que essa terra já era habitada, cômnicos de que a comunicação e a imigração só deveriam ter início mediante um convite. No fundo, eles sabiam que os americanos seriam o equilíbrio, o caminho de volta para uma Europa que ia rapidamente perdendo a noção da sagrada intimidade com a natureza e descambando para um secularismo arriscado. As culturas nativas americanas, apesar de imperfeitas, forneciam um modelo que poderia ajudar os europeus a recuperarem suas raízes.

No entanto, também por causa do Medo, esses indivíduos só foram capazes de intuir o impulso de vir para esta terra, pressentindo uma nova liberdade de ação e de pensamento, mas trazendo consigo a

necessidade de dominar, conquistar e buscar a própria segurança. As grandes verdades das culturas nativas foram relegadas na ânsia de explorar os imensos recursos naturais da região.

Enquanto isso, o Renascimento prosseguia na Europa, e comecei a ver o alcance total da Segunda Visão. O poder da Igreja para definir a realidade estava diminuindo, e os europeus sentiam-se como se estivessem despertando para uma nova concepção da vida. Graças à coragem de inúmeros indivíduos, todos inspirados pela memória intuitiva, o método científico foi adotado como um processo democrático para o estudo do mundo no qual os seres humanos viviam. Esse método — observar um aspecto da natureza, tirar conclusões e em seguida expô-las — foi considerado o processo gerador de consenso que permitiria, finalmente, que entendêssemos a situação real da humanidade neste planeta e também sua natureza espiritual.

Mas o Medo arraigado na Igreja fez com que se tentasse reprimir essa nova ciência. As forças políticas se alinharam de ambos os lados e chegou-se a um meio-termo. A ciência estava liberada para explorar o mundo material, mas tinha de deixar os fenômenos espirituais a cargo dos clérigos, que ainda eram influentes. Todo o mundo interior da experiência — nossos mais elevados estados de percepção da beleza e do amor, as intuições, coincidências, os fenômenos interpessoais e até os sonhos — tudo isso era, a princípio, interdito à nova ciência.

Apesar dessas restrições, a ciência começou a mapear e descrever o funcionamento do mundo físico, fornecendo informações que impulsionaram o comércio e a utilização dos recursos naturais. A segurança econômica aumentou, e aos poucos fomos perdendo a noção de mistério e abandonando nosso sincero questionamento sobre o propósito da vida. Decidimos que sobreviver e construir um mundo melhor para nós mesmos e para nossos filhos já justificava nossa existência. Fomos entrando num transe coletivo que negava a realidade da morte e criava a ilusão de que o mundo era banal, e estava explicado, e não tinha mistério nenhum.

Apesar da nossa retórica, aquele nosso sentimento, que já fora uma intuição forte, de que havia uma fonte espiritual estava sendo

recalcado. Nesse crescente materialismo, Deus só podia ser visto como uma divindade distante, um Deus que apenas criara o mundo e saíra de cena para deixá-lo funcionar mecanicamente, como uma máquina previsível, com todo efeito tendo uma causa, e acontecimentos desconexos ocorrendo apenas por acaso, sem explicação.

No entanto, aqui eu via a intenção da existência de muitos indivíduos dessa época. Eles chegaram a esse mundo sabendo que o desenvolvimento da tecnologia e da produção era importante, porque poderia ser aprimorado e vir a ser não poluente e sustentado e poderia dar uma liberdade inimaginável à humanidade. Mas no início, nascidos naquele ambiente, eles lembravam apenas da intuição geral de construir, produzir e trabalhar, agarrados ao ideal democrático.

A visão mudou, e pude ver que em nenhum lugar essa intuição foi tão forte quanto nos Estados Unidos, com sua Constituição democrática e seu sistema de veto. Como uma experiência grandiosa, a América se preparou para o rápido intercâmbio de ideias que caracterizaria o futuro. Porém, por baixo daquilo, as mensagens dos nativos, dos negros e de outros povos, que sustentaram o início da experiência americana, clamavam para serem ouvidas, para serem incorporadas à mentalidade europeia.

No século XIX, estávamos à beira de uma segunda grande transformação da sociedade, uma transformação baseada nas novas fontes de energia que eram o petróleo, o vapor e, finalmente, a eletricidade. A economia se tornara um amplo e complicado campo de ação que fornecia mais produtos do que nunca graças ao surgimento de novas técnicas. As pessoas estavam se mudando em massa das comunidades rurais para os grandes centros urbanos de produção, passando da vida no campo para o envolvimento com a nova e especializada *revolução industrial*.

Nessa época, a maioria das pessoas acreditava que um capitalismo de bases democráticas, sem os entraves da regulamentação do governo, era o sistema econômico ideal. No entanto, mais uma vez, assistindo a Visões de Nascimento, pude constatar que a maioria das pessoas nascidas neste período tinha esperanças de fazer o capitalismo se

aperfeiçoar. Infelizmente o nível de Medo era tal que elas só conseguiram intuir um desejo de obter segurança individual, de explorar os empregados e maximizar os lucros em cada transação, muitas vezes entrando em negociação com os concorrentes e com o governo. Essa foi a grande era dos barões ladrões e dos cartéis secretos dos bancos e da indústria.

No entanto, no início do século XX, por causa dos abusos do capitalismo desenfreado, dois outros sistemas econômicos foram apresentados como alternativas. Pouco antes, na Inglaterra, dois homens haviam lançado um "manifesto alternativo" que clamava por um novo sistema, dirigido pelos trabalhadores, que criaria uma utopia econômica onde os recursos de toda a humanidade estariam ao alcance de cada pessoa de acordo com suas necessidades, sem ganância nem competição.

Nas péssimas condições de trabalho da época, a ideia atraiu muitos adeptos. Mas eu logo vi que esse "manifesto" materialista dos trabalhadores havia sido um desvirtuamento da intenção original. Quando a Visão de Nascimento dos dois homens apareceu, percebi que o que eles estavam intuindo era que o destino da humanidade podia ser aquela utopia. Infelizmente não conseguiram lembrar que essa utopia só poderia ser alcançada por meio da participação democrática, nascida do livre-arbítrio e lentamente evoluída.

Consequentemente, os iniciadores desse sistema comunista, desde a primeira revolução na Rússia, incorreram no erro de pensar que esse sistema poderia ser implantado pela força e pela ditadura, uma abordagem que só criou miséria e custou milhares de vidas. Em sua impaciência, os indivíduos envolvidos vislumbraram uma utopia, mas criaram o comunismo e décadas de tragédia.

A cena mudou para a outra alternativa a um capitalismo democrático: o horror do fascismo. Esse sistema foi criado para aumentar os lucros e o controle de uma elite dominante, que se considerava a liderança privilegiada da sociedade. Essa elite acreditava que, somente pela abolição da democracia e pela união do governo com

as novas lideranças industriais, uma nação podia atingir seu potencial máximo e se impor ao mundo.

Vi claramente que, criando um sistema como esse, essas pessoas estavam totalmente inconscientes das respectivas Visões de Nascimento. Elas vieram a esse mundo desejando apenas promover a ideia de que a sociedade estava evoluindo para chegar à perfeição e de que uma nação de pessoas totalmente mobilizadas em torno de uma finalidade, esforçando-se para realizar todo o seu potencial, alcançaria níveis elevadíssimos de energia e eficácia. O que foi criado foi uma visão medrosa e egoísta defendendo o princípio errôneo da superioridade de certas raças e nações e a possibilidade de se desenvolver uma supernação cujo destino era governar o mundo. Mais uma vez, a intuição de que todos os seres humanos estavam evoluindo para chegar à perfeição foi confundida por homens fracos e covardes e transformada no reino assassino do Terceiro Reich.

Vi outros — que também vislumbraram o aperfeiçoamento da humanidade, mas que estavam mais em contato com a importância de uma democracia forte — intuírem que precisavam combater ambas as alternativas a uma economia que se expressasse livremente. A primeira reação resultou numa guerra mundial sangrenta contra a distorção do fascismo, vencida a um custo altíssimo. A segunda resultou numa longa guerra fria contra o bloco comunista.

De repente me vi focalizando os Estados Unidos durante os primeiros anos dessa guerra fria, a década de 50. Nessa época, a América estava absoluta, no auge do materialismo secular, uma preocupação de quatrocentos anos. Graças à riqueza e à segurança, agora havia uma grande classe média, e uma geração muito numerosa nasceu em meio a esse sucesso material, uma geração cujas intuições ajudariam a levar a humanidade à terceira grande transformação.

Essa geração cresceu sendo constantemente lembrada que vivia no maior país do mundo, na terra dos homens livres, com liberdade e justiça para todos os cidadãos. Porém, quando ficaram mais velhos, alguns membros dessa geração encontraram uma disparidade perturbadora entre essa popular autoimagem americana e a realidade.

Acharam que muitos nessa terra — as mulheres e certas minorias raciais —, por lei e por praxe, definitivamente *não eram livres*. Nos anos 60, a nova geração estava estudando atentamente a imagem dos Estados Unidos e muitos estavam encontrando nela aspectos perturbadores, como por exemplo, um patriotismo cego que esperava que os jovens fossem para uma terra estrangeira lutar numa guerra política, cujos objetivos não eram claramente expressos, e cujas esperanças de vitória eram nulas.

Igualmente perturbadora era a prática espiritual dessa sociedade. O materialismo dos quatrocentos anos anteriores havia recalçado totalmente o mistério da vida e da morte. Muitas pessoas achavam que as igrejas e sinagogas eram cheias de rituais pomposos e vazios. A frequência parecia mais social do que espiritual, e os membros demasiadamente preocupados com a opinião de seus pares a seu próprio respeito.

À medida que a visão se desenrolava, pude ver que a tendência dessa geração à análise e à crítica provinha de uma intuição profundamente arraigada de que a vida não era só o que a realidade material considerava. A nova geração pressentiu um novo significado espiritual prestes a despontar e começou a estudar outras religiões e pontos de vista espirituais menos conhecidos. Pela primeira vez, as religiões orientais foram compreendidas, o que serviu para validar a intuição generalizada de que a percepção espiritual era uma experiência interior, uma mudança de consciência que transformava para sempre nossa noção de identidade e propósito. Do mesmo modo, os escritos cabalísticos judeus e os místicos cristãos do Ocidente, como Meister Eckehart e Teilhard de Chardin, nos deram outras instigantes descrições de uma espiritualidade mais profunda.

Ao mesmo tempo, informações das ciências humanas sociologia, psiquiatria, psicologia e antropologia — estavam vindo à tona, assim como a física moderna, lançando uma nova luz sobre a natureza da consciência e da criatividade dos seres humanos. Essa combinação de pensamento com a perspectiva do Oriente foi se cristalizando no que mais tarde foi chamado de *Movimento do Potencial Humano*, a crença

emergente de que os seres humanos atualmente usavam apenas uma parte mínima de seu vasto potencial físico, psicológico e espiritual.

Vi essa informação e a experiência espiritual que ela gerou ir se alastrando ao longo de décadas até formar uma massa crítica de consciência, um salto de consciência que nos levou a formular uma nova visão definindo a razão de ser da vida humana, incluindo, finalmente, a própria lembrança das Nove Visões.

No entanto, mesmo enquanto essa nova visão estava se cristalizando, contagiando todo mundo como uma epidemia de consciência, muitos da nova geração começaram a recuar, alarmados com a crescente instabilidade da sociedade que parecia corresponder à chegada de um novo paradigma. Por centenas de anos, os princípios da antiga visão de mundo mantiveram uma ordem bem definida e até rígida para a vida dos seres humanos. Todos os papéis eram claramente definidos, e todo mundo sabia o seu lugar: por exemplo, os homens no trabalho, as mulheres e as crianças em casa, as famílias nucleares e genéticas intactas, uma ética de trabalho ubíqua. Esperava-se que os cidadãos descobrissem um lugar na economia, que se realizassem tendo uma família e filhos, e que soubessem que a finalidade da vida era viver e criar um mundo materialmente mais seguro para a geração seguinte.

Então veio a onda de questionamento, análise e crítica dos anos 60, e essas regras rígidas começaram a ruir. O comportamento já não era mais ditado por convenções fortes. Todo mundo agora parecia fortalecido, liberado, livre para definir o curso da própria vida, para ir atrás dessa nebulosa ideia de potencial. Nesse clima, a opinião dos outros deixou de ser o fator determinante de nossas ações e de nossa conduta; cada vez mais, nosso comportamento passou a ser determinado pelo que sentíamos, por nossa própria ética.

Para aqueles que verdadeiramente adotaram um ponto de vista mais espiritual e vivido, caracterizado pela honestidade e pelo amor ao próximo, o comportamento ético não era problema. Mas o que preocupava eram aqueles que haviam perdido as diretrizes e ainda não haviam formado um forte código interno para viver. Eles pareciam estar

caindo numa terra de ninguém, onde tudo era permissível: crime, drogas e vícios de todos os tipos, sem falar na perda da ética de trabalho. Para piorar, parece que muitos estavam usando as novas descobertas do Movimento do Potencial Humano para sugerir que os criminosos e transviados não eram realmente responsáveis pelas próprias ações, mas, ao contrário, eram vítimas de uma sociedade opressiva que descaradamente propiciava aquelas condições sociais que moldavam esse comportamento.

Ali assistindo, compreendi o que eu estava vendo: começava rapidamente a se formar no mundo inteiro uma polarização de pontos de vista à medida que os indecisos agora reagiam contra uma visão cultural que eles consideravam estar levando ao caos e à incerteza, talvez até à total desintegração de seu modo de vida. Nos Estados Unidos sobretudo, um número crescente de pessoas se convenciam de que agora estava diante do que vinha a ser uma luta de morte contra a permissividade e o liberalismo dos últimos vinte e cinco anos — uma guerra cultural, como chamavam — onde o que estava em jogo não era nada menos que a sobrevivência da civilização ocidental. Vi que muitas delas até já davam a causa como praticamente perdida e assim reclamavam uma ação extrema.

Diante dessa reação, vi os próprios defensores do Potencial Humano adotarem uma postura covarde e defensiva, pressentindo que muitos avanços duramente conquistados em termos de direitos individuais e consciência social agora corriam o risco de serem varridos por uma onda de conservadorismo. Muitos consideravam essa reação ao liberalismo um ataque das forças fortificadas da ganância e da exploração, que estavam crescendo numa tentativa final para dominar os membros mais fracos da sociedade.

Aqui pude ver claramente o que intensificava a polarização: cada lado achava que o outro era uma conspiração do mal.

Os defensores da antiga visão de mundo já não consideravam os partidários do Potencial Humano ingênuos nem mal orientados, assim, parte de uma conspiração maior de socialistas de altos escalões governamentais, adeptos ferrenhos da solução comunista, cujo intuito

era provocar exatamente o que estava ocorrendo: uma tal erosão dos valores culturais que um governo forte podia assumir e consertar as coisas. Em sua opinião, a conspiração estava usando o medo do aumento da criminalidade como desculpa para registrar armas e sistematicamente desarmar a população, aumentando os poderes de uma burocracia centralizada que finalmente monitoraria a movimentação do dinheiro em espécie e de cartões de crédito via Internet, justificando o crescente controle da economia eletrônica como forma de prevenir a criminalidade, ou como uma necessidade para recolher impostos ou evitar sabotagem. Enfim, talvez com a desculpa da iminência de um desastre natural, o grande irmão viria confiscar a riqueza e impor a lei marcial.

Para os defensores da liberação e das mudanças, o cenário oposto parecia mais provável. Em face dos ganhos políticos dos conservadores, todas as coisas pelas quais eles trabalharam pareciam estar desmoronando diante de seus olhos. Eles também estavam vendo a criminalidade aumentar e a estrutura familiar se desintegrar, só que para eles a causa disso não era a presença excessiva do governo, mas a ausência, tarde demais.

Em todas as nações, o capitalismo foi um fracasso para toda uma classe social por um motivo claro: os pobres eram alijados do sistema. Não tinham acesso a uma boa educação. Não tinham oportunidades de emprego. E, em vez de colaborar, o governo parecia estar recuando, desperdiçando os programas de erradicação da pobreza com todas as outras conquistas árduas dos últimos vinte e cinco anos.

Pude ver claramente que os reformadores, cada vez mais desiludidos, começavam a acreditar no pior: que aquela guinada para a direita só podia ser o resultado da manipulação e do controle crescentes que as grandes corporações mundiais exerciam em benefício de seus interesses. Esses interesses pareciam estar comprando governos, comprando a mídia e, em última instância, como na Alemanha nazista, o mundo acabaria lentamente sendo dividido entre os que tinham e os que não tinham, com as corporações maiores e mais ricas tirando os pequenos empresários do mercado e controlando cada

vez mais a riqueza. naturalmente haveria tumultos, mas isso seria uma brincadeira na mão da elite que já teria reforçado o controle policial.

Minha consciência de repente subiu de nível e eu finalmente entendi inteiramente a polarização do Medo: havia muita gente gravitando em torno de uma perspectiva ou de outra, e ambos os lados viam a questão como uma guerra do bem contra o mal, e um atribuía ao outro a liderança de uma grande conspiração.

E, por trás disso, compreendi então a crescente influência dessas pessoas que afirmavam poder explicar esse mal emergente. Eram os analistas do fim do mundo que Joel mencionara. No crescente turbilhão da transição, esses intérpretes começavam a ganhar mais força. Para eles, as profecias da Bíblia deveriam ser entendidas literalmente, e o que eles viam na incerteza dos nossos tempos era a preparação para a chegada do anunciado apocalipse. Logo começaria a guerra santa em que os homens seriam divididos entre as forças das trevas e os exércitos da luz. Eles viam essa guerra como um verdadeiro conflito físico, rápido e sangrento, e, para os que sabiam que aconteceria, só havia uma decisão importante: escolher o lado certo quando a luta começasse.

Mas simultaneamente, assim como por ocasião de outras reviravoltas marcantes na história da humanidade, pude enxergar além do Medo e da contenção e ver a Visão de Nascimento dessas pessoas. Nitidamente todas elas, de ambos os lados da polarização, entraram na dimensão física desejando que essa polarização não fosse tão intensa. Queríamos uma transição suave da antiga visão de mundo materialista para essa espiritual, e queríamos uma transformação em que as tradições melhores e mais antigas fossem reconhecidas e integradas no novo mundo que emergia.

Pude ver claramente que esse estado de beligerância crescente era uma aberração, que não era intencional e era provocado pelo Medo. Nossa visão original preconizava a manutenção da ética da sociedade e a garantia de plena liberdade para os indivíduos, com a proteção do meio ambiente; e essa criatividade econômica seria conservada e transformada para sempre com a introdução de um propósito

espiritual irresistível. Além disso, esse propósito espiritual poderia baixar plenamente no mundo e iniciar uma utopia de uma forma que satisfaria simbolicamente as previsões apocalípticas das Escrituras.

Minha consciência abriu-se mais ainda, e, exatamente como na ocasião em que assisti à Visão de Nascimento de Maya, quase pude ter um lampejo dessa maior lucidez espiritual, ver na totalidade o curso previsto para a história dos seres humanos a partir de agora, como poderíamos conseguir conciliar esses pontos de vista e continuar agindo para realizar nosso destino humano. Então, como antes, minha cabeça começou a rodar, e perdi a concentração; não conseguia atingir o nível de energia para entender.

A visão foi desaparecendo, e me esforcei para segurá-la, vendo a situação atual uma última vez. Ficava claro que, sem a influência mediadora da Visão do Mundo, a polarização do Medo continuaria se acelerando. Pude ver os dois lados endurecendo, exacerbando-se mais à medida que se convenciam de que, além de estar errado, o outro lado era hediondo e venal... tendo feito um pacto com o próprio diabo.

Após uma breve tonteira e uma sensação de movimentação rápida, olhei em redor e vi Wil a meu lado. Ele olhou para mim e depois para aquele ambiente cinzento e escuro, a preocupação estampada no rosto. Havíamos viajado para outro local.

— Conseguiu ver minha visão da história? — perguntei.

Ele olhou de novo para mim e balançou a cabeça.

— O que acabamos de ver foi uma nova interpretação espiritual da história, de certa forma própria dessa nossa visão cultural, mas espantosamente reveladora. Eu jamais havia visto nada parecido. Isso tem de ser parte da Décima — tudo o que o homem almeja, enxergado claramente do ponto de vista da Outra Vida. Estamos entendendo que todo mundo nasce com uma intenção positiva, tentando enriquecer a dimensão física com o conhecimento da Outra Vida. Todos nós! A história foi um longo processo de despertar. Quando nascemos neste

plano físico, obviamente, começa para nós esse problema de termos ficado inconscientes e precisarmos nos socializar e aprender a viver de acordo com a realidade cultural da época. Depois disso, só conseguimos nos lembrar desses pressentimentos, dessas intuições, para fazer certas coisas. Mas temos que viver lutando contra o Medo. Muitas vezes, ele é tão grande que nos impede de levar a cabo o que queríamos fazer, ou nos obriga a distorcer nossa intenção. Mas todo mundo, e estou querendo dizer todo mundo mesmo, nasce com a melhor das intenções.

— Então você acha que uma pessoa que comete assassinatos em série, por exemplo, realmente veio ao mundo para fazer uma coisa boa?

— Acho, originalmente. Toda violência é uma raiva liberada como forma de superar um sentimento de Medo e de desamparo.

— Não sei — retruquei. — Algumas pessoas não são intrinsecamente más?

— Não, elas apenas perdem a cabeça por causa do Medo e cometem erros terríveis. E, em última instância, têm que arcar com toda a responsabilidade por esses erros. Mas o que precisa ser compreendido é que a nossa tendência a achar que algumas pessoas são más por natureza também é extremamente perniciososa. Essa é a premissa errônea que alimenta a polarização. Nenhum dos lados consegue acreditar que um ser humano possa agir de determinada maneira sem ser intrinsecamente mau, então começa a desumanizar e alienar o outro, o que reforça o Medo e faz aflorar o que cada pessoa tem de pior.

Ele parecia distraído, com o olhar em outra coisa.

— Cada lado acha que o outro está envolvido numa terrível conspiração — acrescentou —, encarnando tudo o que é negativo.

Notei que ele estava novamente com o olhar distante, e, quando segui seus olhos e também focalizei a paisagem, comecei a ter um pressentimento muito tenebroso.

— Acho — prosseguiu — que só vamos conseguir ter a Visão do Mundo e resolver a polarização quando entendermos a verdadeira natureza do mal e soubermos o que é o Inferno.

— Por que está dizendo isso? — perguntei.

Ele tomou a me olhar e a desviar a vista para aquele cinzento triste.

— Porque o Inferno é exatamente onde nós estamos.

UM INFERNO INTERIOR

FIQUEI TODO ARREPIADO quando olhei para aquela paisagem cinzenta. Meu mau pressentimento de há pouco estava virando uma sensação nítida de alienação e desespero.

— Já esteve aqui? — perguntei a Wil.

— Só cheguei ao limiar — respondeu ele. — Nunca estive aqui no miolo. Está vendo como faz frio?

Balancei a cabeça ao mesmo tempo em que percebi um movimento.

— O que é isso?

Wil meneou a cabeça.

— Não sei bem.

Um turbilhão de energia parecia estar vindo em nossa direção.

— Deve ser outro grupo espiritual — arrisquei.

Enquanto o grupo se aproximava, tentei focalizar o pensamento de seus componentes, sentindo uma alienação maior ainda e até raiva. Tentei combater essa sensação, abrir-me mais.

— Espere — ouvi vagamente Wil dizer. — Você não é forte o suficiente.

Mas já era tarde. Subitamente fui puxado para uma escuridão intensa e depois para uma grande cidade. Apavorado, olhei em redor, esforçando-me para conservar a lucidez, e percebi que a arquitetura indicava o século XIX, mas muitos aspectos da realidade estavam errados: o horizonte tinha um tom estranho de cinza e o céu era verde oliva, parecido com o céu acima do escritório que Williams concebera quando estava evitando aceitar que havia morrido.

Aí vi quatro homens me olhando da esquina em frente. Senti-me gelar. Todos estavam bem vestidos e um inclinou a cabeça e deu uma tragada no charuto. Outro olhou as horas num relógio e tomou a

guardá-lo no bolso do colete. Tinham um ar sofisticado porém ameaçador.

— Quem tiver aumentado sua cólera é meu amigo — falou uma voz baixa atrás de mim.

Virei-me e vi um homenzarrão gordo como uma pipa, também bem vestido e com um chapéu de feltro de aba larga, vindo em minha direção. A cara dele me parecia familiar; eu já o havia visto. Mas onde?

— Não se preocupe com eles — acrescentou. — É fácil passá-los para trás.

Fiquei olhando para a postura corcunda daquele homem alto e para seu olhar inconstante e lembrei quem ele era. Era o comandante das tropas federais que eu havia visto nas visões da guerra do século XIX, aquele que se recusara a receber Maya e declarara guerra contra os nativos. Essa cidade era uma invenção, pensei. Ele deve ter recriado sua última situação de vida para não se conscientizar de que havia morrido.

— Isso não é real— fui dizendo. — Você está... ahn... morto.

Ele pareceu ignorar minha afirmação.

— Então, o que você fez para irritar tanto esse bando de chacais?

— Não fiz nada.

— Ah, fez, sim. Conheço esse olhar deles para você. Eles pensam que mandam nessa cidade, sabe. Na verdade, acham que podem mandar no mundo inteiro. — Ele meneou a cabeça. — Essa gente nunca confia no destino. Pensa que tem a responsabilidade de fazer o futuro sair como o planejado. Tudo. O desenvolvimento econômico, os governos, o fluxo de dinheiro, até o valor relativo das diversas moedas. O que realmente não é má ideia. Deus sabe que o mundo está cheio de peões idiotas, que poriam tudo a perder se pudessem agir por conta própria. O povo tem que ser guiado e controlado ao máximo, e se der para a gente ainda ganhar um dinheirinho, por que não?

— Mas esses doidos tentaram mandar em mim. Claro que sou esperto demais para eles. Sempre fui. Então o que fizeram?

— Ouça — disse eu. — Procure entender. Nada disso é real.

— Ei — retrucou ele — sugiro que você confie em mim. Se eles estão contra você, o único amigo que você tem sou eu.

Desviei a vista; mas sabia que ele continuava me olhando desconfiado.

— Eles são traiçoeiros — prosseguiu. — Nunca perdoam. Veja o meu caso, por exemplo. Eles só queriam usar minha experiência militar para esmagar os índios e abrir as terras deles. Mas eu sabia quem eles eram. Sabia que não eram de confiança, que eu teria que me cuidar. — Ele me olhou com um olhar cínico. — Se a gente é herói de guerra, é mais difícil eles se descartarem de nós depois de nos usarem, não é? Depois da guerra, eu me vendi ao povo. Assim, aqueles sujeitos tiveram que entrar no meu jogo. Mas uma coisa eu lhe digo: nunca subestime essa gente. São capazes de qualquer coisa!

Ele recuou por um momento, como se me avaliando.

— Na verdade — acrescentou -, talvez tenham mandado você como espião.

Sem saber o que fazer, fui indo embora.

— Seu canalha — gritou ele. — Eu estava certo.

Vi-o enfiar a mão no bolso e sacar uma faca. Petrificado, me obriguei a reagir. Saí correndo pela rua e entrei num beco, ouvindo os passos pesados dele no meu encalço. À direita, havia uma porta entreaberta. Entrei por ali e tranquei-a. Ao respirar, senti um cheiro forte de ópio. À minha volta, havia dezenas de pessoas me olhando com um olhar parado. Seriam seres reais ou parte da ilusão construída? A maioria logo retomou suas conversas mudas e seus narguilés, e eu fui me esgueirando por entre aqueles colchões e sofás imundos até uma outra porta.

— Conheço você — resmungou uma mulher. Ela estava encostada ao lado da porta, a cabeça pendendo à frente como se fosse muito pesada para ela sustentar. — Fui do seu colégio.

Olhei para ela meio confuso, depois me lembrei daquela garota que vivia tendo crises de depressão e se metendo com drogas. Resistindo a todos os tratamentos, ela acabou morrendo de overdose.

— Sharon, é você?

Ela deu um sorriso forçado, e eu tornei a olhar para a porta, com medo de que o comandante com a faca tivesse conseguido entrar.

— Não tem problema — disse ela. — Você pode ficar aqui com a gente. Esse quarto é seguro. Não tem nada que possa lhe machucar.

Aproximei-me dela e disse tão delicadamente quanto possível:

— Não quero ficar aqui. Isso tudo é uma ilusão.

Quando eu disse isso, três ou quatro pessoas se viraram e me olharam irritadas.

— Por favor, Sharon — murmurei. — Venha comigo.

As duas que estavam mais perto levantaram-se e aproximaram-se de Sharon.

— Vá embora daqui — disse uma delas. — Deixe a Sharon em paz.

— Não ligue para ele — disse a outra à Sharon. — Ele é louco. Precisamos uns dos outros.

Dei uma parada para poder encarar Sharon.

— Sharon, nada disso é real. Você está morta. Precisamos dar um jeito de sair daqui.

— Cale a boca! — gritou outra pessoa.

Outras quatro ou cinco se aproximaram de mim com um olhar de ódio.

— Deixe a gente em paz.

Fui recuando até a porta; aquela gente veio vindo em minha direção. Através dos corpos, eu via Sharon voltando para seu narguilé. Virei-me e saí correndo porta afora, só que me dei conta de que não tinha saído. Estava num escritório, cercado de computadores, arquivos, uma mesa de reuniões — mobiliário e equipamento modernos, século XX.

— Ei, o senhor não devia estar aqui — disseram.

Virei-me e vi um homem de meia-idade me olhando por cima dos óculos.

— Onde está minha secretária? Não tenho tempo para isso. O que deseja?

— Tem alguém me perseguindo. Eu estava tentando me esconder.

— Meu Deus, homem! Então não entre aqui. Eu disse que não tenho tempo para isso. Nem imagina tudo o que tenho para fazer hoje. Olhe só essas pastas. Quem acha que vai processar isso tudo se eu não processar?

Imaginei ver um olhar de pânico em seu rosto.

Meneei a cabeça e procurei outra porta.

— Não sabe que está morto? — perguntei. — Isso tudo é imaginação.

Ele parou, o pânico se convertendo em fúria em seu olhar, e perguntou:

— Como entrou aqui? É algum criminoso?

Encontrei uma porta que dava para a rua e saí correndo. Não fosse por uma carruagem, a rua estaria completamente deserta. A carruagem parou diante do hotel do outro lado da rua, e uma bela mulher, em traje de noite, saltou, olhou para mim e sorriu. Sua atitude demonstrava um certo calor humano. Corri para ela. Ela parou e ficou me olhando com um sorriso recatadamente convidativo, enquanto eu me aproximava.

— Você está sozinho — disse ela. — Por que não me acompanha?

— Aonde você está indo? — arrisquei.

— A uma festa.

— Quem vai estar lá?

— Não tenho a menor ideia.

Ela abriu a porta do hotel e fez um gesto para que eu a acompanhasse. Segui-a automaticamente, tentando pensar no que fazer. Entramos no elevador e ela apertou o botão do quarto andar. Aquela sensação de calor humano foi aumentando gradativamente enquanto

subíamos. Pelo canto do olho, vi-a olhando para minhas mãos. Quando olhei para ela, ela tomou a sorrir e fingiu ter sido surpreendida.

Saímos do elevador e ela me levou até uma determinada porta onde bateu duas vezes. Pouco depois um homem a abriu.

Ele ficou animado ao ver a mulher.

— Entre! — disse. — Entre!

Ela me fez entrar na sua frente, e logo uma jovem veio me dar o braço. Estava com um vestido tomara-que-caia e descalça.

— Ah, você está perdido — disse ela. — Coitadinho. Aqui com a gente você vai estar seguro.

Lá dentro, perto da porta, vi um homem sem camisa.

— Olhe só essas coxas — comentou ele, olhando para mim.

— Ele tem mãos perfeitas — disse um outro.

Em estado de choque, me dei conta de que o quarto estava cheio de gente mais ou menos despida, em vários estágios do ato sexual.

— Não, espere — disse eu. — Não posso ficar.

A mulher que havia me dado o braço disse:

— Você vai voltar para lá? Nunca se acha um grupo como esse. Sinta essa energia aqui. Nada a ver com o medo da solidão, né?

Ela afagou meu peito.

De repente ouviu-se um tumulto no outro extremo da sala.

— Não, me deixe em paz! — alguém gritou. — Não quero ficar aqui.

Um jovem de dezoito anos no máximo empurrou várias pessoas e saiu correndo porta afora. Aproveitei que todo mundo estava distraído para sair atrás dele. Sem esperar pelo elevador, ele desceu as escadas voando e eu fui atrás. Quando cheguei na rua, ele já tinha atravessado.

Eu já ia gritar para ele parar quando o vi estacar apavorado. Diante dele, na calçada, estava o comandante, ainda com a faca na mão, mas agora enfrentando aqueles homens que tinham ficado me olhando há pouco. Todos falavam ao mesmo tempo, como se estivessem irritados.

De repente, um deles sacou uma arma, e o comandante investiu contra ele com a faca. Tiros ecoaram, e o chapéu e a faca do comandante voaram quando uma bala lhe varou a testa. Quando ele caiu no chão com um baque, os outros pararam de repente e foram sumindo até desaparecer completamente. O homem no chão desapareceu tão depressa quanto eles.

Na outra calçada, o jovem parecia esgotado sentado no meio-fio, apoiando a cabeça nas mãos. Corri para ele, de pernas bambas.

— Está tudo bem — tranquilizei. — Eles foram embora.

— Não foram, não — disse ele frustrado. — Olhe ali.

Virei-me e vi os quatro reaparecerem em frente ao

hotel. Era incrível, mas eles estavam exatamente na mesma posição em que eu os vira da primeira vez. Um deles soltou uma baforada do charuto e o outro olhou o relógio.

Levei um susto quando vi também o comandante, novamente à minha frente, me olhando com um olhar ameaçador.

— Isso fica acontecendo sem parar — disse o jovem. — Não aguento mais. Alguém tem que me ajudar.

Antes que eu pudesse dizer alguma coisa, duas formas se materializaram à direita dele, mas permaneceram obscuras, fora de foco.

O jovem ficou um bom tempo olhando para as formas, depois, com uma cara animada, perguntou:

— Roy, é você?

As duas formas foram se aproximando dele até encobri-lo totalmente com seus vultos trêmulos. Pouco depois, ele sumiu completamente junto com os dois outros espíritos.

Fiquei olhando para o meio-fio onde ele esteve sentado, sentindo vestígios de uma vibração maior. Em minha mente, tornei a ver meu grupo espiritual e a sentir seu carinho e seu amor. Concentrando-me nessa sensação, consegui me livrar do nervosismo que me bloqueava e amplificar minha energia até começar a me abrir interiormente.

Imediatamente o ambiente ganhou tonalidades mais claras de cinza e a cidade desapareceu. À medida que minha energia foi aumentando, pude mentalizar o rosto de Wil e imediatamente ele apareceu a meu lado.

— Você está bem? — perguntou ele, virando-se para me abraçar. Sua expressão demonstrava um grande alívio. — Essas ilusões foram fortes, e você quis entrar nelas de cabeça.

— Eu sei. Não consegui pensar, não consegui lembrar o que fazer.

— Você demorou muito; a única coisa que pudemos fazer foi lhe mandar energia.

— Nós quem?

— Esses espíritos todos. — Wil apontou.

Olhei e, até onde minha vista alcançava, vi centenas de espíritos uns ao lado dos outros. Havia alguns nos olhando diretamente, mas a maioria parecia voltada para outra direção. Tentei ver para onde olhavam, e acompanhei seus olhares até vários redemoinhos de energia ao longe. Quando consegui me concentrar, percebi que um dos redemoinhos era de fato a cidade de onde eu acabara de fugir.

— Que lugares são esses? — perguntei a Wil.

— Construções mentais — respondeu ele — feitas por espíritos que tiveram uma vida muito reprimida e não conseguiram despertar depois da morte. Há milhares deles aí.

— Você conseguiu ver o que aconteceu enquanto eu estava na construção?

— Quase tudo. Quando focalizei os espíritos próximos, consegui captar através deles o que estava lhe acontecendo. Esse círculo de espíritos está sempre irradiando energia para as ilusões, esperando que alguém responda.

— Viu aquele garoto? Ele conseguiu despertar. Mas parece que os outros não prestaram atenção a nada.

Wil virou-se para mim.

— Lembra-se do que vimos durante a Revisão de Vida de Williams? Primeiro não houve jeito de ele aceitar a situação, e ficou recalçando tanto a ideia da própria morte que criou a ilusão do escritório dele.

— É, pensei nisso quando estava lá.

— Bem, é assim que a coisa funciona para todo mundo. Se passamos a vida mergulhados em nossa dramatização de controle e em nossa rotina para não pensar no mistério e na insegurança da vida a tal ponto que nem conseguimos despertar após a morte, aí então criamos essas ilusões ou tranSES para poder continuar com aquela mesma sensação de segurança, mesmo depois que entramos na Outra Vida. Se o grupo espiritual de Williams não o tivesse alcançado, ele teria entrado num daqueles lugares infernais onde você esteve. É tipo uma reação ao Medo. As pessoas de lá ficariam paralisadas de Medo se não o combatessem, não o recalçassem no inconsciente. Eles estão é repetindo as mesmas dramatizações, os mesmos artifícios para enfrentar as situações que usaram em vida, e não conseguem parar.

— Então essas realidades ilusórias são apenas fortes dramatizações de controle?

— São, todas elas se encaixam nos padrões gerais das dramatizações de controle, exceto por serem mais intensas e não reflexivas. Por exemplo, o homem da faca, o comandante, sem dúvida era o intimidador, pela maneira como roubava a energia dos outros. E justificava essa atitude imaginando que o mundo o estava perseguindo e, obviamente, na Terra essa expectativa atraía exatamente esse tipo de gente para a vida dele, e isso satisfazia sua visão mental. Aqui ele simplesmente criou perseguidores imaginários para reproduzir a mesma situação.

— Se ele não tivesse mais ninguém para intimidar e a energia dele baixasse, a ansiedade dele começaria a passar à consciência outra vez. Por isso ele precisa viver fazendo o papel de intimidador. Precisa dar continuidade a esse comportamento, que ele aprendeu há muito tempo e é a única coisa que pode tirar o Medo da cabeça dele. É esse próprio comportamento, com tudo o que tem de compulsivo, dramático e altamente estimulante, que recalca o nervosismo a ponto de ele poder

esquecê-lo, reprimi-lo e sentir-se razoavelmente bem, pelo menos por algum tempo.

— E aqueles drogados? — perguntei.

— Esses estavam levando a passividade, o "coitadinho de mim", ao extremo de projetar apenas desespero e crueldade no mundo inteiro, justificando uma necessidade de fuga. Drogar-se compulsivamente tem a função de ocupar a mente e reprimir a ansiedade, mesmo na Outra Vida.

— Na dimensão física, as drogas muitas vezes produzem uma euforia parecida com a euforia do amor. O problema com essa falsa sensação, no entanto, é que o corpo resiste aos elementos químicos e reage, o que significa que, com o consumo prolongado, é preciso uma dose cada vez maior para se chegar ao mesmo efeito, e isso acaba destruindo o organismo.

Tornei a pensar no comandante.

— Uma coisa muito estranha aconteceu lá. O homem que estava me perseguindo foi morto, mas depois pareceu reviver e recomeçar aquela dramatização.

— As coisas são assim mesmo nesse Inferno auto-imposto. Essas ilusões todas sempre acabam mal. Se você estivesse com alguém que para reprimir o mistério da vida passasse a ingerir grandes quantidades de gordura, um infarto poderia colocar um ponto final na história. Os drogados acabam se destruindo, o comandante morre sempre, e assim por diante.

— E, na dimensão física, é igual: uma dramatização de controle compulsiva sempre acaba mal, mais cedo ou mais tarde. Em geral, ela acontece por ocasião dos desafios da vida; há uma quebra na rotina e a ansiedade aumenta. Isso é o que se chama chegar ao fundo do poço. É a hora de acordar e lidar com o medo de outra forma; mas, se a pessoa não consegue, volta para o transe. E quem não acorda na dimensão física pode ter dificuldade de acordar na outra também.

— Esses transe compulsivos são responsáveis por todo comportamento chocante na dimensão física. Essa é a psicologia de

todos os atos verdadeiramente maus, o motivo por detrás do comportamento inconcebível de molestadores de crianças e todos os monstros que cometem atrocidades em série. Eles simplesmente estão repetindo a única coisa que sabem fazer para anestesiar a mente e afastar a ansiedade que vem do desamparo que eles sentem.

— Então você está dizendo — intervim — que não existe uma conspiração do mal no mundo, nenhum plano satânico no qual somos enredados?

— Estou. Só existe o medo das pessoas e o modo estranho como elas tentam combatê-lo.

— E as várias referências que as escrituras e os textos sagrados fazem a Satã?

— Essa ideia é uma metáfora, um modo simbólico de fazer as pessoas procurarem segurança nas coisas divinas, não nas premências e hábitos muitas vezes trágicos que elas têm. Culpar uma força externa por tudo de ruim pode ter sido importante num certo estágio do desenvolvimento do ser humano. Mas agora isso encobre a verdade, porque atribuir nosso comportamento a forças externas é uma maneira de evitar a responsabilidade. E temos tendência a usar a ideia de Satã para projetar que umas pessoas são intrinsecamente más e podemos desumanizar e descartar aquelas de quem discordamos. Já está na hora de entendermos a verdadeira natureza do mal humano de forma mais sofisticada para poder lidar com ele.

— Se não existe um plano satânico — disse eu — não existe "possessão".

— Não é assim — disse Wil com ênfase. — "Possessão" psicológica existe, sim. Mas não é o resultado de uma conspiração do mal; é só uma dinâmica de energia. Os medrosos querem controlar os outros. É por isso que há grupos que tentam aliciar adeptos, convencendo-os a seguirem-nos, exigindo que se submetam à sua autoridade, ou pressionando-os se decidem deixá-los.

— Quando eu fui atraído para aquela cidade ilusória, pensei que tinha sido possuído por uma força demoníaca.

— Não, você foi atraído para lá por ter cometido o mesmo erro anterior: não se abriu apenas e escutou aqueles espíritos, mas se entregou a eles, como se automaticamente eles tivessem todas as respostas, sem verificar se estavam ligados e motivados pelo amor. E, ao contrário dos que estão ligados com o divino, eles não o evitaram. Apenas o atraíram para o mundo deles, da mesma maneira que um grupo ou culto louco poderia fazer na dimensão física com quem não tem critério.

Wil parou como se refletindo, depois prosseguiu.

— Tudo isso entra na Décima Visão; é por isso que a gente está vendo. Quanto mais as duas dimensões se comunicarem, mais encontros teremos com os espíritos na Outra Vida. Essa parte da Visão diz que precisamos saber discernir os espíritos despertados e ligados no amor e os covardes e empacados num transe obsessivo qualquer. Mas precisamos fazer isso sem invalidar e desumanizar aqueles que estiverem presos nessas dramatizações de medo considerando-os demônios ou diabos. São espíritos em processo de crescimento, como nós. Na verdade, na dimensão terrena, os que agora estão enredados em dramatizações das quais não conseguem escapar muitas vezes são exatamente os que ficaram mais otimistas com a Visão de Nascimento.

Meneei a cabeça, sem acompanhar aquele raciocínio.

— É por isso — prosseguiu ele — que escolhem nascer em situações drásticas e ameaçadoras que exigem artifícios tão loucos e intensos para serem enfrentadas.

— Você está falando de uma situação como a de alguém que nasce numa família desequilibrada e perversa?

— Estou. Qualquer dramatização de controle intensa, seja ela um vício violento ou apenas uma perversão ou uma excentricidade, é resultado de um ambiente em que a vida é tão abusiva, desequilibrada e repressiva e o nível de Medo tão elevado, que ficam sempre gerando essa violência e essa perversão geração após geração. Quem nasce em situações como essa nasce por opção, esclarecido.

Essa ideia me pareceu absurda.

— Por que uma pessoa haveria de querer nascer num lugar desses?

— Porque estava convencida que era suficientemente forte para se libertar, para fechar o ciclo, para curar o sistema familiar em que nasceu. Achava que ia despertar e trabalhar o ressentimento e a raiva de se encontrar numa situação triste daquelas e encarar tudo como uma preparação para uma missão — em geral, uma missão para ajudar o próximo em situações semelhantes. Mesmo se essa pessoa for violenta, temos que encará-la como dotada de potencial para se libertar do drama.

— Então a perspectiva liberal sobre a criminalidade e a violência, a ideia de que todo mundo pode mudar e é recuperável, é a que se deseja. A premissa conservadora não merece crédito?

Wil sorriu.

— Não é bem assim. Os liberais têm razão quando afirmam que as pessoas que foram criadas em situações opressivas e pervertidas são um produto deste ambiente, e os conservadores estão errados em acreditar que evitar uma vida de criminalidade ou miséria é apenas uma questão de opção consciente.

— Mas a premissa liberal também é superficial, pois acredita que as pessoas podem mudar se tiverem oportunidades melhores, apoio financeiro ou educação, por exemplo. O único foco dos programas de intervenção é ajudar os outros a aprimorarem a capacidade de decisão e terem mais opções econômicas. No caso de infratores violentos, as tentativas de reabilitação sempre ofereceram, na melhor das hipóteses, um aconselhamento superficial e, na pior, desculpas e penitência, o que é exatamente o que não se deve fazer. Deixar de aplicar a punição adequada e de fazer com que a pessoa cuja dramatização de controle apresenta um distúrbio sofra as consequências de seus atos permite que o comportamento dela tenha uma continuidade e reforça a ideia de que aquele comportamento não é grave, o que apenas prepara as circunstâncias que garantem que haverá reincidência.

— Então o que se pode fazer? — perguntei.

Wil parecia animadíssimo.

— Podemos aprender a intervir espiritualmente! E isso quer dizer ajudar a tornar consciente todo esse processo, como esses espíritos aqui estão fazendo com os que estão enredados nas ilusões.

Wil estava olhando para os espíritos no círculo, depois olhou para mim e meneou a cabeça.

— Posso captar desses espíritos todas essas informações que acabo de lhe passar, mas ainda não estou conseguindo ver claramente a Visão do Mundo. Ainda não aprendemos a nos energizar suficientemente.

Concentrei-me nos espíritos do círculo, mas só consegui captar as informações que Wil passara. Era óbvio que aqueles grupos espirituais possuíam um conhecimento maior e estavam projetando esse conhecimento nas construções de medo, mas, como Wil, eu ainda não estava conseguindo entender melhor.

— Pelo menos temos mais uma parte da Décima Visão disse Wil. — Sabemos que, por mais indesejável que seja o comportamento dos outros, temos que entender que eles não passam de espíritos tentando despertar, como nós.

De repente quase caí para trás ao ouvir um rumor ensurdecedor, um turbilhão de cores me invadindo a mente. Wil adiantou-se logo e me pegou no último momento, puxando-me para sua energia e me segurando firmemente. Parece que tive uma tremedeira violenta, que logo passou.

— Recomeçaram a experiência — disse Wil.

Dominei a sensação de tonteira e olhei para ele.

— Isso significa que Curtis provavelmente vai tentar fazê-los parar à força. Está convencido de que é a única maneira.

Assim que disse essas palavras, me veio à mente com toda a clareza uma imagem de Feyman, o homem que, segundo David Águia Solitária, tinha algo a ver com a experiência. Ele estava num lugar de onde se descortinava o vale. Olhando para Wil, percebi que ele vira a mesma imagem. Ele fez que sim com um gesto de cabeça, e na mesma hora começamos a andar.

Quando paramos, Wil e eu estávamos frente a frente. Rodeando-nos, havia mais cinza. Outro rumor altíssimo e desafinado cortou o silêncio, e o rosto de Wil começou a sair de foco. Ele continuou a me segurar, e, um bom tempo depois, o barulho acabou.

— Esses barulhos estão ficando mais frequentes – disse Wil. — Talvez a gente não tenha muito tempo.

Balancei a cabeça, lutando contra a tonteira.

— Vamos dar uma olhada por aí — disse Wil.

Na hora em que nos concentramos no ambiente ao nosso redor, vimos o que parecia ser uma massa de energia a centenas de metros de nós. Imediatamente a massa se aproximou uns doze ou quinze metros.

— Cuidado — alertou Wil. — Não se identifique completamente com eles. Fique só ouvindo e descubra quem são.

Concentrei-me cautelosamente, e na mesma hora vi os espíritos em movimento e uma imagem da cidade da qual haviam fugido.

Recuei com medo, o que na verdade os fez se aproximarem mais de nós.

— Fique centrado no amor — disse Wil. — Eles só podem nos atrair se agirmos como se quiséssemos que nos salvassem. Tente passar-lhes amor e energia. Isso ou vai ajudá-los ou vai botá-los para correr.

Percebendo que os espíritos estavam com mais medo que eu, encontrei meu centro e irradiei-lhes a energia do amor. Imediatamente eles recuaram para a posição original.

— Por que não podem aceitar o amor e despertar? — perguntei a Wil.

— Porque quando sentem a energia, e essa energia eleva em um grau a consciência deles, a preocupação deles se dissipa e não rebate a ansiedade da alienação. Conscientizar-se e libertar-se de uma

dramatização de controle sempre gera ansiedade no primeiro momento, porque primeiro a compulsão tem que se dissipar para que se possa encontrar a solução interna para o desamparo. É por isso que uma "noite tenebrosa da alma" às vezes precede uma época de maior conscientização e de euforia espiritual.

Um movimento para a direita nos chamou a atenção. Quando me concentrei, percebi que havia outros espíritos na área; estes se aproximaram e os outros foram embora. Esforcei-me para captar o que o grupo estava fazendo.

— Por que acha que esse grupo está aqui? — perguntei a Wil.

Ele deu de ombros.

— Tem alguma coisa a ver com esse Feyman.

Em volta do grupo, pude ver uma imagem em movimento, uma cena. Quando consegui focalizá-la com clareza, percebi que era a imagem de uma fábrica de grande porte em algum lugar da Terra, com enormes edifícios de aço e fileiras do que pareciam ser transformadores, tubulação e quilômetros de fios interligados. No centro do complexo, no alto de um dos maiores edifícios, havia uma torre de comando toda envidraçada. Lá dentro, vi fileiras de computadores e painéis de todo o tipo. Olhei para Wil.

— Estou vendo — disse ele.

Enquanto examinávamos o complexo, nossa perspectiva se ampliou, permitindo que víssemos a fábrica do alto. Vimos quilômetros de fios que saíam da fábrica para todos os lados, alimentando enormes torres de raios laser que enviavam energia para outras estações locais.

— Sabe o que é isso tudo? — perguntei a Wil. Ele balançou a cabeça.

— É uma central de geração de energia.

Nossa atenção foi atraída por uma movimentação num dos extremos do complexo. Caminhonetes de emergência e caminhões de bombeiros estavam chegando a um dos maiores edifícios. Um clarão sinistro se irradiava da janela do terceiro andar. A certa altura, o clarão

se intensificou e o chão embaixo do edifício pareceu rachar. Com uma explosão de poeira e detritos, o edifício estremeceu e veio desmoronando lentamente. À direita, outro edifício pegou fogo.

A cena passou para a torre de comando, onde havia uma movimentação frenética de técnicos. Abriu-se uma porta lá dentro à direita, e um homem entrou com uma braçada de mapas e cópias heliográficas. O homem abriu tudo aquilo em cima de uma mesa e se pôs a trabalhar aparentando confiança e determinação. Foi mancando para um lado da sala e começou a regular chaves e mostradores. Aos poucos, o chão foi parando de tremer e o fogo foi controlado. Ele continuou agindo depressa para dar instruções aos outros técnicos.

Olhei com mais atenção para o encarregado e virei-me para Wil.

— É Feyman.

Antes que Wil pudesse responder, a cena passou para *fast-forward*. Diante de nossos olhos, a fábrica foi salva, depois foi sendo rapidamente desmontada pelos operários, edifício por edifício. Ao mesmo tempo, num terreno próximo, estavam sendo construídas instalações menores para a fabricação de geradores mais compactos. Finalmente, o terreno do complexo voltou quase todo ao estado natural arborizado, e as novas instalações estavam produzindo unidades menores que podíamos ver por todo o interior do país, atrás de cada casa e estabelecimento comercial.

A perspectiva recuou abruptamente até podermos ver um único indivíduo em primeiro plano assistindo à mesma cena que nós. Quando o vimos de perfil, percebi que era Feyman, antes de nascer para sua vida atual, contemplando o que poderia realizar.

Wil e eu nos entreolhamos.

— Isso faz parte da Visão de Nascimento dele, não é? — perguntei.

Wil balançou a cabeça.

— Esse deve ser o grupo espiritual dele. Vamos ver o que mais podemos descobrir sobre ele.

Focalizamos o grupo, e outra imagem se formou diante de nós. Era um acampamento de guerra do século XIX; a tenda do quartel-general novamente. Estávamos vendo Feyman junto com o comandante, o homem que eu tornara a ver na cidade ilusória. Feyman era o outro assessor que havia estado lá com Williams. O que mancava.

Vendo os dois interagirem, começamos a entender por que se ligaram. Um gênio tático, Feyman estava encarregado da estratégia e das novidades tecnológicas. Antes do ataque, o comandante ordenara que fossem vendidos aos índios cobertores contaminados de varíola, tática à qual Feyman se opôs terminantemente, não tanto por suas consequências para a população indígena quanto por achá-la politicamente indefensável.

Depois, enquanto ainda se comemorava em Washington o sucesso da batalha, a imprensa ficou sabendo da contaminação da varíola, e foi aberto um inquérito. O comandante e seus amigos em Washington fizeram Feyman de bode expiatório e acabaram com a carreira dele. O comandante começou uma carreira política gloriosa de projeção nacional, mas depois também foi traído pelos mesmos amigos de Washington.

Feyman, por sua vez, jamais se recuperou; suas ambições políticas foram totalmente destruídas. Com o tempo, foi ficando cada vez mais amargo e ressentido, tentando desesperadamente forçar a opinião pública a questionar a versão de seu comandante da batalha. Durante algum tempo, vários jornalistas exploraram essa matéria, mas logo o público se desinteressou completamente e Feyman ficou no ostracismo. No fim da vida, ele teve a tristeza de perceber que seus objetivos políticos jamais seriam atingidos, e, culpando seu velho comandante pela humilhação que sofrera, tentou assassiná-lo durante um banquete oficial e foi morto por guarda-costas.

Pelo fato de ter perdido a segurança e o amor-próprio, Feyman não pôde despertar completamente após a morte. Passou anos achando que escapara daquela tentativa fracassada de matar o velho comandante, vivendo em construções ilusórias, aferrado ao seu ódio e fadado à

tragédia repetida de planejar e tentar outro assassinato, e acabar sendo morto todas as vezes.

Assistindo àquilo, vi que Feyman poderia ter continuado mais tempo preso àquelas ilusões não fossem os esforços determinados de outro homem que estivera com ele no acampamento militar. Pude ver uma imagem do seu rosto e reconheci sua expressão.

— É Joel de novo, aquele jornalista que conheci — disse eu a Wil, mantendo o foco na imagem.

Wil respondeu com um aceno de cabeça.

Depois que morreu, Joel se tornou membro do círculo externo de espíritos e se dedicou totalmente a despertar Feyman. Sua intenção durante a vida com Feyman fora expor toda e qualquer crueldade ou traição dos militares para com os nativos, mas, embora estivesse a par da contaminação da varíola, foi silenciado por subornos e ameaças. Depois que morreu, ficou arrasado com a Revisão de Vida, mas continuou consciente, e se dedicou a ajudar Feyman, que, em sua opinião, fora arruinado porque ele nada fez.

Depois de muito tempo, Feyman acabou reagindo e passando por uma Revisão de Vida dolorosa. O que estava originalmente programado para ele no século XIX era ser um engenheiro civil envolvido com o desenvolvimento pacífico da tecnologia. Mas ele se iludiu com a perspectiva de se tornar herói de guerra, como o comandante, e de desenvolver novas estratégias e artefatos bélicos.

Nos anos entre as duas existências, quando estava envolvido em ajudar outras pessoas na Terra a usarem corretamente a tecnologia, aos poucos ele começou a receber a visão de outra vida se aproximando. Lentamente a princípio, depois com grande convicção, percebeu que em breve seriam descobertos aparelhos de massa e energia com potencial para libertar a humanidade, mas que esses aparelhos seriam extremamente perigosos.

Sentindo-se nascer, viu que iria trabalhar com essa tecnologia, e estava consciente de que, para ter sucesso, precisaria enfrentar novamente aquela carência de poder, reconhecimento e status. No

entanto, viu que seria ajudado; haveria mais seis pessoas. Ele se viu no vale, a cascata ao fundo, trabalhando à noite em conjunto com outras pessoas, num processo para chamar a Visão do Mundo.

Quando ele começou a desaparecer, pude deduzir aspectos do processo que ele estava vendo. Primeiro o grupo dos sete começaria a lembrar de experiências vividas por cada um de seus membros e a trabalhar os sentimentos residuais. Depois iria conscientemente amplificar sua energia, usando as técnicas da Oitava Visão, e cada membro expressaria a própria Visão de Nascimento, e finalmente a vibração se aceleraria, integrando os grupos espirituais dos sete indivíduos. Desse conhecimento adquirido viria a memória total de nosso futuro pretendido, a Visão do Mundo, a visão de nosso destino e do que temos de fazer para construí-la.

De repente a cena inteira desapareceu, juntamente com o grupo de Feyman. Wil e eu ficamos ali sozinhos.

O olhar de Wil estava animado.

— Viu o que estava acontecendo? — perguntou. — Isso quer dizer que a intenção original de Feyman era realmente aperfeiçoar e descentralizar a tecnologia na qual ele está trabalhando. Se ele se der conta disso, vai parar com a experiência.

— Precisamos encontrá-lo.

— Não — retrucou Wil, parando para pensar. — Isso não vai adiantar, por enquanto. Precisamos encontrar o resto desse grupo dos sete; deve ser preciso reunir a energia de um grupo inteiro para chamar a lembrança da Visão do Mundo, um grupo que possa trabalhar o processo de lembrar e se energizar.

— Não entendo essa pane de expurgar sentimentos residuais. Wil se aproximou.

— Lembra-se das outras imagens mentais que você tem tido? A memória de outros lugares, outras épocas?

— Lembro.

— O grupo que está se formando para lidar com essa experiência já esteve junto antes. Haverá sentimentos residuais que precisam ser trabalhados! Todos terão de lidar com eles.

Wil desviou a vista, depois disse:

— Isso é mais um pouco da Décima Visão. Não há apenas um grupo se juntando; há muitos. Todos nós precisamos aprender a expurgar esses ressentimentos.

Enquanto ele falava, pensei nas muitas situações de grupo vivenciadas por mim, em que alguns membros imediatamente simpatizavam uns com os outros enquanto outros pareciam se hostilizar instantaneamente, sem motivo aparente. Perguntei-me: estaria a humanidade agora preparada para entender o que originava essas reações inconscientes?

Então, inesperadamente, outro som agudo reverberou pelo meu corpo. Wil me agarrou e me puxou mais para perto, nossos rostos quase se tocando.

— Se você cair de novo, não sei se pode voltar enquanto a experiência estiver operando nesse nível — gritou ele. — Vai precisar encontrar os outros!

Um segundo estrondo nos separou, e eu me senti entrando naquele turbilhão de cores familiar, sabendo que estava voltando, como antes, à dimensão terrena. Porém, dessa vez, em vez de cair logo no plano físico, parece que fiquei remanchando um pouco; alguma coisa me puxava pelo plexo solar, me fazendo andar de lado. Quando me esforcei para focalizar, o ambiente tumultuado se acalmou, e eu comecei a sentir a presença de outra pessoa, sem propriamente ver sua forma. Quase podia lembrar a natureza da sensação. Quem me deixa assim?

Afinal comecei a discernir aquela figura difusa a uns dez ou treze metros de distância, aproximando-se aos poucos, até eu identificar quem era. Charlene! Quando ela ficou a três metros de mim, senti uma mudança em meu corpo, como se de repente eu estivesse relaxando mais completamente. Simultaneamente notei um campo de energia rosado em volta de Charlene. Segundos depois, aquele meu

relaxamento virou uma sensualidade exacerbada e finalmente uma onda de amor orgásmico. De repente eu não conseguia pensar. O que estava acontecendo?

Quando nossos campos estavam quase se tocando, aquela dissonância aguda voltou, e tornei a ser empurrado para trás, me retorcendo descontroladamente.

PERDOANDO

À MEDIDA QUE FUI pondo a cabeça no lugar, fui sentindo o contato de uma coisa fria na minha face direita. Abri os olhos devagar, o resto do corpo paralisado. Por um instante, um lobo quase adulto ficou me olhando e me cheirando com o rabo eriçado, depois chispou para o mato enquanto eu me sentava sobressaltado.

Cansado e atordoado, peguei minha mochila naquele lusco-fusco, entrei na mata, armei minha barraca e praticamente desabei no saco de dormir. Esforcei-me para ficar acordado, intrigado com aquele meu estranho encontro com Charlene. Por que estaria ela na outra dimensão. O que nos atraiu um para o outro?

No dia seguinte, acordei cedo e fiz um mingau de aveia, engoli-o e fui com o maior cuidado lavar o rosto e encher o cantil naquele regato pelo qual eu havia passado na subida. Continuava cansado, mas estava ansioso para encontrar Curtis.

De repente me sobressaltei ao ouvir uma explosão para os lados do leste. Tinha que ser Curtis, pensei, correndo para a barraca. Estava apavorado quando arrumei minhas coisas depressa e segui para a direção do estrondo.

Cerca de oitocentos metros adiante, a mata dava abruptamente no que parecia um pasto abandonado. Vários fios bambos de arame farpado enferrujado ligavam uma árvore à outra no caminho. Fiquei observando o campo e a linha da mata com árvores e moitas cerradas uns noventa metros adiante. Então Curtis surgiu entre as moitas e veio vindo numa corrida desabalada para cima de mim. Acenei, e, na mesma hora, ele me reconheceu e diminuiu o passo para uma marcha acelerada. Quando me alcançou, pulou com cuidado a cerca de arame e sentou-se pesadamente encostado a uma árvore, esbaforido.

— O que aconteceu? — perguntei. — O que você explodiu?

Ele meneou a cabeça.

— Não pude fazer muita coisa. Eles estão fazendo a experiência subterrânea. Eu não tinha explosivo em quantidade suficiente e... não queria machucar as pessoas lá dentro. Só pude explodir uma antena parabólica, o que, se Deus quiser, vai atrasá-los.

— Como você conseguiu se aproximar o suficiente para fazer isso?

— Instalei as cargas ontem à noite depois que escureceu. Eles deviam achar que ninguém chegaria lá, porque havia pouquíssimos guardas lá fora.

Fez uma pausa e ficamos escutando o barulho de caminhões ao longe.

— Vamos ter que sair desse vale — prosseguiu ele — e procurar ajuda. Não temos mais escolha. Eles estão chegando.

— Espere aí — disse eu. — Acho que temos uma chance de detê-los, mas precisamos encontrar Maya e Charlene.

Os olhos dele se arregalaram.

— Está falando de Charlene Billings?

— Isso mesmo.

— Eu a conheço. Ela costumava fazer pesquisas para a firma. Já não a via há anos, mas vi-a ontem à noite entrando na casamata subterrânea. Ela estava com vários homens, todos eles fortemente armados.

— Ela estava sendo coagida?

— Não deu para ver — disse Curtis distraidamente, prestando atenção no barulho dos caminhões, que agora pareciam vir em nossa direção. — Temos que sair daqui. Conheço um lugar onde podemos nos esconder até escurecer, mas precisamos andar logo. — Ele olhou para o leste. — Plantei uma pista falsa, mas ela não vai conseguir despistá-los por muito tempo.

— Preciso lhe contar o que aconteceu — disse eu. — Tornei a encontrar Wil.

— Tudo bem, me conte no caminho — disse ele, apertando o passo.
— Precisamos ir andando.

Da boca da caverna, olhei para a encosta do outro lado daquela garganta. Nenhum movimento. Apurei os ouvidos, mas não se escutava nada. Tínhamos caminhado cerca de mil e oitocentos metros para nordeste, e eu tinha contado a Curtis, o mais rápido possível, o que eu vivenciara na outra dimensão, enfatizando que eu achava que Williams estava certo. Podíamos acabar com essa experiência se encontrássemos o resto do grupo e nos lembrássemos da Visão mais ampla.

Eu vi que Curtis estava resistindo. Ele me escutou um pouco, mas depois começou a divagar sobre sua ligação passada com Charlene. Fiquei frustrado por ele não saber nada que explicasse o que ela tinha a ver com essa experiência. Ele também me contou como conhecera David. Fizeram amizade, explicou, depois de terem se conhecido por acaso e constatarem que tinham em comum muitas experiências do serviço militar.

Eu lhe disse que era significativo que nós dois tivéssemos tido contato com David e conhecêssemos Charlene.

— Não sei o que isso quer dizer — disse ele distraído, e eu não toquei mais no assunto, mas sabia que aquilo era mais uma prova de que todos nós estávamos naquele vale por uma razão. Depois, caminhamos em silêncio enquanto Curtis procurava a caverna. Quando a encontramos, ele apagou nossas pegadas com galhos mortos de pinheiro e só entrou depois de se certificar de que ninguém nos vira.

— A sopa está pronta — disse Curtis atrás de mim.

Eu havia usado meu fogareiro e minha água para fazer minha última porção de comida desidratada. Indo até o fogareiro, servi uma tigela para cada um de nós e fui sentar na boca da caverna, de vigia.

— E como acha que esse grupo pode produzir energia suficiente para afetar essa gente? — perguntou ele.

— Não sei ao certo — respondi. — Precisamos imaginar.

Ele meneou a cabeça.

— Acho que isso é uma coisa impossível. Com essa minha carguinha de explosivos, eu só devo ter conseguido irritá-los e deixá-los mais na defensiva. Eles vão trazer mais gente para cá, mas não acho que vão parar. Devem ter uma antena sobressalente aqui por perto. Talvez eu devesse ter arreventado a porta. Deus sabe que eu poderia ter feito isso. Mas não consegui me forçar. Charlene estava lá dentro e sabe-se lá quantos mais. Eu teria que adiantar o relógio, então eles teriam me pego..., mas talvez tivesse valido a pena.

— Não, acho que não — disse eu. — Vamos arranjar outro jeito.

— Como?

— A gente vai ver.

Tornamos a ouvir um barulho fraco de carros, e, na mesma hora, notei um movimento na encosta abaixo de nós.

— Tem gente ali — disse eu.

Nós nos agachamos e olhamos com atenção. O vulto recomeçou a andar, parcialmente encoberto pelo mato.

— É Maya — falei, sem acreditar.

Curtis e eu ficamos nos entreolhando um bom tempo, depois eu me levantei.

— Vou trazê-la para cá — disse eu.

Ele agarrou meu braço.

— Fique abaixado, e, se os carros se aproximarem, deixe-a e volte para cá. Não arrisque ser visto.

Balancei a cabeça e desci a encosta correndo com cautela. Quando cheguei suficientemente perto, parei e fiquei escutando. Os caminhões estavam se aproximando mais ainda. Chamei Maya em voz baixa. Ela

ficou imóvel por um instante, depois me reconheceu e veio ao meu encontro subindo uma encosta pedregosa.

— Não acredito que tenha encontrado você! – exclamou ela, me abraçando.

Fui na frente até a caverna e ajudei-a a entrar pela fenda na rocha. Ela parecia exausta e estava com os braços cobertos de arranhões, alguns ainda sangrando.

— O que aconteceu? — perguntou ela. — Ouvi uma explosão, depois esses caminhões se espalharam por todo lado.

— Alguém viu você vir para cá? — perguntou Curtis irritado.

Ele tinha se levantado e olhava para fora.

— Acho que não — respondeu ela. — Consegui me esconder.

Rapidamente apresentei-os. Curtis balançou a cabeça e disse:

— Acho que vou dar uma olhada.

Esgueirou-se pela fenda e desapareceu.

Abri minha mochila e peguei um estojo de primeiros socorros.

— Você conseguiu encontrar o seu amigo na Chefatura de Polícia?

— Não, nem consegui voltar à cidade. Todas as trilhas estavam cheias de guardas florestais. Vi uma mulher que eu conhecia e pedi que ela levasse um bilhete para ele. Não pude fazer mais nada.

Passei um anti-séptico num grande lanho no joelho de Maya.

— E por que você não foi com ela? Por que mudou de ideia e voltou para cá?

Ela pegou o anti-séptico e começou a desinfetar as próprias feridas, calada. Finalmente falou:

— Não sei por que voltei. Talvez porque essas lembranças não me saiam da cabeça. — Ela olhou para mim. — Quero entender o que está acontecendo aqui.

Sentei de frente para ela e resumi tudo o que tinha acontecido desde que nos separamos, sobretudo a informação que Wil e eu

recebemos sobre o processo de grupo de superar o ressentimento para encontrar a Visão do Mundo.

Ela ficou acabrunhada, mas pareceu aceitar seu papel.

— Estou vendo que seu tornozelo parece não o incomodar mais.

— É, acho que melhorou quando me lembrei da origem do problema.

Ela ficou me olhando, depois disse:

— Nós só somos três. Você disse que Williams e Feyman tinham visto sete.

— Não sei — respondi. — Só estou feliz por você estar aqui. Você é quem entende de fé e mentalização.

Uma expressão de pavor se estampou em seus olhos.

Pouco depois, Curtis voltou para a caverna e contou que não vira nada de anormal, depois sentou-se afastado de nós para acabar de comer. Fui até o fogareiro e servi Maya.

Curtis recostou-se e passou-lhe um cantil.

— Sabe — disse —, foi uma loucura você vir andando por aí em campo aberto. Podia tê-los trazido até nós.

Maya olhou para mim, depois disse, se defendendo:

— Eu estava tentando fugir! Não sabia que vocês estavam aqui em cima. Eu nem teria vindo nessa direção se os pássaros não...

— Bem, você tem que entender o tamanho da encrenca em que estamos metidos! — interrompeu Curtis. — Ainda não acabamos com essa experiência.

Ele levantou, tornou a sair e sentou-se atrás de uma grande pedra perto da fenda.

— Por que ele está com tanta raiva de mim? — perguntou Maya.

— Você disse que estava tendo lembranças, Maya. De que tipo?

— Não sei... de outra época, acho eu. De tentar impedir alguma outra violência. É por isso que está tudo tão estranho para mim.

— Curtis está lhe parecendo conhecido? Ela esforçou-se para pensar.

— Talvez. Não sei. Por quê?

— Lembra-se de quando eu lhe falei de uma visão de todos nós no passado, durante as guerras indígenas? Bem, mataram você, e tinha um homem lá aparentemente por sua causa, e ele também foi morto. Acho que era Curtis.

— Ele me culpa? Ah, meu Deus, por isso ele está com tanta raiva.

— Maya, dá para você se lembrar de alguma coisa que vocês dois estivessem fazendo?

Ela fechou os olhos e tentou pensar.

De repente olhou para mim.

— Havia um índio lá também? Um xamã?

— Havia — confirmei. — Ele também foi morto.

— Estávamos pensando em alguma coisa... — Ela olhou dentro dos meus olhos. — Não, estávamos mentalizando. Achávamos que poderíamos acabar com a guerra... É só o que consigo lembrar.

— Você tem que falar com Curtis e ajudá-lo a trabalhar a raiva dele. Isso faz parte do processo de recordar.

— Está brincando? Com ele irritado assim?

— Vou falar com ele primeiro — disse eu, me levantando.

Ela balançou levemente a cabeça e desviou a vista. Fui lá para fora e sentei ao lado de Curtis.

— O que você acha? — perguntei.

Ele olhou para mim, ligeiramente constrangido.

— Acho que alguma coisa na sua amiga me irrita.

— O que você está sentindo, exatamente?

— Não sei. Fiquei irritado logo que a vi ali. Tive a sensação de que ela podia fazer alguma besteira e nos expor, ou fazer com que fôssemos presos.

— Talvez mortos?

— É, talvez mortos! — A veemência com que ele disse isso surpreendeu a nós dois, e ele respirou fundo e deu de ombros.

— Lembra quando lhe falei das minhas visões sobre as guerras indígenas do século XIX?

— Vagamente — murmurou ele.

— Bem, não lhe contei na hora, mas acho que vi você e Maya juntos. Curtis, vocês dois foram mortos pelo exército.

Ele olhou para o teto da caverna.

— E você acha que é por isso que estou com raiva dela?

Sorri.

Nesse instante, uma leve dissonância ecoou pelo ar e nós dois escutamos o zumbido.

— Droga — reclamou ele. — Estão acionando a coisa de novo.

Agarrei o braço dele.

— Curtis, a gente precisa descobrir o que você e Maya estavam tentando fazer naquela época, por que fracassaram e o que pretendiam que acontecesse de outra maneira agora.

Ele meneou a cabeça.

— Não sei até que ponto acredito nisso; não saberia por onde começar.

— Acho que se você falar com ela alguma coisa vai surgir.

Ele apenas ficou me olhando.

— Vai tentar?

Finalmente ele balançou a cabeça e voltamos para a caverna.

Maya estava sorrindo sem jeito.

— Desculpe a minha irritação — disse Curtis. — Parece que estou com raiva por alguma coisa que aconteceu há muito tempo.

— Deixe para lá — disse ela. — Eu só queria que a gente conseguisse lembrar o que estava tentando fazer.

Curtis olhou sério para Maya.

— Parece que me lembro de que você lida com algum tipo de terapia. — Ele olhou para mim. — Você me contou isso?

— Acho que não — respondi. — Mas é verdade.

— Sou médica — disse Maya. — No meu trabalho, uso o pensamento positivo e a fé.

— Fé? Quer dizer que seu tratamento tem um enfoque religioso?

— Bem, só num sentido amplo. Quando falei em fé, quis dizer a energia que vem da esperança. Na minha clínica, a gente tenta entender a fé como um verdadeiro processo mental, o modo como a gente ajuda a criar o futuro.

— E há quanto tempo você está envolvida com isso? — perguntou Curtis.

— Minha vida inteira me preparou para explorar a arte de curar.

Ela começou a contar a Curtis a mesma história que havia me contado sobre sua vida, mencionando inclusive o medo de câncer de sua mãe. Enquanto discutia tudo o que lhe acontecera, Curtis e eu lhe fizemos perguntas. À medida que a escutávamos e lhe passávamos energia, seu rosto foi perdendo aquele ar de cansaço, seus olhos ganharam brilho, e ela começou a sentar-se empertigada.

Curtis perguntou:

— Acredita que esse medo e esse pessimismo de sua mãe em relação ao futuro afetaram a saúde dela?

— Acho. Parece que cada pessoa atrai dois tipos de acontecimentos: aqueles em que ela acredita e aqueles que ela teme. Mas faz isso inconscientemente. Como médica, creio que podemos conseguir muita coisa quando trazemos o processo para um nível plenamente consciente.

Curtis balançou a cabeça.

— Mas como se faz isso?

Maya não respondeu. Levantou-se e ficou olhando para a frente, com um ar apavorado.

— O que houve? — perguntei.

— Eu estava só... eu... vi o que aconteceu durante as guerras.

— O que foi? — perguntou Curtis.

Ela olhou para ele.

— Lembro que estávamos lá no mato. Estou vendo tudo: os soldados, a fumaça de pólvora.

Curtis parecia profundamente concentrado, obviamente captando elementos daquela lembrança.

— Eu estava lá — murmurou. — Por quê? — Olhou para Maya. — Você me levou para aquele lugar! Eu não sabia de nada; era só um observador do congresso. Você me disse que podíamos acabar com a guerra!

Ela virou as costas, esforçando-se visivelmente para entender.

— Achei que podíamos... Há um jeito... Espere aí, nós não estávamos sozinhos. — Ela virou-se para mim, com uma expressão irritada. — Você também estava lá, mas nos abandonou. Por que nos deixou?

A afirmação dela estimulou a lembrança que eu recuperara há pouco, e contei aos dois o que eu havia visto, descrevendo as outras pessoas também presentes: os anciãos de várias tribos, eu, Charlene. Expliquei que um dos anciãos disse que aquela iniciativa de Maya tinha todo o seu apoio, mas que achava que a hora ainda não havia chegado, pois nenhuma tribo ainda encontrara a visão correta. Contei-lhes que outro chefe ficou furioso com as atrocidades cometidas pelos soldados brancos.

— Não pude ficar — eu lhe disse, descrevendo minha lembrança da experiência com os franciscanos. — Não consegui controlar a necessidade de fugir. Tinha que me salvar. Sinto muito.

Maya parecia mergulhada em seus pensamentos, então toquei-a no braço e disse:

— Os anciãos sabiam que não daria certo; e Charlene confirmou que ainda não tínhamos lembrado da sabedoria dos ancestrais.

— Então por que um dos chefes ficou conosco? — perguntou ela.

— Porque não quis que vocês dois morressem sozinhos.

— Eu não queria morrer de jeito nenhum! — desabafou Curtis, olhando para Maya. — Você me iluiu.

— Desculpe — disse ela. — Não consigo lembrar o que saiu errado.

— Eu sei o que saiu errado — disse ele. — Você achou que podia acabar com uma guerra só porque você queria.

Ela ficou olhando um bom tempo para ele, depois virou-se para mim.

— Ele está certo. Estávamos mentalizando que o exército tinha que parar com aquela agressão, mas não víamos claramente como isso aconteceria. Não deu certo porque não tínhamos todas as informações. Todo mundo estava mentalizando a partir do medo, não da fé. É como o processo de cura corporal. Quando lembramos o que realmente devemos fazer na vida, essa lembrança pode nos restabelecer a saúde. A partir do momento em que conseguimos lembrar o que a humanidade deve fazer, podemos curar o mundo.

— Aparentemente — disse eu — nossa Visão de Nascimento contém não só o que individualmente deveríamos fazer na dimensão física, mas também uma visão mais ampla do que a humanidade vem tentando fazer através da história, e os detalhes do lugar para onde vamos depois daqui e de como chegar lá. Basta amplificarmos nossa energia e partilharmos nossas intenções natais para podermos nos lembrar.

Antes que ela pudesse responder, Curtis levantou-se de um pulo e foi até a entrada da caverna.

— Ouvi alguma coisa — disse. — Tem alguém lá fora.

Maya e eu nos agachamos ao lado dele, tentando ver. Nada se mexeu; depois pensei ter escutado o barulho de passos.

— Vou ver o que é — disse Curtis, saindo da caverna.

Olhei para Maya.

— É melhor eu ir com ele.

— Eu também vou — disse ela.

Descemos atrás de Curtis até chegamos a uma pedra que ficava bem em cima da garganta entre os dois morros. Um homem e uma mulher, meio encobertos pelo mato, estavam passando lá embaixo, indo para oeste.

— Aquela mulher está em apuros! — disse Maya.

— Como sabe? — perguntei.

— Sabendo. Ela tem uma cara conhecida.

A mulher virou-se uma vez e o homem empurrou-a ameaçadoramente, mostrando que estava com uma pistola na mão direita.

Maya inclinou-se à frente, olhando para nós dois.

— Viram? Precisamos fazer alguma coisa.

Olhei com atenção. A mulher tinha cabelo claro e estava com um casaco de moletom e uma calça militar com bolsos nas pernas. Vi quando ela virou-se e falou com seu captor, depois olhou para nós, dando-me uma boa visão de seu rosto.

— É Charlene — falei. — Para onde acham que ele a está levando?

— Como é que a gente vai saber? — retrucou Curtis. — Olhem, acho que posso ajudá-la, mas tenho que ir sozinho. Preciso que vocês dois fiquem aqui.

Protestei, mas Curtis foi irredutível. Ficamos ali olhando, e ele virou à esquerda por onde tínhamos vindo e desceu pela mata. Dali, ele chegou de mansinho até outra pedra a uns três metros do fundo da garganta.

— Eles vão ter que passar por ele — disse eu a Maya.

Estávamos ansiosos vendo-os se aproximarem das pedras.

Na hora em que passaram, Curtis pulou em cima do homem, derrubando-o no chão e apertando-lhe a garganta de um jeito esquisito até que ele parou de se mexer. Charlene recuou alarmada e se preparou para correr.

— Charlene, espere! — gritou Curtis. Ela parou e adiantou-se cautelosa. — Sou Curtis Webber. Trabalhamos juntos na Deltech, lembra? Estou aqui para ajudá-la.

Ela nitidamente o reconheceu e aproximou-se. Maya e eu descemos com cuidado. Quando me viu, Charlene ficou paralisada, mas depois veio correndo me abraçar. Curtis veio imediatamente até onde estávamos e nos fez deitar no chão.

— Fiquem abaixados — disse. — Podem nos ver aqui.

Ajudei Curtis a amarrar o guarda de Charlene com um rolo de fita crepe que encontramos em seu bolso e o arrastamos até a floresta lá em cima.

— O que você fez com ele? — perguntou Charlene.

Curtis estava revistando seus bolsos.

— Eu só o nocauteei. Ele vai ficar bom.

Maya abaixou-se para lhe tomar o pulso.

Charlene voltou-se para mim, me dando a mão.

— Como você chegou aqui? — perguntou.

Tomando fôlego, contei-lhe sobre o telefonema que recebi de seu escritório me comunicando o seu desaparecimento e disse que, depois de ter encontrado aquele esboço, fui para o vale procurá-la.

Ela sorriu.

— Fiz esse esboço pensando em ligar para você, mas fui embora tão de repente que não deu tempo... — A voz dela foi sumindo enquanto ela olhava no fundo dos meus olhos. — Acho que vi você ontem, na outra dimensão.

Puxei-a para um canto, longe dos outros.

— Eu também vi você, mas não consegui me comunicar.

Enquanto nos fitávamos, senti meu corpo ficar mais leve, varrido por uma onda de amor orgásmico centrada não em minha região pélvica, mas sim em volta de mim, fora da minha pele. Simultaneamente tive a sensação de estar caindo nos olhos de Charlene. O sorriso dela se abriu e percebi que ela devia estar sentindo a mesma coisa.

Um movimento de Curtis quebrou o encanto, e me dei conta de que ele e Maya estavam nos olhando.

Olhei de novo para Charlene.

— Quero lhe contar o que está acontecendo — eu disse, e contei como tornei a ver Wil, como aprendi sobre a polarização do Medo, sobre a volta do grupo e sobre a Visão do Mundo. — Charlene, como você entrou na dimensão da Outra Vida?

Ela ficou abatida.

— É tudo minha culpa. Eu não sabia do perigo até ontem. Fui eu quem contou a Feyman sobre as Visões.

Logo depois que recebi sua carta, descobri outro grupo que conhecia as nove Visões, e estudei a fundo com eles. Tive muitas daquelas experiências de que você falava. Depois vim com uma amiga aqui para esse vale porque ouvimos dizer que os locais sagrados aqui tinham alguma ligação com a Décima Visão. Minha amiga não teve muitas experiências, mas eu tive; daí fiquei para explorar. Foi quando encontrei Feyman, que me contratou para ensinar a ele o que eu sabia. Desde então ele não me largou um minuto. Não quis me deixar ligar para o escritório, alegando motivos de segurança, então escrevi para todo mundo adiando meus compromissos, só que acho que ele estava interceptando minhas cartas. Por isso todos acharam que eu tinha sumido.

— Com Feyman, explorei a maior parte dos vórtices, especialmente o do Cerro de Codder e o da Cascata. Ele pessoalmente não conseguia sentir a energia, mas depois descobri que estava nos rastreando eletronicamente e conseguindo uma espécie de perfil psicológico meu

quando nos sintonizávamos nos locais. Depois disso, pôde se especializar na área e descobrir eletronicamente o local exato do vórtice.

Olhei para Curtis e ele balançou a cabeça com ar de entendido.

Os olhos de Charlene estavam marejados de lágrimas.

— Ele me enganou totalmente. Disse que estava desenvolvendo uma fonte muito barata de energia que iria liberar todo mundo. Mandou-me para áreas distantes da floresta durante a maior parte da experiência. Só depois que o interpelei é que ele admitiu o risco do que estava fazendo.

Curtis virou-se para Charlene.

— Feyman Carter era o engenheiro chefe da Deltech. Lembra?

— Não — disse ela —, mas ele tem o controle total desse projeto. Não há mais nenhuma empresa envolvida; e eles têm esses homens armados. Feyman os chama de funcionários. Acabei lhe dizendo que ia embora, e foi aí que ele me botou sob vigilância. Quando lhe disse que ele não ia sair dessa impunemente, ele riu. Se gabava de ter uma pessoa da Guarda Florestal trabalhando com ele.

— Para onde ele estava mandando você? — perguntou Curtis.

Charlene meneou a cabeça.

— Não tenho a mínima ideia.

— Acho que ele não pretendia deixar você sair viva daqui — disse Curtis. — Não depois de lhe dizer isso tudo.

Um silêncio nervoso se abateu sobre o grupo.

— O que não consigo entender — disse Charlene — é porque ele está aqui, logo nessa floresta. O que ele está querendo com esses locais de energia?

Curtis e eu nos entreolhamos de novo, e ele disse:

— Está fazendo experiências com uma forma de centralizar essa fonte de energia, que ele encontrou focalizando as trilhas dimensionais desse vale. Por isso é tão arriscado.

Vi que Charlene estava olhando para Maya e sorrindo. Maya retribuiu com uma expressão encorajadora.

— Quando eu estava na cascata — disse Charlene — passei para a outra dimensão, e essas lembranças todas afloraram. Olhou para mim. — Desde então, pude fazer isso várias vezes, inclusive ontem, quando estava sendo vigiada. — Olhou de novo para mim. — Foi onde vi você..

Charlene fez uma pausa e tornou a olhar para o grupo.

— Vi que estamos todos aqui para acabar com essa experiência, se conseguirmos nos lembrar de tudo.

Maya estava prestando atenção nela.

— Você entendeu o que queríamos fazer com o exército durante a Batalha, e nos apoiou — disse. — Mesmo sabendo que podia não dar certo.

O sorriso de Charlene me revelou que ela, também, havia lembrado.

— Lembramos de quase tudo o que aconteceu — disse eu. — Mas, por enquanto, ainda não conseguimos ver como tínhamos planejado agir agora. Você lembra?

Charlene meneou a cabeça.

— Só algumas partes. Sei que precisamos identificar o que sentimos inconscientemente um pelo outro antes de continuar. — Ela me encarou e fez uma pausa. — Isso tudo é parte da Décima Visão... só que ainda não foi escrito. Está vindo intuitivamente.

Balancei a cabeça.

— Nós sabemos.

— Parte da Décima é uma extensão da Oitava. Só um grupo que estiver operando totalmente na Oitava Visão pode realizar esse tipo de purificação mais elevada.

— Não estou seguindo — disse Curtis.

— A Oitava mostra como animar os outros — prosseguiu ela — como transmitir energia focalizando a beleza e a sabedoria do eu mais elevado de cada um. Esse processo pode potencializar o nível de

energia e criatividade do grupo. Infelizmente, em muitos grupos, os membros têm dificuldade de se animar assim, embora os indivíduos envolvidos sejam capazes de fazer isso em outras ocasiões. Isso acontece especialmente com grupos ligados pelo trabalho, como por exemplo, um de empregados, ou um de pessoas que se reuniram para criar um projeto, porque, em geral, essas pessoas já estiveram juntas, e emoções antigas de vidas passadas vêm à tona e atrapalham.

— De repente caímos ao lado de uma pessoa com quem temos que trabalhar, e automaticamente antipatizamos com ela, sem saber por quê. Ou talvez ao contrário: a pessoa antipatize conosco, também, por qualquer razão que a gente não saiba. As emoções que afloram podem ser ciúme, irritação, inveja, ressentimento, amargura, culpa, qualquer uma dessas. O que intuimos muita clareza foi que nenhum grupo pode chegar ao máximo do seu potencial se os membros não procurarem entender e trabalhar essas emoções.

Maya se inclinou à frente.

— É exatamente o que estamos fazendo agora, trabalhando as emoções que afloraram, os ressentimentos que trazemos de quando estivemos juntos anteriormente.

— Você chegou a poder ver sua Visão de Nascimento? — perguntei.

— Cheguei — respondeu Charlene. — Mas não consegui ir adiante. Não tive energia para isso. Só vi que havia grupos se formando e que eu devia estar aqui nesse vale, num grupo de sete.

Então o barulho distante de outro carro ao norte atraiu nossa atenção.

— Não podemos ficar aqui — disse Curtis. — Estamos muito expostos. Vamos voltar para a caverna.

Charlene comeu a comida que restava e me passou o prato. Sem ter mais água sobrando, guardei-o sujo na mochila e tornei a sentar. Curtis se esgueirou pela abertura da caverna e sentou-se à minha

frente, ao lado de Maya, que lhe dirigiu um leve sorriso. Charlene sentou à minha esquerda. O funcionário fora deixado do lado de fora da caverna, ainda amarrado e amordaçado.

— Está tudo bem lá fora? — perguntou Charlene a Curtis.

Curtis pareceu nervoso.

— Acho que sim, mas ouvi mais uns barulhos lá para o norte. Acho que precisamos ficar aqui até escurecer.

Por um momento, apenas nos entreolhamos, cada um de nós obviamente tentando se energizar.

Olhei para os outros e lhes falei do processo para se chegar à Visão do Mundo que eu vira com o grupo espiritual de Feyman. Quando acabei de falar, olhei para Charlene e perguntei:

— O que mais você recebeu sobre esse processo de purificação?

— A única coisa que recebi — respondeu Charlene — foi que o processo só podia começar quando voltássemos a ter só amor no coração.

— Isso é fácil de dizer — disse Curtis. — Fazer é que são elas.

Nós nos entreolhamos de novo e simultaneamente nos demos conta de que a energia estava indo para Maya.

— A chave é reconhecer a emoção, se conscientizar plenamente do sentimento e partilhá-lo honestamente, por mais desajeitadas que sejam as tentativas. Isso traz toda a emoção ao nível de consciência atual e acaba permitindo que ela seja relegada ao passado, que é o lugar dela. É por isso que passar pelo processo às vezes longo de desabafar, discutir e botar as cartas na mesa nos purifica, e assim a gente pode voltar ao estado de amor, que é a mais elevada das emoções.

— Espere aí — disse eu. — E Charlene? Talvez haja emoções residuais em relação a ela. — Olhei para Maya. — Sei que você sentiu alguma coisa.

— É — respondeu Maya. — Mas foram só sentimentos positivos, uma sensação de gratidão. Ela ficou e tentou ajudar.. — Maya parou,

estudando a expressão de Charlene. — Você tentou nos dizer alguma coisa, alguma coisa sobre os ancestrais. Mas nós não escutamos.

Inclinei-me para Charlene.

— Você também foi morta?

Maya respondeu por ela.

— Não, ela não foi morta. Foi tentar apelar mais uma vez para os soldados.

— Isso mesmo — confirmou Charlene. — Mas eles tinham ido embora.

Maya perguntou:

— Quem mais sente alguma coisa por Charlene?

— Eu não sinto nada — disse Curtis.

— E você, Charlene? — perguntei. — O que sente pela gente?

Ela olhou para cada um de nós.

— Parece que por Curtis não guardo nenhum sentimento residual — disse. — E tudo é positivo em relação a Maya. — Os olhos dela pousaram nos meus. — Por você acho que tenho um pouco de ressentimento.

— Por quê? — perguntei.

— Pelo seu senso prático e pela sua frieza. Você era aquele homem independente que não tinha a menor intenção de se envolver se não estivesse na hora certa.

— Charlene — expliquei —, já me sacrifiquei por essas Visões quando fui monge. Senti que não adiantaria nada.

Meus protestos pareceram irritá-la e ela desviou a vista.

Maya me tocou.

— Seu comentário foi defensivo. Quando você reage desse jeito, a outra pessoa não se sente ouvida. Continua guardando aquela emoção porque fica pensando em como fazer você entender, em como convencê-lo. Ou então a emoção vai para o inconsciente e aí surgem os

ressentimentos que diminuem a energia entre vocês dois. De ambas as maneiras, a emoção fica um problema, atrapalhando. Sugiro que você reconheça como ela pode estar sentindo isso.

Olhei para Charlene.

— Ah, reconheço. Eu queria ter ajudado. Talvez eu pudesse ter feito alguma coisa, se eu tivesse tido coragem.

Charlene balançou a cabeça e sorriu.

— E você? — perguntou Maya, olhando para mim. — O que sente por Charlene?

— Acho que sinto um pouco de culpa — respondi. — Não tanto pela guerra, mas por agora, por essa situação. Passei meses retraído. Acho que se tivesse falado com você logo que cheguei do Peru, talvez pudéssemos ter impedido essa experiência antes e nada disso estaria acontecendo.

Ninguém respondeu.

— Há mais algum sentimento? — perguntou Maya.

Apenas nos entreolhamos.

Então, guiados por Maya, cada um de nós se concentrou em se ligar interiormente, em gerar o máximo de energia. Enquanto eu me concentrava na beleza à minha volta, uma onda de amor percorreu meu corpo. O tom suave das paredes e do chão da caverna foi se avivando e começou a brilhar. O rosto de cada pessoa pareceu mais energizado. Senti um frio na espinha.

— Dessa vez — disse Maya —, estamos prontos para descobrir o que pretendemos. — De novo, ela pareceu profundamente absorta... — Eu... eu sabia que isso ia acontecer — disse ela afinal. — Estava na minha Visão de Nascimento. Eu deveria comandar o processo de amplificação. Não soubemos como fazer isso quando tentamos acabar a guerra com os nativos.

Enquanto ela falava, notei um movimento atrás dela na parede da caverna. Primeiro pensei que fosse um reflexo, mas depois vi um tom profundo de verde exatamente igual ao que eu havia visto no grupo

espiritual de Maya. Enquanto eu me concentrava naquela gota de um palmo e meio de luz, ela foi aumentando até formar uma cena holográfica, recuando para dentro da parede, cheia de formas humanas confusas. Olhei para os outros; ninguém a não ser eu parecia estar vendo aquela imagem.

Esse, eu vi, era o grupo espiritual de Maya, e, na hora em que me dei conta disso, comecei a receber um influxo de informações intuitivas. Tornei a ver a Visão de Nascimento dela, o objetivo altruístico que ela tinha ao nascer naquela família em particular, a doença de sua mãe, seu conseqüente interesse pela medicina, especialmente pela ligação mente/corpo, e agora aquela reunião. Ouvei claramente que "nenhum grupo consegue desenvolver todo o seu poder criativo enquanto não purificar sua energia para poder amplificá-la.

— Uma vez livre das emoções — Maya estava dizendo agora — é mais fácil os grupos superarem rivalidades e dramas passados e descobrirem sua plena criatividade. Mas precisamos fazer isso conscientemente encontrando um eu mais elevado expresso em cada rosto.

O olhar vazio de Curtis provocou mais explicações.

— À medida que a Oitava Visão é revelada — continuou Maya —, se olharmos atentamente para uma pessoa, podemos ver através de qualquer fachada, ou defesa de ego que se apresente, e encontrar sua expressão autêntica, seu verdadeiro eu. Em geral, as pessoas não sabem o que focalizar quando estão conversando. Os olhos? É difícil focalizar os dois. Então qual deles? Ou então a feição de maior destaque, como o nariz ou a boca?

— Na verdade, pedem que focalizemos o rosto inteiro, que, com sua singularidade de luz e sombra e contorno de feições, é como um borrifo de tinta. Mas, dentro desse conjunto de feições, podemos encontrar uma expressão autêntica, a alma brilhando. Quando focalizamos o amor, a energia do amor é enviada para esse eu mais elevado da pessoa, e ela parecerá se transformar diante de nossos olhos à medida que seu potencial maior for indo para o lugar.

— Todo bom professor sente esse tipo de energia por seus alunos. Por isso é bom professor. Mas esse efeito é ainda maior nos grupos que interagem assim com cada membro, pois, à medida que um vai transmitindo energia ao outro, todos atingem um novo nível de sabedoria com mais energia à disposição, e essa energia maior é retransmitida a todos no que se torna um efeito de amplificação.

Fiquei observando Maya, tentando descobrir sua expressão mais elevada. Ela já não parecia de forma alguma cansada nem relutante. Ao contrário, suas feições revelavam uma certeza e uma inteligência que ainda não haviam sido manifestadas. Olhei para os outros e vi que eles estavam focalizando Maya de maneira semelhante. Quando tornei a olhar para ela, notei que ela parecia estar assumindo aquele tom verde de seu grupo espiritual. Ela não só estava captando o conhecimento dos membros de seu grupo; parecia estar entrando numa espécie de harmonia com eles.

Maya tinha parado de falar e estava respirando fundo. Sentia energia saindo dela.

— Eu sempre soube que os grupos podiam chegar a um nível mais elevado de funcionamento — disse Curtis — especialmente em situações de trabalho. Mas até agora nunca tinha conseguido vivenciar isso... Sei que estou nessa dimensão para ajudar a transformar as empresas e mudar nossa visão de criatividade empresarial, para que possamos por fim utilizar corretamente novas fontes de energia e implementar a automação da produção de que fala a Nona Visão.

Após uma pausa para raciocinar, ele disse:

— Quer dizer, as empresas costumam ser as vilãs tachadas de gananciosas, incontroláveis, sem consciência. E acho que antigamente eram mesmo tudo isso. Mas ando com a sensação de que elas também estão ganhando uma consciência espiritual e de que o mundo precisa de uma nova ética empresarial.

Nesse momento, vi outro movimento luminoso bem atrás de Curtis. Olhei e logo vi que 'também estava assistindo à formação do grupo espiritual dele. Como com o de Maya, quando focalizei a imagem emergente, pude também captar o seu conhecimento coletivo. Curtis

nasceu no auge da revolução industrial que ocorreu logo após a Segunda Guerra. A energia nuclear fora a responsável pela vitória final e por aquele horror chocante da visão de mundo materialista, e ele viera a esse mundo com a visão de que agora era possível chegar-se a um avanço tecnológico consciente voltado precisamente para seu objetivo precípuo.

— Só agora — disse Curtis — estamos preparados para entender como fazer as empresas e as novas tecnologias resultantes evoluírem de uma forma consciente; todas as medidas já estão tomadas. Não é por acaso que uma das categorias estatísticas mais importantes em economia é o índice de produtividade: o registro dos bens e serviços produzidos por cada indivíduo em nossa sociedade. A produtividade vem aumentando, constantemente, por causa das descobertas tecnológicas e do uso mais difundido dos recursos naturais e da energia. Com o tempo, o indivíduo foi descobrindo maneiras cada vez melhores de criar.

Enquanto ele falava, uma ideia me ocorreu. Resolvi guardá-la para mim, mas aí todos me olharam.

— O desastre ambiental que o crescimento econômico está causando não estabelece um limite natural para as empresas? Não podemos continuar assim, porque, se continuarmos, o meio ambiente vai literalmente se desintegrar. Muitos peixes do oceano já estão tão contaminados que não podemos comê-los. A incidência de câncer está crescendo geometricamente. Até a Associação Americana de Médicos diz que as mulheres grávidas e as crianças não devem comer legumes por causa do resíduo de pesticidas. Se a coisa continuar assim, vocês podem imaginar que tipo de mundo estaremos deixando para nossos filhos?

Na hora em que eu disse isso, lembrei-me do que Joel falara sobre o colapso do meio ambiente. Senti minha energia baixar quando senti aquele mesmo Medo.

De repente, fui atingido por uma explosão de energia, enquanto cada um dos outros me olhava esforçando-se para encontrar

novamente minha expressão autêntica. Logo restabeleci minha ligação interior.

— Tem razão — disse Curtis —, mas já estamos reagindo a esse problema. Temos produzido tecnologia com uma visão estreita e inconsciente, esquecendo que estamos num planeta orgânico, num planeta de energia. Mas uma das áreas de negócios mais lucrativas é a do controle da poluição.

— Nosso problema é achar que podemos depender do governo para policiar os que poluem. Poluir é uma coisa ilegal há muito tempo, mas, por mais leis que o governo faça, não conseguirá evitar que se jogue o lixo químico em algum canto ou que os respiradouros das fábricas sejam abertos à meia-noite. Essa poluição da biosfera só terminará definitivamente quando os cidadãos alarmados saírem todos de filmadora em punho, assumindo a responsabilidade de pegar essa gente em flagrante. Num certo sentido, as empresas e os empregados das empresas precisam se auto-regulamentar.

Maya inclinou-se à frente.

— Vejo outro problema na maneira como a economia está evoluindo. E os trabalhadores deslocados que estão perdendo o emprego à medida que a economia se automatiza? Como podem sobreviver? Nós tínhamos uma grande classe média e agora ela está encolhendo a olhos vistos.

Curtis sorriu e seus olhos se iluminaram. A imagem de seu grupo espiritual ampliou-se atrás dele.

— Essas pessoas deslocadas sobreviverão aprendendo a viver intuitivamente e em sincronia — sentenciou. — Todos nós temos que aprender: é irreversível. Já estamos vivendo na era da informação. Todo mundo terá que se educar da melhor maneira possível, ter alguma especialização, para estar na posição de aconselhar alguém a executar outros serviços. Quanto mais técnica for a automação e quanto mais rápido o mundo mudar, mais precisaremos nos informar a tempo sobre a pessoa certa. Não se precisa de educação formal para isso; só de um nicho que cada qual cria para si por meio de autodidatismo.

— No entanto, para que esse fluxo se otimize na economia, o objetivo das empresas deverá ser uma maior consciência. As intuições que nos orientam se tomam mais claras quando olhamos o mundo empresarial de uma perspectiva evolutiva. Nossas perguntas precisam mudar. Em vez de perguntar que produto ou serviço posso desenvolver para ganhar mais dinheiro, começamos a perguntar: "O que posso produzir para liberar e informar o mundo, tomando-o um lugar melhor, e, ao mesmo tempo, preservar o equilíbrio ambiental?"

— Um novo código de ética está sendo acrescentado à equação da livre empresa. Precisamos despertar onde quer que estejamos e perguntar: "O que estamos criando? E será que o que estamos criando contribui para o objetivo precípua para o qual a tecnologia foi inventada: facilitar a subsistência diária, a fim de que a orientação principal da vida possa passar da mera sobrevivência e do mero conforto ao intercâmbio de pura informação espiritual?" Precisamos entender que todos temos uma participação no processo de barateamento dos custos de subsistência, até os meios básicos para a sobrevivência acabarem saindo praticamente grátis.

— Podemos chegar a um capitalismo verdadeiramente esclarecido se, em vez de praticar o maior preço que o mercado possa agüentar, adotarmos uma nova ética empresarial em que os preços sofreriam a redução de um percentual que seria como uma declaração consciente do rumo que desejamos imprimir à economia. No mundo dos negócios, isso equivaleria à força do dízimo de que fala a Nona Visão.

Charlene virou-se para ele, o rosto iluminado.

— Estou entendendo. Você está dizendo que, se todas as empresas reduzirem seus preços em dez por cento, todo o custo de vida, inclusive as matérias-primas e os suprimentos para as próprias empresas também cairão?

— Isso mesmo, embora alguns preços possam subir enquanto todo mundo considerar o custo real do destino do lixo e outros efeitos ambientais. De maneira geral, porém, cairão sistematicamente.

— Esse processo já não aconteceu em outras ocasiões — perguntei — provocado pelas forças do mercado?

— Claro — respondeu ele —, mas ele pode ser acelerado se o fizermos conscientemente, embora, de acordo com a Nona Visão, esse processo deva ser enormemente ajudado pela descoberta de uma fonte muito barata de energia. Parece que Feynman fez essa descoberta. Mas a energia precisa ser oferecida da forma mais barata possível para causar um impacto que seja o mais liberador possível.

À medida que falava, ele parecia se inspirar mais. Virou-se e me fitou diretamente nos olhos.

— Essa é a ideia econômica que eu quis apresentar quando vim a esse mundo — disse. — Nunca a vi com tanta clareza. Por isso quis ter as experiências de vida que tive; queria estar preparado para dar essa mensagem.

— Você acha mesmo que vai haver um número suficiente de empresários reduzindo os respectivos preços a ponto de fazer uma diferença? — perguntou Maya. — Especialmente se tiverem que ganhar menos? Isso parece contrariar a natureza humana.

Curtis não respondeu. Em vez disso, olhou para mim, como os outros, como se eu tivesse a resposta. Por um momento, fiquei calado, sentindo a energia mudar.

— Curtis tem razão — disse eu afinal. — Vamos acabar fazendo isso mesmo, embora talvez seja preciso abrir mão de lucros pessoais a curto prazo. Isso tudo só faz sentido depois que a gente entende a Nona e a Décima Visões. Se a pessoa acredita que a vida seja apenas uma questão de sobrevivência pessoal num mundo essencialmente sem sentido e inóspito, é perfeitamente compreensível que ela concentre toda a sua inteligência para viver com o maior conforto possível e garantir que seus filhos tenham as mesmas oportunidades. Mas, se entende a Primeira Visão e vê a vida como uma evolução espiritual, com responsabilidades espirituais, o enfoque muda inteiramente.

— E, quando começamos a entender a Décima, passamos a ver o processo de nascimento da perspectiva da Outra Vida e nos damos conta de que estamos aqui para alinhar a dimensão terrena com a esfera celeste. Além disso, oportunidade e sucesso são processos misteriosíssimos, e, se operarmos nossa vida econômica no fluxo do

plano geral, sincronicamente encontraremos as outras pessoas que estão fazendo a mesma coisa, e de repente a prosperidade se abre para nós.

— Vamos fazer isso — prossegui — porque é para aí que a intuição e as coincidências nos levarão um a um. Nós nos lembraremos de nossa Visão de Nascimento com mais detalhes, e ficará claro que pretendíamos dar uma determinada contribuição ao mundo. E, sobretudo, saberemos que, se não seguirmos essa intuição, além de não acontecerem mais as coincidências e perdermos a sensação de inspiração e de estarmos vivos, podemos acabar tendo que ver nossos atos numa Revisão de Vida. Teremos que enfrentar nosso fracasso.

Parei bruscamente, notando que Charlene e Maya olhavam vidradas para um ponto atrás de mim. Automaticamente me virei; lá estava o contorno difuso de meu grupo espiritual, dezenas de indivíduos meio indistintos ao longe, novamente como se as paredes da caverna não estivessem onde estavam.

— O que vocês estão olhando? — perguntou Curtis.

— É o grupo espiritual dele — disse Charlene. — Vi esses grupos quando eu estava na cascata.

— Vi um grupo atrás de Maya e de Curtis — disse eu.

Maya virou-se e olhou para o espaço atrás dela. O grupo bruxuleou, depois apareceu com nitidez total.

— Não estou vendo nada — disse Curtis. — Onde eles estão?

Maya continuava com os olhos vidrados, obviamente vendo todos os grupos.

— Eles estão nos ajudando, não estão? Podem nos dar a visão que estamos procurando.

Na hora em que ela fez esse comentário, todos os grupos se afastaram drasticamente de nós e perderam nitidez.

— O que aconteceu? — Maya perguntou.

— É o seu nível de expectativa — expliquei. — Se a gente olhar para eles procurando a nossa energia, como um substituto para nossa

ligação interna com a energia divina, eles vão embora. Não admitem dependência. Isso já aconteceu comigo.

Charlene concordou com um aceno de cabeça.

— Comigo também. Eles parecem a família. Somos ligados a eles em pensamento, mas primeiro precisamos sustentar essa nossa ligação com a força divina além deles para podermos nos sintonizar com eles e captar o que sabem, o que realmente é nossa memória mais elevada.

— Eles guardam a memória para nós? — perguntou Maya.

— Guardam — respondeu Charlene, olhando diretamente para mim. Ela fez menção de dizer alguma coisa, mas se conteve, como se seu pensamento começasse a divagar. Depois, falou: — Estou começando a entender o que vi na outra dimensão. Na Outra Vida, cada um de nós vem de um grupo espiritual em particular, e cada um desses grupos tem o seu próprio ângulo da verdade para oferecer ao resto da humanidade. — Ela olhou para mim. — Por exemplo, você vem de um grupo de facilitadores. Sabe? Almas que ajudam a evolução de nosso conhecimento filosófico da vida. Nesse grupo espiritual em particular, todos os membros vivem tentando encontrar uma maneira mais abrangente de descrever a realidade espiritual. Você luta com informações complexas e, pelo fato de ser tão profundo, continua se esforçando e explorando até encontrar uma maneira de expressá-las claramente.

Olhei para ela de esguelha, o que a fez cair na gargalhada.

— É um dom que você tem — tranquilizou ela.

Virando-se para Maya, ela disse:

— E você, Maya, seu grupo espiritual é voltado para a saúde e o bem-estar. Os membros se consideram solidificadores da dimensão física, mantendo nossas células em perfeito funcionamento e cheias de energia, identificando e removendo bloqueios emocionais antes que eles se manifestem através de doenças.

— O grupo de Curtis trata de transformar o uso da tecnologia, assim como nossa concepção geral de comércio. Ao longo da história da humanidade, esse grupo tem trabalhado para espiritualizar nossos

conceitos de dinheiro e capitalismo, a fim de encontrar a conceitualização ideal.

Ela fez uma pausa, e eu já estava vendo uma imagem tremeluzir atrás dela.

— E você, Charlene? — perguntei. — O que seu grupo faz?

— Somos jornalistas, pesquisadores — respondeu ela — que trabalhamos para ajudar as pessoas a se apreciarem e a aprenderem umas com as outras. O objetivo do jornalismo é olhar em profundidade para a vida e as crenças das pessoas e organizações sobre as quais escrevemos, para a essência real e a expressão mais elevada de cada uma, exatamente como estamos nos olhando agora.

Tornei a me lembrar da conversa que tive com Joel, e especificamente de seu cinismo calejado.

— É difícil ver os jornalistas fazendo isso — objetei.

— Ainda não fazemos — retrucou ela. — Por enquanto. Mas é para esse ideal que a profissão está evoluindo. Esse é o nosso verdadeiro destino, quando estivermos mais seguros e nos libertarmos da antiga ideia de que é preciso "vencer" e conseguir energia e status.

— Entende-se perfeitamente por que eu quis nascer na minha família. Todos os meus parentes eram pessoas extremamente questionadoras. Captei a animação deles, a sede de informação. É por isso que trabalhei tanto tempo como repórter, depois entrei para a firma de pesquisa. Queria ajudar a trabalhar a ética da reportagem e depois sintetizar toda a... — Ela tornou a se perder nas próprias divagações, os olhos fixos no chão, depois arregalou os olhos e disse: — Sei como estamos chamando a Visão do Mundo. À medida que rememoramos nossa Visão de Nascimento e a integramos à Visão dos membros do nosso grupo, provocamos a *fusão* da força do nosso grupo espiritual na outra dimensão, o que nos ajuda a lembrar mais detalhes, até que acabamos tendo a visão geral do mundo.

Todos olhamos para ela, intrigados.

— Olhem para o quadro inteiro — explicou ela. — Cada pessoa na Terra pertence a um grupo espiritual, e esses grupos representam os

vários grupos ocupacionais existentes no planeta; o dos profissionais da saúde, dos advogados, contadores, dos profissionais da informática, dos fazendeiros, todos os campos de trabalho. Quando as pessoas encontram o que é certo para elas, o trabalho realmente adequado, elas estão trabalhando com seus colegas de grupo espiritual.

— Quando despertamos e começamos a rememorar nossa Visão de Nascimento, por que estamos no mundo, o grupo ocupacional ao qual pertencemos passa a ficar mais alinhado com os membros do nosso grupo na outra dimensão. Quando isso acontece, cada grupo ocupacional na Terra se orienta para seu verdadeiro objetivo espiritual, sua contribuição à sociedade.

Todos continuávamos fascinados.

— Na nossa profissão de jornalistas, é a mesma coisa — prosseguiu ela. — Ao longo da história, fomos os indivíduos que mais questionaram o que os outros faziam na sociedade. Depois, há alguns séculos, adquirimos bastante consciência sobre nós mesmos para formar uma profissão definida. Desde então, nos ocupamos em ampliar o uso dos meios de comunicação, atingindo cada vez mais pessoas com nossas notícias, esse tipo de coisa. Mas, como todo mundo, sofremos de insegurança. Sentimos que, para receber a atenção e a energia do resto da humanidade, precisávamos criar histórias cada vez mais sensacionais, achando que só o que não presta e o que é violento vende.

— Mas esse não é o nosso verdadeiro papel. Nosso papel espiritual é aprofundar e espiritualizar nossa percepção das outras pessoas. Vemos e depois comunicamos o que os vários grupos espirituais, e cada membro desses grupos, estão fazendo e o que representam, facilitando a divulgação da verdade para todo mundo.

— Com todos os grupos ocupacionais é a mesma coisa; estamos todos despertando para nossa verdadeira mensagem e nosso verdadeiro objetivo. E, quando isso acontecer no planeta todo, poderemos avançar. Podemos formar associações espirituais com pessoas fora de nosso grupo espiritual, exatamente como estamos fazendo aqui. Todos aqui partilhamos nossa Visão de Nascimento e

aumentamos juntos nossa vibração, e isso transforma não apenas a sociedade humana, mas também a cultura na Outra Vida.

— Primeiro, a vibração de nosso grupo espiritual e a nossa aqui na Terra se aproximam, as duas dimensões se comunicando uma com a outra. Por causa dessa proximidade, podemos começar a nos comunicar entre as dimensões. Podemos ver espíritos na Outra Vida e captar mais rápido o conhecimento e as lembranças deles. Isso está acontecendo cada vez mais na Terra.

Enquanto Charlene falava, vi os grupos espirituais atrás de cada um de nós aumentando até encostarem-se uns nos outros, formando um círculo contínuo em volta de nós. Essa convergência pareceu me lançar num nível de consciência ainda mais elevado.

Charlene pareceu sentir a mesma coisa. Respirou fundo e prosseguiu, enfática:

— A outra coisa que acontece na Outra Vida é que os próprios grupos entram em maior ressonância uns com os outros. Por isso a Terra é o principal foco dos espíritos no Céu. Eles podem se unir sozinhos. Lá, muitos grupos espirituais permanecem fragmentados e fora de ressonância uns com os outros, porque vivem num mundo imaginário de ideias que se manifestam instantaneamente e desaparecem com a mesma rapidez, por isso a realidade é sempre arbitrária. Lá não há mundo natural nem estrutura atômica como há aqui para servir de plataforma estável, de pano de fundo, comum a todos nós. Influímos no que acontece nesse pano de fundo, mas as ideias se manifestam muito mais lentamente, e precisamos entrar num acordo sobre o que queremos que aconteça no futuro. É esse acordo, esse consenso, essa unidade da visão na Terra, que também une os grupos espirituais na dimensão da Outra Vida. Por isso a dimensão terrena é considerada tão importante. A dimensão física é onde a verdadeira unificação das almas está ocorrendo!

— E é essa unificação que está por trás da longa jornada histórica que a humanidade vem empreendendo. Os grupos espirituais na Outra Vida entendem a Visão do Mundo, a visão de como o mundo físico pode evoluir e as dimensões podem se aproximar, mas só os indivíduos que

nasceram no plano físico podem conseguir isso, um de cada vez, esperando levar a realidade consensual terrena nessa direção. A arena física é o palco onde a evolução está sendo representada para ambas as dimensões, e agora estamos fazendo tudo chegar ao clímax quando nos lembramos conscientemente do que está acontecendo.

Ela apontou para nós todos.

— Essa é a consciência que estamos recordando juntos, nesse momento, e é a consciência que outros grupos, exatamente como nós, estão recordando por todo o planeta. Todos temos uma parte da Visão completa, e, quando partilharmos o que sabemos e unificarmos nossos grupos espirituais, estaremos prontos para trazer à consciência o quadro todo.

De repente Charlene foi interrompida por um leve estremecimento subterrâneo que percorreu a caverna. Partículas de poeira caíram do teto. Simultaneamente, tornamos a ouvir o zumbido, mas agora não estava dissonante e sim quase harmonioso.

— Ah, meu Deus — disse Curtis. — Eles estão com as calibragens quase no ponto. Temos que voltar para a casamata.

Ele fez menção de se levantar, quando o nível de energia do grupo despencou.

— Espere — disse eu. — O que vamos fazer lá? Concordamos que esperaríamos aqui até escurecer; ainda falta muito para isso. Digo que devemos ficar aqui. Atingimos um alto nível de energia, mas não passamos por todo o processo. Parece que purificamos nossas emoções residuais, amplificamos nossa energia e partilhamos nossa Visão de Nascimento, mas ainda não vimos a Visão do Mundo. Acho que podemos obter melhor resultado se ficarmos onde é seguro e tentarmos avançar.

Mesmo enquanto falava, eu via uma imagem de todos nós de novo no vale, juntos na escuridão.

— Agora não dá mais — disse Curtis. — Eles estão prontos para completar a experiência. Se alguma coisa puder ser feita, precisamos ir lá e fazer já.

Olhei sério para ele.

— Você disse que provavelmente eles iriam matar Charlene. Se nos pegarem, vão nos matar também.

Maya pôs as mãos na cabeça e Curtis desviou a vista, tentando dominar o pânico.

— Bem, estou indo — disse Curtis.

Charlene inclinou-se à frente.

— Acho que devemos ficar juntos.

Por um instante, vi-a com seu traje de índia, novamente nas florestas virgens do século XIX. A imagem logo desapareceu.

Maya levantou-se.

— Charlene tem razão — disse. — Temos que ficar juntos, e talvez seja bom se pudermos ver o que eles estão fazendo.

Olhei pela boca da caverna, sentindo aquela relutância fortíssima há muito arraigada em mim.

— O que vamos fazer com esse... funcionário... aí fora?

— Vamos arrastá-lo cá para dentro e deixá-lo aqui — disse Curtis.
— Mandaremos alguém vir buscá-lo de manhã, se pudermos.

Charlene e eu nos entreolhamos, e concordei com um gesto de cabeça.

LEMBRANDO O FUTURO

AJOELHAMOS NO ALTO da colina e ficamos olhando atentamente para a base de um morro maior lá embaixo. No lusco-fusco, não vi nada de extraordinário; não vi movimento, nem guardas. O zumbido, que continuamos ouvindo durante praticamente todos os quarenta minutos da caminhada, já havia cessado completamente.

— Tem certeza de que estamos no lugar certo? — perguntei a Curtis.

— Tenho — disse ele. — Está vendo aquelas quatro pedras enormes ali na encosta a uns quinze metros da base? A porta fica bem embaixo delas, escondida nas moitas. À direita, até dá para ver a parte de cima da antena de projeção. Parece que está funcionando de novo.

— Estou vendo — disse Maya.

— Onde estão os guardas? — perguntei a Curtis. — Vai ver que eles abandonaram o local. .

Ficamos quase uma hora de olho na porta, esperando algum sinal de atividade, com medo de nos mexer e falar antes que a noite caísse. De repente ouvimos um movimento atrás de nós. Lanternas se acenderam com um clique, envolvendo-nos com seus facho luminosos, e quatro homens armados vieram correndo em nossa direção mandando-nos erguer as mãos. Após terem passado dez minutos revistando nosso equipamento, revistaram cada um de nós e nos fizeram descer aquela encosta e subir até a entrada da casamata.

A porta se abriu e Feyman saiu com estardalhaço, irritado.

— Esses são os que a gente estava procurando? — gritou. — Onde os encontraram?

Enquanto um dos guardas explicava o que acontecera, Feyman meneava a cabeça e olhava para nós à luz das lanternas.

Aproximou-se e perguntou:

— O que estão fazendo aqui?

— Vocês precisam parar com isso! — reagiu Curtis.

Feyman estava se esforçando para reconhecê-lo.

— Quem é você?

As lanternas dos guardas foram focalizadas no rosto de Curtis.

— Curtis Webber... Raios me partam — disse Feyman. — Você explodiu nossa antena, não foi?

— Olhe aqui — disse Curtis. — Você sabe que esse gerador é muito perigoso para operar nesses níveis. Você pode estragar esse vale todo!

— Você sempre foi alarmista, Webber. Por isso deixei-o sair da Deltech. Estou trabalhando nesse projeto há muito tempo para desistir agora. Isso vai funcionar, exatamente como planejei.

— Mas por que está se arriscando? Concentre-se nas unidades domésticas, menores. Por que está tentando aumentar tanto a produção de energia?

— Não é da sua conta. Você precisa ficar calado.

Curtis aproximou-se dele.

— Você quer centralizar o processo de geração para poder controlá-lo. Isso não é certo.

Feyman sorriu:

— Um sistema de energia novo precisa ser lançado aos poucos. Acha que da noite para o dia dá para o custo da energia, que tem um peso substancial no orçamento doméstico e no das empresas, passar a ser praticamente inexistente? O excesso de caixa repentino no mundo inteiro poderia causar hiperinflação, e, provavelmente, depois haveria uma reação em massa que nos lançaria numa depressão.

— Você sabe que isso não é verdade — retrucou Curtis. — Uma redução no custo da energia aumentaria tremendamente a eficiência da produção, fornecendo mais bens a um custo menor. Não haveria inflação. Você está fazendo isso para você mesmo. Quer centralizar a produção para controlar a oferta e o preço, apesar dos riscos.

Ele fitou Curtis com irritação.

— Você é muito ingênuo. Acha que os interesses que atuam para controlar os preços da energia agora permitiriam uma mudança brusca e radical para uma fonte barata? Claro que não! Energia precisa ser centralizada e oferecida em pacotes a todos. E ficarei famoso por ter feito isso! Foi para isso que eu nasci!

— Não é verdade! — fui dizendo. — Você nasceu para outra coisa, para nos ajudar.

Feyman virou-se para olhar para mim:

— Cale a boca! Está me ouvindo? Vocês todos! — Os olhos dele pousaram em Charlene. — O que aconteceu com o homem que mandei com você?

Charlene desviou o olhar sem responder.

— Não tenho tempo para isso! — Feyman já estava gritando outra vez. — Sugiro que cada um de vocês comece a se preocupar com a sua segurança pessoal. — Fez uma pausa para olhar para nós, depois meneou a cabeça e aproximou-se de um dos homens armados. — Mantenha-os juntos aqui até isso acabar. Se tentarem escapar, atire.

O funcionário combinou rapidamente alguma coisa com os outros três e todos se postaram a uns dez metros de nós, cercando-nos.

— Sentem-se — disse um deles.

Sentamo-nos um de frente para o outro no escuro. Nossa energia estava praticamente toda esvaziada. Os grupos espirituais não haviam dado mais sinal desde que saímos da caverna.

— O que acha que devemos fazer? — perguntei a Charlene.

— Nada mudou — murmurou ela. — Precisamos nos energizar de novo.

A escuridão agora era quase total, quebrada apenas pelos fachos das lanternas dos guardas indo e vindo para iluminar o grupo. Eu mal via o contorno do rosto de meus companheiros, apesar de só estarmos a dois metros e meio um do outro.

— Temos que tentar fugir — murmurou Curtis. — Acho que eles vão nos matar.

Então lembrei da imagem que eu havia visto na Visão de Nascimento de Feyman. Ele se viu na mata conosco, no escuro. Eu sabia que havia também um ponto de referência na paisagem, mas não consegui lembrar qual era.

— Não — disse eu. — Acho que precisamos tentar de novo aqui.

Nesse momento, ouviu-se um som altíssimo, parecido com o zumbido, porém, de novo, mais harmonioso, quase agradável aos ouvidos. Tornamos a sentir o chão tremer ligeiramente.

— Temos que aumentar nossa energia agora — murmurou Maya.

— Não sei se aqui vou conseguir — disse Curtis.

— Tem que conseguir! — retruquei.

— Vamos focalizar um ao outro como fizemos antes — acrescentou Maya.

Tentei me abstrair daquela paisagem sinistra ao nosso redor e voltar a um estado interior de amor. Ignorando as sombras e a luz trêmula das lanternas, focalizei a beleza dos rostos no círculo. Quando me esforçava para localizar a expressão do eu superior de cada um, comecei a notar uma mudança no padrão de luz à nossa volta. Aos poucos, fui vendo com muita clareza cada rosto e cada expressão, como se estivesse olhando por um visor infravermelho.

— O que vamos mentalizar? — perguntou Curtis desesperado.

— Temos que voltar à nossa Visão de Nascimento — disse Maya. — Vamos lembrar por que viemos a esse mundo.

De repente a terra tremeu violentamente e o barulho da experiência ficou novamente dissonante e áspero.

Juntamo-nos mais, e nosso pensamento coletivo pareceu projetar a imagem de uma reação. Sabíamos que, de alguma forma, podíamos reunir nossas forças e rechaçar as tentativas negativas e destrutivas da experiência. Até captei uma imagem de Feyman sendo empurrado, seu equipamento explodindo e se incendiando, seus homens fugindo apavorados.

Mais um aumento súbito no volume do barulho perturbou minha concentração; a experiência prosseguia. A quinze metros, um pinheiro enorme se partiu no meio e desabou com estrépito. Com um estrondo dilacerante e uma nuvem de poeira, abriu-se uma fenda de um metro e meio de largura entre nós e o guarda da direita. Ele caiu para trás horrorizado, o facho luminoso de sua lanterna zigzagueando na escuridão.

— Isso não está dando certo! — gritou Maya.

Outra árvore caiu à nossa esquerda quando a terra deslizou mais ou menos um metro e meio, derrubando-nos.

Maya ficou apavorada e levantou-se de um pulo.

— Precisamos sair daqui! — gritou, e saiu correndo para o norte naquela escuridão.

O guarda deste lado, estirado onde o tremor de terra o lançara, se ajoelhou, focalizou-a com a lanterna e ergueu a arma.

— Não! Espere! — gritei.

Na corrida, Maya olhou para trás, vendo o guarda que agora a tinha na mira e se preparava para atirar. Tudo pareceu acontecer em câmera lenta, e, quando a arma disparou, cada ruga de seu rosto revelou que ela sabia que ia morrer. Mas em vez de as balas se cravarem em seu flanco e suas costas, um jato de luz branca surgiu à sua frente e as balas não fizeram nada. Ela hesitou um pouco e logo desapareceu na noite.

Ao mesmo tempo, sentindo a oportunidade, Charlene se levantou de um pulo à minha direita e saiu correndo para nordeste, no meio da poeira, sem que os guardas notassem.

Comecei a correr, mas o guarda que atirara em Maya apontou a arma para mim. Rapidamente Curtis agarrou minhas pernas, me fazendo deitar no chão.

Atrás de nós, a porta da casamata se abriu e Feyman correu para a antena parabólica e furiosamente ajustou o teclado. Aos poucos, o barulho foi diminuindo e os abalos sísmicos foram se reduzindo a meros estremecimentos.

— Pelo amor de Deus! — gritou Curtis para ele. — Você tem que parar com isso!

Feyman estava com o rosto coberto de poeira.

— Não há nenhum problema que a gente não possa consertar — disse ele com uma calma sinistra.

Os guardas tinham se levantado e vinham se espanando em nossa direção. Feyman deu por falta de Maya e Charlene, mas, antes que pudesse dizer alguma coisa, o barulho voltou num volume ensurdecedor e o chão pareceu dar um pulo de vários palmos, derrubando todo mundo de novo. Os estilhaços dos galhos de uma árvore que caía fizeram os guardas saírem correndo para a casamata.

— Agora! — exclamou Curtis. — Vamos!

Fiquei paralisado. Ele me botou em pé.

— Precisamos ir andando! — gritou no meu ouvido.

Finalmente minhas pernas funcionaram e corremos para nordeste, para onde Maya fugira.

Sentimos a reverberação de vários outros tremores, depois o movimento e o barulho cessaram. Após avançarmos vários quilômetros mata adentro, tendo apenas o luar filtrado pela copa das árvores a iluminar nosso caminho, paramos e ficamos encolhidos num bosque de pinheiros pequenos.

— Acha que eles vão nos seguir? — perguntei a Curtis.

— Acho — respondeu ele. — Não podem deixar nenhum de nós voltar à cidade. Acho que continuam com gente tomando conta dos caminhos de volta.

Quando ele falou, comecei a ver mentalmente uma imagem nítida da cascata. A paisagem continuava intocada. Aquela queda d'água, percebi, era o ponto de referência na visão de Feyman que eu estava tentando lembrar.

— Temos que ir para noroeste para chegar à cascata — disse eu.

Curtis apontou com a cabeça para o norte, e, fazendo o mínimo de barulho, rumamos nessa direção, atravessando o riacho e indo com a máxima cautela para o desfiladeiro. De tempos em tempos, Curtis parava e cobria nossas pegadas. Quando paramos para descansar, ouvimos o rumor de carros a sudeste.

Mil e seiscentos metros depois começamos a ver os paredões do desfiladeiro se erguendo ao longe ao luar. Quando nos aproximamos daquela boca pedregosa, Curtis foi na frente atravessando o riacho. De repente ele assustou-se e deu um pulo para trás quando alguém saiu de detrás de uma árvore à esquerda. A pessoa gritou e recuou, desequilibrando-se, cambaleando na beira do riacho.

— Maya! — gritei, vendo quem era.

Curtis se recuperou e correu para puxá-la enquanto pedras e cascalhos deslizavam para a água.

Ela abraçou-o com força, depois veio para mim.

— Não sei por que corri desse jeito. Entrei em pânico. Só pensava em vir para a cascata de que você tinha me falado. Rezei para vocês conseguirem fugir também.

Encostada em uma árvore maior, ela respirou fundo, depois perguntou:

— O que aconteceu lá quando o guarda atirou? Como aquelas balas não me acertaram? Vi um jato de luz estranho.

Curtis e eu nos entreolhamos.

— Não sei — disse eu.

— Parece que me deu uma calma — prosseguiu Maya — que eu nunca havia sentido antes.

Nós nos entreolhamos; ninguém falou. Então, naquele silêncio, ouvi distintamente os passos de uma pessoa caminhando mais à frente.

— Esperem — disse eu aos outros. — Tem gente ali.

Agachamo-nos e ficamos esperando. Dez minutos se passaram. Então, das árvores ali à frente, Charlene surgiu e caiu de joelhos.

— Graças a Deus encontrei vocês — desabafou. — Como fugiram?

— Conseguimos correr quando uma árvore caiu — respondi.

Charlene me fitou no fundo dos olhos.

— Achei que talvez você viesse para a cascata, então vim nesta direção, mesmo sem saber se podia achar a cascata no escuro.

Maya acenou para nós, e fomos todos para uma clareira onde o riacho cortava a boca do desfiladeiro. Aqui, o luar iluminava a relva e a pedra de ambos os lados.

— Talvez a gente tenha mais uma chance — disse ela, gesticulando para que sentássemos depressa um em frente ao outro.

— O que vamos fazer? — perguntou Curtis. — Não podemos ficar muito tempo aqui. Eles vão chegar.

Olhei para Maya, achando que devíamos ir para a cascata, mas ela parecia tão energizada que, em vez de ir, perguntei:

— O que acha que deu errado antes?

— Não sei; talvez sejamos muito poucos. Você disse que devíamos ser sete. Ou vai ver que o Medo está muito forte.

Charlene inclinou-se para o grupo.

— Acho que precisamos nos lembrar da energia que atingimos lá na caverna. Precisamos nos ligar novamente nesse nível.

Passamos um bom tempo trabalhando nossa ligação interna. Afinal, Maya disse:

— Precisamos transmitir energia um ao outro, encontrar a expressão do eu maior.

Respirei fundo várias vezes e fiquei olhando de novo para o rosto dos outros. Aos poucos, eles foram ficando mais bonitos e luminosos, e captei a expressão autêntica da alma de cada um. Em volta de nós, as plantas e as pedras ficaram brilhando ainda mais, como se o luar de repente tivesse o dobro de intensidade. Uma conhecida onda de amor e euforia me invadiu, e, ao virar-me, vi meu grupo espiritual atrás de mim.

Ao vê-lo, na mesma hora, minha consciência pareceu se expandir mais ainda, e percebi que o grupo espiritual de cada um dos outros estava colocado da mesma maneira, embora a fusão ainda não tivesse acontecido.

O olhar de Maya cruzou com o meu. Ela me olhava num estado de completa abertura e honestidade, e, olhando-a, parecia que eu estava vendo sua Visão de Nascimento como uma expressão sutil em seu rosto. Ela sabia quem ela era e isso se irradiava para todos verem. A missão dela era clara; suas origens haviam-na preparado perfeitamente.

— Sintam como se os seus átomos estivessem vibrando num nível mais elevado — disse ela.

Olhei para Charlene; em seu rosto havia a mesma clareza. Ela representava os detentores da informação, identificando e transmitindo as verdades vitais expressas por cada pessoa do grupo.

— Veem o que está acontecendo? — perguntou Charlene. — Estamos nos vendo como realmente somos, em nosso nível máximo, sem as projeções emocionais e os medos antigos.

— Estou vendo isso — disse Curtis, o rosto novamente cheio de energia e certeza.

Ninguém falou durante vários minutos. Fechei os olhos enquanto a energia continuava subindo.

— Olhem só! — exclamou Charlene subitamente, apontando para os grupos espirituais à nossa volta.

Os grupos espirituais começavam a se fundir, exatamente como na caverna. Olhei para Charlene, em seguida para Curtis e Maya. Via agora em seus rostos uma expressão mais completa de quem eles eram enquanto participantes do longo movimento da história da civilização.

— Pronto! — exclamei. — Chegamos ao próximo passo; estamos tendo uma visão mais completa da história da humanidade.

Diante de nós, num imenso holograma, apareceu uma imagem que parecia estender-se desde o começo até o distante final dos tempos. Esforçando-me para focalizá-la, percebi que aquela era uma imagem

muito parecida com a que eu vira antes com meu grupo espiritual — só que agora a história estava começando muito antes, com o início do próprio universo.

Vimos a matéria surgir da primeira explosão e formar as estrelas que viveram, e morreram, e cuspiram a grande diversidade de elementos que acabou formando a Terra. Esses elementos, por sua vez, se combinaram no ambiente terrestre primordial para formar substâncias cada vez mais complexas até que finalmente geraram a vida orgânica — vida que a partir daí também evoluiu para uma organização e uma consciência maiores, como se guiada por um plano geral. Organismos multicelulares se transformaram em peixes que evoluíram para os anfíbios de onde vieram os répteis, as aves e finalmente os mamíferos.

Vimos um quadro nítido da dimensão da Outra Vida descortinar-se à nossa frente, e compreendi que um aspecto de cada um dos espíritos ali — na verdade, uma parte de toda a humanidade — passara por esse longo e lento processo evolutivo. Nadamos como peixes, rastejamos ousadamente pela terra como anfíbios e lutamos para sobreviver como répteis, pássaros e mamíferos, batalhando em cada estágio para finalmente assumirmos a forma humana — tudo com uma intenção.

Soubemos que, através das gerações, nasceríamos no plano físico e, mais dia menos dia, nos esforçaríamos para despertar, e nos unir, e evoluir, e acabar implementando na Terra a mesma cultura espiritual existente na Outra Vida. Certamente a jornada seria difícil, tortuosa até. Com a primeira intuição de despertar, sentiríamos o Medo da solidão e da separação. No entanto, não tornaríamos a adormecer; lutaríamos contra o Medo, sustentados pela tênue intuição de que não estávamos sós, de que éramos seres espirituais com um objetivo espiritual no planeta.

E, seguindo o impulso evolutivo, gravitaríamos juntos para formar grupos sociais maiores e mais complexos, diferenciados em várias ocupações, vencendo a necessidade de derrotar e conquistar os outros, e acabaríamos implementando um processo democrático através do qual novas ideias poderiam ser partilhadas, sintetizadas e

aperfeiçoadas mais ainda. Aos poucos, nossa segurança viria de dentro de cada um de nós, à medida que progredíssemos de uma expressão do divino em termos de deuses da natureza passando pela do Deus pai fora de nós até chegarmos à do Espírito Santo dentro de nós.

Textos sagrados seriam intuídos e escritos, oferecendo sincera expressão simbólica de nosso relacionamento e de nosso futuro com essa divindade única. Visionários do Oriente e do Ocidente esclareceriam que esse Espírito Santo sempre esteve presente, sempre foi acessível e aguardava apenas que nos arrependêssemos, nos abrissemos, eliminássemos os bloqueios que impediam uma comunicação completa.

Com o tempo, soubemos, nosso impulso de nos unir e partilhar se expandiria até sentirmos uma comunhão especial, uma ligação mais profunda com outras pessoas que viviam numa mesma área geográfica do planeta, e o mundo humano começaria a se solidificar em estados nacionais, cada um com um ponto de vista político. Logo depois viria uma explosão do comércio. O método científico seria instituído, e as descobertas resultantes dariam início a um período de preocupação econômica e à grande expansão secular conhecida como Revolução Industrial.

E, uma vez desenvolvida uma teia de relações econômicas ao redor do planeta, iríamos ficando mais despertos e lembraríamos inteiramente de nossa natureza espiritual. Aos poucos, as Visões permeariam as consciências e aperfeiçoaríamos a economia para uma forma compatível com a Terra, e, finalmente, começaríamos a ultrapassar a última polarização terrível de forças rumo a uma nova visão espiritual do planeta.

Neste ponto, olhei rapidamente para os outros. A expressão de seus rostos me dizia que eles tinham partilhado essa visão da história da Terra. Numa breve revelação, tínhamos entendido como a consciência humana havia progredido do início dos tempos até o presente.

De repente o holograma focalizou detalhadamente a polarização. Todos os seres humanos na Terra estavam assumindo duas posições conflitantes: uma em direção a uma imagem vaga mas cada vez mais

clara de transformação, e a outra resistindo, sentindo que valores importantes contidos na antiga visão estavam se perdendo para sempre.

Pudemos sentir que, na dimensão da Outra Vida, era sabido que esse conflito seria o nosso maior desafio à espiritualização da dimensão física — particularmente se a polarização fosse levada ao extremo. Nesse caso, cada lado ficaria sempre projetando irracionalmente o mal para o outro, ou pior, poderia acreditar nos intérpretes literais das profecias apocalípticas e começar a pensar que não poderia mudar o futuro e por isso desistir completamente.

Para encontrar a Visão do Mundo e resolver a polarização, vimos que nossa intenção da Outra Vida era discernir as verdades mais profundas dessas profecias. Como com todas as Escrituras, as visões em Daniel e no Apocalipse eram intuições divinas vindo da Outra Vida para o plano físico, e assim precisavam ser entendidas como revestidas do simbolismo da mente do vidente, como um sonho. Focalizaríamos o sentido simbólico. As profecias previam um fim para a história da Terra; mas um "fim" que, para quem *acreditava*, seria bem diferente do vivenciado por quem não acreditava.

Estes últimos foram vistos vivenciando um fim da história que começaria com grandes catástrofes e desastres ecológicos e colapsos econômicos. Em seguida, no auge do medo e do caos, apareceria um líder forte, o Anticristo, que se ofereceria para restabelecer a ordem, mas só se os indivíduos concordassem em abrir mão de suas liberdades e ter o corpo marcado com a "marca da besta" para participar da economia automatizada. Mais tarde, esse líder iria' declarar que era deus e conquistar à força qualquer país que resistisse à sua dominação, a princípio guerreando as forças do Islã, depois contra os judeus e os cristãos, acabando por lançar o mundo inteiro num violento Armagedon.

Para os que acreditavam, por outro lado, os profetas das escrituras previam um fim muito mais agradável para a história. Permanecendo fiéis ao espírito, estas pessoas receberiam corpos espirituais e passariam em êxtase para outra dimensão chamada a Nova Jerusalém,

mas poderiam sair e entrar de volta no plano físico. Mais tarde, a certa altura da guerra, Deus voltaria em plenitude para acabar com a luta, recuperar a Terra e implementar mil anos de paz durante os quais não haveria doenças nem morte e tudo se transformaria, até os animais do mundo, que não comeriam mais carne. Então, "o lobo há de morar com o cordeiro... e o leão há de comer feno como o boi".

Os olhares de Maya e Curtis cruzaram com o meu; depois Charlene ergueu os olhos; foi como se todos sentíssemos, ao mesmo tempo, o significado essencial das profecias. O que os videntes apocalípticos estavam recebendo era a intuição de que em nossa época, dois futuros distintos se apresentariam a nós. Podíamos escolher definir no Medo, acreditando que o mundo estava caminhando para uma automação estilo Grande Irmão e para a decadência e destruição final da sociedade... ou seguir outro caminho e nos considerar os fiéis capazes de superar esse niilismo e nos abrir a vibrações mais elevadas do amor, onde somos poupados do apocalipse e até podemos entrar numa nova dimensão na qual convidamos o espírito, por nosso intermédio, a criar exatamente a utopia que os profetas das escrituras previram.

Agora podíamos ver por que os indivíduos na Outra Vida sentiam que nossa interpretação dessas profecias era fundamental para resolver a polarização. Se decidíssemos que essas escrituras diziam que a destruição do mundo era inevitável, que estava indelevelmente inscrita no plano de Deus, essa certeza acabaria produzindo esse resultado.

Claramente tínhamos de escolher o caminho do amor e da fé. Como eu havia visto antes, a polarização não era para ser tão forte. Era sabido na Outra Vida que cada lado representava uma parte da verdade que podia ser integrada e sintetizada na nova visão espiritual. Depois, vi que essa síntese seria um desenvolvimento natural das próprias Visões, especialmente da Décima, e dos grupos especiais que começariam a se formar por todo o mundo.

De repente o holograma avançou rápido e eu senti outra expansão de consciência. Eu sabia que agora estávamos passando à etapa seguinte do processo: a lembrança propriamente dita de como

pretendíamos nos tornar justos e realizar esse futuro utópico da profecia. Estávamos enfim lembrando a Visão do Mundo

Ali assistindo, vimos primeiro os grupos da Décima Visão se formando por todo o planeta, atingindo uma massa crítica de energia e depois aprendendo a projetar essa energia de tal maneira que os extremos arraigados da polarização imediatamente começaram a se diluir, superando o Medo. Especialmente afetados seriam os controladores tecnológicos, que se lembrariam de si mesmos e desistiriam dos últimos esforços para manipular a economia e tomar o poder.

O resultado da energia projetada seria uma onda de despertar, e recordação, e cooperação, e envolvimento pessoal sem precedentes, e praticamente uma explosão de indivíduos com a nova inspiração, indivíduos que começariam todos a recordar as respectivas Visões de Nascimento inteiras e seguir os respectivos caminhos sincrônicos para chegarem exatamente às posições certas dentro das respectivas culturas.

Começaram a passar imagens de cidades decadentes do interior e de famílias rurais esquecidas. Aqui podíamos ver a formação de um novo consenso quanto ao modo de intervir no ciclo da pobreza. O conceito de intervenção já não envolveria programas de governo nem apenas educação e empregos; a nova abordagem seria profundamente espiritual, pois as estruturas da educação já estavam no lugar; faltava era saber livrar-se do Medo e superar as distrações infernais criadas para evitar a ansiedade da pobreza.

Em relação a isso, vi um surto repentino de interesse particular cercado cada família e cada criança necessitada. Levas de indivíduos iam formando relações pessoais, começando por aqueles que viam diariamente a família — comerciantes, professores, policiais da área, ministros de Deus. Esse contato era então expandido por outros voluntários trabalhando como irmãos ou irmãs "maiores" e conselheiros — todos guiados intuitivamente para ajudar, lembrando aquela intenção de representar alguma coisa para uma família, uma criança. E todos contagiados pelas Visões e pela mensagem crucial de

que por mais difícil que seja a situação, ou por mais arraigados e contraproducentes que sejam os hábitos, a lembrança de uma missão e de um objetivo pode nos fazer despertar.

À medida que continuava esse contágio, a incidência de crimes violentos começou misteriosamente a cair; pois, como vimos claramente, as raízes da violência sempre são a frustração, a paixão e roteiros de medo que desumanizam a vítima, e uma interação crescente com pessoas de consciência mais elevada estava começando a romper essa programação mental.

Vimos um novo consenso surgir em relação à criminalidade baseado em ideias tradicionais e ligadas ao potencial humano. Num primeiro momento, haveria carência de novos presídios e carceragens, enquanto estivesse sendo reconhecida a verdade tradicional de que devolver os criminosos à comunidade antes da hora, ou soltá-los por penitência para lhes dar mais uma chance, reforçava seu comportamento. Mas, ao mesmo tempo, assistíamos a uma integração das Visões na operação propriamente dita dessas instalações, introduzindo uma onda de envolvimento particular com os presos, transformando a cultura da criminalidade e dando início à única reabilitação que funciona: o contágio das lembranças.

Simultaneamente, enquanto um número cada vez maior de pessoas despertava, vi milhões de indivíduos perdendo seu tempo para intervir em qualquer tipo de conflito — pois estávamos todos chegando a uma nova concepção do que estava em jogo. Quando um marido ou uma esposa se zangavam e se agrediam, ou compulsões criadoras de hábito ou uma desesperada carência de aprovação levavam um jovem membro de uma gangue a matar, ou as pessoas se sentiam tão encurraladas que davam desfalques, cometiam fraudes ou faziam qualquer tipo de manipulação para ganhar dinheiro, havia sempre alguém em posição de ter evitado a violência, mas que *deixara* de agir.

Cercando esse herói em potencial, havia talvez dezenas de outros amigos e conhecidos que também haviam deixado, porque não passaram as informações e as ideias que teriam criado um sistema de apoio mais amplo para que a intervenção ocorresse. Antigamente,

talvez, isso pudesse se explicar, mas agora não. Agora a Décima Visão estava emergindo e sabíamos que as pessoas em nossa vida eram provavelmente espíritos com quem tivemos longos relacionamentos durante muitas vidas e que agora contavam com nossa ajuda. Então éramos compelidos a fazer alguma coisa, compelidos a mostrar coragem. Nenhum de nós quer um fracasso pesando na consciência, nem uma Revisão de Vida tortuosa na qual temos de assistir às trágicas consequências de nossa covardia.

Enquanto as cenas se sucediam rapidamente, vimos essa consciência vicejante motivando a ação em relação a outros problemas sociais também. Vimos uma imagem dos rios e oceanos do mundo e mais uma vez observamos a síntese do antigo com o moderno em que se admitia o comportamento muitas vezes caprichoso da burocracia governamental, ao mesmo tempo em que se dava uma prioridade inédita ao desejo de salvaguardar o meio ambiente, iniciando-se um surto de intervenção particular.

Começava a emergir a sabedoria segundo a qual, a exemplo da questão da pobreza e da violência, a criminalidade e a poluição sempre têm espectadores complacentes. Pessoas que, por elas mesmas, em sua consciência, jamais poluiriam o meio ambiente trabalhavam com ou sabiam de outras cujos projetos ou práticas de trabalho prejudicaram a biosfera do planeta.

Essas eram as pessoas que no passado não haviam dito nada, talvez por insegurança no trabalho ou por sentirem que seu ponto de vista não tinha apoio. No entanto agora, à medida que despertavam e percebiam que estavam exatamente em posição de agir, podíamos vê-las unindo a opinião pública contra os causadores de poluição — fossem eles os que despejavam resíduos industriais nos oceanos na calada da noite, ou limpavam os tanques dos petroleiros em alto-mar, ou usavam pesticidas proibidos em culturas comerciais de hortaliças, ou deixavam o purificador de gás aberto nas fábricas entre uma inspeção e outra, ou forjavam pesquisas sobre os riscos de uma nova substância química. Fosse qual fosse o crime, agora haveria testemunhas *inspiradas* que sentiriam o apoio popular oferecendo

recompensas por tal informação e sairiam de filmadora em punho para denunciar pessoalmente os crimes.

Do mesmo modo, vimos serem denunciadas as atitudes dos próprios governos em relação ao meio ambiente, em especial em relação a políticas que dizem respeito às áreas de domínio público. Durante anos, seria descoberto, os próprios governos venderam direitos de mineração e extração de madeira em alguns dos mais sagrados recantos da Terra a preços abaixo do mercado como favores políticos. Florestas majestosas como catedrais foram incrivelmente pilhadas e devastadas em nome de uma administração florestal correta — como se plantar novas carreiras de pinheiros substituísse a diversidade de vida e as energias inerentes a uma multissecular floresta de madeira de lei. No entanto, esta consciência espiritual emergente é que finalmente poria um fim a tal desgraça. Assistimos à formação de uma nova coalizão composta de caçadores da velha-guarda, saudosistas aficcionados pela história, e aqueles para quem os sítios naturais são portais sagrados. Essa coalizão finalmente dispararia o alarme que salvaria as poucas florestas virgens remanescentes na Europa e na América do Norte, e começaria a proteger em larga escala as essenciais florestas tropicais. Seria opinião geral que todos os sítios aprazíveis remanescentes precisariam ser salvos para as futuras gerações. Fibras cultivadas substituiriam o uso de árvores na fabricação de madeira e papel, e todas as áreas públicas remanescentes seriam protegidas da exploração e usadas para atender à explosão da demanda pela visitaçao de áreas tão preservadas e energizadoras. Ao mesmo tempo, com a expansão da intuição, da consciência e da memória, as culturas desenvolvidas finalmente olhariam para os povos nativos do mundo com um novo respeito, ansiosas para integrar uma redefinição mística do mundo natural.

A cena holográfica avançou outra vez, e vi a onda de contágio espiritual permeando cada aspecto da cultura humana. Como Charlene previra antes, todos os grupos ocupacionais começavam conscientemente a preconizar um nível de funcionamento mais ideal e intuitivo, encontrando seu papel espiritual e sua visão do verdadeiro serviço.

Levada pelos médicos que enfatizavam a gênese espiritual psicológica da doença, a medicina deixava de ser um tratamento mecânico dos sintomas e passava a ser preventiva. Vimos que os profissionais da lei estavam substituindo os métodos de criar conflito e encobrir a verdade para vencer a qualquer preço pela vontade de resolver a questão deixando o mais possível os dois lados satisfeitos. E, como Curtis vira, todo o mundo empresarial e todas as indústrias estavam adotando um capitalismo esclarecido, orientado não apenas para o lucro, mas também para atender à necessidade de aperfeiçoamento de seres espirituais e colocar seus produtos no mercado ao menor preço possível. Essa nova ética empresarial produziria um movimento de deflação, dando início a uma evolução sistemática para uma plena automação futura — e finalmente à gratuidade — dos artigos de primeira necessidade, liberando as pessoas para se engajarem na economia do "dízimo" espiritual prevista pela Nona Visão.

As cenas foram passando depressa, e pudemos ver indivíduos cada vez mais jovens recordando suas missões espirituais. Nessa parte, pudemos ver a precisão do conhecimento que em breve encarnaria a nova concepção espiritual. Quando as pessoas se tornassem adultas, iriam lembrar-se de si mesmas como espíritos que ao nascer passavam de uma dimensão da existência à outra. Embora fosse esperável haver alguma perda no processo de transição, a recuperação da memória anterior à existência seria um dos primeiros objetivos da educação.

Na juventude, nossos mestres começariam nos orientando nas primeiras experiências da sincronicidade; instariam para que identificássemos nossa intuição para estudar certos temas, visitar determinados lugares, sempre buscando explicações mais elevadas para o fato de estarmos seguindo um caminho específico. Enquanto emergia a lembrança inteira das Visões, estaríamos nos envolvendo com certos grupos, trabalhando em projetos especiais, revelando a visão inteira do que desejávamos fazer. E finalmente recuperaríamos a intenção subjacente a nossas vidas. Ficaríamos sabendo que viemos a esse mundo para elevar o nível vibratório do planeta, para descobrir e proteger a beleza e a energia de seus sítios naturais e para garantir que

todas as pessoas tenham acesso a esses locais especiais, a fim de podermos continuar aumentando nossa energia, finalmente instaurando a cultura da Outra Vida aqui no plano físico.

Tal concepção transformaria, em especial, o nosso olhar para o outro. Já não veríamos o ser humano meramente sob o aspecto da raça ou da nacionalidade na qual encarnou numa determinada vida. Ao contrário, veríamos todos como espíritos irmãos, envolvidos, como nós, num processo de despertar e espiritualizar o planeta. Ficaria sabido que o estabelecimento de certos espíritos em várias áreas geográficas do planeta teve grande significado. Cada nação foi, na realidade, um enclave de informações espirituais específicas, partilhadas e modeladas por seus cidadãos, aguardando serem absorvidas e integradas.

Assistindo ao desenrolar do futuro, pude ver que um mundo de unidade política que tantos já haviam vislumbrado estava finalmente sendo alcançado — não porque todas as nações estavam sendo submetidas à força a um corpo político, mas sim porque estava havendo um movimento de base reconhecendo as semelhanças espirituais de cada uma e, ao mesmo tempo, prezando sua autonomia e diferenças culturais. Como com indivíduos formando um grupo, cada membro da família das nações estava sendo reconhecido por essa verdade cultural representada para o mundo todo. Diante de nós, vimos as lutas políticas da Terra, tantas vezes violentas, transformando-se em guerra de palavras. À medida que a onda de lembranças ia varrendo o planeta, todos os seres humanos iam entendendo que seu destino era discutir e comparar as perspectivas de suas respectivas religiões e, sempre honrando o melhor de suas doutrinas individuais em nível pessoal, finalmente entender que todas as religiões se complementavam e integrá-las numa espiritualidade global sintetizada.

Pudemos ver claramente que destes diálogos resultaria a reconstrução do grande templo de Jerusalém, ocupado conjuntamente por todas as religiões mais importantes — a judaica, a cristã, a islâmica, a oriental, até pela religião *de facto* do idealismo secular, representada por enclaves econômicos da China e da Europa que pensavam primeiramente em termos de uma utopia econômica panteísta. Aqui, a perspectiva espiritual mais importante seria debatida e discutida. E,

nessa guerra de palavras e energia, a princípio as perspectivas do Islã e do Judaísmo ficariam em primeiro plano, depois a perspectiva do Cristianismo seria comparada e integrada, assim como a visão interna das religiões orientais.

Vimos a consciência da humanidade entrar num outro nível, e a cultura coletiva passar basicamente da troca de informações econômicas ao intercâmbio de verdades espirituais. Com isso, certos indivíduos e grupos começariam a 'atingir níveis próximos do nível da dimensão da Outra Vida e desapareceriam para a maioria das pessoas remanescentes na Terra. Estes grupos seletos entrariam intencionalmente na outra dimensão, mas aprenderiam a transitar entre uma dimensão e outra — como prevê a Nona Visão e viram os poetas das escrituras. No entanto, iniciado esse Arrebatamento, as pessoas que ficassem na Terra compreenderiam o que estava acontecendo e aceitariam seu papel de permanecer no plano físico, sabendo que logo passariam ao outro.

Agora estava na hora de os idealistas seculares proclamarem suas verdades nas escadas do templo. A princípio, a investida enérgica para Jerusalém viria da Europa com sua visão fundamentalmente secular, com um líder forte proclamando a importância de questões seculares. Essa perspectiva entraria em choque com o espiritualismo muçulmano e cristão da vida após a morte. Mas então esse conflito de energia seria mediado e depois unificado pela ênfase espiritual interna da perspectiva oriental. A essa altura, os controladores, que já haviam conspirado para criar uma sociedade tirânica de chips, robôs e obediência forçada, seriam conquistados pelo contágio do despertar. E essa síntese final prepararia todas as pessoas para receber o Espírito Santo. Vimos claramente que com esse diálogo do Oriente Médio de integração de energia, a história realizara a profecia das escrituras de uma maneira *simbólica e verbal*, evitando o apocalipse físico que os literalistas esperavam.

De repente nosso foco passou para a dimensão da Outra Vida, e aí pudemos ver com grande clareza que desde o início não tivemos meramente a intenção de criar apenas uma Nova Terra, mas também um Novo Céu. Vimos os efeitos da recordação da Visão do Mundo

transformarem não apenas a dimensão física, mas também a Outra Vida. Durante os arrebatamentos na Terra, os grupos espirituais estariam sendo arrebatados também para o plano físico, completando a transferência de energia para a dimensão física expandida.

Aqui, a realidade inteira do que estava acontecendo no processo histórico apareceu. Desde o começo dos tempos, enquanto nossa memória se abria, a energia e o conhecimento passaram sistematicamente da Outra Vida para o plano físico. A princípio, os grupos espirituais da Outra Vida tinham inteira responsabilidade de preservar a intenção e vislumbrar o futuro, ajudando-nos a recordar o que desejávamos fazer, dando-nos energia.

Depois, quando a consciência evoluiu e a população da Terra aumentou, o equilíbrio de energia e responsabilidade foi passando lentamente para a dimensão física, até que, no presente momento histórico, em que a energia passada já era suficiente e a Visão do Mundo estava sendo recordada, o poder e a responsabilidade plenos de acreditar no futuro desejado e criá-lo estariam passando da Outra Vida para os espíritos na Terra, para os grupos em formação, para *nós*!

Neste ponto, a intenção é *nossa* responsabilidade. E é por isso que agora estávamos tendo de resolver a polarização e ajudar a mudar esses indivíduos aqui no vale que ainda estavam enredados no Medo e que achavam justo manipular a economia para seus próprios fins, achavam justo apoderar-se do controle do futuro.

Exatamente ao mesmo tempo, nós quatro nos entreolhamos naquela escuridão, o holograma ainda a nos rodear, os grupos espirituais ainda fundidos ao fundo, brilhando intensamente. Então vi um enorme falcão pousar num galho três metros acima de nós e ficar nos olhando. No chão, a menos de um metro e meio, um coelho veio saltitando e parou uns três palmos à minha direita. Segundos depois, atrás dele veio um lince que sentou-se bem a seu lado. O que estava acontecendo?

Subitamente, senti uma vibração silenciosa formigando em meu plexo solar; a experiência recomeçara!

— Olhem lá! — gritou Curtis.

A quinze metros dali, dificilmente identificada ao luar, uma fenda estreita sacudia as moitas e arbustos, estendendo-se lentamente em nossa direção.

Olhei para os outros.

— Agora depende de nós — gritou Maya. — Já temos uma boa parte da Visão; podemos detê-los.

Antes de podermos fazer qualquer coisa, o chão embaixo de nós tremeu violentamente e a fenda veio se abrindo mais rápido em nossa direção. Simultaneamente vários carros pararam no mato, o vulto distorcido das árvores em meio à poeira iluminado por seus faróis. Sem medo, mantive meu nível de energia e tornei a focalizar o holograma.

— A Visão vai detê-los — gritou Maya de novo. — Não deixem a Visão passar! Segurem-na.

Abraçando a imagem do futuro diante de nós, senti novamente o grupo direcionar energia. Para Feyman, como que segurando nossa intenção como uma grande muralha contra sua invasão, mentalizando seu grupo sendo rechaçado pela energia, fugindo apavorado.

Olhei para a fenda que continuava se rasgando rapidamente em nossa direção, confiando que pararia. Em vez de parar, ela se rasgou mais rápido. Outra árvore caiu. E mais outra. Vendo-a chegar cada vez mais perto de nós, perdi a concentração e rolei para trás, sufocando-me com a poeira.

— Ainda não está funcionando! — ouvi Curtis gritar.

Senti como se tudo estivesse acontecendo de novo.

— Vamos subir por aqui — gritei, esforçando-me para enxergar naquela escuridão repentina. Enquanto corria, mal via o vulto indistinto dos outros; eles estavam se afastando de mim para leste.

Escalei o rochedo que formava o paredão esquerdo do desfiladeiro e só parei noventa metros à frente. Ajoelhando-me nas pedras, olhei para a escuridão. Nada se movia, mas ouvi os homens de Feyman falando na boca do desfiladeiro. Sem fazer barulho, subi mais um pouco, virando para noroeste, ainda atento a um sinal dos outros.

Finalmente descobri um jeito de tornar a descer para o leito do desfiladeiro. Ainda não havia qualquer movimento.

Então, quando eu estava novamente seguindo para o norte, fui subitamente agarrado por trás.

— O quê... gritei.

— Shhhh — murmurou uma voz. — Fique quieto. É David.

SUSTENTANDO A VISÃO

VIREI-ME E OLHEI para ele ao luar, reconhecendo o cabelo comprido, a cicatriz no rosto.

— Onde estão os outros? — murmurou ele.

— Nos separamos — respondi. — Viu o que aconteceu?

Ele aproximou mais o rosto.

— Vi, eu estava olhando lá do morro. Aonde acha que eles vão?

Pensei um pouco.

— Para a cascata.

Ele fez sinal para que eu o acompanhasse, e seguimos naquela direção. Algum tempo depois, ele olhou para trás e disse:

— Quando vocês estavam lá na entrada reunidos, a energia de vocês se concentrou, depois passou para o vale. O que estavam fazendo?

Tentando explicar, resumi a história toda: como encontrei Wil e passei para a outra dimensão; como estive com Williams e topei com Joel e Maya; e especialmente como conheci Curtis e tentamos chamar a Visão do Mundo para derrotar Feyman.

— Curtis estava com vocês lá na boca do desfiladeiro? — perguntou David.

— Estava. Com Maya e Charlene, embora eu ache que nós seríamos sete...

Ele tomou a olhar para mim rapidamente, como quem vai dar uma gargalhada. Toda aquela raiva tensa e contida que ele demonstrara na cidade parecia ter desaparecido totalmente.

— Então vocês também acharam os ancestrais, não acharam?

Corri para andar ao lado dele.

— Você chegou à outra dimensão?

— Cheguei, vi meu grupo espiritual e assisti à minha Visão de Nascimento e, assim como vocês, me lembrei do que aconteceu antes, que viemos todos para chamar a Visão do Mundo. E depois, não sei como, quando eu estava olhando para vocês lá ao luar, era como se eu estivesse com vocês, fosse do grupo de vocês. Vi a Visão do Mundo em volta de mim.

Ele parara à sombra de uma árvore grande que tapava a lua, o rosto rígido, no escuro.

Virei-me para ele.

— David, quando o nosso grupo estava lá reunido, e chamamos a Visão do Mundo, por que ela não deteve Feyman?

Ele saiu da sombra e imediatamente reconheci-o como o chefe irritado que censurara Maya. Depois, sua expressão dura se suavizou e ele estourou na gargalhada.

— O aspecto-chave dessa Visão — disse — não é meramente vivenciá-la, embora isso seja uma coisa difícil. É a forma como *projetamos* essa Visão do Futuro, como a sustentamos para o resto da humanidade. É disso que fala a Décima Visão. O modo como vocês sustentaram a Visão para Feyman e para os outros não os ajudou a despertar. — Ele ficou me olhando mais um pouco, depois disse: — Vamos, temos que correr.

Quando já devíamos ter avançado mais uns oitocentos metros, uma ave piou à nossa direita, e David parou bruscamente.

— O que foi isso? — perguntei.

Ele inclinou a cabeça enquanto o pio ecoava novamente pela noite.

— É uma coruja, avisando às outras que estamos aqui.

Olhei para ele com ar de quem não estava entendendo nada, lembrando o comportamento estranho dos bichos desde que eu havia chegado ao vale.

— Alguém naquele grupo conhece os sinais dos animais? — perguntou ele.

— Não sei; Curtis, talvez.

— Não, ele é científico demais.

Então lembrei-me de que Maya havia mencionado ter seguido o canto dos pássaros quando nos encontrou na caverna.

— Talvez Maya!

Ele me olhou com uma expressão interrogativa.

— Aquela médica que você disse que trabalha com mentalização?

— É.

— Ótimo. Perfeito. Vamos fazer o que ela faz e rezar.

Virei-me e olhei para ele quando a coruja piou de novo.

— O quê?

— Vamos... mentalizar... que ela lembre o dom dos animais.

— Qual é o dom dos animais?

Uma ponta de impaciência transpareceu em seu olhar, e ele fez uma pausa, fechando os olhos, visivelmente tentando se controlar.

— Você ainda não entendeu que quando aparece um animal em nossa vida é uma coincidência das mais elevadas?

Contei-lhe sobre o coelho, o bando de corvos e o falcão que apareceram logo que entrei no vale, e depois sobre o filhote de lince, a águia e o jovem lobo que apareceram depois.

— Alguns deles até se mostraram quando vimos a Visão do Mundo.

Ele balançou a cabeça aguardando.

— Eu sabia que alguma coisa importante estava acontecendo — disse eu —, mas não sabia exatamente o que fazer a não ser seguir alguns deles. Você está dizendo que todos esses animais tinham uma mensagem para mim?

— Sim, é exatamente o que estou dizendo.

— Como posso saber qual é a mensagem?

— É fácil. A gente sabe pelo tipo de animal que atrai em cada situação. Cada espécie que cruza o nosso caminho nos diz alguma coisa,

aponta para a parte de nós que devemos invocar para lidar com as circunstâncias que enfrentamos.

— Mesmo depois de tudo o que aconteceu — disse eu — é difícil acreditar numa coisa dessas. Um biólogo diria que os bichos são fundamentalmente robôs, agindo apenas por instinto.

— Só porque eles refletem nosso nível de consciência e esperança. Se nosso nível de vibração é baixo, eles simplesmente ficam ao nosso lado desempenhando sua função ecológica. Quando um biólogo cético reduz o comportamento animal a mero instinto sem consciência, vê a restrição que ele mesmo colocou no bicho. Mas, quando nossa vibração muda, as ações dos animais que vêm a nós vão ficando cada vez mais sincrônicas, misteriosas e instrutivas.

Fiquei apenas olhando para ele.

Apertando os olhos, ele disse:

— A lebre que você viu estava lhe apontando tanto uma direção física quanto emocional. Quando falei com você na cidade, você parecia deprimido e com medo, como se estivesse perdendo a fé nas Visões. Quando observamos um coelho, percebemos que ele mostra como realmente lidar com o medo para podermos superá-lo e chegar à criatividade e à riqueza. O coelho convive com os animais que se alimentam dele, mas sabe lidar com o medo e continua por aí muito fértil, produtivo e alegre. Quando um coelho surge em nossa vida, é sinal de que devemos buscar essa mesma atitude dentro de nós mesmos. Essa foi a mensagem para você; a presença dele quis dizer que você teve a oportunidade de lembrar o remédio do coelho e encarar seu medo de frente para superá-lo. E, pelo fato de ter sido no começo da sua viagem, o encontro com ele deu o tom de toda a sua aventura. Sua viagem não está lhe inspirando medo e sendo enriquecedora ao mesmo tempo?

Balancei a cabeça.

Ele acrescentou:

— Às vezes quer dizer que a riqueza pode ser de natureza romântica também. Você conheceu alguém?

Dei de ombros, lembrando a nova energia que senti com Charlene.

— Talvez, num certo sentido. E os corvos que vi e o falcão que segui quando encontrei Wil?

— O corvo é o guardião das leis do espírito. Quando a gente convive com os corvos, vê que eles fazem coisas espantosas que sempre aumentam nossa percepção da realidade espiritual. A mensagem deles era que você se abrisse, lembrasse as leis espirituais que estavam se apresentando a você neste vale. Quando os viu, você devia ter se preparado para o que viria.

— E o falcão?

— Os falcões são observadores atentos, sempre procurando a próxima informação, a próxima mensagem. Quando aparecem, significa que devemos redobrar a atenção. Em geral, mostram que há um mensageiro por perto.

Ele inclinou a cabeça.

— Você está querendo dizer que ele anunciou a presença de Wil?

— Estou.

David continuou explicando por que os outros animais que eu vira haviam sido atraídos para o meu caminho. Os felinos disse ele, imploram para que nos lembremos de nossa capacidade intuitiva e autocurativa. A mensagem do filhote de lince, chegando como chegou justo antes do seu encontro com Maya, foi mostrar que havia uma oportunidade de curar por perto. Do mesmo modo, a águia voa a grandes altitudes e representa uma oportunidade para a pessoa realmente se aventurar nos domínios mais elevados do mundo espiritual. Quando vi a águia no morro, disse David, devia ter me preparado para ver meu grupo espiritual e compreender melhor o meu destino. Finalmente, disse-me ele, o jovem lobo apareceu para energizar e despertar meu instinto de coragem latente e minha capacidade de ensinar, para que eu pudesse encontrar as palavras para reunir os outros membros do grupo.

— Então os animais representam — concluí — uma parte de nós mesmos com a qual precisamos entrar em contato.

— É, aspectos que desenvolvemos quando fomos esses animais durante o processo evolutivo, mas perdemos.

Pensei na visão da evolução a que assisti na entrada do desfiladeiro com o grupo.

— Você está falando de como a vida progrediu, espécie por espécie?

— Acompanhamos tudo — prosseguiu David. — Nossa consciência passava por cada animal quando ele representava o ponto final do desenvolvimento da vida e saltava ao seguinte. Vivenciamos o modo como cada espécie vê o mundo, o que é um aspecto importante da consciência espiritual completa. Quando um animal específico vem a nós, significa que estamos prontos para reintegrar a consciência dele à nossa consciência desperta. E vou lhe dizer uma coisa: há algumas espécies que ainda nem conseguimos alcançar. Por isso é tão importante preservar todas as formas da vida terrestre. Queremos que sobrevivam não só por serem parte da ecosfera equilibrada, mas também por representarem aspectos de nós mesmos que ainda estamos tentando lembrar.

Ele parou um pouco, olhando para a escuridão da noite.

— Isso também se aplica à rica diversidade do pensamento humano, representada pelas várias culturas do planeta. Nenhum de nós sabe exatamente onde está a verdade corrente da evolução da espécie humana. Cada cultura tem uma visão de mundo ligeiramente diferente, uma forma de consciência especial, e é preciso integrar o melhor de todas as culturas para fazer um todo mais perfeito.

Ele ficou com um ar triste.

— É uma pena que só quatrocentos anos depois tenha começado a haver uma verdadeira integração das culturas europeias e indígenas. Pense no que aconteceu. A mente ocidental perdeu contato com o mistério e reduziu a magia das florestas à madeira e o mistério da vida selvagem a animais bonitos. A urbanização isola a grande maioria das pessoas, e agora achamos que ter contato com a natureza é passear

num campo de golfe. Já viu como são poucos os que vivenciam os mistérios da natureza?

— Nossos Parques Nacionais representam tudo o que restou de florestas imponentes, planícies ricas e planaltos áridos que já caracterizaram esse continente. Agora tem muita gente para as áreas selvagens que sobraram. Em muitos parques há listas de espera de mais de um ano. E, no entanto, parece que os políticos continuam dispostos a vender cada vez mais áreas públicas. A maioria de nós é obrigada a consultar baralhos de animais para se inteirar dos sinais dos animais em nossas vidas, em vez de ir procurá-los nas áreas verdadeiramente selvagens para ter uma experiência autêntica.

De repente, o guincho da coruja soou tão perto que automaticamente dei um pulo.

David apertava os olhos com impaciência.

— Agora podemos rezar?

— Olhe — disse eu. — Não sei o que você está querendo dizer. Quer rezar ou mentalizar?

Ele tentou acalmar a voz.

— É, sinto muito. Parece que a impaciência é a emoção residual que sinto por você. — Respirou fundo. — A Décima Visão — aprender a ter fé em nossas intuições, lembrar nossa intenção de nascimento, sustentar a Visão do Mundo — toda ela é sobre entender a essência da verdadeira oração.

— Por que cada religião adota uma forma de oração? Se Deus é um só, o Deus onisciente e todo-poderoso, por que temos que suplicar a ajuda dele ou induzi-lo a fazer alguma coisa? Por que ele simplesmente não estabelece mandamentos e faz alianças e nos julga de acordo, agindo diretamente quando ele quer, e não a gente? Por que temos que pedir a intervenção especial dele? A resposta é que quando rezamos direito, não estamos pedindo a Deus para fazer alguma coisa. Deus está nos inspirando a agir no lugar dele para fazer a sua vontade sobre a terra. Somos os emissários do divino neste planeta. A verdadeira oração é o método, a mentalização, que Deus espera que usemos para entender

a vontade dele e implementá-la na dimensão física. Chegado o reino de Deus, a vontade dele será feita na Terra como no céu.

— Nesse sentido, cada pensamento, cada esperança, tudo o que mentalizamos acontecendo no futuro é uma oração, e tende a criar esse mesmo futuro. Mas nenhum pensamento, desejo ou medo é tão forte quanto a visão que estiver alinhada com o divino. Por isso chamar a Visão do Mundo, e sustentá-la, é importante: para sabermos o que pedir em nossas orações, que futuro mentalizar.

— Estou entendendo — disse eu. — Como podemos ajudar Maya a notar a coruja?

— O que ela lhe disse para fazer quando lhe falou sobre a arte de curar?

— Que a gente devia mentalizar os pacientes lembrando o que eles pretendiam fazer da vida, mas ainda não haviam feito. Que a verdadeira cura acontece quando a pessoa sabe o que deseja fazer quando ficar boa. Quando as pessoas lembrarem, também poderemos nos unir a elas para sustentar esse plano mais específico.

— Vamos fazer isso agora — disse David. — Felizmente a intenção original dela era seguir o pio dessa ave.

David fechou os olhos, e eu segui sua orientação, tentando mentalizar Maya despertando para o que ela deveria fazer. Após alguns minutos, abri meus olhos e David estava me olhando. A coruja guinchou de novo bem acima de nós.

— Vamos embora — disse ele.

Vinte minutos depois, estávamos em cima da cascata. A coruja viera junto, piando periodicamente, e parara quinze metros à nossa direita. À nossa frente, o lago brilhava ao luar, salvo nas faixas de névoa que deslizavam pela sua superfície. Esperamos uns dez ou quinze minutos sem falar.

— Olhe! Ali! — disse David apontando.

No meio das pedras, à direita do lago, vi vários vultos. Um deles olhou para cima e nos viu; era Charlene. Acenei e ela me reconheceu. Depois David e eu descemos o rochedo e fomos até onde eles estavam.

Curtis ficou exultante ao ver David e agarrou-lhe o braço.

— Vamos deter essa gente já.

Os dois ficaram um instante se olhando em silêncio, depois Curtis apresentou Maya e Charlene a David.

Meu olhar cruzou com o de Maya.

— Tiveram algum problema para encontrar o caminho?

— Primeiro nos confundimos e nos perdemos no escuro, mas depois ouvi a coruja e me orientei.

— A presença de uma coruja — disse David — significa que temos a oportunidade de reconhecer a verdade quando os outros tentam nos enganar, e, se evitarmos a tendência a fazer mal e nos irritar, podemos, como a coruja, voar na escuridão para sustentar uma verdade mais elevada.

Maya observava David com atenção.

— Você não me é estranho — disse. — Quem é você?

Ele olhou para ela com uma expressão interrogativa.

— Já nos apresentaram. Meu nome é David. Ela tomou a mão dele e disse com delicadeza.

— Não, estou perguntando quem é você para mim, para nós.

— Eu estive nas guerras — disse ele —, mas tinha tanto ódio dos brancos que não suportava você; nem dava ouvidos ao que você dizia.

— Estamos agindo de modo diferente agora — disse eu.

David me fuzilou com os olhos, pensativo, depois se controlou e abrandou, como da outra vez.

— Nessa guerra, eu respeitei você ainda menos que os outros. Você não queria assumir uma posição. Fugiu.

— Foi medo — respondi.

— Eu sei.

Durante um bom tempo, ficamos todos falando com David das emoções que estávamos sentindo, discutindo tudo o que conseguíamos lembrar sobre a tragédia da guerra com os índios. David começou a explicar que seu grupo espiritual era composto de mediadores e que ele viera ao mundo dessa vez para trabalhar a raiva que sentia da mentalidade europeia, e depois trabalhar pelo reconhecimento espiritual das culturas indígenas e pela inclusão de todos os povos.

Charlene olhou para mim, depois virou-se para David.

— Você é o quinto membro desse grupo, não é?

Antes que ele pudesse responder, sentimos uma vibração percorrendo o chão sob os nossos pés; a vibração ondulou a superfície do lago. Acompanhando o tremor, outro gemido sinistro e melodioso ecoou pela floresta.

Pelo canto do olho, vi luzes se movendo quinze metros acima de onde estávamos.

— Eles estão aqui — murmurou Curtis.

Virei-me e vi Feyman à beira de uma laje bem acima de nós; ele estava ajustando uma pequena antena parabólica no que parecia um computador portátil.

— Eles vão focalizar em nós e tentar sintonizar o gerador assim — disse Curtis. — Precisamos sair daqui.

Maya adiantou-se e tocou no braço dele.

— Não, por favor, Curtis, talvez agora dê certo. David aproximou-se de Curtis e disse lentamente:

— Pode dar certo.

Curtis ficou olhando um instante para ele, depois concordou com um aceno de cabeça, e começamos novamente a elevar nosso nível de energia. Como nas duas tentativas anteriores, comecei a ver expressões do eu maior no rosto de todos, depois nossos grupos espirituais apareceram e se fundiram num círculo em volta de nós, incluindo pela primeira vez os membros do grupo de David. Enquanto a Visão do

Mundo voltava, íamos novamente sendo pressionados a transferir energia, conhecimento e consciência para a dimensão física.

Como antes, também, vimos a polarização do medo ocorrendo em nosso tempo e a visão panorâmica do futuro positivo que viria depois, quando os grupos espirituais se formassem e aprendessem a interceder, a sustentar a Visão.

De repente, houve outro tremor de terra violento.

— Mantenham a Visão — gritou Maya. — Sustentem a imagem de como o futuro pode ser.

Ouvi a fenda rasgar o chão à minha direita, mas continuei concentrado. Em minha mente, tornei a ver a Visão do Mundo como uma força de energia emanando do nosso grupo para todas as direções, fazendo Feyman recuar, derrotando a energia de sua visão do Medo. À minha esquerda, uma árvore colossal foi cortada na raiz e tombou.

— Ainda não está dando certo — gritou Curtis — levantando-se de um pulo.

— Não, espere — disse David. Ele, que estava muito concentrado, adiantou-se e agarrou Curtis, puxando-o para junto de si. — Não está vendo o erro?! Estamos tratando Feyman e os outros como se eles fossem inimigos, tentando afastá-los de nós. Isso, na verdade, os fortalece, porque eles têm alguma coisa para combater. Em vez de usarmos a Visão para combatê-los, precisamos incluir Feyman e os funcionários na nossa mentalização. Na verdade, ninguém é inimigo de ninguém. Somos todos espíritos em crescimento, despertando. Temos que projetar a Visão do Mundo para eles como se eles fossem exatamente como nós.

De repente lembrei-me de ter visto a Visão de Nascimento de Feyman. Agora tudo que vi fazia sentido: o Inferno, os transe em que as pessoas entram para evitar o medo, o círculo de espíritos tentando fazer alguma coisa. E depois a intenção original de Feyman.

— Ele é um de nós! — gritei. — Sei o que ele pretendia fazer! Na verdade, ele veio ao mundo para superar a carência de poder; queria evitar a destruição que poderia ser causada pelos geradores e pela

outra tecnologia nova. Ele se viu nos encontrando no escuro. É o sexto membro deste grupo.

Maya inclinou-se à frente.

— Isso funciona exatamente como no processo de curar. Temos que mentalizá-lo lembrando o que ele realmente veio fazer aqui. — Ela olhou para mim. — Isso ajuda a romper o bloqueio do medo, o transe, em cada nível.

Quando começamos a nos concentrar em incluir Feyman e seus homens, nossa energia deu um salto. A noite se iluminou e pudemos ver claramente Feyman e dois homens no morro. Parecia que os grupos espirituais estavam mais nítidos, com uma aparência mais humana, e nós ficávamos mais luminosos, como eles. Da esquerda, pareciam chegar outros grupos espirituais.

— É o grupo espiritual de Feyman! — exclamou Charlene.

— E os grupos espirituais dos dois homens que estão com ele!

À medida que subia a energia, o colossal holograma da Visão do Mundo tornou a nos cercar.

— Focalizem Feyman e os outros do jeito que focalizamos um ao outro — gritou Maya. — Mentalizem que eles estão se lembrando.

Virei-me um pouco e encarei os três homens. Feyman continuava trabalhando furiosamente no computador, os outros dois, olhando. O holograma também os cercou, especialmente a imagem de cada pessoa despertando para seu verdadeiro objetivo naquele momento histórico. Enquanto assistíamos, a floresta ficou toda dourada e vibrando de energia, e essa energia pareceu passar por Feyman e seu pessoal. Ao mesmo tempo, vi os mesmos fochos de luz branca que haviam protegido Curtis, Maya e a mim pairando sobre os homens e depois crescendo e começando a emanar em todas as direções, finalmente desaparecendo ao longe. Minutos depois, os tremores de terra e aqueles sons estranhos cessaram. Uma brisa levou o resto de poeira para o sul.

Um dos homens parou de olhar para Feyman e foi para o mato. Durante alguns segundos, Feyman continuou a trabalhar no teclado,

depois desistiu, frustrado. Olhou para nós lá embaixo, pegou o computador, envolvendo-o delicadamente com o braço esquerdo. Com a outra mão, sacou uma pistola e veio vindo em nossa direção. Os outros homens, empunhando armas automáticas, seguiram-no.

— Não percam a imagem — alertou Maya.

Quando estavam a seis metros de nós, Feyman pôs o computador no chão e recomeçou a digitar violentamente, ainda com a pistola em riste. Várias pedras grandes que tinham se soltado há pouco rolaram para o lago.

— Você não veio aqui para fazer isso — disse Charlene delicadamente. O resto de nós focalizava o rosto dele.

O funcionário, mantendo a arma apontada para nós, aproximou-se de Feyman e disse:

— Não podemos fazer mais nada aqui. Vamos embora.

Feyman descartou-o com um gesto e recomeçou a digitar furiosamente.

— Nada está funcionando — gritou Feyman para nós. — O que vocês estão fazendo? — Olhou para o funcionário. — Atire neles! — gritou. — Atire neles!

Por um instante, o homem olhou friamente para nós. Depois, meneando a cabeça, recuou e desapareceu entre as pedras.

— Você nasceu para evitar que essa destruição aconteça — disse eu.

Ele baixou a arma e ficou me olhando. Por um instante o rosto dele se iluminou, ficando exatamente como eu o havia visto durante sua Visão de Nascimento. Dava para notar que ele estava lembrando alguma coisa. Logo depois, vi o medo estampar-se em seu rosto e rapidamente se transformar em raiva. Ele fez uma careta e levou a mão ao estômago, depois virou-se para o lado e tentou vomitar nas pedras.

Limpando a boca, ele tomou a erguer a arma.

— Não sei o que vocês estão tentando fazer comigo, mas não vai dar certo. — Adiantou-se vários passos, depois pareceu perder energia.

A arma caiu no chão. — Não tem importância, sabem? Há outras florestas. Vocês não podem estar em todas elas. Vou fazer esse gerador funcionar. Estão entendendo? Vocês não vão tirar isso de mim!

Recuou um pouco, depois virou-se e saiu correndo, sumindo na escuridão.

Quando chegamos em cima da casamata, fomos invadidos por uma grande onda de alívio. Depois que Feyman foi embora, voltamos cautelosamente ao local da experiência, sem saber o que iríamos encontrar. Agora aquela área estava toda iluminada por faróis de caminhão. A maioria dos veículos trazia a insígnia da Guarda Florestal, mas o FBI e a Chefatura de Polícia também estavam representados.

Arrastei-me vários palmos no topo do morro e olhei atentamente para ver se havia alguém preso ou sendo interrogado dentro de algum carro. Todos pareciam vazios. A porta da casamata estava aberta e policiais entravam e saíam como se investigando uma cena de crime.

— Foram todos embora — disse Curtis, debruçando-se ajoelhado e olhando para além do tronco de uma árvore enorme. — Nós os detivemos.

Maya virou-se e sentou-se.

— Bem, pelo menos os detivemos aqui. Não vão tentar repetir essa experiência aqui nesse vale.

— Mas Feyman estava certo — disse David, olhando para o resto de nós. — Eles podem ir para outro lugar, e ninguém vai saber. — Levantou-se. — Precisamos entrar lá. Vou contar essa história toda para eles.

— Está maluco? — perguntou Curtis, aproximando-se dele. — E se o governo estiver envolvido nisso?

— O governo são só pessoas — respondeu David. — Nem todas elas estão envolvidas.

Curtis chegou mais perto.

— Tem que haver outro jeito. Não vou deixar você entrar lá.

— Alguma autoridade daquelas tem que nos ouvir — disse David.
— Tenho certeza.

Curtis ficou calado.

Charlene, que estava encostada numa pedra meio afastada, disse:

— Ele tem razão. Talvez alguém possa estar na posição certa para ajudar.

Curtis meneou a cabeça, lutando com seus pensamentos.

— Pode ser, mas você vai precisar de alguém ao seu lado que possa dar uma descrição precisa da tecnologia...

— Então você tem que ir — disse David.

Curtis conseguiu responder com um sorriso.

— Tudo bem, vou com você, mas só porque temos um ás na manga.

— Qual? — perguntou David.

— Um cara que deixamos amarrado lá na caverna. David bateu em seu ombro.

— Vamos, você me conta no caminho. Vamos ver o que acontece.

Após uma despedida tensa, eles desceram para a direita para chegarem à casamata por outra direção.

De repente, sussurrando para que ouvissem, Maya mandou-os esperar.

— Eu também vou — disse ela. — Sou médica; as pessoas daqui me conhecem. Talvez vocês precisem de uma terceira testemunha.

Os três olharam para Charlene e para mim, querendo saber se também iríamos com eles.

— Eu não vou — disse Charlene. — Acho que precisam de mim em outro lugar.

Declinei também e pedi-lhes que não falassem em nós. Eles concordaram e foram indo em direção às luzes.

Ali sozinhos, Charlene e eu nos entreolhamos. Lembrei-me daquele sentimento profundo que senti por ela na outra dimensão. Ela estava se aproximando de mim, prestes a dizer qualquer coisa, quando detectamos uma luz quarenta e cinco metros à nossa direita.

Com cautela, fomos mais para dentro da mata. A luz mudou de posição e veio vindo direto para nós. Ficamos parados e bem abaixados. Enquanto a luz se aproximava, comecei a ouvir uma voz, como se a pessoa estivesse falando sozinha. Eu conhecia esta pessoa; era Joel.

Meu olhar cruzou com o de Charlene.

— Sei quem é — murmurei. — Acho que devemos falar com ele.

Ela balançou a cabeça.

Quando ele estava a seis metros de nós, chamei-o pelo nome.

Ele parou e virou a lanterna na nossa direção. Reconhecendo-me imediatamente, veio ao nosso encontro e agachou-se ao nosso lado.

— O que você está fazendo aqui? — perguntei.

— Não sobrou muita coisa lá — respondeu ele, apontando para a casamata. — Há um laboratório ali que foi completamente limpo. Pensei em tentar ir para a cascata; mas, quando saí no escuro, mudei de ideia.

— Achei que você estivesse indo embora daqui — disse eu. — Estava tão cético.

— Eu sei. Eu estava, mas... bem, tive um sonho que me deixou perturbado. Achei melhor ficar e tentar ajudar. O pessoal da Guarda Florestal achou que eu estava maluco, mas depois encontrei um delegado aqui do condado. Ele tinha recebido uma mensagem, e então viemos juntos para cá. Foi aí que encontramos esse laboratório.

Charlene e eu nos entreolhamos, depois contei a Joel o confronto com Feyman e o que aconteceu depois.

— Eles estão causando um estrago tão grande assim? — perguntou Joel. — Alguém foi ferido?

— Acho que não — respondi. — Tivemos sorte.

— E há quanto tempo seus amigos foram para lá?

— Só há alguns minutos.

Ele olhou para nós dois.

— Vocês não vão?

Fiz que não com a cabeça.

— Achei melhor a gente ficar observando o que as autoridades vão fazer, sem elas notarem.

A expressão de Charlene confirmou que ela era da mesma opinião.

— Boa ideia — disse Joel, olhando para a área da casamata. — Mas acho melhor eu ir para lá, para eles saberem que a imprensa está sabendo dessas três testemunhas. Como posso entrar em contato com vocês?

— Nós chamaremos você — disse Charlene.

Ele me deu um cartão, balançou a cabeça para Charlene e foi para a casamata.

Charlene olhou para mim.

— Ele era o sétimo do grupo, não era?

— É, acho que sim.

Ficamos um instante em silêncio, cada qual com seus pensamentos, depois Charlene disse:

— Vamos, vamos tentar voltar para a cidade.

Estávamos andando há uma hora quando de repente ouvimos pássaros cantando, às dezenas, à nossa direita. O dia começava a raiar e uma névoa fria subia do chão da floresta.

— E agora? — perguntou Charlene.

— Olhe ali — disse eu.

Por uma brecha nas árvores ao norte avistava-se um álamo enorme e antigo, de uns dois metros e meio de diâmetro. Naquele lusco-fusco da aurora, de alguma forma, a área em volta dele parecia mais clara, como se os raios do sol, que ainda não despontara, estivessem incidindo diretamente naquele ponto.

Senti aquela sensação cálida já conhecida.

— O que é? — perguntou Charlene.

— É Wil! — respondi. — Vamos lá.

Quando estávamos a três metros de distância, Wil saiu de detrás da árvore com um sorriso largo. Ele estava diferente; por quê? Enquanto eu estudava seu corpo, fui vendo que a luminosidade era a mesma, mas agora ele estava mais nítido.

Ele nos abraçou.

— Você conseguiu ver o que aconteceu? — perguntei.

— Consegui — disse ele. — Eu estava lá com os grupos espirituais; vi tudo.

— Você está mais nítido. O que fez?

— Eu não fiz nada — respondeu ele. — Vocês e o grupo é que fizeram, especialmente Charlene.

— Quando vocês cinco incrementaram a energia e conscientemente se lembraram da maior parte da Visão do Mundo, colocaram esse vale inteiro num padrão vibratório mais alto. Chegou quase ao mesmo nível do padrão da Outra Vida, o que quer dizer que agora pareço mais nítido a vocês, como vocês me parecem mais nítidos. Até os grupos espirituais agora vão poder ser vistos com mais facilidade aqui no vale.

Olhei sério para Wil.

— Isso tudo que vimos aqui nesse vale, isso tudo que aconteceu. É a Décima Visão, não é?

Ele balançou a cabeça.

— Essas mesmas experiências estão acontecendo com as pessoas no planeta inteiro. Depois de entendermos as nove Visões, continuamos na mesma, tentando viver essa realidade no dia-a-dia, quando em volta de nós parece que o pessimismo e a discórdia estão sempre aumentando. Mas, ao mesmo tempo, vamos ganhando mais perspectiva e clareza sobre nossa situação espiritual, sobre quem somos realmente. Sabemos que estamos despertando para um plano maior para o planeta Terra.

— A Décima fala sobre conservarmos o otimismo e ficarmos despertos. Estamos aprendendo a identificar melhor nossas intuições e a acreditar nelas, sabendo que essas imagens mentais são lembranças fugazes de nossa intenção original, de como desejávamos que nossa vida evoluísse. Desejávamos seguir um determinado rumo para, finalmente, podermos lembrar a verdade que nossas experiências de vida tivessem nos preparado para contar, e divulgar esse conhecimento ao mundo.

— Agora estamos vendo nossas vidas da perspectiva mais elevada da Outra Vida. Sabemos que nossas aventuras individuais estão acontecendo no contexto da longa história do despertar dos seres humanos. Com essa lembrança, nossas vidas têm uma base, são contextualizadas; podemos ver o longo processo pelo qual temos espiritualizado a dimensão física e o que ainda temos para fazer.

Wil fez uma breve pausa e aproximou-se de nós.

— Agora vamos ver se há uma quantidade suficiente de grupos como esse se reunindo e lembrando, se há gente suficiente no mundo para entender a Décima. Como vimos, agora é nossa responsabilidade guardar a intenção, garantir o futuro.

— A polarização do Medo continua aumentando, e, se quisermos resolvê-la e ir em frente, cada um de nós precisa dar sua participação. Precisamos policiar muito nossos pensamentos e esperanças e identificar quando estivermos tratando um ser humano como inimigo. Podemos nos defender e fazer restrições a certas pessoas, mas, se as desumanizamos, fazemos o Medo aumentar.

— Somos todos espíritos em crescimento; todos temos uma intenção original que é positiva; e todos podemos lembrar. Nossa responsabilidade é sustentar essa ideia para todas as pessoas que conhecemos. Essa é a verdadeira Ética Interpessoal; é assim que animamos, e esse é o contágio da nova consciência que está envolvendo o planeta. Ou ficaremos temendo a desintegração da cultura humana ou *sustentaremos a Visão* de que estamos *despertando*. Em qualquer um dos casos, nossa esperança é uma oração que sai como uma força que tende a fazer acontecer o que vislumbramos. Cada um de nós precisa escolher conscientemente entre estes dois futuros.

Wil pareceu se perder em seus pensamentos, e, ao fundo, contra o morro ao sul, vi de novo os fochos de luz branca.

— Com tudo isso que está acontecendo — disse eu — nunca lhe perguntei sobre esses movimentos de luz branca. Sabe o que são?

Wil sorriu, adiantou-se e delicadamente nos tocou no ombro.

— São os anjos — disse ele. — Eles respondem à nossa fé e à nossa visão e fazem milagres. Parece que são um mistério até para quem está na Outra Vida.

Nesse instante, fui invadido por uma imagem mental de comunhão, em um vale bem parecido com aquele. Charlene estava presente, e os outros, e muitas crianças também.

— Acho que o próximo passo será entendermos os anjos — prosseguiu Wil, olhando para o norte como se vendo uma imagem exclusivamente sua. — É, tenho certeza disso. Vocês dois vêm?

Olhei para Charlene, cuja expressão confirmou que ela havia tido a mesma visão que eu.

— Acho que não — disse ela.

— Já não — acrescentei.

Sem falar, Wil nos deu um rápido abraço, depois virou-se e foi embora. A princípio, relutei em deixá-lo partir, mas fiquei calado. Em parte, eu sabia que a jornada dele estava longe de terminar. Breve, eu sabia, tornaríamos a vê-lo.

FIM

Digitalização e Formatação:

MFSL

Brasil — Portugal